

**EDSON HOLANDA LIMA BARBOZA**

*Ida ao Inferno Verde: experiências da migração de trabalhadores do  
Ceará para a Amazônia (1942/1945)*

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo – 2005.**

**EDSON HOLANDA LIMA BARBOZA**

*Ida ao Inferno Verde: experiências da migração de trabalhadores do  
Ceará para a Amazônia (1942/1945)*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Antonieta Martinez Antonacci.

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**São Paulo – 2005.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

## RESUMO

A Amazônia perdeu o monopólio da borracha no início do século XX, devido produção racionalizada por empresas inglesas no extremo Oriente, ocasionando uma queda do preço deste produto no mercado internacional. O sistema de comércio e abastecimento dos seringais entrou em crise, refletida no decréscimo populacional registrado pelos censos de 1920 e 1940.

Durante a Segunda Guerra Mundial o alinhamento do Governo brasileiro ao bloco aliado ocasionou a assinatura de uma série de acordos com o Governo Americano, os *Acordos de Washington*. O Brasil assumia o compromisso de vender aos Estados Unidos sua produção excedente de borracha e executar um plano de revitalização do Vale Amazônico, com a intenção de aumentar a exploração das seringueiras nativas. Em troca receberia investimentos para modernizar o exército e para a construção de uma companhia siderúrgica. Desta forma, foi iniciada a *Batalha da Borracha* em 1942 – campanhas que estimulavam o recolhimento de materiais de borracha usados para reciclagem e correntes migratórias para a Amazônia

Procuramos discutir as razões do Estado do Ceará ter sido o principal pólo de recrutamento de trabalhadores migrantes, que receberam a denominação de *Soldados da Borracha*. As propagandas sistemáticas e a criação de serviços especializados para organizar a migração não explicam isoladamente a indagação. Consideramos, também, as medidas de controle sobre as populações sertanejas que enfrentavam uma seca em 1942 e a tradição de migração do Ceará para a Amazônia, garantida por redes de parentesco e agregados estabelecidas desde o fim do século XIX e que não fora completamente abalada com a decadência da borracha. Contraditoriamente, a política de migração interna, inaugurada pelo Estado Novo, resultou na desagregação de diversas famílias.

Nossa dissertação busca compreender a implantação e execução do recrutamento no Ceará, privilegiando uma documentação que permitiu traçar um perfil dos trabalhadores mobilizados e suas expectativas.

## ABSTRACT

Amazon lost the rubber monopoly at the beginning of the twentieth century because of the rational production by English companies in the Far East promoting a price fall of this product in the international market. The trade and supplying system of rubber-trees broke down reflected in the decrease of the populational rate registered by researches in 1920 and 1940.

During the Second World War the arrangement of Brazilian government to the ally block caused the signature of a serie of agreements with American government, "Washington Agreements". Brazil assumed compromise to sell to the United States its overplus production of rubber and execute a plan of revitalization to Amazon ground with the intention to increase the exploration of native rubber-trees. In exchanging it would receive investments to modernize the army and build a siderurgic company. This way, the "Rubber Battle" began in 1942 - campaigns that stimulated the bringing in of rubber materials used for recycling and the migratory waves to Amazon.

We discuss the reasons that the State of Ceara has been the main pole of recruitment of migrant workers who received the nomination of "rubber soldiers". The systematic advertisements and the creation of specialized services to organize the migration don't explain the questions themselves. We consider, also, the actions of controlling over the inlander populations that faced, the drought in 1942 and the tradition of migration from Ceara to Amazon, supported by webs of relationship and aggregated people stabilised since the end of the nineteenth and that weren't broken completely with rubber decadence. Contradictorily, the internal migration polics founded by the New State resulted in the degradation of many families.

Our dissertation searches for understanding the implantation and execution of recruiting in Ceara privileging documents that permitted to make a profile of mobilized workers and their expectations.

À minha mãe dona Nereuda  
Pelo amor e dedicação

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ pela concessão da bolsa de estudos durante o mestrado.

Aos professores do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, onde iniciei a trajetória acadêmica: Funes, Simone Sousa, Tião, Assis e Ivone.

Ao professor Frederico de Castro Neves, o Fred, não sei como agradecer. Pela convivência no PET, orientação aos primeiros textos e ao projeto na seleção de mestrado e suas valiosas considerações no exame de qualificação. Acreditou em minhas potencialidades antes de mim mesmo. Então, Valeu a força.

Aos Professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC, especialmente, aqueles que tive a satisfação de cursar disciplinas: Denise Sant'Anna, Yara Khoury, Pedro Tota, Olga Brites (além dos debates em Núcleo de pesquisa, participou da banca de qualificação), Maria do Rosário e Mauricio Broinizi.

Ao amigo Afrânio Castelo, o tempo e a distância não delataram a referência que tive nele para minha formação intelectual.

Ao professor Pedro Eimar por intermediar o contato com Regina Chabloz.

A Regina Chabloz e sua filha Ana, por nossas conversas e o acesso a documentos.

Aos colegas de turma, que compartilharam pressões, angústias e idéias: os paulistanos Luana e Marcelo, os paraenses: Érica, Liliane, Alexandre, Vanessa e Hérlon e os cabras do Ceará Moisés e Rafael.

Aos amigos que fiz em São Paulo. Marcelo Faria, pessoa de imenso coração, e inteligência, com quem compartilhei um pouso: a república do 82; ao camarada Leandro Paschoarelli, parceiro de atividades lúdicas.

Aos bolsistas do PET – Programa Especial de Treinamento, entre os anos 2000 e 2002, por tudo que sofremos e aprendemos juntos: Viviane, Felipe, Eudes, Silviana, Juliana, Gustavo, Ana Carla, Idalina e André Aguiar.

Ao Gustavo também agradeço pelo companheirismo na república do 82, tempo em que nas tardes de frio ficávamos na varanda, olhando para o vale na Avenida Sumaré imaginando estar na Praia do Futuro em Fortaleza.

À Keive por tornar o texto mais compreensível e a João Albuquerque.

Aos amigos Josberto, Paulinho, Klycia, Virginia, Robson, Caciana e Fran.

Durante as atividades de pesquisa no Rio de Janeiro fui recebido por Afonsina em Santa Tereza e Tyrone Cândido no Recreio, ao Tyrone devo agradecer os vários momentos que socializamos nossas incertezas acadêmicas.

Ao João Emiliano e Ilana (mãe substituta em São Paulo) por seus ombros amigos.

Adolfo Júnior e Carolina Ruoso são amigos inestimáveis, foram meus comparsas de travessuras e rebeldia na graduação.

À minha família e todos os esforços que por mim fizeram. Meu pai Expedito; minha mãe Nereuda fonte de força e porto seguro, pela dedicação que geralmente não faço por merecer. E minhas irmãs Ritinha, Edna e Regina, sem estas pessoas não teria até aqui chegado.

À professora Antonieta, tenho a agradecer a orientação da pesquisa, em que soube mesclar liberdade, competência e rigor.

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo I – O Ceará em tempos de seca e de guerras: a (re)conquista da Amazônia...28</b>	
<b>Capítulo II – A construção do SEMTA: recrutamento e propaganda.....71</b>	
<b>Capítulo III – Notícias de quem vai e quem fica.....112</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....162</b>	
<b>FONTES.....171</b>	
<b>BIBLIOGRAFIA .....176</b>	

## APRESENTAÇÃO

andavam aos bandos à procura de empregos, de uma pousada para morar, da birosca para saciar a fome, ou infernizando os bairros periféricos à procura de diversões baratas e transformando as festas e forrós em cenas de bebedeiras e pegas-para-capar. Talvez por essa sua característica de vagabundos, o povo logo os apelidou de arigós, apelativo que na versão folclórica se dava a uma ave de arribação do nordeste que vivia vagando de uma lagoa para outra<sup>1</sup>

*Arigós*, desta forma ficaram conhecidos os nordestinos que foram para a Amazônia trabalhar nos seringais. Essa citação específica fala da fama que os *Soldados da Borracha* ganharam, de arruaceiros e vagabundos que dominavam as ruas das grandes cidades do Norte, ameaçando a ordem. Falando assim, nem parece que esses arigós têm alguma referência com os cearenses deslocados para a Amazônia durante o Estado Novo: tempo de guerra, tempo de disciplina, tempo de integrar território para a pátria, tempo de consolidar a unidade nacional, tempo de conquistas trabalhistas, tempo de extrair borracha... Um tempo em que cerca de 30 mil cearenses foram para a Amazônia, poucos voltaram. Mas, como podem ser lembrados, que pistas deixaram sobre seus destinos? Quais silêncios ou estigmas foram construídos a seu respeito?

Walter Benjamim, nas teses *Sobre o conceito da História*, alerta para estarmos atentos em relação ao “*encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa.*” Em tal encontro poderíamos perceber “*ecos*” de “*vozes que emudeceram.*” Se perdemos de vista essas possibilidades, fazemos com que vivências e experiências, derrotadas ou descaracterizadas, permaneçam em lugares a elas atribuídas por agentes dominantes.

Argumentando que “*todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão*”,<sup>2</sup> Benjamim alerta que ao reconhecermos experiências sufocadas no passado não permitimos que permaneçam no esquecimento. Quando não nos sentimos representados na História Oficial, construída pelos vencedores, fica a

<sup>1</sup> Martinello, Pedro. *A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas conseqüências para o Vale Amazônico*. Rio Branco: UFAC., 1988. p. 228

<sup>2</sup> Benjamim, Walter. “Sobre o conceito da história”, IN: *Obras Escolhidas*, vol. 1, SP. Brasiliense, 7ª edição, 1994. p. 222-232

possibilidade de construirmos outras narrativas, que permitam atribuir visibilidade às experiências silenciadas.

Esquecimento parece ter sido o lugar reservado à memória sobre a migração para a Amazônia durante o Estado Novo. Aliás, a constituição da memória histórica sobre o período conhecido por *Era Vargas*, que tem seu marco fundador na “*Revolução de 1930*,” é marcada por eventos e acontecimentos políticos contados e relatados sob pontos de vista predominantes. Foi elaborada uma histórica versão da nação, reproduzida nos bancos escolares, buscando a perpetuação da memória e de representações que constroem e consolidam a imagem de Getúlio Vargas como o “*pai dos pobres*,” apaziguador dos conflitos e modernizador da sociedade brasileira. Foram deixadas de lado outras possibilidades históricas que estavam em jogo, dedicando aos vencidos o silêncio<sup>3</sup>. Historiadores e cientistas sociais, comprometidos com a “*ordem e progresso*” em construção, ao formularem suas análises sobre temas ligados ao período, utilizam a documentação incorporando conceitos criados por essa tradição “*vista de cima*”. Suas análises acabam demonstrando uma certa “*empatia pelo discurso do vencedor*.”<sup>4</sup>

O Estado Novo é um período complexo da História do Brasil. Marco do nascimento de um projeto nacional de industrialização e desenvolvimento, é caracterizado por suas ambigüidades. Ao mesmo tempo que institucionalizou reivindicações históricas do movimento operário, com a criação do Ministério do Trabalho em 1930 e a Consolidação das Leis Trabalhistas em 1943, tomando para si a “*palavra operária*”<sup>5</sup>, manteve os trabalhadores distantes desse processo, passando uma imagem de estar fazendo concessões. Um processo conflituoso que só foi possível ser realizado com a violenta repressão ao movimento operário constituído e fortalecido na Primeira República. Manteve em seus quadros burocráticos simpatizantes declarados do Nazismo. Simão Lopes<sup>6</sup>, assessor de Vargas, após viagem a Alemanha em 1934,

<sup>3</sup> Essa análise sobre a “*revolução de 1930*” está presente em: de Decca, Edgar Salvadori. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981 e Vesentini, Carlos Alberto. *Teia do Fato: Uma proposta de estudo sobre a memória histórica*. São Paulo: Tese de doutorado FFLCH-USP, 1982.

<sup>4</sup> Benjamin, *Op. Cit.* p. 225

<sup>5</sup> Gomes, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988. p. 195

<sup>6</sup> O assessor do Presidente Vargas, Simão Lopes, após visita à Alemanha em 1934, afirma “O que mais me impressionou foi a propaganda sistemática, metodizada do governo nacional-socialista. Não há em toda Alemanha uma só pessoa que não sinta diariamente o contato do ‘nazismo’ ou de Hitler, seja pela fotografia, pelo rádio, pelo cinema, através de toda imprensa alemã (...) A organização do M. da propaganda me fascina tanto que eu me permito sugerir a criação de uma miniatura no Brasil (...) do

propõe a criação no Brasil de um órgão similar ao poderoso Ministério da Propaganda Nazista, criado em 1933. Não por acaso no mesmo ano surgiu o departamento de Propaganda e Difusão Cultural, ligado ao Ministério da Justiça: em 1939 surgiu o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, sob direção de Lourival Fontes, também admirador das ações do governo alemão. Em oposição, o Ministério da Educação, na gestão Gustavo Capanema, funcionou como uma espécie de “*território livre infenso às salvaguardas ideológicas do regime*”, em que muitos dos que lá atuavam não se identificavam com a ideologia nazista: Carlos Drummond de Andrade, chefe de gabinete do ministro, por exemplo, “*em 1945, declarou-se comunista.*”<sup>7</sup>

Nos anos 1980, com a publicação de *Sacralização da Política*, de Alcir Lenharo, se fortalecem leituras que aproximam a experiência do Governo Vargas com o totalitarismo europeu, com a tese do controle social, em que toda a sociedade estaria submetida à ditadura Vargas. Porém, embora alguns agentes do governo desejassem essa aproximação, Capelato alerta: “*nem mesmo entre os ideólogos do regime havia convergência quanto a aceitação do nazifascismo como modelo da organização da sociedade e do estado.*” A autora avalia que na comparação das experiências Nazista e Fascista e o “varguismo”, no Brasil havia “*entre elas um movimento constante de circulação de idéias, imagens e práticas políticas que ao se transporem da Europa para a América, são apropriadas e reproduzidas, ganhando novo significado.*”<sup>8</sup> Portanto, a experiência estadonovista tem suas peculiaridades. Embora a leitura de Alcir Lenharo tenha trazido elementos inovadores, e deva ser lida a partir do contexto em que foi escrita, não podemos incorporar totalmente a idéia de controle social, pois eliminaria as possibilidades de resistências e recusas ao regime.

As ambigüidades constituintes do Estado Novo compõem um desafio: perceber indícios de discursos e práticas dissonantes. Um dos trabalhos que encarou esse desafio foi a pesquisa de Berenice Neves, que discute a viagem de jangada que quatro pescadores cearenses realizaram entre Fortaleza e o Rio de Janeiro em 1941, para reivindicarem garantia de direitos trabalhistas aos “trabalhadores do mar”. A historiadora argumenta:

---

controle da vida política, resultava a força do governo alemão, capaz de liquidar ou absorver as últimas resistências dos inimigos dos nazistas”. Capelato, Maria Helena Rolim. “Estado Novo: Novas Histórias”. In: Freitas, Marcos Cezar de.(org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 203

<sup>7</sup> Capelato, *Op. Cit.* p. 210-211

<sup>8</sup> *Op. Cit.* p. 199-200

As atitudes de quatro jangadeiros demonstra que os trabalhadores, na época de Vargas, não podem ser tratados como simples objetos de regulamentação estatal, transformados em vítimas de máquinas de fabricar ideologias. Apesar da repressão policial e da propaganda política, eles fizeram suas próprias escolhas, tomaram decisões, planejaram estratégias políticas, reivindicaram seus direitos, lutaram por sonhos. É possível argumentar que nada disso representa os “verdadeiros” interesses da classe trabalhadora. Mas quem, e com que autoridade, pode dizer quais são eles?<sup>9</sup>

O questionamento lançado por Berenice estimula a pensar a experiência da emigração. Veremos, no decorrer do trabalho, que os trabalhadores migrantes, apesar da propaganda orquestrada pelo governo, tinham expectativas próprias a respeito da emigração. Ao chegarem na floresta buscaram traçar o caminho de volta ou construir espaços de solidariedade na mata, constituindo um convívio com a natureza. Não é por acaso que encontramos relatos de vários migrantes, inclusive de ex-*Soldados da Borracha* nos Empates iniciados na década de 1970, no Acre - as lutas de seringueiros e pequenos agricultores contra explorações a que estavam submetidos e pela preservação da floresta<sup>10</sup>.

A idéia do encontro entre gerações em que “vozes que emudeceram” poderão ser ouvidas, contém, ao mesmo tempo, um alerta para presença de práticas autoritárias e populistas no cenário político, que podem criar novos confrontos, calar outras vozes e manter seus *ecos* emudecidos em passados inaudíveis. Esperamos que na construção deste texto, fiquem presentes sinais destes encontros/confrontos a que Benjamim referiu-se.

A intenção é construir narrativas sobre homens e mulheres migrantes que, na ânsia de realizarem suas expectativas e necessidades, nem sempre tiveram sucesso. Aos trabalhadores em questão foi atribuída a denominação *Soldados da Borracha*, embora não reconhecida por todos, foi a forma na qual a sociedade em geral passou a identificá-los no contexto da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>9</sup> Neves, Berenice Abreu de Castro. *Do Mar ao Museu: A saga da Jangada São Pedro*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. p. 16.

<sup>10</sup> Sobre os Empates e o Jornal Alternativo *Varadouro* “um jornal das selvas.” Ver: Souza, Carlos Alberto Alves. “*Varadouros da Liberdade*”: *Empates no modo de vida dos seringueiros de Brasília – Acre*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC, 1996.

Grande parte destes *Soldados da Borracha* era composta por trabalhadores do campo que começaram a migrar para os centros urbanos na seca de 1942. No ano seguinte, passaram a ser recrutados como soldados provenientes de diversas origens, inclusive trabalhadores urbanos, não só do Ceará e do Nordeste, como também de outras regiões do país.

A proposta desta pesquisa é discutir como ocorreu este processo de recrutamento de trabalhadores para explorar seringais da Amazônia durante o Estado Novo, em específico no Ceará, no período que vai de 1942 - ano em que foram assinados os *Acordos de Washington*, visando garantir financiamento para a revitalização do Vale Amazônico, ano que a chuva não apareceu e a seca mais uma vez deixou milhares de homens e mulheres sem trabalho - até o ano de 1945, com o fim dos investimentos na Amazônia, o fim do processo de recrutamento de trabalhadores no Ceará para a *Batalha da Borracha*, acompanhando a queda da ditadura e o início das denúncias contra tal mobilização.

O recrutamento foi realizado em momentos distintos. O primeiro, durante o período da seca de 1942, quando a emigração era justificada pela grande quantidade de trabalhadores “ociosos” e “perigosos” que perambulavam pelas estradas e cidades do Ceará. No segundo momento, outros elementos estimularam a emigração, como a promessa de garantia de terras férteis e altos ganhos com a venda da borracha. Enfim, uma solução definitiva para a ameaça constante de uma nova estiagem e volta dos problemas de abastecimento alimentar enfrentando outros conflitos, em busca de garantias mínimas de existência.

O tema da migração de nordestinos para a Amazônia vem, recentemente, recebendo a atenção de pesquisas em História e Antropologia. Temos o trabalho pioneiro de Maria do Socorro Gomes Vieira: *O Soldado da Borracha – discurso da emigração numa economia de guerra*<sup>11</sup>. Sua leitura sobre a estratégia de propaganda foi o ponto de partida para as primeiras problemáticas levantadas em nossa pesquisa. A tese de doutorado em antropologia de Lúcia Morales, publicada com o título *Vem e Vai, Vira e volta: as rotas dos soldados da borracha*, levanta outros desdobramentos sobre o tema, embora o tratamento dado às fontes contribua para a manutenção do silêncio em relação a questões como as famílias dos migrantes, ou o tratamento metodológico dos

---

<sup>11</sup> Vieira, Maria do Socorro Gomes. *O “Soldado da Borracha” – discurso da emigração numa economia de guerra*. (monografia de bacharelado). Fortaleza: UFC, 1993 (mimeo)

depoimentos orais, utilizados para ilustrar dados presentes nas fontes escritas, ignorando as especificidades merecidas ao tratamento da fonte oral.<sup>12</sup> De maior fôlego e mais coerente em suas formulações teóricas é a tese de doutorado da historiadora Isabel Guillen: *Errantes da selva: História da migração nordestina para a Amazônia*<sup>13</sup>, onde as representações sobre o sertão, o seringal e a floresta Amazônica são articuladas partindo da literatura, não somente de autores clássicos, como Euclides da Cunha. Analisa representações elaboradas pelas camadas populares, através da literatura de cordel, trabalhando também com documentos oficiais referentes à Batalha da Borracha, sob custódia do Arquivo Nacional, e com depoimentos orais.

Para a Historiografia Cearense a emigração para a Amazônia é um tema que tem suscitado muitos debates. As primeiras informações sobre a migração datam do fim do século XIX, quando o Ceará sofreu duas grandes secas<sup>14</sup>, sendo seu litoral e as cidades mais urbanizadas invadidas por milhares de pessoas famintas que, fugidas do sertão seco, buscavam comida e trabalho.

Todavia, na década de 1940, outra conjuntura e questões reconfiguraram a política e a natureza da emigração para a Amazônia. Com o fim da seca em 1942 e o início da estação de chuvas nos primeiros meses do ano seguinte, o “modelo tradicional” da emigração se esgotava: os sertanejos não tinham a mesma disposição de emigrar e o transporte marítimo foi suspenso em virtude da guerra. Com isso, outras

---

<sup>12</sup> Na apresentação dos depoimentos Lucia Morales utiliza literalmente expressões como “*ilustra*” (pg. 231), “*ilustrativo do que acabamos de dizer*” (pg 248). Procurando dar uma visão ao leitor de seu texto sobre o que era falado pelos entrevistados, acaba utilizando os depoimentos para confirmar teses elaboradas por ela anteriormente ou confirmar suposições teóricas de antropólogos e sociólogos. Deixando, assim, de dialogar com os depoentes e as temáticas presentes em sua fala. O mesmo pode ser dito em relação ao tratamento dado às fontes escritas. A autora em diversos momentos afirma que somente eram recrutados pelo SEMTA trabalhadores solteiros, ignorando completamente a existência de esposas e filhos nos núcleos de famílias. Essa última conclusão não seria uma empatia com a documentação oficial utilizada? Não obstante, o diálogo com seu importante estudo percorrerá o presente texto. Morales, Lucia Arrais. *Vem e Vai, Vira e Volta: As rotas dos soldados da borracha*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

<sup>13</sup> Guillen, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: história da migração nordestina para a Amazônia*. Campinas: Unicamp, 1999. (tese de doutorado em História. Mimeo)

<sup>14</sup> A percepção da seca como fenômeno social, vem sendo construída pela historiografia como um fenômeno que pode ser percebido a partir da Seca de 1877, quando ela não se manifesta mais apenas como ausência de chuvas. A segunda metade do século XIX no sertão cearense tem como característica a substituição da agricultura de subsistência pela agricultura comercial, essencialmente a cultura do algodão, o que alterou as relações sociais no campo e impossibilitou a garantia de uma “segurança alimentar” aos camponeses, que em busca de trabalho e comida, abandonavam as terras e vão para as grandes cidades (Centros de comércio e administração pública) procurando fugir da calamidade, dando visibilidade de sua situação, trazendo a problemática da seca para a cena pública da cidade. VER: Neves, Frederico de Castro. *A Multidão e a História – Saques e outras ações de massas no Ceará*. RJ: Relume Dumará. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

estratégias foram montadas para dar continuidade à *Batalha da Borracha*, visando a consolidar campanhas mais eficientes para “convencer” os trabalhadores a continuarem dirigindo-se à Amazônia.

Com este objetivo, em novembro de 1942 a Coordenação de Mobilização Econômica, do Ministério Federal, que gerenciava as atividades ligadas ao esforço de guerra no Brasil, criou o SEMTA - Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia - órgão especialmente encarregado do processo de recrutamento e seleção de trabalhadores. Antes disso, o processo fora coordenado pelo Departamento Nacional de Imigração e Colonização. Outros órgãos foram criados para funcionar em cadeia, junto ao SEMTA: o SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) e a SAVA (Serviço de Abastecimento do Vale Amazônico), responsável pelo transporte, dentro da Amazônia, e o abastecimento de alimentos.<sup>15</sup>

No início de 1943 o SEMTA e o SESP começaram a atuar. Enquanto um garantia a propaganda e a mobilização, o outro, a seleção médica. No Ceará foram construídas hospedarias, ou pousos, em Sobral (ao norte), Crato (Cariri), Russas (Vale do Jaguaribe), Senador Pompeu (Sertão Central) e Tianguá (Serra da Ibiapaba). Complementando as existentes em Fortaleza: Hospedaria do Prado e Hospedaria Getúlio Vargas. Esta última inaugurada em Março de 1943, com a presença de altos funcionários do Estado Novo, o Interventor Menezes Pimentel, do engenheiro Paulo Assis Ribeiro, diretor do SEMTA e do Ministro do Trabalho<sup>16</sup>. A direção da estrutura das hospedarias ficou a cargo do Dr. Charles Wagley, diretor da Divisão de Migração e que nos EUA “exercia a função de professor de Sociologia na Universidade de Columbia, em Nova York.”<sup>17</sup> A presença de médicos, engenheiros e oficiais do exército norte-americano é outra evidência da ingerência ianque na escolha do perfil de trabalhadores recrutados.

As hospedarias passaram a fornecer serviços de atendimento e assistência médica aos trabalhadores recrutados e seus familiares. Os exames médicos eram fundamentais, diante do objetivo de assegurar a produtividade dos trabalhadores,

---

<sup>15</sup> Sobre a rede de instituições que foi montada para garantir a mobilização de trabalhadores e a operacionalização da *Batalha da Borracha*. VER: guillen, Isabel C.M. “Cidadania e exclusão social: A História do Soldado da Borracha em questão”. *Trajetos: Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFC*. Fortaleza: V.1, nº 2, p. 69-82, 2002. Martinello, *Op. Cit*

<sup>16</sup> “Chegou hoje a Fortaleza o Ministro do Trabalho [Marcondes Filho] (...), com a presença do ilustre ministro será inaugurada a hospedaria Getúlio Vargas, no alagadiço.” *Jornal O Povo* 15/03/1943

<sup>17</sup> *Jornal O Povo*. 13/01/1943

necessária para garantir a lucratividade dos investimentos norte-americanos no Brasil<sup>18</sup>. Os técnicos norte-americanos sabiam que epidemias e doenças deveriam ser prevenidas ao máximo. O SESP passou a contratar vários médicos e enfermeiras para trabalhar nas hospedarias, que deveriam apresentar um padrão de higiene, conforme os códigos de racionalidade dos EUA.

O SEMTA, sob supervisão norte-americana, também inaugurou um novo modelo de migração. Agora só seriam concedidas passagens aos homens; suas famílias seriam assistidas pelo Departamento de Assistência Social, principalmente através dos Núcleos de Família. A idéia de Assistência Social foi construída partindo da promessa da construção de uma rede de amparo social. Porém, podemos ver que essa medida “benevolente” dos órgãos de migração visavam a racionalização do trabalho, mais uma marca do pragmatismo norte-americano. Os custos com transporte de famílias inteiras seria oneroso demais devido às ameaças do transporte marítimo e os obstáculos do transporte terrestre. Demandas da guerra exigiam que as atividades de recrutamento e envio de trabalhadores para os seringais fossem realizados em prazos mais curtos possíveis.

Com o fim da seca, as condições adversas que estimulavam a emigração não existiam mais. O que justificaria a continuidade do processo de emigração? O SEMTA desenvolveu uma campanha que visava a fortalecer mais ainda a imagem do Vale Amazônico, atraindo trabalhadores das mais diversas origens, além dos trabalhadores rurais que continuaram a ser recrutados no interior do Ceará. Em novembro de 1943 o SEMTA foi substituído pelo CAETA -Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia.

Como foi este processo de recrutamento? Como os trabalhadores percebiam o discurso do trabalhismo, de ampliação dos direitos sociais aos trabalhadores rurais propagados pelo Estado Novo? Como interpretaram o projeto de colonização do Estado

---

<sup>18</sup> SAÚDE O PRINCIPAL REQUISITO EXIGIDO DOS QUE DESEJAM IR A AMAZÔNIA – Interessantes revelações do Sr. Charles Wagley, Chefe do SESP.

(...) o homem são, alistado é colocado no ‘front’ e a preservação de sua saúde é daí por diante olhada com máximo cuidado. (...) A observação médica periódica e continua, começando desde o alistamento aqui até a fase de trabalho intenso, garante o perfeito aproveitamento das energias do homem.

Como ficou acertado num acordo firmado recentemente com o SEMTA e por intermédio de seu chefe Paulo Assis Ribeiro e o Dr. George Sanders, superintendente do SESP, a parte referente à saúde do trabalhador vai ficar inteiramente entregue àquele órgão à frente no Ceará está o Dr. Charles Wagley, ilustre cientista norte-americano. Jornal *O Povo* 02/02/1943. Conforme veremos a seguir “o modelo eficiente” de assistência média só funcionou com relativo sucesso nas hospedarias de Fortaleza.

Novo e a sede norte-americana por borracha? Que registros produziram ou foram produzidos a partir de suas experiências?

Esse recrutamento, feito das mais diversas formas, começava com “visitas” de agentes do SEMTA ao interior, a participação de padres e da Igreja, além de uma grande campanha envolvendo programas diários na Ceará Rádio Club, marchas e passeatas programadas pelas ruas de Fortaleza, filmes e palestras contra o nazifacismo<sup>19</sup>, etc.

As campanhas propunham que os trabalhadores tivessem compromisso com o projeto de colonização do território brasileiro, com um forte discurso nacionalista e ênfase ao objetivo central, a extração da borracha como participação do Brasil na Guerra contra o Nazismo. Em troca, os *Soldados da Borracha* saíam de Fortaleza com um contrato de trabalho assinado, garantia de 60% do que fosse produzido na extração da borracha, 50 % da colheita de castanhas, toda a pesca e toda a caça e 3 tarefas (1 hectare) de terreno para plantação.<sup>20</sup>

Foi acreditando nestas promessas de “concessão” e conquistas que mais de 30 mil trabalhadores embarcaram na *Batalha da Borracha*. Para compreender mais este processo algumas questões precisam ser discutidas. Não havia uma memória sobre o ciclo anterior de migração para a Amazônia que alertasse os trabalhadores sobre a real situação do trabalho nos seringais? Existindo essa(s) memória(s), elas traziam elementos residuais favoráveis ou contrários à emigração? Uma vez que a memória é um campo de disputa, que mecanismos estavam sendo utilizados para ressignificá-la? Também é preciso interpretar como era a rede de “influência” criada para “divulgar” a idéia do *Eldorado*.

---

<sup>19</sup>O Jornal *O Povo*, em 01/07/1943, informa sobre a realização com “grande sucesso” da “*Parada da Borracha*”, quando *Soldados da Borracha*, que aguardavam o embarque nas hospedarias de Fortaleza, saíram às ruas, em uma mobilização que tinha sentido duplo: mobilizar a população civil a apoiar a campanha de doação de borracha usada; da mesma forma que demonstrar o “sucesso” do processo de recrutamento, no sentido de que outros trabalhadores também se engajassem. Na primeira semana de agosto foi realizada a “semana antinazista” em Fortaleza, uma iniciativa do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito. O Jornal *O Povo* publicou trechos de palestras que seu editor Demócrito Rocha ministrou em Escolas da Capital. A *Ceará Radio Clube*, a partir de 1943, transmitia dois programas que se relacionavam diretamente ao esforço de Guerra: “*Programa da Borracha*” às 18 horas e o “*Brasil na Guerra*” às 20 horas.

<sup>20</sup>Trechos da Cartilha “*Rumo à Terra da Fartura*.” Arquivos pessoais de Jean Pierre Chabloz. MAUC/UFC. Chabloz, ao ser desligado das atividades do setor de propaganda do SEMTA, passou a atuar no meio artístico de Fortaleza, permanecendo na cidade. Foi enterrado no Cemitério Parque da Paz em 1985. O Acervo sobre Chabloz foi organizado pelo Professor Pedro Eimar, diretor do museu, a documentação referente ao SEMTA é composta de dois diários, cartazes, rascunhos de desenhos, bilhetes e recortes de jornais da época.

O papel do SEMTA foi fundamental, as imagens produzidas por Pierre Chablotz tinham como objetivo central ressaltar o confronto sertão-selva, seca-fartura, deixando claro que a ameaça da seca era iminente e poderia voltar a afetar o sertão na ausência do próximo inverno.

A documentação aponta que durante a viagem surgiram os primeiros conflitos<sup>21</sup>. Em contradição com notícias publicadas nos jornais do período, onde o desenrolar do processo de mobilização esteve presente diariamente, ressaltando os aspectos positivos e a problemática da seca e todos os percalços a ela associados.

Os Jornais pesquisados foram: *Correio do Ceará e Unitário: “órgãos dos ‘Diários Associados’”*, o primeiro vespertino e o segundo matutino, tinham uma tiragem média diária de “7.000 e 6.500 exemplares”. O *Nordeste: “Vespertino de orientação religiosa, (...) dirigido pelo Dr. M.ª de Andrade Furtado, uma das maiores afirmações culturais do Ceará.(...) tiragem média diária de 3.500 exemplares.”* E *O Povo: “diário vespertino,(...) fundado pela inteligência brilhante de Demócrito Rocha, (...) tiragem média diária de 8.000 exemplares.”*<sup>22</sup> *Correio do Ceará e Unitário* tinham seus interesses ligados à política editorial de Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*, a maior rede de comunicação no período do Estado Novo, que não tinha interesses de combater o regime. O *Nordeste* era de propriedade da Arquidiocese de Fortaleza, a Igreja Católica também era uma das aliadas da ditadura varguista. O *Jornal O Povo*, Fundado em “1928, para cumprir um programa de reivindicações políticas e sociais”, tinha ligações ao PSD (Partido Social Democrático, rival no Ceará da LEC – Liga Eleitoral Católica) e após a redemocratização à UDN (União Democrática Nacional) . Ao completar 17 anos em 1945, afirma não ter mudado o rumo de sua linha editorial com a revolução de 1930, nem com as “*agitações posteriores que se processaram no cenário político do Brasil e de que fomos elementos ativos ou meras testemunhas*”.<sup>23</sup>

Desta forma, a atuação da imprensa no período da Guerra estava sob interferência da Censura do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Contudo, a adesão ao esforço de guerra não pode ser vista somente como uma

<sup>21</sup> Conforme relatórios de Viagem escritos por médicos e recrutadores (discutidos no Capítulo II)

<sup>22</sup> Uchoa, Waldery. *Fortaleza: na sua expressão, Histórica, Geográfica e Estatística*. Fortaleza: DEIP, 1946. p. 41.

<sup>23</sup> Matéria escrita por Paulo Sarasate, editor do jornal após a morte de Demócrito Rocha em novembro de 1943, publicada na Edição de 08/01/1945. Citado por: Costa, José Raimundo. *Memória de um Jornal*. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 1988. p. 65

imposição dos órgãos de repressão, embora não possamos negar a existência dela, divulgar notícias sobre a Guerra e incentivar o combate ao nazismo significava também, a possibilidade de surgir nas pautas a questão da democratização do país<sup>24</sup>.

Os jornais foram os principais veículos de informação utilizados pelo DEIP, DIP e pelos órgãos de recrutamento de trabalhadores para divulgar notícias ligadas à Campanha da Borracha: o engajamento nas campanhas de combate ao nazifascismo, divulgação de palestras, passeatas cívicas, campanhas de recolhimento de materiais velhos feitos de borracha e os passos dos trabalhadores que começaram a ida ao Norte em 1942. A idéia de uma rede de amparo social foi construída a cada dia em suas páginas: fosse na divulgação da exemplar estrutura das hospedarias e nas atividades do SEMTA, ou nas cartas escritas pelos primeiros *Soldados da Borracha*, que informavam o percurso e as expectativas da viagem, além de ser um dos meios de divulgação das vantagens da ida à Amazônia.

O SEMTA, desde fevereiro último está transportando homens, dentro das melhores condições possíveis de amparo social, religioso, econômico e sanitário, juntando assim, além do dever patriótico, vantagens inúmeras, que possibilitarão ao nosso homem e às suas famílias, e saúde<sup>25</sup>

Os arquivos pessoais de Jean-Pierre Chabloz<sup>26</sup>, que se encontram no Museu de Arte da UFC, constituem uma documentação fundamental. Chabloz foi contratado pelo SEMTA para fazer a produção de todo o material de divulgação: cartazes, panfletos, desenhos, fotos. Em seus arquivos pessoais, encontramos dois diários, com anotações de parte das atividades do SEMTA em Fortaleza (janeiro a julho de 1943), recortes de matérias de jornais locais e do Rio de Janeiro (Diretrizes), bilhetes, anotações, etc.

Chama-nos atenção, na documentação de Chabloz, um estudo solicitado pelo SEMTA e realizado pelo SESP, que descreve uma classificação do biótipo dos

---

<sup>24</sup> Para esclarecer a relação entre a imprensa e a censura durante o Estado Novo no Ceará, seria necessária a realização de uma investigação profunda sobre os encontros e confrontos existentes aí. Sendo uma possibilidade de pesquisa riquíssima para outras pesquisas, o que foge dos objetivos do presente trabalho

<sup>25</sup> Circular do Interventor Federal no Ceará, Sr. Menezes Pimentel, de 12/05/1943 dirigida a todos os prefeitos do estado, solicitando sua contribuição e engajamento no processo de mobilização dos trabalhadores. Divulgada no jornal "O Povo" em 13/05/1943.

<sup>26</sup> Nasceu em Lousanne (Suíça) em 1910 e faleceu em Fortaleza (1985) "*Pintor, desenhista e crítico de arte. Estudou na Escola de Belas artes de Genebra e na Academia Brena de Milão. Apresentou seus trabalhos na Itália, Suíça e no Brasil, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1943, reside em Fortaleza onde 'descobre' o talento de Chico da Silva. Foi um dos responsáveis pelo movimento modernista em Fortaleza* " Galvão, Roberto. *Uma visão da arte no Ceará*. Fortaleza: Grafisa, 1987. p.111

nordestinos, uma classificação racista e discriminatória. Na classificação MIXOTIPO, encontramos o seguinte: “*existem outros sintomas de inferioridade: implantação feminina dos pelos (cabeça e pube). Também o faceis deste individuo exprime uma certa inferioridade psíquica, que ele, de fato, tem é um débil mental*”<sup>27</sup>

Tal estudo estava em sintonia com as teorias eugênicas legitimadas pelo discurso médico. No Brasil, teorias científicas racistas já exerciam influência desde o fim do século XIX para justificar a “inferioridade” e a criminalidade de setores marginalizados da sociedade: negros escravos ou libertos, prostitutas, alcoólatras, imigrantes e desempregados, eram considerados como “degenerados sociais.” Para não “contaminar” o restante da sociedade com a “degeneração” eram internados em instituições psiquiátricas que utilizavam métodos como “a cura por espancamento” ou a “liberal” laborterapia (cura através do trabalho). No século XX, o médico paulista Renato Kehl, introduz no panorama científico brasileiro uma nova ciência a Eugenia: “*Um ramo da medicina ao qual competiria cuidar dos meios de ‘evitar’ o abastardamento da raça, determinando as vias pela qual se perpetua a geração de indivíduos são, robustos e belos*”.<sup>28</sup> Assim, o saber médico nos anos 30 e 40 associava de forma automática miscigenação com degeneração e impureza da raça. Elementos predominantes na formação do Ceará, embora a inexistência de índios e negros fosse propagada desde o século XIX. Contraditoriamente, tanto médicos na década de 1940, encontraram um padrão biológico bem diferente do idealizado pela Eugenia, como as lutas atuais de comunidades negras e indígenas pelo reconhecimento de suas terras, são indícios de origens opostas (racista-resistência) que apontam a permanência de culturas indígenas e negras no Ceará.

Conforme os diários de Chabloz, percebemos como as ações do SEMTA foram cuidadosamente arquitetadas. Uma manifestação realizada em julho de 1943, em Fortaleza, na proclamada Semana da Borracha, quando Getúlio lançou uma semana nacional de intensas atividades, visando ao recolhimento de pneus velhos e materiais feitos de borracha em todas as grandes cidades. Chabloz fez o planejamento prévio do número de carros, do posicionamento e da quantidade de pessoas que deveriam desfilar entre cada “setor” da manifestação. A Ato foi composto, basicamente, por *Soldados da*

---

<sup>27</sup> Anotação do Médico do SESP, José Rodrigues Silva. Anexado ao diário de Chabloz. MAUC/UFC

<sup>28</sup> Cunha, Maria Clementina Pereira Cunha. *O Espelho do Mundo: Juquery, a História de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 183.

*Borracha*. Chabloz foi uma espécie de diretor do grande teatro da mobilização no Ceará.

Os cartazes produzidos pelo SEMTA<sup>29</sup> foram responsáveis pela divulgação da imagem do paraíso verde que esperava pelos trabalhadores na Amazônia, em oposição à terra seca do nordeste. Apresentava-se a exaltação do seringueiro, fazendo uma comparação entre a importância dos combates na frente de batalha e o dos seringais:

“Seringueiro e Soldado perante a pátria são iguais; O SEMTA arregimenta e protege os *Soldados da Borracha*; Rumo a Amazônia, terra da fartura; Vida nova na Amazônia; A borracha é tão necessária para a vitória assim como o tanque o fuzil e o avião” .<sup>30</sup>

Trabalhamos, também, com os relatórios do Governador e Interventor Federal do Ceará, dos anos de 1936 e 1943<sup>31</sup>. Neste último, Menezes Pimentel comentou a situação econômica do Ceará e o impacto sofrido com a seca e com a queda das importações devido à Guerra. Encontramos também um relatório em anexo do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) que evidencia a participação deste órgão na condução da campanha da borracha.

E os trabalhadores? Como perceberam este material de propaganda? Por que se integraram ao projeto de migração? Os problemas de documentação não são novidade, principalmente quando a intenção da pesquisa é analisar quais as apropriações feitas pelos próprios trabalhadores neste processo de constituição de um Estado Novo.

Em alguns documentos podemos perceber que *ecos* da memória sobre a experiência de migração estavam presentes e que os trabalhadores do campo não deixaram suas terras totalmente. Por exemplo, a notícia em uma revista sobre “os fujões”<sup>32</sup>, lembra elementos apontados por Thompson, permitindo pensar nos momentos

---

<sup>29</sup> O acesso inicial que tivemos com essa documentação foi realizado após a leitura da Monografia de Socorro Vieira e o contato intermediado pelos professores Frederico de Castro Neves e Simone de Sousa com o diretor do Museu de Arte da UFC.

<sup>30</sup> Arquivos Chabloz. MAUC/UFC

<sup>31</sup> Menezes Pimentel foi eleito Governador por via indireta pela Assembléia Legislativa do Ceará em 1935, com o apoio da LEC (Liga Eleitoral Católica), mantendo-se no poder durante o Estado Novo como Interventor Federal. Ver: Souza, Simone de. “Da ‘Revolução de 30’ ao Estado Novo” IN: Souza, Simone (Org.) *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. 287-316

<sup>32</sup> A Revista CANCHA, publicada em Fortaleza em maio de 1943, fala de um grupo que ficou sendo chamado em Fortaleza, como “os fujões”, por fugirem da Hospedaria do Prado em Fortaleza, ao verem que estavam sendo realizados exercícios físicos, achavam que estariam sendo preparados para a Guerra

de rompimento, como também interrogar a pretendida passividade, possibilitando que os trabalhadores possam sejam vistos como agentes nessa relação em que faziam escolhas e resistiam, de formas próprias ou silenciadas. Thompson analisa essas questões a partir da noção de teatro:

“Em todas as sociedades, naturalmente, há um duplo componente essencial: controle político e protesto, ou mesmo a rebelião. Os donos do poder representam seu teatro de majestade, superstição, poder, riqueza e justiça sublime. Os pobres encenam seu contrateatro, ocupando o cenário das ruas dos mercados e empregando o simbolismo do protesto e do ridículo.”<sup>33</sup>

De outra parte, os exercícios físicos introduzidos nas hospedarias, segundo Geraldo Nobre (Funcionário do SEMTA na época), foram realizados para que os trabalhadores não ficassem falando e “fazendo besteira”. Em Relatório dirigido ao Sr. Artur Hehl, diretor secretário da Coordenação de Mobilização Econômica – órgão responsável pelo SEMTA- o Engenheiro Carlos José de Assis Ribeiro argumentou sobre a necessidade de atividades esportivas como solução para alguns problemas, tais como o que chamou de pederastia: “*é sabido que toda mobilização de homens atrai os pederastas passivos e estes precisam é de hospitalização*”. A prostituição não poderia resolver as necessidades de “lazer” ou ocupar o tempo dos homens, pois outros problemas seriam criados:

todo o trabalho do Pe. Helder Câmara cairia por terra, surgiria grande oposição do clero quanto à saída de seus paroquianos para a Amazônia. Depois teríamos o caso do contágio sífilítico e venérico (...) todos contaminados seriam recusados pela SAVA e os prejuízos econômicos seriam grandes para o SEMTA.<sup>34</sup>

Torna-se evidente que práticas e condutas dos trabalhadores recrutados foram uma bomba relógio na mão dos administradores dos órgãos de recrutamento. Trazendo a público que a campanha da borracha encontrou resistências também nos momentos de

---

na África, saíram pela rua questionando, “*praquê trabaiador fazendo exercícios?*”. CANCHA, Fortaleza, maio de 1943 p. 16-18

<sup>33</sup> Thompson, E. P. “Folclore, Antropologia e História Social.” IN: *Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas; Editora da Unicamp, 2001. p.239-240.

<sup>34</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. Doc. 17

recrutamento. O relatório do chefe do setor de recrutamento em Senador Pompeu, aponta vários indícios da negação dos trabalhadores ao embarcarem na *Batalha da Borracha*. Ao visitar trabalhadores de uma obra do IFOCS, de construção de uma estrada, o recrutador ouviu:

diziam uns que se recusavam porque se tratava de um recrutamento para a guerra; outros, que já sabiam terem as primeiras turmas enviadas sido devoradas pelos índios (!); alguns, que todos os homens seriam vendidos a pêsso de ouro, ainda apareciam as “mães amantíssimas”, que não desejavam separar-se de seus filhos; destaca-se como principal motivo a alegação de que o inverno era chegado e não havia assim, necessidade de deixar o Ceará.<sup>35</sup>

São indícios que permitem pensar que a Amazônia não deixara de ser o “Inferno Verde” de antes. Outro documento fala de uma queixa apresentada na secção disciplinar “contra o Sr. Benedito Viana, fiscal da prefeitura de Acaraú, pelo mesmo andar fazendo campanha contra o SEMTA, declarando que os trabalhadores alistados em Acaraú, seguirão com destino à África..”<sup>36</sup> Por que a África? seria uma referência às condições de trabalho no seringal, em que o trabalhador, ao adquirir débitos, ficaria vinculado ao patrão seringalista, uma espécie de “escravidão branca”? Ou a possibilidade de irem combater no “front” do norte da África?

Os relatórios de recrutadores, médicos e engenheiros; cartazes e folhetos de propaganda a que nos referimos acima, foram pesquisados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Fazem parte do Fundo Privado *Paulo Assis Ribeiro*, o engenheiro e chefe do SEMTA. O material tinha ficado sob sua posse após a extinção do órgão e foi doado ao Arquivo após sua morte. Este é o acervo mais completo que reúne documentos diversos sobre o SEMTA. Segundo o Sr. Sátiro, funcionário do Arquivo Nacional, é comum a consulta de relações de trabalhadores que constam entre a documentação, por parte de senhores que ainda buscam algum registro de participação na Batalha da Borracha, na expectativa de serem contemplados com a aposentadoria de dois salários mínimos<sup>37</sup>.

<sup>35</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. Doc.08 Relatório do Posto de recrutamento de Senador Pompeu enviado ao Chefe do SEMTA em Fortaleza, Hider Corrêa Lima em 18/03/1943.

<sup>36</sup> Queixa apresentada por Antônio Mateus e Sebastião de Almeida Freire em 19/05/1943. Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. Doc. 7.167

<sup>37</sup> “Benefício” garantido somente na Constituição de 1988, mais de 40 anos após o recrutamento.

Realizamos também um diálogo com documentos produzidos por migrantes ou seus relatos. São 15 cartas que tinham destinos diversos: algumas foram dirigidas à Regina Chabloz, Coordenadora do Núcleo de Amparo às famílias dos trabalhadores recrutados; uma foi dirigida a Paulo Assis Ribeiro e outras eram cartas que mulheres escreveram aos seus maridos migrantes, mas que não chegaram a ser entregues. Conseguimos ter acesso à essa documentação em um encontro com a Sr. Regina Chabloz, em Setembro de 2003, em seu apartamento em Botafogo, no Rio de Janeiro. Além do acesso a esses documentos, a Sr. Regina concedeu um relato bastante esclarecedor sobre o cotidiano do Núcleo de Famílias em Fortaleza.

Trabalhamos, ainda, com entrevistas realizadas por Samuel Benchimol, entre os anos de 1942 e 1944, quando era funcionário do porto de Manaus, além de relatos colhidos por Alcino Texeira de Melo, quando dirigiu a Hospedaria *Eduardo Ribeiro*, em Manaus, durante o ano de 1945. São relatos importantíssimos que permitem uma dimensão dos motivos de emigrar e as expectativas a respeito de tal decisão. Realizamos uma entrevista com o Sr. Hélio Vieira, que atualmente reside em Fortaleza, e foi recrutado pelo SEMTA em agosto de 1943

As experiências vividas por estes trabalhadores foram variadas, desde a completa resignação à negação total de engajamento nos projetos do governo. Desta forma, um trabalho que tem como referência a História Social não pode desprezar diferentes percepções e experiências de populações sertanejas e das cidades que se formaram considerando os jogos de interesses em disputa. Ora era preciso saquear armazéns, invadir trens, ocupar o espaço público das cidades; ora bastava aceitar projetos estatais ou a caridade pública, surgidos com a intenção de apaziguar os conflitos sociais. Os camponeses e trabalhadores das cidades que aqui tratamos não podem ser vistos como destituídos de experiências e passíveis à dominação. Partindo do conjunto de suas expectativas e necessidades, que formam sua cultura e que “*oferece ao individuo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um.*”<sup>38</sup> torna-se possível apreender dimensões de suas resistências e transgressões.

---

<sup>38</sup> Ginzburg, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: companhia das Letras, 1998. p. 27.

A presente dissertação apresenta uma divisão em capítulos, que busca articular temáticas específicas mantendo um eixo comum – as experiências de emigrantes cearenses e o fazer-se imigrante na Amazônia nos anos de 1942 a 1945.

No **Capítulo I: O Ceará em tempos de seca e de guerras – a (re)conquista da Amazônia**, acompanhamos a constituição da experiência vivida na seca de 1942 no Ceará, que trouxe componentes não existentes em secas anteriores: a intervenção direta do Estado na emigração, focalizando os conflitos e aprendizados políticos dos retirantes, dentro de um contexto específico de ditadura – o Estado Novo e o envolvimento do Brasil na guerra. Que projetos e ideologias buscavam adequar interesses políticos locais e nacionais em jogo, quando a proposta de emigração para a Amazônia ressurge? Utilizamos principalmente jornais do período, como *O Povo*, *Unitário* e *O Nordeste*.

Em 1942, o incentivo à migração reiniciou, ainda com características tradicionais: transporte marítimo (passagens concedidas pelo governo) e migração familiar. Meses depois suspenso, devido à ameaça de bombardeio de navios que transportassem passageiros. Logo, novos planos para a emigração foram colocados em prática.

Seca e guerra não foram os únicos elementos que impulsionaram a migração para o Norte. Assim, discutimos a profecia atribuída a Padre Cícero sobre as *Bandeiras Verdes*. A Floresta Amazônia foi um tema que não aparecia somente nos romances ou na imprensa, a Literatura de Cordel contribuiu para que, via oralidade e religiosidade, a busca da Terra da Promissão fosse uma demanda presente nas expectativas dos sertanejos, independente da intervenção do poder público.

No **Capítulo II: A Construção do SEMTA: Propaganda e recrutamento**, com base em documentos oficiais produzidos pelo órgão, através de relatos de recrutadores, engenheiros, médicos, nutricionistas e material de propaganda, buscamos apreender os passos de implantação do órgão, suas dificuldades e as representações que esses “*técnicos da migração*” fizeram a respeito dos trabalhadores que estavam recrutando.

No **Capítulo III: Notícias de quem vai e quem fica**, recorrendo a registros produzidos pelos migrantes e/ou seus familiares, como cartas, memórias e entrevistas, analisaremos os problemas que impulsionaram decisões de emigrar e o processo do fazer-se migrante.

Nas cartas percebemos como foram vivenciadas o momento das partidas, suas impressões a respeito das hospedarias e seus funcionários. A forma como se identificavam, o que permitiu incluir indícios por eles produzidos no perfil de migrantes que traçamos. O depoimento de Hélio Vieira possibilitou acompanhar as escolhas de um jovem de 17 anos e um debate sobre as memórias de um senhor setuagenário.

Discutimos, também, o processo de chegada à Amazônia e os primeiros estudos realizados ainda na década de 1940, em Manaus. Com atenção especial à produção de Samuel Benchimol, pioneiro na utilização de depoimentos orais no Brasil e Alcino Teixeira de Mello, com suas denúncias à operacionalização da *Batalha da Borracha*. Além de correspondências dirigidas a Getúlio Vargas solicitando a manutenção da “assistência” às famílias de migrantes desaparecidos e as medidas jurídicas tomadas pela CAETA.

Trata-se de um exercício, em que dialogamos com fontes de naturezas e origens diversas, onde esperamos contribuir para a compreensão de parte dos embates que constituíram a longa história da migração de trabalhadores cearenses para a Amazônia.

## Capítulo I: O Ceará em tempos de seca e de guerras – a (re)conquista da Amazônia.

**O sol recebeu uma tremenda vaia – chuva grossa esta manhã, em Fortaleza.**

**Muito cedo, hoje, Fortaleza recebeu um batismo salutar de chuvas, numa demonstração da chegada do inverno. O inverno é a alegria de todos, porque inverno é a vida do Ceará, é a ressurreição da terra camburida, é a verdura dos campos, é a bonança, enfim para todo o Estado. (...) Um fato curioso presenciou o repórter, quando, esgueirando-se pelas calçadas molhadas, procura atingir a redação d’*O POVO*, um grupo numeroso de pessoas, logo depois de passada a chuva, se aglomerava em certo trecho de rua, usualmente movimentada. Quando o sol tão bravo nos últimos dias, ia conseguindo varar as grosas nuvens, lá no alto, num esforço desesperado para aparecer, os alegres circunstantes, olhando para o alto e apontando, começaram uma demonstração estrondosa, vaiando o astro vencido e apagado, naquele momento, num grito unisono de várias bôcas. Mais afinal o velho rei das alturas venceu, botando todo corpo vermelho para fora das nuvens e dispersando os vaiadores.<sup>1</sup>**

A entusiasmada chegada do inverno, anunciada pelo Jornal *O Povo*, não se confirmou. Nos dias que seguiram ao ato de deboche da população de Fortaleza contra o “*rei das alturas*”, a chuva não mais apareceu. A estação chuvosa do ano anterior havia sido irregular, causando preocupação na população cearense e expectativa com o início da época em que a água cai do céu e ameniza o sofrimento do homem do sertão.

As próximas chuvas, tão esperadas, não vieram. As manchetes dos jornais dos meses seguintes, ao contrário, se referiam a ausência delas, e o retorno de uma velha conhecida: a seca. A ausência de chuvas e o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial foram fatores que proporcionaram o retorno de uma outra questão, muito bem conhecida pelo povo cearense, a emigração para a Amazônia

Seca, guerra e migração formaram a tríade que ocupou as páginas dos periódicos, conversas em bancos de praças e nas bodegas, transmissões de rádio, palácios, igrejas, campos e becos do Ceará nos anos finais do Estado Novo.

---

<sup>1</sup> Jornal *O Povo*. 30/01/1942

### 1.1– Emigração para a Amazônia: roupa velha costurada.

A emigração para a Amazônia surgiu, para setores do poder, como uma possibilidade de desviar tensões e conflitos que assolavam o território do Ceará no último quartel do século XIX. A Amazônia vivia o primeiro ciclo da borracha, seiva natural que era encontrada somente nesta região. O surgimento da indústria automobilística apresentava-se como um dos elementos impulsionadores da necessidade de aumentar a produção de borracha. O *Eldorado*, terra que prometia trabalho e acúmulo de riqueza, era uma possibilidade para os desbravadores que se propusessem a enfrentar a Floresta Amazônica.

Neste período, houve um intenso debate na imprensa da capital, entre os homens letrados, sobre o envio de mão-de-obra cearense para os seringais do norte. Diante do caos que se estabelecia durante o período das secas, os presidentes da província utilizavam o recurso imediato do estímulo à emigração como forma de se livrarem dos flagelados da seca. Em contrapartida, setores de oposição colocavam-se contrários. Vários motivos poderiam justificar esse desencontro, principalmente interesses econômicos - com o fim da seca, a província ficaria desprovida de mão-de-obra, como nos diz Rodolfo Teófilo:

a 13 de agosto, autorizou elle ao presidente do Ceará a facilitar a emigração para o Amazonas e Pará, dando passagens aos retirantes em vapores ingleses e brasileiros (...) Este acto infeliz do governo conservador foi uma outra calamidade para a província. Nada mais imprudente do que fazer emigrar milhares de pessoas, diminuindo as forças da província, para mais tarde vir ella a lutar com a falta de braços, quando quizesse restaurar a sua lavoura.”<sup>2</sup>

Outros argumentos foram utilizados contra o envio de trabalhadores para o norte: notícias vindas dos jornais de outras províncias davam conta de naufrágios de navios, sem falar nos relatos das condições das embarcações. A situação dos trabalhadores nos seringais não era das melhores, a adaptação destes à nova vida no *Inferno Verde* era bastante difícil: doenças, alimentação precária e a exploração extrema de sua força de trabalho.

Rodolfo Teófilo, em seu romance *A Fome*, narrou aquilo que possivelmente passaram os retirantes da seca que buscavam o ouro negro:

---

<sup>2</sup> Teófilo, Rodolfo. *História da Secca do Ceará (1878-1880)*. Rio de Janeiro: imprensa Inglesa, 1922. p. 109.

Lá o esperava o trabalho e a doença. O organismo estranhou o clima quente e úmido, e o estômago recusou a alimentação do pirarucu e tartaruga. (...) Dois meses de sofrimentos foram o tributo de aclimação naquele clima insalubre. O patrão, no dia que deu por pronto continuou a trabalhar, disse-lhe que não perdesse tempo, pois estava grande o seu débito<sup>3</sup>

Rodolfo Teófilo publicou, em 1899, *O Paraora*, no qual denunciou, através da odisséia do personagem João das Neves, a exploração no seringal e a insalubridade da floresta para contestar a imagem criada em torno do migrante que retornava da Amazônia enriquecido. Depois de passar dois anos na coleta de borracha, ao voltar para Fortaleza, João das Neves encontra-se em uma situação dramática:

O paludismo foi o único provento que tirara do Amazonas e que o flagelaria para o resto da Vida, de parceria com a pugnente mágoa que nele haviam produzido as últimas palavras da sua esposa, grande mártir do amor e do dever. Nunca mais deixaria de ouvir estas inolvidáveis e terríveis palavras – morreram todos de fome.<sup>4</sup>

Não obstante, a ida para a Amazônia apresentava-se, nos momentos de seca, como um dos únicos recursos para aqueles que não recebiam socorros nas cidades ou para aqueles iludidos com a possibilidade de fazer riqueza com a extração da borracha. Estes últimos tinham como incentivo o alto preço da borracha e o monopólio que o vale amazônico manteve até 1913, quando corporações da Inglaterra traficaram mudas para a Ásia e outras colônias. A partir de então, essas corporações inglesas começaram a produzir a seiva da borracha de forma racionalizada, permitindo uma produção muito superior à do vale amazônico.

Na seca de 1915, a imagem da Amazônia já era outra, pelo menos a que chegou para o personagem Chico Bento, de Raquel de Queiroz. Ao sair do seu “*canto era determinado*

---

<sup>3</sup> O autor explica: Chamava-se de *pronto*, na linguagem típica dos seringais amazônicos, o nordestino que, chegando como *brabo*, tempos depois, era tido como experiente da vida em contato com a selva, no trato da borracha. Teófilo, Rodolfo. *A Fome. Violação*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de letras, 1979. p. 198. (1ª edição de 1890)

<sup>4</sup> Teófilo, Rodolfo. *O Paraora*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, desporto e promoção social, 1974. p.236.

a embarcar para o norte” junto com a família, mas logo desistiu ao ouvir os conselhos de comadre Conceição:

crianças não suportam uma viagem numa gaiola , de Amazonas acima... E mesmo que agüentem o navio, o que é que fazem com as doenças?

..... Mas também o Amazonas, hoje, não vale a pena ... Nem ao menos borracha está dando dinheiro <sup>5</sup>

O Vaqueiro *Chico Bento* acabou sendo convencido pela professora *Conceição*, que subitamente propõe um outro destino: “-*Por que vocês não vão pra São Paulo? Diz que lá é muito bom ... Trabalho por toda parte, clima sadio... Pode até enriquecer ...*”. *Chico Bento*, responde indiferente, : “-*É... pode ser... (...) o que quero é arribar. Pro norte ou pro Sul...*”. *Cordulina*, esposa de *Chico*, é que pergunta: “*E é muito Longe, o S. Paulo? Mais longe do que o Amazonas?* A Professora, encerra a conversa, com os argumentos que convenceriam o casal retirante: “ - *Quase a mesma coisa. E lá não tem sezão, nem boto, nem jacaré ... é uma terra rica, sadia.*”<sup>6</sup>

Mesmo com as notícias sobre a decadência da exploração da borracha no Norte e o surgimento de outros destinos, a Amazônia continuou sendo um dos pólos de atração de retirantes nas secas de 1915<sup>7</sup> e 1932. As populações do Ceará já haviam “aprendido o caminho da Amazônia” e através de redes privadas de aliciamento ou pelas relações de parentesco, a migração continuou acontecendo, silenciosamente, mesmo que em menor escala em alguns momentos. Depois de rever sua posição sobre a emigração, Rodolfo Teófilo afirma: “o cearense considera aquela região como prolongamento de sua terra.”<sup>8</sup>

Antes do declínio da borracha amazônica, existiram outras formas de controle social sob flagelados da seca. A emigração para o Sudeste<sup>9</sup>, para o trabalho nas lavouras de café,

<sup>5</sup> Queiroz, Raquel. *O Quinze*. Rio de Janeiro, 1986. p. 78 /79.

<sup>6</sup> *Op. Cit.* Pg. 79/80. A 1ª edição de *O Quinze* é de 1930.

<sup>7</sup> *O Ceará perdeu pela emigração de julho de 1915 a abril de 1916 – 39.313 pessoas. Para o Norte embarcaram 30.802 e para o Sul 8.511. O cearense migra para o Sul.* Teófilo, Rodolfo. *A seca de 1915*. Fortaleza: EdiçõesUFC, 1980. p. 120

<sup>8</sup> Teófilo, Rodolfo. *A Seca de 1915 ... p. 120*

<sup>9</sup>Sobre as migrações de nordestinos para a Amazônia e o Sudeste. VER: Graham, Douglas H. e Holanda Filho, Sérgio Buarque de. *Migrações Internas no Brasil: 1872-1970*. São Paulo: Instituto Nacional de Pesquisas Econômicas (IPE/SP) – CNPQ, 1984. e Morais, Viviane Lima de. *Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX*. São Paulo:PUC, 2003 (dissertação de mestrado em História Social)

apresentava-se como uma dessas alternativas, ou a criação dos campos de concentração que impediam o trânsito livre dos flagelados pelas ruas da cidade, mantendo-os no interior. Abarracamentos para retirantes surgiram na seca de 1877. Em 1915, foram utilizados de forma sistemática para impedir a chegada de retirantes na capital, sendo alvo de duras críticas por parte dos sanitaristas, entre eles Rodolfo Teófilo, que os chamou de *campo santo*, devido à mortalidade ali existente. Mas, foi durante a seca de 1932, que os campos de concentração foram utilizados de forma mais efetiva, defendidos e justificados pela imprensa local, recebendo o respaldo das elites, recursos e implementação do poder público, inclusive Federal. Os retirantes eram proibidos de sair das concentrações e circular pelas localidades próximas. Como era de se esperar, tendo como base à experiência de secas anteriores, os índices de mortalidade foram altíssimos. Em 1932 foram construídos sete campos ou *Currais do Governo*, como eram chamados pelos retirantes, sendo cinco no interior e dois na periferia de Fortaleza.<sup>10</sup>

Para aqueles que emigraram, de forma voluntária ou não, as notícias de inverno<sup>11</sup> no Ceará, ao chegarem na Amazônia, poderiam significar uma tentativa de retorno. Os imigrantes, ao saberem do fim da estiagem em sua terra natal, em muitos casos logo tentaram voltar ou ficaram vagando pelas ruas de Manaus e Belém. A situação de decadência do vale e o abandono dos trabalhadores que foram aos seringais eram de conhecimento público. Assim, em 1935, um Deputado pelo Pará, Martins Silva, enviou telegrama ao Interventor Federal no Ceará:

---

<sup>10</sup> Rios, Kenia Sousa. Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932. Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e desporto do Ceará, 2001.

<sup>11</sup> O Ceará, assim como a maior parte do território brasileiro está situado no Hemisfério Sul, portanto formalmente a estação climática do inverno começa em 21 de junho. Contudo, por sua proximidade à linha do Equador suas estações não são bem definidas. Não há quedas bruscas de temperatura: “*Na capital a média termometrica annual é de 26°. No alto sertão, o calor sobe, no máximo, a 37°, á sombra. Nas serras de Ibiapaba, Araripe, Baturité, Aratanha e Maranguape, nos mezes de junho a agosto, o thermometro tem descido a 14° e não sobe alem de 24°. As chuvas começam depois do solstício de dezembro e duram até junho sem notável interrupção, quando o anno é invernos. Começam em janeiro, suspendem em fevereiro para reaparecerem em março e findarem em maio, quando é menos abundante; e, quando é escasso, só começa, depois do equinócio de março e as vezes não duram tres mezes. Em outubro, no vale do Cariry (Araripe) e pelo litoral, caem algumas chuvas chamadas de caju que os índios denominam piroaba*” Assim, quando falamos de inverno estamos nos referindo à estação de chuvas, que tem início entre dezembro e março (21 de março, equinócio de outono; data que coincide com as experiências populares que definem o dia 19 de março – dia de São José, o padroeiro do estado, como a data limite para a decretação da seca) e se estende até maio ou junho. “*O Ceará só tem duas estações: a estação pluvioso ou inverno e estação secca ou verão.*” Teófilo, *História da secca ...Op. Cit.* p.10/11

cerca de dois mil cearenses transitavam pelas ruas de Belém, desabrigados, sem pão, sem roupas, sem recursos de qualquer espécie, passando por toda sorte de necessidade, e que, por seu intermédio, pediam ao governo do Estado do Ceará os meios necessários para regressar à terra natal (...)”<sup>12</sup>

Apesar destas inúmeras agressões, o processo migratório do Ceará para a Amazônia passou por um momento de revitalização nos primeiros anos da década de 1940. A Amazônia voltou a se apresentar como a terra da prosperidade e de fartura, em oposição ao sertão, terra da seca e da fome. Alguns elementos influenciaram nesse processo: a seca que atingiu o Ceará em 1942, deixando uma grande quantidade de mão-de-obra disponível; a política de colonização do Estado Novo e seu discurso de que os trabalhadores rurais teriam as mesmas garantias trabalhistas conflituosamente negociadas com os trabalhadores da cidade; o tempo de guerra mundial, sendo necessário esforço na garantia da produção de uma série de produtos para abastecer os estoques dos exércitos aliados, coube ao Brasil fornecer borracha. Diante de tal contexto, o caminho para a Amazônia voltou e deveria ser percorrido por milhares de trabalhadores do Nordeste e em grande parte, do Ceará. Como a memória sobre a migração para a Amazônia constituiu-se em palco de conflitos e de interesses em disputa? Quem e quais usos foram feitos de tal memória?

Em 1941, as chuvas foram bastante escassas, comprometendo os estoques de alimentação que já eram precários. Aos primeiros sinais da ausência de inverno no ano seguinte, os conflitos no sertão recomeçaram. Reapareceram as cenas de “bárbaros” invadindo mercados públicos, roubando cargas de trens e as tristes hordas de famintos “poluindo” a vida urbana.

Os jornais de Fortaleza passaram a receber uma série de correspondências enviadas por comerciantes e lideranças locais de vários lugares do interior, solicitando o intermédio das autoridades e da imprensa. Estas correspondências denunciavam assaltos, saques, assassinatos. Mas a maioria solicitava socorros e trabalhos de emergência, como esse telegrama enviado pelo delegado, o farmacêutico e comerciantes da cidade de Alto Santo à redação do jornal “O Nordeste”:

---

<sup>12</sup> Relatório do Interventor Federal no Ceará. Sr. Menezes Pimentel na Abertura do Ano Legislativo de 1936.

A pobreza desta região está passando fome ha longos meses, faltando os gêneros de primeira necessidade na feira local. Não choveu em toda a zona. O comércio esta na eminencia de fechar as portas, diante da crise assombrosa, jamais vista. Apelamos, confiantes para a esclarecida inteligencia dos brilhantes patricios , no sentido de transmitirem o nosso pedido ao presidente Vargas, a quem acabamos de telegrafar lealmente, pedindo trabalhos de emergência, capazes de amparar milhares de braços, que esperam ajudar a construir melhores possibilidades de vida <sup>13</sup>

Terras, nem sempre férteis, que perderam produtividade devido práticas de queimadas, ausência de chuvas no Ceará, permanência da grande propriedade e uma enorme quantidade de trabalhadores disponíveis, pedindo trabalho. Na construção de projeto político de controle sobre os conflitos sociais, garantia da “segurança nacional” e harmonia entre as classes, Getúlio Vargas proferiu discurso no 1º de maio de 1941, considerando::

Não terminou a nossa tarefa. Temos a enfrentar, corajosamente, sérios problemas de melhoria das nossas populações, para que o conforto, a educação e a higiene não sejam privilégios de regiões ou zonas. Os benéficos que conquistastes devem ser ampliados aos operários rurais, aos que, insulados nos sertões, vivem distantes das vantagens da civilização. Mesmo porque, se não fizermos, correms o risco de assistir o êxodo dos campos e superpovoamento das grandes cidades – desequilíbrio de conseqüências imprevisíveis, capaz de enfraquecer ou anular os efeitos da campanha de valorização integral do homem brasileiro, para dota-lo de vigor econômico, saúde física e energia produtiva. Não é possível mantermos a anomalia tão perigosa como a de existirem camponeses sem gleba própria, num país onde os vales férteis como a Amazônia, permanecem incultos e despovoados de rebanhos, extensas pastagens, como as de Goiaz e Mato Grosso. É necessário à riqueza pública que o nível de prosperidade rural aumente para absorver a crescente produção industrial; é imprescindível elevar a capacidade aquisitiva de todos os brasileiros – o que só pode ser feito aumentando-se o rendimento do trabalho agrícola”<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> O Nordeste. 25/03/1942

<sup>14</sup> Vargas, Getúlio. O Trabalhador Brasileiro no Estado Novo (1º. de maio de 1941). IN: *A nova política do Brasil, Volume VII*. Rio de Janeiro: L. J. Olympio Ed., 1941. APUD: Lenharo, Alcir. *Trabalho colonização no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. p.19

Em 1938 Getúlio Vargas lançou a campanha “Marcha para o Oeste”. Era o projeto de colonização das terras do Norte e do Oeste do país, objetivando identificar as fronteiras territoriais com as políticas, a fim de fortalecer a “unidade da nação”. Na verdade, o “discurso romântico”<sup>15</sup> construído em torno da “Marcha” pretendia legitimar o programa de desenvolvimento proposto pelo Estado Novo, conforme argumentações de Lenharo:

:“(...)tinha-se em mente “resolver” os problemas particulares do nordeste através do esvaziamento dos conflitos sociais por meio da orientação de correntes migratórias para as novas áreas de colonização. (...) a política geral de colonização do Estado Novo, estrategicamente centrada sobre a criação de colônias agrícolas nacionais no interior do país, nas áreas ditas “vazias”. Tal política foi sendo implementada simultaneamente à manutenção de alianças com os grandes proprietários de terras que não foram afetados diretamente pelas obrigações trabalhistas aplicadas nas cidades.”<sup>16</sup>

Por falta de infraestrutura, incentivo e financiamento, o projeto de colonização não teve o sucesso esperado, principalmente na região da Amazônia, com seus problemas de transporte e abastecimento. O cenário começou a mudar com os acordos assinados entre os governos do Brasil e dos EUA, no início de 1942<sup>17</sup>. Com a invasão japonesa na região produtora de borracha dos aliados no Oriente, a Amazônia voltou a ter centralidade para as potências econômicas e militares do Ocidente, pois lá estava a maior reserva natural de borracha no mundo. Estes acordos foram noticiados pela imprensa cearense:

vários acórdos a serem assinados, disse o Sr. Sousa Costa, abrangerão a formação do projeto de desenvolvimento da bacia

---

<sup>15</sup> O projeto de desenvolvimento nacional implantado pelo Estado Novo é analisado pela historiografia tendo um caráter modernizante ou modernizador. Porém, alguns intelectuais atuantes nas instituições burocráticas do Estado, como é o caso de Cassiano Ricardo, identificado por Alcir Lenharo, trazendo em sua obra características do romantismo: negação da experiência urbana e dos problemas por ela trazidos: conflitos de classe, via migração estrangeira. Existindo um pensamento que localiza “as raízes puras do Brasil” no homem do campo e do sertão, destinados a desenvolver o projeto de colonização, reeditando assim a missão do Bandeirante. O cearense já mostrava desde o fim do século XIX a disposição de cumprir essa função em relação à Amazônia.

<sup>16</sup> Lenharo, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas. 2ª. ed. São Paulo: Papyrus, 1986. p. 14.

<sup>17</sup> Sobre os Acordos de Washington assinados em março de 1942 e as relações diplomáticas entre Brasil e EUA. VER: Martinello, Pedro. *A “Batalha da Borracha” e as conseqüências para o vale Amazônico*. Op. Cit. p. 90-105

amazônica, por meio do qual o Brasil intensificará a produção de borracha, óleos e drogas vegetais...”<sup>18</sup>

Enquanto era arquitetada a revitalização do Vale Amazônico, os conflitos acirraram-se nas cidades do interior do Ceará:

As primeiras más conseqüências da seca foram manifestadas em formas de assalto a novos viajantes. Há dois dias, o fumeiro Pedro Laranjeira, foi roubado dois contos de réis, perto do Santo Antonio do Aracati. Neste mesmo local, os flagelados assaltaram o comerciante Roberto Paiva, roubando-lhe cerca de 800\$000. Sexta-feira da paixão, entre Tianguá e Flexeirinha, foi o Sr. João Alves Parente, comerciante em Fortaleza, assaltado por oito retirantes armados com facas, sendo forçado a entregar cerca de seis contos de reis (...) Em face dessa situação solicita-se providencias do governo.<sup>19</sup>

As cenas de “desordem” repetiam-se no interior. As obras públicas organizadas pelo governo não absorviam a grande quantidade de retirantes, que já ameaçavam chegando perto da capital. Para conter os conflitos e contemplar seus projetos de colonização do Norte, a emigração para a Amazônia voltou a ter centralidade também nos projetos do poder público, em 1942, com a possibilidade de financiamento e infraestrutura garantidos pelos acordos com o governo americano. Essa nova onda migratória era justificada nos jornais da capital:

o povoamento do vale amazônico por nordestinos faz-se agora imperativos por dois motivos:

-o desejo do governo federal de fazer a colonização do grande vale á custa do elemento nacional, tendo em conta os perigos, já concretizados, da emigração estrangeira;

-a existência das sêcas, que desorganizaram toda a vida do Estado, fazendo com que as populações rurais abandonassem suas terras em procura de auxílio para não morrer de fome.<sup>20</sup>

Portanto, a intenção de promover a emigração de cearenses para a Amazônia, não partia somente dos conflitos relacionados à seca no sertão. Nos telegramas de autoridades

---

<sup>18</sup> O Nordeste. 25/02/1942

<sup>19</sup> *Jornal Unitário*. 07/04/1942

<sup>20</sup> *Jornal Unitário*. 14/04/1942

locais publicados nos jornais, são solicitadas “*providências do governo*” ou “*trabalhos de emergência*”, sem fazer referências à emigração. Era do interesse das elites locais, a concessão de recursos de socorros públicos para realizar obras em suas localidades, fossem elas a construção de açudes, cadeias, igrejas, pavimentação ou abertura de estradas de rodagem, até mesmo ampliação da Estrada de Ferro (obras que seriam gerenciadas pela burocracia local e a favor das elites do Estado). Justamente nesse momento o Governo Vargas estava sofrendo pressão norte-americana, para que resolvesse o problema da falta de mão-de-obra na Amazônia com trabalhadores estrangeiros: “*Houve inclusive, da parte das autoridades americanas um grande empenho para convencer a administração brasileira no sentido de que se pudesse importar mão-de-obra de outros países, mormente Porto Rico*”.<sup>21</sup> Medida que não foi aceita pelo Governo Vargas. Já havia problemas com imigrantes no sul, essencialmente japoneses e alemães. Além disso, trabalhadores oriundos de Porto Rico, sob domínio norte americano, representaria um risco de perder a soberania sob o território da Amazônia. Os ianques já estavam dando as cartas do jogo, mas o governo brasileiro tinha um “coringa” nas mãos – um exército de reserva nos sertões nordestinos. Os americanos poderiam gerenciar e acompanhar o recrutamento de trabalhadores, como garantia do investimento, mas a mão-de-obra deveria ser nacional.

Decisão que não recebeu resistências ou críticas da imprensa ou dos intelectuais, pelo menos durante a campanha, possivelmente, em função do rigor no controle imposto à imprensa, operacionalizado pelo DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda). Por isso mesmo, as críticas aparecem de uma forma disfarçada, em longos artigos que geralmente elogiam o governo:

graças a solicitude com que o Sr. Getúlio Vargas socorreu o Nordeste em 1932, evitou-se ali uma verdadeira catástrofe, que, além de sacrificar milhares de vidas teria obrigado milhares de nordestinos a emigrar, causando enormes prejuízos, se não total destruição, á economia local(...)”<sup>22</sup>

Se a migração causaria a destruição da economia local em 32, por que não acarretaria os mesmos efeitos na seca seguinte? A imprensa começava a embarcar na

---

<sup>21</sup> Martinello, *Op. Cit.* p. 209

<sup>22</sup> *Jornal Unitário* 10/04/1942

campanha da borracha. Este artigo foi publicado um dia após o mesmo jornal ter noticiado que o presidente Vargas teria dado:

ordens diretas a comissão de marinha mercante no sentido do Lloyd Brasileiro oferecer em todos os portos do Nordeste, passagens gratuitas aos sertanejos que queiram se transferir para o Amazonas, onde novas condições de vida serão criadas.<sup>23</sup>

Assim, a migração para o “Inferno Verde” foi retomada oficialmente. Os retirantes passaram a ser cadastrados no interior e dirigidos à Secção de Imigração na Delegacia Regional do Trabalho. Depois eram encaminhados para as chamadas “hospedarias”, que na verdade eram uma reedição dos campos de concentração. Lá permaneciam aguardando o embarque para o Norte, enquanto Fortaleza voltava a ser foco de migração dos flagelados, mesmo que temporariamente, conforme o historiador Thomaz Pompeu Sobrinho:

A emigração para o Amazonas atraiu a Fortaleza muitos flagelados que foram aboletados na “chácara Tirol” no bairro do Jacarecanga, à margem do oceano. Este “campo de concentração”, malgrado a experiência das secas anteriores, não primava pela boa organização, dando lugar a censuras acres da imprensa diária desta capital”<sup>24</sup>

As autoridades locais no Ceará tomavam as primeiras ações de incentivo à emigração, em resposta às ações violentas dos sertanejos. Sinais do aprendizado político dos retirantes, que criaram mecanismos dentro de uma lógica própria para enfrentar a calamidade, chamando a atenção do poder público.<sup>25</sup> No outro pólo, os governos estaduais da Amazônia, aparentemente estavam dispostos a receber os retirantes, candidatos a seringueiros:

O Estado do Pará está disposto a receber um número ilimitado de retirantes, afim de desenvolver as suas extensas plantações de

---

<sup>23</sup> *Jornal Unitário*. 09/04/1942

<sup>24</sup> Sobrinho, Tomaz Pompeu. *História das Secas (SEC. XX)*. Coleção do Instituto do Ceará. Fortaleza: Editora Batista Fontenele, 1953. p. 51.

<sup>25</sup> Partindo da Seca de 1877, os retirantes ao enfrentar uma nova calamidade “selecionavam” as medidas de pressão que forçavam às autoridades a tomar alguma atitude no sentido de interferir na problemática da seca. Ver: Neves, *A multidão e a História ...* Op. Cit.

borracha, cuja produção é mister ampliar, em face das enormes exigências da indústria bélica norte-americana<sup>26</sup>

A burocracia montada para organizar a emigração , em alguns casos, cumpriu papel inverso: trabalhadores chegaram a ter seu cadastro negado na Delegacia Regional do Trabalho por não terem fotos, conforme denunciou o jornal “Unitário”:

Libanio Pereria do Nascimento, nos informou que compareceu á Delegacia Regional do Trabalho, onde, por força das instruções regulamentares, o funcionário da secção de imigração lhe exigiu retratos de identificação seu e das pessoas de sua família. O emigrante cearense nos informou que não tem dinheiro para tirar os retratos exigidos, razão por que, em seu nome e no nome de outros flagelados, pede ao interventor cearense que determine, na secção de fotografia do Serviço de Identificação da Secretaria de Policia , providencias afim de, gratuitamente, tirar retratos de flagelados que desejem seguir para a Amazônia (...)

Nessa breve matéria, mesmo possivelmente passando por “filtros” dos redatores do jornal, podemos perceber reivindicações diretas de retirantes:

(...) apela também... que esta autoridade ordene á secção de imigração para receber, não apenas os flagelados solteiros, mas, também, os que têm filhos, mesmo em grande quantidade, por que, estes precisam e talvez, mais que os solteiros, que não tem prole para sustentar.<sup>27</sup>

Essa reivindicação foi logo contemplada, com o surgimento de outras hospedarias, os novos campos de concentração. Enquanto isso não acontecia, Fortaleza era invadida por retirantes: “*Fortaleza Invadida. Inesperadamente por uma leva de 200 flagelados: sem pão e sem comida, os retirantes perambulam pelas ruas da cidade – um apelo à caridade pública*”<sup>28</sup>

Os conflitos decorrentes da seca seguiam, enquanto o Governo ainda articulava o seu *Programa de Revitalização do Vale Amazônico*. A demanda pela emigração era suprida também por redes privadas de aliciadores:

---

<sup>26</sup> Jornal *Unitário* 17/04/1942

<sup>27</sup> Jornal *Unitário* 23/04/1942

<sup>28</sup> Jornal *Unitário* 02/06/1942

(...) os 50 emigrantes que partirão nestes poucos dias vão com a situação garantida, pois, são contratados pela companhia Ford Industrial do Brasil, devendo empregar-se no Pará, nas plantações de borracha daquela importante organização norte-americana que possui, no extremo norte grandes culturas de seringueira, mantendo elevada a condição do trabalhador. Este ano, a Ford recrutou no Ceará um grande número de cearenses, e esta nova leva, constitui o restante do contingente que parceladamente vem embarcando.

Os futuros trabalhadores da Fordlândia estão prontos para a viagem, esperando somente o transporte.<sup>29</sup>

A matéria se refere à tentativa da empresa norte-americana de implantar um modelo de produção racionalizada de borracha, através de plantações de seringueira, utilizando-se de métodos similares à produção das regiões do Oriente Asiático. Pretenderam reduzir os custos e garantir maior lucratividade, dispensando o trabalho árduo do seringueiro, de percorrer quilômetros, diariamente, à procura da planta nativa, dispersa entre a vegetação da floresta. A *Fordlândia* foi fundada em 1927, às margens do Rio Tapajós. Sua implantação encarou alguns entraves, pois, “*nos anos trinta, o projeto da Ford na Amazônia foi atacado por ser considerado um caso claro de intromissão estrangeira no país.*” Os opositores criticavam a iniciativa, considerando ser “*um projeto de enclave imperialista.*” Seus argumentos eram o “*seu imenso território, composto de milhares de hectares, a isenção de impostos por cinquenta anos e um indiscriminado direito de jurisdição interna*”. As críticas perderam força quando surgia no meio da floresta uma verdadeira cidade “*com todos confortos necessários a vida moderna*”:

O fordismo trazia a civilização em meio às ruínas do passado, pois a cidade dispunha de água, luz, hospital, escola, cinema, porto, oficinas mecânicas e casas bem alinhadas para os trabalhadores e dirigentes, contribuindo para anular as críticas que o empreendimento da Ford recebia.<sup>30</sup>

Porém, a tentativa de estabelecer um sistema de *plantations* na selva não obteve sucessos. A empresa enfrentava problemas graves: o fungo *Microcylos* infestou grandes

---

<sup>29</sup> Jornal *Unitário* 16/05/1942

<sup>30</sup> Guillen, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: história da migração nordestina para a Amazônia*. Campinas: Unicamp, 1999. (tese de doutorado em História). Pg. 120/121

extensões da plantação, causando o mal das folhas e falta de sementes<sup>31</sup>. O rígido controle sanitário, com rejeição de doentes, causava uma elevada rotatividade de trabalhadores. Após treze anos de trabalho, 3.650.000 seringueiras plantadas e 10,5 milhões de dólares investidos, a produtividade era nula.<sup>32</sup> Em 1945 a Ford decidiu negociar suas propriedades Fordlândia e Belterra, “por um preço meramente simbólico, tinha gastado milhões de dólares e avançara muito pouco no combate ao mal das folhas, obstáculo intransponível para o desenvolvimento de plantações competitivas.”<sup>33</sup>

No Ceará, seguia o modelo tradicional de emigração, sob responsabilidade do Departamento Nacional de Imigração, subordinado ao Ministério do Trabalho, com concessão de passagens nos vapores garantidos pelo governo e a “contratação” dos serviços realizadas nos portos de Belém e Manaus pelas casas aviadoras. Porém, este modelo estava em risco, com o torpedeamento de embarcações brasileiras ainda no primeiro semestre de 1942, tornando a viagem marítima arriscada demais. A ameaça de um ataque à costa brasileira, logo alterou o cotidiano das cidades litorâneas. Segundo notícia publica em *O Nordeste*, o transporte marítimo chegou a ser completamente suspenso em agosto de 1942, com a chegada de “ordem para os navios do Lloid – O loide Brasileiro determinou que seus navios se recolham aos portos mais próximos”. A guerra não estava tão distante como podia parecer.

O segundo semestre do ano de 1942 foi o momento ideal para realizar o recrutamento de trabalhadores para à Amazônia. Era o período que a seca deixava suas marcas mais evidentes. A seca era um argumento central para impulsionar a emigração. No início de 1943 os jornais ainda noticiavam conflitos no sertão em virtude da calamidade:

O ‘Horário’ da Rêde de Viação Cearense que deverá chegar hoje à central, procedente de Iguatu, foi invadido pelos flagelados em Luna. Hoje pela manhã a reportagem de *O Povo* esteve no gabinete do Dr. Hugo Rocha, engenheiro-chefe da RVC, que nos mostrou um

---

<sup>31</sup> As seringueiras nativas dispersas no meio da floresta não estavam submetidas a esta praga, pois outras plantas e árvores em sua volta garantiam o equilíbrio ambiental, afastando fungos e pestes botânicas. A tentativa de implantar árvores em série quebrava tal equilíbrio, abrindo espaço para moléstias como o mal das folhas. Ver: Montysuma, Marcos Fábio Freire. *Senhores das matas – experiências extrativistas na RESEX Chico Mendes – Xapuri (1983/2002)*. São Paulo: Tese de doutorado em História Social – PUC/SP, 2003.

<sup>32</sup> Sobre uma discussão a respeito das tentativas de implantação de *plantations* de seringa, o manuseio de sementes e os empecilhos ecológicos encontrados, ver: Dean, Warren. *A Luta pela Borracha no Brasil. Um estudo de História ecológica*. São Paulo: Nobel, 1989.

<sup>33</sup> Guillen, *Op. Cit.* Pg. 121

telegrama do agente da estrada de ferro ali, comunicando o fato e solicitando providencias. Trem invadido é o P2, que se dirige a Fortaleza. Os flagelados são em número de 50. (...) Também na Estação Arrojado Lisboa um concentração de flagelados ocupou o carro da RVC, com o propósito de viajar até a capital cearense. A situação ainda em algumas localidades à margem da estrada de Ferro é vexatória, em face das constantes ameaças de assalto dos flagelados aos comboios da RVC, comprometendo a regularidade do serviço rodoviário. As autoridades estão porém, adotando as providências requeridas por esse estado de coisas, afim de evitar os embaraços, apreensões e dificuldades.<sup>34</sup>

A principal providência que as autoridades estavam arquitetando, neste momento, era a emigração para a Amazônia. A calamidade e os compromissos de guerra justificavam a decisão. Porém, no mês de janeiro de 1943 começou a estação de chuvas no Ceará. E o inverno cearense embaraçou os planos de encontrar a farta mão-de-obra nas terras do Cearenses.

## **1.2- Fortaleza em tempos de guerra**

### **A Fortaleza e suas ambigüidades: entre a calamidade e a modernidade**

Fortaleza havia se afirmada como o principal entreposto comercial do Ceará na segunda metade do século XIX, graças ao aumento das exportações de algodão, principalmente na década de 1860, com a suspensão do fornecimento norte-americano para as indústrias inglesas durante a guerra civil.

A expansão da economia e a formação de uma elite local, composta por comerciantes e profissionais liberais, possibilitaram um novo perfil para a cidade, atenuando seu aspecto provinciano e assumindo um lugar de destaque no Império, onde em fins do século XIX evolução e progresso eram palavras que estavam na ordem do dia.

Para tanto, passou por um período de remodelação urbana, iniciada na década de 1850 e acelerada em 1875, com as reformas dirigidas pelo engenheiro Adolfo Herbster, em que surgiram equipamentos urbanos como a Santa Casa de Misericórdia (1861), Asilos de

---

<sup>34</sup> Jornal *O Povo* 09/01/1943

Alienados e de mendicidade (1886) e abertura de bulevares<sup>35</sup>. No tocante à cultura viu florescer Grêmios e Academias literárias, cafés e associações de trabalhadores, fazendo com que a população da urbe vivesse um clima de “progresso” e “civilizamento”.

A idéia de civilização foi abalada em momentos de calamidades. Como na *Grande Seca* (1877-1880), quando a epidemia de varíola chegou a matar mais de 1000 pessoas em um só dia no mês de dezembro de 1878<sup>36</sup>. Porém, a própria seca foi utilizada para impulsionar o “progresso”, no aproveitamento da mão-de-obra de retirantes, transformados em “trabalhadores da Seca”, garantindo obras públicas: construção de Estradas de rodagem, porto, açudes e das estradas de ferro que ligavam Fortaleza a Sobral e Baturité. O trabalho nas Ferrovias havia começado em 1873. Todavia, durante a Seca, tinham os serviços acelerados graças à destinação de recursos das verbas de socorros públicos e à farta força de trabalho. As condições de trabalho na construção da estrada de ferro de Baturité eram precárias, como argumenta o historiador Tyrone Cândido:

As condições de trabalho durante o período da seca revelam uma situação histórica de grande importância. Os trabalhadores da estrada de ferro de Baturité que, já em 1875 eram considerados ‘mão d’obra barata’, passaram a contrair, sob a pressão da miséria e do controle estatal, relações de trabalho que em muito, se aproximavam da escravidão, trabalhando em troca, basicamente, de alimentos e roupas, os retirantes ‘indigentes’ foram longamente empregados na abertura de novos caminhos entre Pacatuba e Canoa (hoje a cidade de Aracoiaba, próximo a Baturité).<sup>37</sup>

Com o advento da República, Fortaleza manteve-se como a principal cidade do Ceará. Capital do Estado, sede da Alfândega, entreposto comercial que concentrava os órgãos de administração pública. A cidade buscava sempre adquirir “ares” de modernidade.

---

<sup>35</sup> Sobre as políticas públicas que visavam dotar Fortaleza com ares de civilidade neste período Ver: Ponte, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

<sup>36</sup> “O dia 10 de dezembro foi de verdadeiro terror. Haviam falecido de varíola 1.004 pessoas na capital e seus subúrbios!!” Theophilo, Rodolfo. *História da Seca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 241

<sup>37</sup> Cândido, Tyrone Apollo Pontes. “Os trilhos do progresso: episódios das lutas operárias na construção da estrada de ferro de Baturité. (1872-1926). IN: *Trajetos*. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFC. Vol. 1, nº 2. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002. p. 85. Sobre a utilização do trabalho de retirantes em obras públicas como reforma do porto e calçamento das ruas da cidade ver: Morais, Viviane Lima de. *Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2003. especialmente o Capítulo II: Migrações e “provisoriamente”

Novos equipamentos urbanos davam esse *status* à cidade: o Teatro José de Alencar, inaugurado em 1910, teve sua estrutura de ferro trazida da Europa; os bondes que funcionavam com tração animal foram substituídos por bondes elétricos em 1912 e em 1936, chegaram os ônibus. A preocupação voltava-se para o tráfego de automóveis nas ruas, o que “*fez a prefeitura criar a inspetoria do tráfego(1933)*”.<sup>38</sup> Traços da modernidade chegaram ao sistema de iluminação pública das regiões centrais da capital com a substituição da iluminação a gás pela energia elétrica em 1934.

A ocupação da cidade foi além do traçado em xadrez planejado por Herbster em 1875<sup>39</sup>. As migrações para a Capital, nas secas de 1915 e 1932, foram responsáveis pela formação de bairros pobres na periferia de Fortaleza. Tal processo passou a ser regulado por um novo código de postura em 1932, substituindo o anterior de 1893, que para o Prefeito Tibúrcio Cavalcante “*já não podia satisfazer as necessidades gerais do município e da municipalidade, por ser sobremodo e antiquado*”<sup>40</sup>. Portanto, contrário aos princípios de uma urbe que buscava ser moderna e progressista, o novo regulamento estabelecia quatro zonas de ocupação: central, urbana, suburbana e rural.

A nova configuração procurou segmentar mais ainda os espaços, separando aqueles destinados às atividades comerciais, aos profissionais liberais e as elites que habitavam o centro e suas proximidades, em bairros como Jacarecanga, daqueles mais afastados do perímetro urbano central: “*Esta divisão de uso e de ocupação dos espaços da cidade evidencia em Fortaleza a existência de uma periferia, cinturão urbano onde se localizam os bairros para moradia dos setores mais pobres da cidade.*”<sup>41</sup>

No início da década de 1940 a população de Fortaleza era de 180.185<sup>42</sup> pessoas. Os equipamentos urbanos da cidade não comportavam mais o crescimento acelerado da

---

<sup>38</sup> Silva, Jane D. Semeão e. *Mulheres de Fortaleza nos anos de 1940: Uma vivência da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social- IFCS/UFRJ, 2000. (Dissertação de Mestrado). p. 25

<sup>39</sup> A população da Capital segundo o censo de 1872 era de 21 mil habitantes, na virada do século, em 1900, cerca de 50 mil (Neves, Frederico de Castro. *A multidão e a História* ...pg. 26 e 75). A população de Fortaleza em 31 de dezembro de 1935 era de 143.277 habitantes. Anuário Estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936.

<sup>40</sup> Souza, Simone de. “O município e a Centralização Política (1930-1945)”. p. 55 IN: Souza, Simone de. *et. Alii. Fortaleza a gestão da cidade. (uma história político-administrativa.)* Fortaleza: NUDOC/UFC-Fundação Cultural de Fortaleza, 1994

<sup>41</sup> Souza, Simone de. “O município e a Centralização Política (1930-1945)”. *Op. Cit.* p. 55

<sup>42</sup> Anuário Estatístico do Brasil 1946. Rio de Janeiro: IBGE, v. 7, 1947.

população, ocasionando cada vez mais uma ocupação das regiões periféricas pelas camadas populares.

### **A Segunda Guerra Mundial chega à Fortaleza**

Não foi somente a seca que interferiu no cotidiano de Fortaleza no início dos anos 1940. Aos poucos, com o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foram tomadas iniciativas que visavam ao engajamento da população civil no esforço de guerra, além da presença de militares norte-americanos nas ruas da capital. Foram eventos que modificaram os hábitos urbanos: a existência de bases americanas e a eminência de um ataque de submarinos alemães criaram a impressão de que a cidade estava ilhada, isolada.

Desde sua conflagração, a guerra, ainda distante, era noticiada nas primeiras páginas dos jornais cearenses. Contudo, no início de 1942, chegavam notícias do rompimento diplomático com as nações que formavam o Eixo, seguidas de ataques de navios brasileiros em águas internacionais. O clima de tensão crescia em vários setores da sociedade cearense. Um dos focos de tensão era a Faculdade de Direito do Ceará que, desde a década de 1930, combatia o movimento integralista.

Um dos momentos decisivos para o envolvimento direto do Brasil no conflito foi o encontro de Getúlio Vargas com Roosevelt, em janeiro de 1942, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, quando foram assinados os primeiros acordos de cooperação entre os dois países. Os acordos entre diplomatas brasileiros e norte-americanos seguiram em diversas viagens do Ministro da Fazenda, Souza Costa, aos EUA, consolidando os chamados *Acordos de Washington*.

Em resposta ao fim da ‘neutralidade’ brasileira, começam a ser noticiados os torpedeamentos de navios brasileiros. O primeiro deles foi o navio “Buarque”, atacado a 20 milhas da costa de Nova York.<sup>43</sup> Após a ocupação alemã na França, o Jornal *O Povo* noticia “são 73 os brasileiros presos pela gestapo na França.”

Contudo, as primeiras ‘agressões’ ao Brasil aconteceram em terras estrangeiras. O auge da tensão ocorreu em agosto de 1942. Em nota distribuída à imprensa, o DIP confirma o ataque a cinco vapores na costa brasileira:

---

<sup>43</sup> Jornal *O Povo*. 18/02/1942

“Pela primeira vez, as embarcações brasileiras, servindo do tráfego das nossas costas no transporte de passageiros e cargas de um estado para outro, sofreu ataques de submarinos do Eixo. (...) O inominável atentado contra indefesas unidades da marinha mercante de um país pacífico, cuja vida se desenrola à margem e à distância do teatro da guerra, foi praticado com o desconhecimento dos mais elementares princípios de direito da humanidade<sup>44</sup>”

Em Fortaleza, o movimento antinazista era liderado por Acadêmicos da Faculdade de Direito e jornalistas identificados com a ‘causa democrática’, alguns ligados com o movimento comunista. Nas ruas, o clima de hostilidade à Alemanha Nazista já estava disseminado, acadêmicos e jornalistas ministravam palestras contra o Nazismo nas faculdades e escolas secundárias, aproveitando do momento para fazer críticas às restrições de liberdades democráticas no Brasil. Dias antes da chegada das informações de ataques aos navios em águas nacionais, já eram realizadas manifestações nas ruas de Fortaleza, como relata o então estudante de direito, Thomaz Pompeu Gomes de Matos<sup>45</sup>: *“No dia 16 de agosto, universitários cearenses promoveram grande passeata pelas ruas da cidade”*, passando pelas ruas Senador Pompeu (onde se encontravam os jornais O Povo, Gazeta de Notícias, Unitário, Correio do Ceará e O Estado), entraram em seguida à rua Guilherme Rocha, com o objetivo de *“termos uma bela chegada à Praça do Ferreira.”* Era um sábado, as ruas estavam *“cheia de gente”* que saíam das vesperais dos cinemas Majestic e Moderno. *“Foi inegavelmente a pré-estréia do grande quebra-quebra do dia 18 de agosto de 1942, contra casas comerciais dos alemães, italianos e japoneses residentes no Ceará.”*

Dia 18, *“chegam mais notícias de afundamentos de navios brasileiros pelos submarinos alemães nas costas do Brasil.”* No mesmo dia foi realizada uma missa na Igreja do Patrocínio (situada na Praça José de Alencar, em frente ao teatro de mesmo nome no centro de Fortaleza) em memória à morte dos tripulantes dos navios: *“Grande multidão ocorreu a esse ato litúrgico. A igreja ficou completamente lotada, e o povo se espalhando pelas ruas e redondezas. A revolta popular aumentava de minuto a minuto. Vi várias*

---

<sup>44</sup> Comunicado do DIP publicado na primeira página do Jornal *O nordeste*. 18/08/1942. Foram cinco os vapores atacados: Baependi, Aníbal Benévolo, Araraquara, Itagibe e Araras. O fato foi noticiado também em *O Povo*, *Unitário* e *Correio do Ceará*.

<sup>45</sup> Entrevista cedida ao Jornalista Eliezer Rodrigues e publicada Revista *Singular*. Ano:1, nº 1 Fortaleza: Expressão Gráfica, setembro 1999. p. 16/19

*mulheres chorando durante a missa.*” Logo após, os estudantes dirigiram-se à Faculdade de Direito sob um clima de “*revolta e indignação*”, onde “*Os Nazistas fugiram ante tamanha algazarra da estudantada. Nesse dia ninguém foi assistir aulas, os professores em atenção ao luto nacional, mandaram colocar presença em todos os alunos.*” Saíram em passeata por volta das 10:30 em direção ao centro da cidade:

pelas ruas Senador Pompeu (redação dos Jornais), Guilherme Rocha e finalmente o ponto culminante, a velha Praça do Ferreira. A partida foi da Faculdade de Direito. É preciso notar que essa passeata não era composta somente de estudantes. Por onde íamos passando a fileira ia aumentando consideravelmente. Quando atingimos a coluna da hora, ali se encontrava uma multidão a gritar ‘morra Hitler e seus asseclas.’ (...) Nisso, no meio da multidão ouve-se um grito: ‘Estão quebrando a loja do Espanhol’ (...) Foi o início do quebra-quebra. Ninguém poderia conter o povo que irado, revoltado e passando a arrebentar tudo que encontrava pela frente, desde naturalmente que fosse de alemães, italianos, espanhóis, japoneses ou mesmo simpatizantes do Eixo. Percorri todo movimento do povo, quando foram quebradas e incendiadas várias casas comerciais como seja: Lojas Pernambucanas, Casas Veneza, Consulado Alemão, padaria do Espanhol, camisaria o Álvaro, jardim japonês da família Fujita, onde diziam que o velho Fugita se escondeu dentro da cacimba de seu jardim que ficava no início da Avenida Bezerra de Menezes.

A polícia não estava presente no momento dos incêndios, o Interventor Menezes Pimentel encontrava-se em um churrasco, com todo seu secretariado, em Maranguape, cidade próxima à Fortaleza. Com o retorno do Interventor “*a coisa foi amainando, mas permanecendo o povo nas ruas a dar vivas às nações unidas: Estados Unidos e Rússia, etc*”. No dia seguinte “*as notícias se espalharam pelas cidades vizinhas como Caucaia, Maranguape e Aquiraz, e grande parte da população dessas cidades veio para Fortaleza na esperança de um replay para continuar o saque.*”

Nesses dias foram registradas manifestações em cidades do interior como Sobral, Pacoti e Quixadá, locais que “*vibraram de indignação contra o eixo*”<sup>46</sup>. Em Sobral, mais de mil pessoas em frente às lojas Pernambucanas fecharam o comércio e acompanharam com vaias e hostilidades um alemão que havia sido preso e estava sendo escoltado para Fortaleza.

---

<sup>46</sup> Jornal *O Povo*. 20/08/1942

Assim, O movimento de quebra-quebra<sup>47</sup> tinha ultrapassado os limites: “*não era mais o movimento patriótico iniciado pelos estudantes universitários, agora era o povo querendo saciar o seu desejo de saque, roubo, etc.*”<sup>48</sup>

Os jornais não faziam referência direta aos eventos que aconteciam no centro de Fortaleza. Citavam a insatisfação popular contra a *pirataria Nazista*, sem entrar em detalhes: “*nas ruas por onde tramitava a massa, era incontida a vibração, a qual assumiu maiores proporções às 11 horas.*”<sup>49</sup>

Embora não faça referência ao quebra-quebra, o Jornal *O Povo* publicou, na capa de sua edição do dia 18, que era distribuída à tarde, uma Nota Oficial do Sindicato dos Lojistas:

No momento em que o Brasil reclama a cooperação de todos seus filhos para a defesa dos princípios democráticos que nos urgem e fortalecimento da unidade nacional. O SINDICATO DOS LOJISTAS DE FORTALEZA, devidamente autorizado pelo Sr. Delegado Regional do Trabalho, torna público que no seu quadro social não existe um só elemento pertencente, ou simpatizante aos países do eixo – inimigos da democracia.<sup>50</sup>

Com tal nota, os lojistas buscavam impedir novos saques. Apelando em defesa da unidade nacional e dos valores democráticos, afirmavam sua “*obediência e colaboração aos poderes constituídos.*”

Em resposta aos distúrbios acontecidos nas ruas, o Interventor Menezes Pimentel também envia uma nota aos jornais, na qual reconhece “*essas demonstrações de brasilidade e de fé nos destinos do país,*” contanto que não sejam “*desvirtuadas por elementos a serviços inconfessáveis propósitos, interessados em dificultar pela confusão*

---

<sup>47</sup> Diante da lacuna encontrada na imprensa sobre esse evento, encontramos poucas referências ao quebra-quebra do dia 18 de agosto no centro de Fortaleza. O memorialista Marciano Lopes faz um breve relato do acontecido na abertura do capítulo que descreve o comércio de Fortaleza na década de 1940. “*Após incendiarem ‘A Pernambucana’, pertencente a um poderoso grupo de origem alemã, a turba enfurecida encaminhou-se para destruir a ‘Casa Veneza’, mais importante sapataria da cidade, da família di Francesco, italiana. Eram os dias negros da Segunda Guerra Mundial*” Lopes, Marciano. *Royal Briar. Fortaleza dos anos 40*. Fortaleza: ABC, 1996. Entre as páginas 60 e 61

<sup>48</sup> Revista *Singular*, *Op. Cit.* p.. 19

<sup>49</sup> Jornal *O Povo* 18/08/1942

<sup>50</sup> Jornal *O Povo* 18/08/1942

*que tentam estabelecer.<sup>51</sup>*” Em outra nota dirigida “aos Srs. Pais de família, diretores de colégio e o público em geral,” solicita que “recolham os estudantes às suas casas, pois tem resolvido, em colaboração com Força Federal, manter a ordem pública” Ao povo restaria a “opção” de “entregar-se imediatamente às suas atividades e aguardar, serenamente, a oportunidade de estar a postos para servir a nação. (...) Todos devemos estar unidos com um só pensamento – o de servir e honrar a pátria confiando na ação patriótica do preclaro Presidente Vargas.”<sup>52</sup>

Foi neste contexto que a população de Fortaleza recebeu a notícia da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em 22 de agosto<sup>53</sup>.

A imprensa no Ceará passava por um momento de extrema ambigüidade. Setores ligados à tradição liberal e comunista vinham sofrendo, desde o fim da década de 1930, perseguições dos órgãos de repressão do Estado Novo. Raquel de Queiroz, por exemplo, foi presa em 1937. Sobre a situação da imprensa, neste período, afirmou a escritora: “No Ceará mandavam os jornalistas simplesmente para a cadeia Pública.”<sup>54</sup> Jáder de Carvalho, poeta, professor, jornalista e advogado viu a disciplina de sociologia, por ele ministrada no Liceu do Ceará, ser suspensa, uma vez que foi considerada criminosa. Este não foi o único conflito que Jáder teve com as autoridades. Foi o primeiro cearense a ser condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional do Estado Novo: “ele estava preso por haver feito um discurso violento, na campanha do Alumínio (1943), num esforço de guerra, contra a ditadura Vargas.” O Jornal *O Povo*, que na época da prisão não fez nenhuma referência à detenção do Jornalista, noticia em 1945 sua liberdade em tom festivo, citando a causa da prisão: “O motivo da condenação do valoroso líder antifascista e brilhante intelectual cearense já é por demais conhecido em todo país: um discurso proferido pelo mesmo, na entrega da pirâmide Stalingrado, valeu-lhe o ruidoso processo, que culminou com pena de 7 anos e 4 meses de prisão, reduzida depois para 2 anos e 4 meses.”<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> Jornal *O Povo* 21/08/1942

<sup>52</sup> Jornal *O Povo* 19/08/1942

<sup>53</sup> Jornal *O Povo* 22/08/1942

<sup>54</sup> Jornal *O Povo* 24/08/2004

<sup>55</sup> Jornal *O Povo* 22/03/1945. Apud: Leal, Ângela Barros Leal. *Jader de Carvalho*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000. p. 47. Em Fortaleza foram construídos dois obeliscos representando a resistência antifascista um de aço, ferro e alumínio recolhido pela população, na praça Figueiras de Mello, entre a antiga Escola Normal e o Colégio Imaculada Conceição, em 1943, que recebeu o nome de Stalingrado e outro, em alvenaria, que ainda está de pé, foi construído em frente à Faculdade de Direito em 1944.

Portanto, a situação era bastante delicada: O *Nordeste*, pertencente à Arquidiocese de Fortaleza, não tinha restrições aos ideais de ‘ordem social’ propostos pelo Estado Novo; *Unitário* e o *Correio do Ceará*, ligados aos Diários Associados buscavam uma linha editorial de não criar conflitos com o Governo Vargas, e o Jornal *O Povo* que prezava pelos ‘princípios democráticos’, com a direção de Demócrito Rocha, não podia deixar explícito seus posicionamentos em relação à ditadura Vargas. A participação dos jornais no esforço de guerra<sup>56</sup> vai além da simples imposição dos órgãos de repressão (DIP e DEIP), representava também uma brecha, aberta com a adesão do Brasil à Guerra, de fazer críticas ao Nazismo e ao Fascismo (que tinha simpatizantes dentro do Governo Vargas), permitindo também, aos poucos, colocar nas suas pautas questões como a democratização do país.

A escritora cearense Raquel de Queiroz, ao retornar do Rio de Janeiro, após cinco anos longe de Fortaleza, não detecta muitas diferenças na configuração urbana. A novidade sentida pela escritora estava na sensação de isolamento e bloqueio da cidade. A ameaça de ataques marítimos interferiu no abastecimento da capital, nas exportações e no meio de transporte:

Chegando lá, agora, (entrando pela porta dos fundos, pois fui por terra) constatei satisfeita que a cidade me parecia a mesma. E, em seguida, me espantou justamente essa impressão: porque a mesma? Ao cabo de quase cinco anos, seguindo a marcha normal de progresso, o lógico seria já estar tudo muitíssimo diferente. E fora alguns incêndios, fora um ou outro prédio novo, a cara arquitetônica da cidade não mudou nada. Passando, porém, a primeira admiração, compreendi: é o bloqueio. Fortaleza, prezado leitor vives aqui na confortável displicência carioca e pouco cuidada em guerra, Fortaleza é hoje uma cidade bloqueada, quase tão bloqueada quanto qualquer cidade não direi da Europa continental, mas como qualquer cidade britânica.<sup>57</sup>

O “bloqueio” marítimo era visto como ponto comum entre Fortaleza e as cidades britânicas. Raquel de Queiroz refere-se especificamente à capital do Ceará pois estava registrando suas impressões após estar fora da cidade desde 1939. Porém, a comparação de bloqueio marítimo poderia ser feita com as principais cidades do litoral brasileiro, a tensão

---

<sup>56</sup> Demócrito Rocha, entre outros jornalistas e acadêmicos de direito, por exemplo, ministrou palestras na Escola Normal durante a semana Anti-Nazista (02 a 08 de agosto de 1942), uma iniciativa da Comissão de defesa Nacional, fundada pelo Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua da Faculdade de Direito.

<sup>57</sup> Jornal *O Povo*. 18/03/1944

foi maior nas cidades onde a presença do exército norte-americanos era mais efetiva, com a instalação de bases militares: Natal, Recife e Fortaleza.

Em Fortaleza foram instaladas duas bases militares que registraram, nos anos de guerra, a presença de cerca de 50 mil soldados<sup>58</sup>. As bases situavam-se nos bairros do Pici e Cocorote, financiadas pelo governo norte-americano, os militares permaneceram na cidade até o fim do conflito, alguns partindo apenas no ano de 1946.<sup>59</sup>

A historiadora Jane Silva argumenta que a presença de militares norte-americanos em Fortaleza representou um “*aspecto lúdico*”. Sua pesquisa é voltada para os padrões de comportamento de mulheres das classes privilegiadas de Fortaleza, quando “*momentos de descontração foram propiciados pelo próprio movimento de guerra em operação na cidade.*”<sup>60</sup>

O “*aspecto lúdico*” a que se refere está ligado à quebra de padrões nas normas de conduta feminina (das classes privilegiadas) em Fortaleza, durante os anos de guerra:

Durante os anos de permanência dos americanos em Fortaleza no período da guerra, a cidade experimentou uma agitação nova, festas, reuniões esportivas, jantares, homenagens e comemorações organizadas por eles eram compartilhadas com parte dos fortalezenses, acontecendo também desses eventos serem promovidos pela própria sociedade para os seus visitantes<sup>61</sup>

Discordamos da visão da autora, pois percebemos a presença de militares norte-americanos no Nordeste brasileiro como uma “ocupação velada”, mais um sinal da ingerência ianque no território brasileiro, já que não foram dadas muitas alternativas à população sobre o posicionamento em relação à guerra. Ou ficariam do lado dos aliados, ou seriam tratados como “inimigos”, sofrendo uma ameaça concreta de ocupação devido à posição estratégica do norte e nordeste brasileiro, caso o conflito se estendesse ao Atlântico Sul.

---

<sup>58</sup> Jornal *O Estado* 04/07/1946. APUD: Silva, Jane D. Semeão. *Op. Cit.* P. 91

<sup>59</sup> Silva, Jane D. Semeão. *Op. Cit.* pg. 90. A autora esclarece a localização das bases *O local onde funcionou a Base Americana do Pici corresponde hoje ao Campus Universitário do Pici, pertencente à Universidade Federal do Ceará. Já a Base do Cocorote, parte dela atualmente ocupada pelo Aeroclube de Fortaleza e a outra faz parte do antigo Aeroporto Pinto Martins.*

<sup>60</sup> Silva, *Op. Cit.* Pg. 88

<sup>61</sup> Silva, *Op. Cit.* Pg. 106

Fortaleza não comportava apenas bases militares. Por ser ponto de passagem de oficiais e soldados também foi criado um clube de recreação, o U.S.O. (United Service Organization):

Com sede na Praia de Iracema e que na época denominava-se vila morena, foi arrendado pelo Governo americano para servir de abrigo ao U.S.O. (United Service Organization), visando ‘especialmente a recreação dos soldados e marinheiros daquele país aquartelados em Fortaleza. Dos Estados Unidos. Veio Miss. Frances Eddy para organizar e dirigir as atividades do clube, sendo auxiliada por Mrs. Paecook, juntamente com algumas ‘senhoritas da comunidade local. Transformado em local de diversão para tropas americanas, a casa oferecia aos seus freqüentadores ‘festas noturnas e prolongados banhos de sol’, além de garantir-lhes espaço na praia para prática de esportes. No U.S.O. também eram realizados espetáculos e Shows com artistas e grupos de músicos nacionais e americanos.<sup>62</sup>

O local não era freqüentado somente por militares, funcionando como um ponto de encontros diplomáticos de integração com a comunidade local (administradores públicos, funcionários dos órgãos brasileiros e a elite local, inclusive mulheres de preferência). Funcionários do SEMTA, também participavam dos encontros no USO:

Então eu ia acompanhado de moças que trabalhavam lá no SEMTA, inclusive a filha do Doutor Paulo Assis Ribeiro que era quem dirigia o SEMTA, a Ana Maria e uma irmã do coronel Janaris Gentil Nunes [Iaci Gentil Nunes, Assistente Social] que também integrava o quadro aqui do SEMTA vinda do Rio de Janeiro, e outras moças daqui<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Silva, *Op. Cit.* Pgs. 98/99. O Local atualmente abriga o restaurante Estoril, sobre a “Vila Morena” a autora ainda esclarece: *Casarão construído pelo pernambucano José Magalhães Porto, na Praia de Iracema (antiga praia do peixe), para servir de moradia para sua família, foi a primeira casa de grande porte erguida na orla marítima de Fortaleza (antes ocupada exclusivamente por pequenas casas de pescadores). Com a chegada de militares americanos à cidade durante a Segunda Guerra Mundial, a casa foi arrendada pelo Governo dos Estados Unidos para servir de sede do U.S.O., local de diversão dos soldados, marinheiros e oficiais norte-americanos. Alguns anos após o término da guerra, em 1948, o prédio foi reformado e arrendado por dois portugueses que instalaram no local um restaurante especializado em comida portuguesa. Nascia então o “Estoril”, que por várias décadas serviu de ponto de reunião para a ‘boemia intelectual de Fortaleza’. Há alguns anos, o prédio veio abaixo dada sua má conservação, resultante do descaso das autoridades públicas pelos lugares históricos da cidade. Posto novamente de pé pela Prefeitura de Fortaleza, hoje a casa abriga um restaurante.*

<sup>63</sup> Entrevista com Geraldo da Silva Nobre realizada em novembro de 1999. APUD: Silva, *Op. Cit.* P. 99

Participando da ‘política da boa vizinhança’<sup>64</sup>, a imprensa local deu destaque à presença de militares ianques em Fortaleza, noticiando também as visitas de artistas norte-americanos. O contato das moças das classes privilegiadas com soldados era estabelecido em encontros em cinemas e sorveterias do centro da cidade, como afirma uma matéria de *O Povo*, referindo-se à agitação na região central de Fortaleza:

Quando passo à rua Guilherme Rocha, aos sábados á tarde e ás noites de domingo, tenho a impressão de que vou atravessando uma brilhante exposição de criaturas humanas, em que sobressaem pernas, caras e outra peças anatômicas femininas. As duas calçadas estão completamente cheias de moças e rapazes, todos parados, á maneiras de bonecos (...) O fato é que não compreende bem o sentido daquela feira Social, a que eu chamaria de ‘canelau chique’ (...) porque, na verdade, aquilo é ‘footing’, visto que todo mundo fica estacionado, sem andar, sem usar os pés. Mais ainda a tremenda aglomeração, e feita justamente num quarteirão comercial, que nada tem de avenida, que nem mesmo lembra um passeio<sup>65</sup>

Contudo, nem todos os setores da sociedade viram com bons olhos a influência estadunidense na cultura local. A chegada de novos valores morais foi combatida, veemente, pela Igreja Católica, que publicava em seu diário *O nordeste*, a lista de filmes censurados, medida que surtiu efeitos contrários ao esperado: “*Aliás, muitas freqüentadoras dos cinemas fortalezenses só assistem as fitas condenadas pelo ‘O nordeste’. E sentem um prazer enorme quando dizem isso.*”<sup>66</sup>

---

<sup>64</sup> Desde 1941 os Estados Unidos já vinha investindo em uma “política cultural” com objetivo de “estreitar” laços de amizade com as nações da América do Sul. Walt Disney realizou viagens ao Brasil, criando inclusive um personagem em homenagem ao País – o Zé Carioca. A cantora Brasileira Carmem Miranda é contratada pelos estúdios de cinema de Hollywood. O Diretor Orson Welles, uma espécie de embaixador cultural, veio ao Brasil em 1942, entre outras coisas, com o objetivo de filmar “*It’s All True*”, película que teria três episódios: um no México, outro em Fortaleza que mostraria o *Raid* de jangadeiros cearenses até o Rio de Janeiro e o último sobre o carnaval carioca. Desde os anos 1920 o padrão de consumo dos norte-americanos o “*american way of life*”, já seduzia as populações urbanas no Brasil, dominando os sonhos de consumo locais no período pós-guerra. Sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos, ver: Moura, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1993 e Tota, Antonio Pedro. *O imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Sobre o filme “*It’s All True*”, que o “gênio de Hollywood”, Orson Welles, não conseguiu concluir, ver: Santos, Márcia Juliana. *It’s All True e a construção de imagens do Brasil (1942-1993)*. São Paulo: Dissertação de mestrado em História Social. PUC/SP, 2004.

<sup>65</sup> Jornal *O Povo*. 27/07/1943. APUD: Silva, pg. 102

<sup>66</sup> Jornal *O Nordeste* 10/03/1941 . APUD: Silva, pg. 58

Além da igreja, quem não via com bons olhos os ‘laços de amizade’ entre as moças cearenses e os militares estrangeiros, eram os rapazes locais:

Só os rapazes da terra é que são um pouco contra os nossos aliados. Rosnam bastante, falam em ‘mentalidade colonial’, etc. E a razão desse agravo, compreensível, aliás é que as moças em sua maioria se dedicam total e patrioticamente á política da ‘boa vizinhança’<sup>67</sup>

Os rapazes locais ao sentirem-se desprezados pelas garotas que preferiam os “galaláus” da América do Norte, fazendo uma crítica a esta situação, organizaram no carnaval de 1946 o “bloco das coca-colas.”<sup>68</sup> Vestiram-se de mulher e saíram às ruas, em sátira às meninas que participavam dos bailes e festas no U.S.O. e tomavam o refrigerante que ainda não era comercializado em Fortaleza. Para Jane Silva, o apelido, além da referencia à bebida, era uma demonstração do preconceito e conservadorismo da comunidade local:

O apelido que receberam, ainda hoje utilizado para referir-se a elas, escondia algo mais do que uma simples alusão ao fato de elas terem podido degustar o famoso refrigerante norte-americano oferecido aos convidados das festas estadunidenses. Ele estava ligado à idéia de ‘consumo’, ‘porque diziam que os americanos usavam, bebiam e jogavam fora’. A alcunha ‘coca-cola’, portanto, é denunciadora do forte conservadorismo e moralismo que imperavam naqueles anos, responsáveis pela construção de uma imagem negativa dessas jovens.

Outro apelido, esse menos conhecido em nossos dias, mas que era mais explícito em seu tom pejorativo, dizia respeito à frequência de garotas às festas no clube dos americanos. Por participarem de suas reuniões festivas, elas passaram a ser chamadas de “meninas do

<sup>67</sup> Artigo de Raquel de Queiroz. *O Povo* 18/03/1944

<sup>68</sup> Jáder de Carvalho no romance *Aldeota* faz uma referência às *Coca-colas*: “Pro aqui, também brilham os norte-americanos. Meninos grandes, bem humorados, esses infantes, aviadores e marinheiros dos Estados Unidos. Como no Pará, as mocinhas cearenses também perderam a cabeça em contato com os meninões. Em Fortaleza, já se pronunciam muitas palavras e frases da língua inglesa. Aqui, as fãs dos ianques chamam-se Coca-colas. E, entre elas, segundo me informam os vizinhos, há moças até da alta sociedade. Elas não indagam da família, da profissão, da vida enfim dos louros lagatões: satisfazem-se com a pele branca e rosada, com língua diferente que já é sinal de superioridade. Chicó [personagem central do Romance, recém chegado da Amazônia] não tolera os gringos. Cheios de dólares, deixam-lhe a impressão de entrarem na guerra não para lutar, matar ou morrer, porém para comprar as armas dos alemães, italianos e japoneses. Com a pele corada, os cabelos louros, olhos azuis e os montões de dólares – dizem as minhas vizinhas – estão abrindo a centenas de moças as portas da prostituição. Verdade?” Carvalho, Jáder de. *Aldeota*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. p. 296 (1ª edição 1961)

U.S.O.”, numa relação malévola às palavras “uso/usadas”. Não podemos evitar ver nessa referência às garotas que iam no U.S.O. uma comparação às prostitutas.<sup>69</sup>

O conteúdo pejorativo e preconceituoso dos apelidos dados a essas moças não deixa de expressar uma recusa à presença de militares nos espaços públicos da cidade. Os jornais, durante os anos da guerra, não faziam referências diretas à essa recusa ou a conflitos criados por militares americanos. Podemos atribuir essa postura ao fato da imprensa ter uma visão positiva da ‘ocupação’, já que poderia representar uma proteção em relação a um mal maior, a ameaça nazista. Se não fosse o engajamento à política de boa vizinhança, os organismos de controle à imprensa poderiam censurar tais notícias. Contudo, no início de 1946, terminada a guerra e a ditadura Vargas, o jornal do Partido Comunista, *O Democrata*, relatou caso em que um soldado ianque escapa por pouco da revolta de populares;

Verificou-se à tarde de ontem, em nossa capital, uma revoltante cena (...). é que, em frente à Rotisserie, um dos pontos centrais de Fortaleza, porque localizado na Praça do Ferreira, um soldado semi-alcoolizado, investiu contra uma moça que por ali ai passando, beijando-a em plena face, sob os protestos da mesma, que ficou atônita ante a subida e desvairada decisão do soldado. Populares que ali se encontravam, como se fossem um só homem investiram, por sua vez, contra o ianque revoltados com o seu desrespeito aquela jovem cearense (...)

(...) o americano saiu correndo desabaladamente, perseguido por quase 20 transeuntes. Em frente ao Alto Volante, dois guardas conseguiram livrar o ianque das mãos dos populares revoltados, protegendo a sua vida em perigo e levando-o para longe dali.<sup>70</sup>

A guerra fazia-se sentir na população fortalezense de outras formas. Enquanto que setores de elite entravam em contato com militares nos bailes do U.S.O., ou nas seções de cinema do Cine Diogo, Moderno ou Majestic, a sociedade como um todo sofria com a falta de abastecimento de gêneros alimentícios e gasolina. A presença de militares norte-

---

<sup>69</sup> Silva, *Op. Cit.* P. 145

<sup>70</sup> Jornal *O Democrata*. 08/01/1946. *Apud*: Silva, pg. 96

americanos e os problemas de abastecimento<sup>71</sup> não foram os únicos fatores que interferiram no cotidiano da cidade.

A cidade preparava-se para a possibilidade de ataques aéreos, com os “exercícios de defesa passiva anti-aérea” e os “Black-outs”, medidas tomadas para preparar a população civil diante de um possível ataque, mas também que serviram como medidas de controle social. Antes do torpedeamento de vapores em águas nacionais e da declaração de guerra à Alemanha, já haviam sido tomadas as primeiras ações neste sentido: “*Exercícios de defesa anti-aérea em Fortaleza: iniciada uma grande campanha de educação do povo – já chegaram as instruções – as sirenes e os sinos denunciarão o início dos exercícios.*”

Os exercícios começaram, ainda em 1942, e continuaram no ano seguinte com o engajamento efetivo no esforço de guerra, tratava-se da simulação de ataques com bombas:

#### ABSOLUTO ÊXITO NO 2º EXERCÍCIO DE DEFESA PASSIVA ANTI-AÉREA

O ensaio teve início exatamente às 9:40 horas e quando uma esquadrilha de quatro aviões do Aero Clube do Ceará sobrevoou a cidade, concentrava o ‘ataque’ na zona fabril, que se estende da rua General Sampaio à praia do Pirambú (...) Os aviões do ACC, deram uma maravilhosa cooperação sobrevoando, a baixa altura, os objetivos e soltando sacos de goma que fingiam bombas<sup>72</sup>.

As instruções, em caso de ataque, também apareciam em versos que buscavam dar traços de oralidade às informações contidas nos jornais, objetivando a compreensão dos populares:

Se abriguem nas igrejas/ ou mesmo em pé de murado/ Nos oitões  
de qualquer casa/ Podem fazer parada/ Só sair daquele canto/ Si não  
ouvir mais zuada/ Mesmo estando em sua casa/ Procure o pé de

---

<sup>71</sup> O trigo era um dos gêneros de exportação que faltavam no mercado local. A imprensa também sofreu com a falta de abastecimento de papel e manutenção de máquinas. A quantidade de páginas do Jornal *O Povo*, por exemplo, variavam entre 4 e 16 durante os anos de 1942 e 1943. Houve também um aumento de preços do Jornal: em maio de 1942 custava 200 réis, em 3 de novembro do mesmo ano, uma edição de 4 páginas custava 400 réis. Já em 12 de novembro para a edição do jornal de Demócrito Rocha sair às ruas teve que recorrer aos “*confrades de ‘O Estado’ (...) impresso em tamanho menor.*” A causa dos problemas foram a irregularidade da navegação que deixaram o Jornal sem papel e sem bobinas. Conforme: Costa, José Raimundo. *Memória de um Jornal*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1988. p.59

<sup>72</sup> Jornal *Correio do Ceará* 23/01/1943

parede/ Não queira nem beber água/Ainda estando com sede/ Si ali chegar o sono/ Do chão faça sua rede<sup>73</sup>

A orientação da atitude a ser tomada, em caso de ataque, também aparece nas páginas de *O Povo*:

- Na falta dos abrigos públicos, temos que procurar o edifício mais próximo ou nos postarmos, pelo menos, nas reintrancias (sic) das fachadas, nos vãos das portas, caso estejam estas fechadas;

- E se estamos num bond, ônibus ou qualquer viatura, devemos abandona-lo *em ordem*, logo este pare, o que está obrigado a fazer sem tardanças para se colocar na mão, junto á calçada, afim de não prejudicar o transito, sobremodo necessário aos serviços de socorro. Na descida do veiculo nada de gritos desesperados e correrias infrutíferas, para não determinar o pânico. Em seguida, busquemos as casas da circunvizinhança e uma vez dentro delas tomemos as posições de defesa já indicadas.<sup>74</sup>

Além da preocupação concreta de prevenir a população civil para um eventual ataque, os exercícios serviam para fazer com que o “teatro da Guerra” fosse uma realidade no cotidiano da população. Contribuindo assim, como mais uma estratégia do poder público para convencer trabalhadores e trabalhadoras no esforço de guerra: alistamento militar; campanhas do recolhimento de aço, alumínio, ferro e borracha usada; racionamento de trigo e gasolina e na *Batalha da Borracha*.

Contudo, o momento dos exercícios de defesa-passiva poderia servir com outro propósito: ampliar medidas de controle social sob a mendicância presente nas ruas de Fortaleza. Afinal, na ausência de ‘abrigos públicos’, onde deveriam refugiar-se aqueles que não tinham casa. Em Fortaleza, durante o ano 1943, estava em curso a “*campanha contra a mendicância*”<sup>75</sup>

<sup>73</sup> Jornal Unitário 04/08/1942. *Apud*: Silva, *Op. Cit.* p. 31

<sup>74</sup> Jornal *O Povo* 17/09/1942. *Apud*: Silva, *Op. Cit.* p. 32

<sup>75</sup> A Campanha contra a mendicância foi iniciada em 1940, através do Decreto-lei nº 12 de 17 de janeiro, que concedia subvenções “as entidades que participassem da administração da pobreza (...) A Legião Brasileira de Assistência (LBA) colabora com a Prefeitura Municipal no sentido da disciplina urbana e estética da cidade, promovendo uma campanha contra a mendicância. A visibilidade da pobreza entra em contradição com a imagem do “progresso” que está sendo construída pelas autoridades municipais, daí a erradicação dos mendigos dos logradouros públicos e a recomendação de internamentos em associações recreativas”.Souza, Simone. “O Município e a Centralização política (1930-1945). *Op. Cit.* p.63. Se a mendicância havia sido erradicada em 1940, a presença de mendigos em 1943 pode ser em virtude da seca do ano anterior. Tratando-se de crianças, onde estariam seus pais? Teriam morrido? Embora, a mortalidade na

OITENTA E DUAS CRIANÇAS MENDIGAS RECOLHIDAS  
A ESTABELECIMENTOS:

Prossegue a campanha contra a mendicância.

Realiza-se presentemente nesta capital, uma vigorosa campanha contra a mendicância (Infantil). A propósito desse movimento, procuramos hoje, pela manhã, o Dr. Raimundo Girão, secretário Geral da LBA. (...) seguiram para o Instituto Carneiro de Mendonça, 42 crianças indigentes, permanecerão ali, sob auxílio do núcleo cearense da LBA (...) seguirão para Pacoti 20 moçinhas indigentes, internadas no patronato da Imaculada Conceição. No asilo Juvenal de Carvalho, localizado nesta Capital, no bairro do alagadiço, já se encontram internadas 20 crianças, devendo esse número ser elevado para 50.<sup>76</sup>

Os “bombardeios” não foram o único fator que interferiu no cotidiano da cidade durante a guerra. Em dezembro de 1942<sup>77</sup> iniciaram os “Black-Outs”, com a suspensão da iluminação pública nas ruas. Os populares deveriam ficar dentro de suas casas, desligar as luzes, cobrir as portas e janelas para que a claridade não fosse perceptível:

Bombardeios “inimigos” sobre Fortaleza hoje à noite. Importante exercício de defesa passiva, com ‘Black-out’ total.

A partir das 19: 30h.

DEVEM FICAR EM CASA: A diretoria regional de defesa passiva anti-aérea adverte aos habitantes de Fortaleza que não devem sair de suas residências durante a realização do ensaio [24 horas]. Os infratores serão punidos de conformidade com determinações do Rio.<sup>78</sup>

Assim, a guerra, inicialmente um evento distante, possível de ser percebido somente através da rádio<sup>79</sup> ou das páginas dos jornais, tomava conta de várias esferas do cotidiano da sociedade, mesmo os que não a queriam, estavam de alguma forma a ela envolvidos.

---

seca de 1942 não tenha sido elevada em comparação com secas anteriores. Haveria entre os pequenos algum filho ou filha de *Soldados da Borracha*?

<sup>76</sup> Jornal *O Povo*. 14/05/1943

<sup>77</sup> O Jornal *O Povo* de 16/12/1942 noticia “*Black-out: A partir de hoje, em Fortaleza e em todas cidades litorâneas*” A escuridão deveria começar às 19:00 horas.

<sup>78</sup> Jornal *O Povo* 18/08/1943

<sup>79</sup> Além do *Programa da Borracha* transmitido diariamente pela Ceará Rádio Clube às 18 horas, havia também os programas de rádio-teatro com atualidades sobre a Guerra. “*O Brasil na Guerra – Uma nova, original e palpitante série de programas de rádio-teatro, focalizando o esforço de guerra no Brasil! Saiba como estamos contribuindo para a Vitória das nações unidas! Ouça ‘O Brasil na Guerra’ sintonizando para CEARÁ RÁDIO CLUBE às 20 horas*” Jornal *O Povo* 26/06/1943

### 1.3 – Em busca das Bandeiras Verdes

Depois de trazermos os problemas materiais que envolvem o binômio seca-migração (necessidade de controle social e disponibilidade de mão-de-obra), e as demandas que envolveram Fortaleza no contexto da guerra, entramos em terreno bem mais denso de significados e possibilidades. A religiosidade popular no campo: o papel da oralidade nas narrativas em torno da floresta e uma profecia atribuída a Padre Cícero, referência central para o homem do campo. A busca da terra prometida, que poderia ser encontrada nas matas do Vale do Cariri ou na travessia do *Grande Rio*, onde seria alcançada a *Terra sem males*. Trata-se da profecia das *Bandeiras Verdes*.

#### A terra da promessa no Vale do Cariri – Juazeiro do Norte e o Caldeirão

##### VALE DO CARIRI, OÁSIS NÚMERO UM DO CEARÁ

Oito ou oitenta, diz um velho adágio cearense, dando a entender que esta terra pouco comum não conhece a meia-medida. E o adágio tem razão, pois se o Ceará conhece o período das secas atroz, periódicas, possui também seu belo jardim do éden, seu Eldorado, seu grande oásis sempre verde. Esse oásis maravilhoso é o Cariri e a serra do Araripe, grande cadeia de montanhas cujas águas abundantes – fontes, córregos e rios – respondem pela impressionante e permanente fecundidade de todo o terreno circundante.<sup>80</sup>

O cotidiano do homem do sertão foi marcado por embates e enfrentamentos constantes com as adversidades da natureza associados à exploração dos grandes latifundiários. Com o mundo natural, o sertanejo, através de sua experiência no contato com a terra, aprendeu e desenvolveu técnicas de observação do tempo, que indicam a intensidade da estação de chuvas, o que permita em alguns casos uma convivência com o semi-árido. Contudo, em relação ao latifúndio, sempre foi mais difícil criar mecanismos que possibilitassem mudanças na estrutura social. Os proprietários de terras possuíam milícias armadas, os chamados jagunços, que garantiam a propriedade das terras, quando necessário, em momentos de calamidade, por exemplo, as polícias estaduais estavam a sua disposição para garantir a manutenção da ordem.

<sup>80</sup> Chabloz, Jean Pierre. *Revelações do Ceará*. Fortaleza:Secretaria de Cultura e Desporto, 1993. p.85

O contexto de desigualdade e exploração ficava completo com o apoio da Igreja Católica, que cumpria um papel central na manutenção da ordem, no “controle” ideológico sob a população do sertão. Porém, em certos momentos, esse “controle” fugia às rédeas da igreja, devido a descompassos de interesse com o poder secular ou dissidências dentro de suas próprias hostes. Foi o caso da religiosidade popular surgida em centros de peregrinações, em Juazeiro do Norte e Canindé. Profecia, misticismo e “fanatismo” foram elementos que cruzaram representações sobre as peregrinações de homens e mulheres do campo.

A busca da “Terra da Promissão”, “Terra Prometida”, encontra eco nas escrituras sagradas e nos sermões religiosos. Assim, migração e peregrinação são vivenciadas como experiências legitimadas pelas injustiças do mundo secular e as profecias da religiosidade popular:

Para escapar dos mais variados problemas – como pobreza, falta de chuvas, querelas entre familiares ou algum tipo de perseguição, - os sertanejos têm no movimento migratório uma possibilidade razoável, e muitas vezes inevitável. Canudos, em fins do séc. XIX e Juazeiro, até hoje, ocupam lugar de destaque nesses deslocamentos. São centros de atração para migrantes em busca de uma melhor condição de vida.<sup>81</sup>

Juazeiro do Norte, no Ceará, é caso emblemático do centro de peregrinação religiosa e migração. Juazeiro situa-se no vale do Cariri, região cercada pela chapada do Araripe, com solo fértil para a produção de diversos produtos para a subsistência de alimentos, como feijão, mandioca e o milho, onde podemos encontrar também a produção de cana-de-açúcar. A região passou a chamar a atenção dos sertanejos e das autoridades religiosas e seculares a partir do chamado “milagre de Juazeiro”, ainda no final do século XIX:

Em março de 1889, acontecia, pela primeira vez em público, o “Milagre de Juazeiro”. A hóstia transmutava-se em sangue quando a beata Maria Madalena do Espírito Santos de Araújo (1863-1914) recebia a comunhão da missa celebrada pelo Padre Cícero. A partir de então, os sertanejos começaram a alimentar crenças sobre o poder

---

<sup>81</sup> Ramos, Régis Lopes. “Juazeiro e Caldeirão: espaços de sagrado e profano”. IN: Souza, Simone (Org). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.p. 355

miraculoso do Padre Cícero, citando rituais e narrativas em torno das forças do sagrado que aliviam os sofrimentos do viver. Desse modo apareceram as primeiras romarias para o pequeno povoado de Juazeiro.<sup>82</sup>

A fama de realizar milagres, atribuída a Padre Cícero pelos sertanejos, e a crescente onda de peregrinação, não foram recebidos com bons olhos pela hierarquia da Igreja Católica. Após a repercussão do milagre, visto pela igreja como “fanatismo dos sertanejos”, Padre Cícero foi proibido de celebrar missas em Juazeiro e nos arredores; ameaçado de excomunhão chegou a viajar a Roma, em 1898, na tentativa de receber a permissão de voltar a suas atividades religiosas em Juazeiro.

Longe das disputas hierárquicas da igreja, as romarias não pararam de aumentar. A igreja exigia silêncio em torno dos “acontecimentos de Juazeiro”, referindo-se à hóstia que tornou-se sangue, medida formalmente atendida pelo Padre, embora não tivesse deixado de incentivar as romarias. A urna com “as provas” do milagre – panos manchados com sangue da beata, foram escondidas pelo padre e a todos que perguntavam sobre tal questão, ele respondia que nada sabia. Após a morte do padre, “*os panos*” foram entregues ao clero e destruídos. Assim a Igreja deixava clara sua política de “*jogar o milagre nas malhas do esquecimento.*”<sup>83</sup>

Contudo, Juazeiro do Norte, pequeno povoado que fazia parte do município do Crato, cresceu com o desenvolvimento do comércio. Padre Cícero passou a ser o “representante” dos interesses comerciais da localidade até sua emancipação:

À medida que Juazeiro tornava-se um centro de romarias e de desenvolvimento econômico, Padre Cícero assumia a condição de poderoso dono de terras, conquistando grande prestígio nos jogos da política. Foi o primeiro prefeito de Juazeiro (1911), influenciou o resultado das eleições e promoveu o crescimento da cidade, com seu carisma religioso e suas ligações políticas.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> Ramos, *Op. Cit.* Pg. 345

<sup>83</sup> Ramos, *Op. Cit.* Pg. 354

<sup>84</sup> Ramos, *Op. Cit.* Pg. 345

Do ponto de vista político, a emancipação de Juazeiro não foi a única marca deixada pela atuação do Padre que, popularmente, era considerado Santo. Outro evento bastante marcante foi a oposição ao governo de Franco Rabelo.<sup>85</sup>

A idéia da existência de um paraíso terreno, a terra prometida, que seria conquistada pelos puros de coração e tementes a Deus, foi constantemente pregada pelo Padre em seus sermões. Poderia ser essa a visão que os migrantes, que se dirigiam ao Vale do Cariri, tiveram.

Traços da imagem do paraíso poderiam ser encontrados no Sítio Baixo Danta, uma pequena comunidade formada nos arredores de Juazeiro, pelo Beato José Lourenço, um dos seguidores do Padre Cícero: *“Lá todos trabalhavam na agricultura e a produção era dividida de acordo com a carência de cada um.(...) organizava-se uma sociedade religiosa na qual o trabalhador não era espoliado pelo dono das terras”*<sup>86</sup>

A comunidade passou a desagradar os aliados políticos de Padre Cícero, essencialmente o deputado Floro Bartolomeu. O deputado considerava que as denúncias de fanatismo poderiam ser prejudiciais à imagem de Padre Cícero. Essas denúncias de fanatismo referiam-se à crença da existência de um boi milagroso: *“Falava-se que o boi do beato José Lourenço operava todos os milagres, curando qualquer tipo de doença”*<sup>87</sup> O boi<sup>88</sup> acabou sendo executado em frente à cadeia pública onde o beato estava preso. Após sair da cadeia(1926), o beato José Lourenço foi obrigado a procurar outro terreno para articular sua comunidade. O que conseguiu com uma ajuda de Pe. Cícero: *“José Lourenço consegue, com o Padre Cícero, outro espaço para o reinício do trabalho comunitário: o*

---

<sup>85</sup> Franco Rabelo assumiu a presidência do Governo do Estado do Ceará em 1912, após varias manifestações populares, inclusive armadas e com construção de barricadas nas ruas de Fortaleza contra a chamada oligarquia Accioly . O Governo Nogueira Accioly, deposto, era representante das oligarquias locais e passou 16 anos no poder. Padre Cícero e seus aliados políticos tinham ligação com a oligarquia Accioly. Após enfrentamentos com o governo de Franco Rabelo, com o apoio de Pe. Cícero, Floro Bartolomeu, seu aliado político, comandou uma “peregrinação” de sertanejos armados que se dirigiu à Fortaleza com o objetivo de derrubar Franco Rabelo, o que veio acontecer com a intervenção do governo Federal, em 1914, no evento que ficou conhecido por *Sedição de Juazeiro*. VER: Teófilo, Rodolfo. *Libertação do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. ((Fac-simile da edição de 1914); Teófilo, Rodolfo *A Sedição de Juazeiro*. Fortaleza: terra e Sol, 1969. e Silva, Antonio Zilmar da. *A oralidade deitada sobre o Papel: Homens, letras e vozes em trincheiras (movimento armado em Fortaleza – 1911/12)* . São Paulo: PUC, 2004 (Dissertação de mestrado em História Social)

<sup>86</sup> Ramos, *Op. Cit.*, Pg. 372

<sup>87</sup> Ramos, *Op. Cit.*, Pg. 372

<sup>88</sup> O Boi foi um presente de Padre Cícero para José Lourenço, este era um dos motivos da suposta santidade do animal.

“Caldeirão dos jesuítas”. Uma área cheia de elevações, porém irrigada e fértil, circunscritas no sopé da Chapada do Araripe”<sup>89</sup>

Novas plantações começaram a ser cultivadas: “milho, arroz, feijão, laranjeiras, ateiras, bananeiras, coqueiros, umbuzeiros, romeiras, jambolões, mamoeiros e eucaliptos.” Os habitantes do Caldeirão seguiram uma conduta igualitária, partindo dos princípios de *fraternidade, oração e trabalho*. Para o historiador Regis Lopes, o Caldeirão era uma irmandade, em que “nas vivências cotidianas, não havia exploração da mão-de-obra”. Os princípios de fraternidade serviram para socorrer sertanejos na seca de 1932:

Além de atender o sustento diário, o grande armazém de mantimentos serviu para salvar famintos da seca de 1932, quando o beato acolheu e alimentou quase quinhentos sertanejos tangidos pela falta d’água. Em contraposição ao individualismo capitalista, a religiosidade do Caldeirão procurava seguir fraternidade dos evangelhos: “amai-vos uns aos outros..”

Em 1932 muitos não voltaram para a terra de origem. Comoveram-se com as pregações do beato e começaram a compor a população da comunidade.<sup>90</sup>

Contudo, se o paraíso terreno existia, não seria na comunidade do Caldeirão que se realizaria. Com a morte de Padre Cícero em 1934, o terreno cedido ao beato José Lourenço foi exigido de volta, uma vez que era de propriedade da Ordem dos Salesianos. A ordem religiosa decidiu reprimir o “fanatismo” dos seguidores do beato. Além da hierarquia religiosa, a comunidade oferecia outras ameaças para as elites e proprietários de terra da região. Caso os laços de solidariedade e o modo de vida dos habitantes da comunidade se espalhassem nos campos do vale do Cariri, pois, eram uma ameaça direta às relações de expropriação e acúmulo de riquezas dominantes no sertão. Assim:

Com o apoio da igreja e alguns latifundiários, o Estado decidira que a melhor forma de evitar complicações futuras na terra do Padre Cícero era dissolver o grupo de sertanejos que vivia no Caldeirão [cerca de mil habitantes] (...) a operação bélica de destruição iniciou-se na madrugada do dia 15 de setembro de 1936. para evitar novo ajuntamento, os militares incendiaram todas as casas<sup>91</sup>

<sup>89</sup> Ramos, *Op. Cit.* Pg 373

<sup>90</sup> *Op. Cit.* Pg. 374

<sup>91</sup> *Op. Cit.* Pg.375

Alguns habitantes da comunidade passaram a viver nas matas da Serra do Araripe, enfrentando outros confrontos com forças militares até a completa desarticulação em 1939. Para as autoridades, destruir Caldeirão virou questão de honra, principalmente para não deixar que ocorresse seu ressurgimento, o que aproximaria a experiência vivida no Cariri de uma outra, a indesejada Canudos. Para aqueles que acreditavam estar no paraíso terrestre, presenciaram seus sonhos e expectativas serem destruídos.

### **A floresta e a Salvação**

Esta pesquisa, não tratando da religiosidade popular, não se ocupa, neste momento, de traçar um perfil político ou religioso da personalidade de Padre Cícero. As representações construídas em torno do Padre, do ponto de vista religioso, variam entre o Santo proclamado pelo povo e o homem que só não foi formalmente excomungado porque não chegou a receber o comunicado. Como político, apoiador da oligarquia Accioly, seria mais fácil vê-lo como conservador e coronel, independente das possíveis associações ao “Padim Ciço Romão Batista”, como é chamado por seus devotos. O que nos importa para as possibilidades levantadas é a apropriação feita pelos seguidores de seus sermões, profecias e ensinamentos. Foi no espaço das romarias, das peregrinações, onde circulavam as idéias pregadas ou atribuídas ao Padre Cícero - espaços dominados pela fala e a oralidade - que tais profecias e sermões poderiam ser (re)criados e (re)contados. Para o pesquisador Gilmar de Carvalho, o Pe. Cícero foi um homem “oral”:

O povo se apropriou de sua figura e de sua herança. Curioso como ele foi um homem "oral". Apesar de sua biblioteca atualizada, da formação humanista, da leitura em latim dos clássicos da teologia de sua época, era na fala que ele alcançava seus romeiros.

Não deixou uma obra. Deixou um grande texto, difuso, emaranhado e polissêmico, que o povo reconstituiu a seu modo, com lacunas, redundâncias, superposições e clichês. Falas que sempre começavam com "meus amiguinhos" e tinham seu núcleo moralizador no "quem matou não mate mais /quem pecou não peque mais". Falas

---

compreensivas e generosas, diante da truculência do "serviço sujo" que fazia Floro Bartolomeu.<sup>92</sup>

As lacunas a respeito do Padre-político podem ter sido produzidas por seus adversários clérigos e/ou leigos, ou mesmo por ele próprio, na tentativa de não criar novas complicações com a Igreja Católica. Uma dessas lacunas diz respeito às *Bandeiras Verdes*<sup>93</sup>, a peregrinação que seus seguidores deveriam fazer rumo à floresta, nas proximidades do fim dos tempos, quando a fome, a peste e a guerra dominariam o mundo secular. Dona Maria Adbias, mãe do poeta popular de Juazeiro, Abraão Batista, relatava a seu filho os sermões de Padre Cícero:

Minha mãe me contava várias vezes que o Pe. Cícero falava, na sua época, para os romeiros, seus amiguinhos que no final das eras, como fala a bíblia e os profetas, só quem escaparia seria aqueles que seguissem a Bandeira Verde. E mamãe explicava que justamente aqueles que deixassem as cidades pois elas estariam contaminadas, com a peste, com a fome e a guerra. Será nação contra nação (...) Estão claras as palavras de Pe. Cícero quem quiser escapar siga as Bandeiras Verdes: as matas, as florestas.<sup>94</sup>

No período de estudo, os anos de 1942 a 1945, percebemos vários sinais que poderiam ser interpretados pelos romeiros, como significativos do *fim das eras*. A seca que grassou o Ceará no ano de 1942 trouxe de volta cenas de fome e miséria vividas em calamidades anteriores. Da mesma forma, o conflito mundial que estava em curso era também um sinal do confronto de *nação contra nação*, o conflito aparentemente distante chegava ao conhecimento dos populares, através da grande imprensa ou da literatura de cordel. Contudo a guerra, a destruição e a morte eram elementos que estavam próximos da região. Além da destruição da comunidade do Caldeirão, nos anos 1936-1939, o fim da

---

<sup>92</sup> Jornal *O Povo* 20/07/2004

<sup>93</sup> *Bandeiras foram as expedições que se dirigiam à Amazônia, vista como uma espécie de Eldorado, no final do século XIX. Bandeira era o mutirão para trabalho em roças, construção de estradas açudes e cacimbas, incentivado por Ibiapina e por Cícero como forma de unir esforços e enfrentar os males da seca. Bandeira é também procissão religiosa em homenagem a um Santo. As Bandeiras Verdes poderiam ser uma combinação de todas essas bandeiras: uma expedição à Amazônia em busca da felicidade, onde a coesão do grupo se faz pela tradição e pelo vetor religioso que os impulsionava sempre adiante: a fé no padrinho.* Hoffler, Angélica. *A floresta e a Salvação. Encantamento, Aventura e profecia na "literatura oral" nordestina..* São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. PUC/SP, 1999 (Dissertação de Mestrado). Pg. 171

<sup>94</sup> Depoimento cedido a Angélica Höffler em Juazeiro do Norte em 14/04/1998. Hoffler, Angélica. *Op. Cit.* Pg 170. As reflexões desta seção só foram possíveis graças a leitura deste trabalho.

década de 1930 foi marcado pela perseguição aos “bandidos do sertão”, sendo que o assassinato do Bando de Lampião aconteceu no decorrer desses acontecimentos, em 1938. Sem falar na morte do próprio Padre Cícero, em 1934, deixando seus “amiguinhos” sem amparo.

Se os sinais do Juízo estavam em evidência, a busca da “Terra Prometida” tornava-se cada vez mais eminente. Guerra, fome e sinais da “modernidade” em construção também representavam a chegada do fim dos tempos:

Vários são os sinais que anunciam o *tempo de purificação do planeta*. A intensificação dos pecados humanos: mulheres que usam saias curtas, pintam unhas e depilam sobrancelhas, homens que bebem e fumam, (...) ou seja o distanciamento cada vez maior do homem de Deus será o responsável pelos grandes males que estão por vir. A fome a peste e a Guerra tomarão conta do planeta no momento que antecederá o retorno de Cristo/Cícero. E dentre estes males, aquele que o nordestino sente mais de perto e que é responsável por tantos outros é a seca. Impotente diante da natureza que lhe nega a sobrevivência ele espera pelo pior: o fim do século. Urge partir

Este roteiro, que se repete cada vez que o inverno não chega, faz das Bandeiras Verdes um dos destinos a ser buscado. E, neste caso, será a tradição o caminho a ser tomado durante o exílio: a floresta amazônica.<sup>95</sup>

Angélica Höffler, em seu estudo sobre as representações da floresta, presentes na literatura de cordel, apresenta os elementos que encontrou nos folhetos: a busca de reinos encantados, a peregrinação, o sofrimento e a abstenção dos bens materiais como caminhos para alcançar a terra prometida: “*nos folhetos o Paraíso Terrestre, a Terra prometida e o país dos Bem-Aventurados são sintetizados nas descrições dos reinos encantados. Para alcança-los, nossos aventureiros/peregrinos empreendem uma cruzada solitária.*”<sup>96</sup>

No universo da oralidade, profecia e misticismo andam de mãos juntas. Antes mesmo de Pe. Cícero, outros profetas interpretaram as escrituras da Bíblia e as traduziam em seus ensinamentos e sermões. Foi o caso do Frei Vital de Frascarolo que, em fins do século XVIII e início do XIX, fez várias peregrinações pelo nordeste, inclusive pelo Cariri

---

<sup>95</sup> Höffler, *Op. Cit.* p. 168

<sup>96</sup> Höffler, *Op. Cit.* p. 65

“após sua morte, foram-lhe atribuídas diversas profecias que permanecem impressas e na memória das pessoas por mais de cem anos”<sup>97</sup>

Essa “literatura oral” mescla elementos do mundo sagrado e do profano. A Terra da Promissão não estava presente somente nos sermões dos religiosos, a busca pela terra sem males remonta a tempos imemoriais, antes mesmo da chegada do colonizador branco:

Antes dos colonizadores chegarem ao novo continente, a floresta guardava, em sua veredas, as lembranças das migrações de tribos tupis-guaranis à procura da terra sem Mal. Deixando o litoral e partindo em direção ao noroeste, fazendo da floresta amazônica sua travessia, os indígenas acreditavam ascender à terra sem Mal, local em que chegariam purificados pela caminhada e no qual desfrutariam as benesses reservadas àqueles que alcançaram a purificação. (...) a memória e a ‘peregrinação’, trabalhada pela História e pelo tempo, parece unir a Terra sem Mal e as Bandeiras Verdes num grande texto. (...) Assim, como indígenas desejavam ascender à terra sem Mal, um grupo de sertanejos visa escapar dos males que assolam o mundo refugiando-se na Bandeiras Verdes.<sup>98</sup>

O fato de Juazeiro do Norte ter sido um dos centros irradiadores desta literatura oral de folhetos, tem a influência de Padre Cícero. Como no caso do poeta João Quintino Sobrinho, que depois de ter sido curado de uma doença, passou a chamar-se João de Cristo Rei. Quando chegou ao Cariri, em 1927:

...Eu vem a Juazeiro, onde encontrei uma novidade, lá onde eu estava arranchado me contaram uma novidade de caso que estava se dando de uma moça contando história de outro mundo... Eu achei interessante, eu digo, eu entendi de fazer um versinho, então tirei de minha mentalidade umas rimas. Um tanto errado coisa e tal, mas que saiu de gosto. Cheguei aqui, fui ler pro Padrinho Ciço, ele achou muito bonito e disse:

- *você de ora em diante vai ser poeta. Vai ser poeta.*

-Meu Padrinho, eu não tenho nada o que escrever, porque sou ignorante e não tenho assunto nenhum. O Sr, me dê aí um assunto...

- *Faça o que quiser e fizer, que tudo quando quiser e fizer eu dou por bem-feito*<sup>99</sup>.

<sup>97</sup> Höffler *Op. Cit.* Pg. 149

<sup>98</sup> Höffler *Op. Cit.* Pgs 172-173

<sup>99</sup> Ramos, Régis Lopes. *João de Cristo Rei: o Profeta de Juazeiro*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e desporto do Ceará, 1994. Pg. 16/17 APUD: Höffler, *Op. Cit.* Pg. 153 José Bernardo da silva, *chegou a Juazeiro em*

João de Cristo Rei é considerado o autor do folheto *A inocente perdida nas matas do Amazonas*, que narra a história de uma menina que se perde na floresta. A menina teria sido salva após uma promessa feita pela mãe de que, caso a menina voltasse, a família composta de pais e quatro filhos faria uma romaria até Canindé para agradecer a São Francisco pela graça alcançada. Com o aparecimento da menina a mãe retirou um trança de seus cabelos e depositou na Casa de milagres, em Canindé: “*Essa história também é considerada verdadeira. Hoje, quem visita o santuário de São Francisco das Chagas em Canindé, pode observar, na casa de milagres, o ex-voto da menina que se perdeu na Amazônia*”<sup>100</sup>

São bastante recorrentes, nos cordéis, referências a graças alcançadas por devotos de Padre Cícero ou de São Francisco de Canindé<sup>101</sup>, que quando têm seus pedidos alcançados dirigem-se a Juazeiro do Norte ou Canindé, para pagar suas promessas.

Desta forma, para aqueles que têm fé, a literatura de folhetos apresenta uma floresta que não está isenta de perigos, mas esses são contornáveis através da oração e da crença em Deus e seus “intermediadores”: Nossa Senhora, São Francisco de Canindé e o “Santo” Padre Cícero Romão Batista.

Alguns elementos confundem-se nessa profecia das *Bandeiras Verdes*. Será que Padre Cícero passou a incentivar a busca de terras na Floresta Amazônica pelo fato da grande concentração de romeiros e migrantes em Juazeiro do Norte ameaçar suas propriedades e de seus aliados políticos, como Floro Bartolomeu? Há algum registro concreto dessa profecia?

---

1926 em romaria e ali se estabeleceu, vendendo raízes e outros produtos da medicina popular. Começou a vender folhetos na frente da casa do amigo Padre Cícero, sempre após seus sermões (...). A tipografia por ele criada chegou nos tempos áureos da década de 50 a editar 24 mil folhetos de 16 páginas por dia. Höffler, *Op. Cit.* Pgs. 152-153

<sup>100</sup> *Op. Cit.* P. 128

<sup>101</sup> Seguindo Angélica Höffler, a devoção à São Francisco em Canindé começou no final do século XVII, entre 1775 e 1796, na construção de uma capela dedicada ao santo, quando aconteceram dois eventos que impulsionaram o início das romarias ao local: “o primeiro ocorreu com um pedreiro, Antônio Maciel, trabalhador da obra que despencou de um andaime, valeu-se de São Francisco e na queda ficou preso pela camisa numa tábuca. O segundo teve lugar com o construtor da capela, Francisco Xavier de Medeiros, que viu uma tesoura do madeiramento do teto despencar em sua perna, valeu-se do santo e saiu ileso. Conta-se ainda que o mesmo Francisco Xavier iniciou as obras antes de contactar os proprietários do terreno. Estes tentaram embargar a obra mas adoeceram e morreram. Com exceção do último dos três irmãos que, vendo-se doente, prometeu ao santo o terreno se a saúde lhe fosse devolvida. E assim aconteceu” *Op. Cit.* p. 143 Atualmente Canindé é ao lado de Juazeiro do Norte um dos locais de maior peregrinação de romeiros no nordeste.

Regina Sader, que estudou migrações de sertanejos para a região do Bico do Papagaio, situada no norte de Tocantins e sul do Pará, no início da década de 1950, registrou depoimentos de sertanejos que afirmavam estar seguindo uma profecia de Padre Cícero, em que teria dito “*quando a situação piorasse, os fiéis deveriam partir, atravessar o grande rio e buscar as Bandeiras Verdes.*”<sup>102</sup>

No silêncio sobre as *Bandeiras Verdes* as latências dos regimes de oralidade, caracterizados por sentidos abertos, permitem múltiplas leituras. Na literatura de folhetos, os que tem acesso ao *reino encantado* passam por experiências, como não poder agregar benesses para o mundo do pecado (o mundo real dos homens) ou não contar a desconhecidos os caminhos para encontrar o *reino*, pois somente aqueles que passam pelas provações e pelo sofrimento da peregrinação e forem purificados no percurso, seriam merecedores de chegar ao *reino encantado*. Assim, somente os verdadeiros seguidores de Padre Cícero poderiam compartilhar da profecia das *Bandeiras Verdes*, pois, só os que vivem as experiências podem delas falar. A cognição é constituída pela experiência e não pelo explicado, definido, classificado pelo discurso científico :

*Deste modo, a inserção da floresta na construção desta profecia é feita por meio dos silêncios que a envolve. Silêncio que pode ser percebido como espécie de pacto entre aqueles que seguem a demanda. Regina Sader e D. Pedro Casadália afirmam que os fiéis ao Padrinho nunca tocam no assunto das Bandeiras Verdes com desconhecidos. Somente quando perguntados a respeito é que falam delas com algum pudor. A tal profecia parece ser um segredo partilhado somente entre aqueles que crêem, um presente dado pelo padrinho aos seus fiéis.*<sup>103</sup>

O mistério em torno das *Bandeiras verdes* permanece, como a própria profecia fazendo sentido para aqueles que nela acreditam. O universo da oralidade é misterioso, encantado, não sendo explicado racionalmente pelas “luzes” do iluminismo. Podemos perceber a alteridade do oral, partindo de sua estruturação cultural, para não reproduzirmos

---

<sup>102</sup> Depoimento citado por Sader, Regina. *Espaço e luta no Bico do Papagaio*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da FFLCH/USP, 1986. p.105/106. APUD: Höffler, *Op. Cit.* Pg165

<sup>103</sup> Höffler, *Op. Cit.* p. 165

visões etnocêntricas, em que “*prevalece a idéia de que o domínio da escrita implica evolução.*”<sup>104</sup> Os sinais que dela podemos captar

mostram a força da floresta no imaginário nordestino, misto de atração e terror, que é capaz de fazer sertanejos deixarem suas casas e suas terras e se lançarem à procura do que ouviram falar. Palavra que é força e imagem para estes que, desta forma, tomam as rédeas da história em suas mãos.<sup>105</sup>

Real ou imaginária, a floresta contada na literatura de folhetos ou nos sermões de Padre Cícero foi o vislumbrado pelos dispostos a passar pelas provações do *Inferno Verde* para chegar ao *Eldorado*.

Os agentes da migração souberam selecionar elementos destes imaginários, tais como peregrinação, penitência e privação, ressignificando-os através de discursos com bases racionais e científicas, legitimando intenções de mobilizar trabalhadores para a “revitalização” do Vale Amazônico. No Ceará, houve maior convergência de possibilidades para tal intento.

---

<sup>104</sup> Antonacci, Maria Antonieta. “Tradições de oralidade, escrita e iconografia na literatura de folhetos: Nordeste do Brasil, 1890-1940” IN: *Projeto História. n° 22. História e oralidade*. São Paulo: Educ, 2001. p. 109

<sup>105</sup> Höffler, *Op. Cit.* p. 175/176

## CAPÍTULO II: A construção do SEMTA- propaganda e recrutamento

Não é justo atribuir á natureza um estado de coisas, em que cabe ao homem grande responsabilidade. Nunca se deve perder de vista que, ao passar de uma região para outra, de características climáticas diferentes, é indispensável uma adaptação prévia do organismo ao novo meio em que deverá viver. As mais das vezes, é por descuidar-se nisso, que lança depois á conta do clima o que, em grande parte, é devido á sua própria imprudência, ou ao seu descuido<sup>1</sup>

### Amazônia: Paraíso ou Inferno? – entre a natureza e a cultura

As representações criadas sobre a Amazônia, na literatura<sup>2</sup>, variam entre aqueles que buscam resgatar seu passado áureo dos tempos do monopólio da borracha: o paraíso, a exuberância da vegetação e do clima; e os que combateram a exploração do sistema extrativista, considerando a ganância dos patrões e a insalubridade do clima como fatores que legitimavam a imagem do *Inferno Verde*. Em ambos os casos, elementos da natureza (clima, vegetação e hidrografia) são utilizados com argumentos opostos para defender ou opor-se à ocupação do vale.

Diferente da polarização inferno/paraíso que privilegiou a argumentação sobre elementos climáticos, Luis Cruls - chefe da comissão enviada em 1901 para definir a nascente do Rio Javari e os limites das fronteiras entre Brasil e Bolívia -, ao falar sobre a ocupação da Amazônia entendeu que “*cabe ao homem grande responsabilidade,*” sendo “*injusto atribuir à natureza*” tal problemática. Chamando atenção para a “*adaptação prévia do organismo ao novo meio em que deverá viver*”, o grande desafio não seria mais dominar a natureza e responsabilizar o clima como entraves para a ocupação e fixação do homem na Amazônia, e sim superar a “*imprudência*” e o “*descuido*” do próprio homem em suas ações. Cruls transferiu o foco do problema do domínio da natureza para o campo da cultura, pois cabe aos homens criar mecanismos necessários que possibilitassem sua permanência na região.

<sup>1</sup> Anotação datilografada de trechos do Relatório do Astrônomo belga naturalizado brasileiro Luis (Louis Ferdinand) Cruls, chefe da comissão de limites Brasil-Bolívia – Manaus 29 de abril de 1901. Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 02

<sup>2</sup> Sobre a literatura e os discursos produzidos sobre a Amazônia. Guillen, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: Histórias da migração nordestina para a Amazônia*. Campinas: Unicamp, 1999 (tese de doutorado). Especialmente os capítulos (I – Os círculos do inferno verde, III- A maldição dos Trópicos e IV- Poetas e cantadores das Viagens)

A questão cultura *versus* natureza está subjacente a tensões entre universos orais e letrados. São concepções de mundo e de natureza em confronto. Sob outro ângulo, práticas racionais estadovistas corromperam noções de natureza ambiente e natureza humana. A natureza foi encarada como instância acessível ao exercício de poderes, controlando o mundo natural. Esta concepção parte de noções de trabalho e natureza que, longe de liberar “*as criações que dormem, em seu ventre*”<sup>3</sup> estão voltadas para a exploração de ambos.

A natureza é vivida de forma diferenciada por camadas populares. Através da observação, da experiência é possível construir racionalidades que possibilitem, desenvolver práticas de cura de doenças através de plantas medicinais e orações, ou a prever o tempo através da análise de “sinais” do meio ambiente, como o canto dos pássaros, aspectos da vegetação e direção dos ventos. A natureza é encarada em outra ordem, não da exploração e domínio, mas do aprendizado cotidiano e da convivência.<sup>4</sup>

O relato Cruls foi um dos primeiros documentos que encontramos na documentação de Paulo Assis Ribeiro, chefe do SEMTA de novembro de 1942 a novembro de 1943, período de efêmera, mas intensa atuação. Esse é apenas um dos indícios de que os técnicos da migração no Estado Novo conheciam a trajetória da ocupação da Amazônia e seus transtornos. Embora conhecessem, veremos que o alerta de Luis Cruls não foi levado em consideração ao ser planejada a retomada da exploração da borracha nas atividades do SEMTA, quando vidas humanas tinham menos importância que interesses diplomáticos e econômicos. Na tentativa de retomar a migração para o Vale Amazônico na década de 1940, prevaleceu o descuido e a imprudência. As ações do Estado e seus burocratas, a ganância por lucros de casas comerciais que tiveram sua operacionalização retomada, através dos serviços de migração criados com a função de divulgar uma prosperidade artificial, e a farsa de que a natureza e a exploração no seringal já não seriam um desafio a ser enfrentado, predominaram em mais esta intervenção na Floresta Amazônica.

---

<sup>3</sup> Benjamin, *Op.Cit.* p. 228.

<sup>4</sup> Questões presentes em, Sousa, José Josberto Montenegro. *Cultura e saberes popular em comunidades rurais do Vale do Rio Jaguaribe*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social – PUC, 2004.

## 2.1- Primeiros passos: conhecer para “convencer”

Em dezembro de 1942 foi instalado o escritório do SEMTA em Fortaleza, primeiramente subordinado a São Luís–MA, mas que no mês seguinte passou a centralizar as atividades de coordenação da mobilização. Trouxemos, anteriormente, os elementos que levaram a essa centralização na capital cearense, juntamente com questionamentos à reincidência de períodos de seca e seus encaminhamentos históricos.

Uma das primeiras atitudes tomadas pelo diretor do escritório em Fortaleza, Hyder Corrêa Lima, foi enviar ofícios para diversos órgãos públicos do Ceará. Ao chefe de distrito do IFOCS (Instituto Federal de Obras Contra a Seca), solicitou as seguintes informações:

- Número de serviços ora em andamento a cargo dessa repartição, especificamente sua distribuição por localidades ou zonas;
- número de trabalhadores existentes e sua distribuição pelos serviços especificando o número de família e o número de trabalhadores solteiros.<sup>5</sup>

Eram informações centrais para traçar o plano de recrutamento: ao identificar os serviços que estavam em andamento, agentes governamentais poderiam ter referências de locais onde conflitos ligados à seca estavam mais evidentes, uma vez que a abertura de serviços de obras públicas estava ligada diretamente às reivindicações das populações rurais de intervenção do poder público. Tais reivindicações estavam materializadas em ações da multidão: saques a armazéns, aos trens, ocupações de centros urbanos e cidades litorâneas. Esses foram os pontos privilegiados para iniciar a mobilização.

Ao conhecerem a quantidade de trabalhadores casados e solteiros, poderiam projetar a construção das hospedarias, as necessidades de transporte e assistência às famílias, sabendo, concretamente, a quantidade da mão-de-obra disponível, no caso de tais obras serem suspensas:

Dadas as condições existentes no Estado do Ceará e outras regiões nordestinas, a assistência às famílias inicialmente deverá

---

<sup>5</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 7.79- *Ofício do Dr. Hyder ao chefe de distrito do IFOCs (Dr. Pereira de Miranda)* Fortaleza 11 de dezembro de 1942

ser feita nos pontos onde se reuniram retirantes, de cujo meio foram mobilizados trabalhadores.<sup>6</sup>

Como os principais “*pontos onde se reuniram retirantes*” foram as obras públicas a cargo do IFOCS, esse seria o espaço privilegiado para reiniciar o recrutamento. Postura modificada após o fim da seca, devido à resistência das populações sertanejas de migrarem “em tempo de inverno”, quando a propaganda sistemática concentrou os esforços de mobilização também na população urbana.

Ao Inspetor Geral de Trânsito foram solicitadas as seguintes informações: “*Número de caminhões e caminhonetes atualmente existentes em condições de trafegar; Distribuição na capital e municípios do interior.*”<sup>7</sup> Diante da ameaça de bombardeios às embarcações no litoral, o transporte dos trabalhadores foi feito por terra até Teresina, no Piauí, sendo este um dado central. Outro ofício foi dirigido ao Departamento de Engenharia Agrícola do Estado, precisavam obter “*informações sobre os estoques de gêneros alimentícios na capital e no interior do Estado; possibilidade de renovação e melhoramentos de estoque.*”<sup>8</sup> Como o Ceará passava por um período de seca, na impossibilidade de obter gêneros alimentícios no mercado local, foi necessário encontrar outras alternativas de abastecimento. Menezes Pimentel, Interventor Federal, traçou o perfil da economia cearense no ano de 1943:

“No ano findo a situação econômica do Estado não se apresentou das mais lisonjeiras. Sofremos ainda os efeitos da seca, que nos afligiu em 1942, a qual teve profunda influência na diminuição de nossa capacidade produtora.”<sup>9</sup>

Era necessário conhecer a estrutura administrativa do Estado do Ceará, seus municípios, sedes e distribuição da população através da “*relação completa dos municípios do estado e as respectivas populações; relação completa de sedes e respectivas populações*”<sup>10</sup>

<sup>6</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. *Esboço de Programa para Assistência à família dos trabalhadores mobilizados*. Doc. 56

<sup>7</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 7.80 - *Ofício do Dr. Hyder ao inspetor geral de transito (Joaquim Silva)*. Fortaleza 11 de dezembro de 1942.

<sup>8</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 7.83 – Ofício do dr. Hyder ao diretor do departamento de engenharia agrícola

<sup>9</sup> Relatório de 1943 apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, presidente da República pelo Dr. Francisco de Menezes Pimentel, Interventor Federal do Ceará. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1945.

<sup>10</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 7.84- *Ofício do Dr. Hyder ao Departamento de Estatística*. 08 de janeiro de 1943

À Delegacia Regional do Trabalho, solicitaram informações sobre a condução anterior do processo de migração:

-Como se está realizando o registro de trabalhadores que emigram para a Amazônia especificando os detalhes desse registro;- Como se processa a seleção dos emigrantes; - qual o número dos já embarcados especificando a distribuição mensal dos embarques por famílias em particular o número de solteiros;- Número do pessoal existente nas hospedarias e sua distribuição por famílias e solteiros;- Informações gerais sobre a marcha dos trabalhadores em migração.<sup>11</sup>

Com esses dados tornou-se possível utilizar a estrutura para emigração já existente, embora, pelo menos formalmente, o SEMTA tenha elaborado um contrato de trabalho específico com o trabalhador. As instalações das hospedarias e antigos “campos de concentração” para retirantes de secas anteriores passaram para a responsabilidade do novo serviço de migração. Após esta coleta de informações sobre seu espaço de atuação, os agentes governamentais montaram a estrutura necessária para colocar em prática a mobilização e o recrutamento dos trabalhadores no Ceará.

Do ponto de vista administrativo, o SEMTA estava dividido em 8 departamentos: Administração; Finanças e controle; Assistência Social; Assistência à saúde; Assistência religiosa; Obras; Transporte e manutenção; e Propaganda<sup>12</sup>. Considerando o impacto que tais departamentos tiveram sobre a mobilização, concentramos a análise nos setores de Assistência Religiosa, Propaganda e nos relatos de técnicos (médicos, engenheiros e nutricionistas) sobre o recrutamento, o cotidiano nas hospedarias e as condições de transporte no trajeto percorrido entre Fortaleza e São Luís. O Departamento de Assistência Social e os Núcleos de Famílias serão discutidos no próximo capítulo.

---

<sup>11</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 7. 81- *Ofício do Hyder para o inspetor regional do trabalho*. 12 de dezembro de 1942.

<sup>12</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 17 (600-Relatórios)

## 2.2- Assistência Religiosa: disciplina, moral e conforto espiritual

O serviço religioso tinha como objetivo oferecer “conforto espiritual” para os trabalhadores recrutados nos pousos e hospedarias durante o percurso de Fortaleza à Amazônia. Entenda-se por “conforto espiritual” a manutenção da ordem no trajeto de viagem, evitando conflitos entre os próprios recrutados, mas também contra as autoridades e funcionários do Serviço de Migração. Princípio também válido para as mulheres que aguardavam notícias no núcleo para familiares.

Fica evidente que o surgimento de serviços assistenciais reconfiguram até o campo da igreja, que incorporava perspectivas de racionalização do trabalho, da mesma forma que exercia influência sobre técnicos do IDORT<sup>13</sup> (Instituto de Organização Racional do Trabalho):

Este é o resultado mais esclarecedor de uma síntese forçada entre os mestres da racionalização do trabalho lidos e aplicados pelo IDORT e as lições de política social do trabalho da Igreja Católica, principalmente as retiradas da encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, amplamente divulgada entre eles.<sup>14</sup>

Quais foram os interesses da Igreja Católica em participar da mobilização para a *Batalha da Borracha*? Que visão os religiosos tinham desse processo? Como foi efetivada essa participação?

Podemos entender parte dessas questões ao analisar a participação do Padre Helder Câmara, que, em 1942, estava no Rio de Janeiro e era funcionário do Ministério da Educação<sup>15</sup>. Por meio de um contato feito por Paulo Assis Ribeiro e Regina Chablos,

---

<sup>13</sup> Surgido em São Paulo em 1931, volta-se a elaborar “critérios científicos” que permitissem aos industriais aplicar técnicas racionais que avaliassem a seleção de trabalhadores e a aplicação de técnicas que permitissem o disciplinamento, requalificação e reeducação do mundo fabril, com a intenção de garantir maior eficiência, produtividade e lucratividade. Recebeu influências incontestes de princípios elaborados por Frederick Taylor e Henry Ford. Ver: Antonacci, Maria Antonieta M. *A vitória da razão (?) O IDORT e a sociedade paulista*. São Paulo: Marco Zero/CNPQ, 1993.

<sup>14</sup> Lenharo, *Sacralização... Op. Cit.* pg. 150

<sup>15</sup> O primeiro governo de Getúlio Vargas, que teve início na “Revolução de 30” e durou até 1945, foi marcado por vários embates a respeito da concepção educacional. Um dos pólos de tensão girava em torno do Ministério da Educação, sob direção de Gustavo Capanema. De um lado educadores ligados ao movimento Escola Nova, defendiam a universalização de uma educação pública, gratuita e laica, no outro estavam movimentos ligados à Igreja Católica, que possuía interesses bem específicos nesse embate: estabelecer a educação religiosa no currículo das escolas e manter o domínio da Igreja Católica na rede privada de ensino. Embora houvesse momentos de convergência de interesses intelectuais ligados a Escola Nova e a Igreja. Com o avanço da repressão às forças progressistas dentro do governo a ala ligada à Igreja saiu vitoriosa. Estabeleceu-se o que Schwartzman, chamou de *pacto com a igreja*, com o qual os

engajou-se nas atividades do SEMTA, passando a ser o responsável pela estruturação do Serviço de Assistência Religiosa. O Padre justificou sua atuação à frente de tal serviço:

Atendendo ao pedido do Exm<sup>o</sup> Sr. Coordenador Econômico, feito por intermédio do chefe do Serviço Especial de Mobilização de trabalhadores para a Amazônia, V. Excia. Aprovou a minha ida ao nordeste e ao norte do país, recomendando-me, segundo a carta n.27.316 de janeiro de 1943, que me procurasse “entender com os Exmos. Sr. Arcebispos, bispos, prelados e administradores apostólicos: 1)expondo-lhe os planos do governo; 2)pedindo-lhes sugestões que diz respeito á assistência religiosa; apresentando de volta a V. Excia. Um relatório circunstanciado”<sup>16</sup>

Em um período menor que um mês, o religioso visitou seis Estados do Norte e do Nordeste do Brasil, realizando contato com diversas autoridades religiosas:

“Arcebispos de Fortaleza (CE), São Luis (MA) e Belém(PA); Bispos de Natal (RN), Limoeiro (CE), Sobral (CE) e Teresina (PI); Vigários do Crato (CE) e Mossoró (RN); Prelado de Guamá (PA) e Santarém (PA); Prelazias de Xingu, Nullius do Rio Negro e Labrea; Prefeitura Apostólica do alto Solimões.”

O SEMTA solicitou uma tríplice assistência religiosa: “*às famílias dos trabalhadores que partiram para a Amazônia. Aos trabalhadores em marcha e aos trabalhadores na seringa*”. No contato inicial com tais autoridades surgiram as primeiras críticas dos religiosos que preferiam, em tese, a ida dos trabalhadores acompanhados por suas famílias. Uma das funções do Pe. Helder foi convencer tais autoridades da importância de sua participação na mobilização orquestrada pelo Governo, diante de seu caráter de emergência e em virtude da guerra. E, principalmente, devido à ameaça de infiltração de outras correntes religiosas na região:

---

católicos passaram a ter uma influência constante nas decisões do ministério, como a reforma educacional e as discussões sobre o Estatuto da Família. Assim, a atuação do Padre Hélder Câmara pode ser compreendida dentro deste contexto de sintonia de princípios e ações entre a Igreja Católica e o Governo Vargas. Ver: Schwartzman, Simon. et. alli. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

<sup>16</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 7.98 *Relatório apresentado por Padre Helder Câmara ao Exm<sup>o</sup> e Revm<sup>o</sup> Sr. D. Aloisio Masella D. D. Núncio Apostólico*. Rio de Janeiro 28 de janeiro de 1943

Expliquei-lhes que o SEMTA afirma não poder se responsabilizar pela ida imediata das famílias dos trabalhadores mobilizados, dada a situação sanitária da Amazônia. Trata-se de um plano de Guerra. O governo não pergunta se estamos ou não de acordo com o mesmo – apenas solicita para a sua execução a assistência eclesiástica. Conosco, ou sem nós, o plano será posto em ação. Os protestantes espreitam oportunidade de infiltrar-se de Amazonas a dentro.

Diante de tais circunstâncias, a recusa da colaboração com o projeto de migração poderia significar a oportunidade esperada por protestantes de “*infiltrar-se Amazonas a dentro.*” Com a presença constante de estrangeiros, essencialmente americanos, na região (militares e civis – médicos, engenheiros), a “ameaça” protestante estava eminente e, na visão do padre, não restaria outra saída a não ser a colaboração com os planos de migração nos moldes impostos pelo governo: “*todas as autoridades eclesiásticas ouvidas fôram unânimes em afirmar que dos males o menor: consideram imprescindível a colaboração.*” Além da “ameaça protestante”, a participação de missionários católicos norte-americanos não era vista com bons olhos devido às diferenças de “*mentalidade*”:

Em geral os Exmos. Srs, Ordinários receiam a vinda de missionários – católicos norte-americanos para a Amazônia. Reconhecem uma dupla vantagem que essa vinda traria; mais facilmente enfrentariam pastores protestantes que viessem a aparecer; vindos de país rico e progressista trariam recursos técnicos e financeiros nada desprazíveis. Em compensação, observam que , embora não sejam padres maus, teem mentalidades diferente da nossa”

Ficam claras as intenções da Igreja Católica na mobilização – a manutenção de seu rebanho. Seria melhor ver famílias separadas do que convertidas a outras religiões ou convivendo com práticas culturais diferentes.

Após descrever as impressões que teve a respeito de sua viagem ao Norte e Nordeste, o relatório apresenta um tópico específico sobre “*o SEMTA e os flagelados cearenses*”, o Padre também solicitou acompanhar os retirantes que haviam sido reprovados nos exames médicos e estavam impossibilitados de seguir para a Amazônia:

“A seleção médica, realizada no sentido de apurar que homens podem seguir para o Amazonas vem notando a presença de um grande número de homens cujas condições orgânicas não permitem ,de modo algum, a partida imediata do Ceará.”

A colaboração do Padre seria na “*organização do serviço de distribuição de comida e trabalho para os flagelados incapazes de seguir imediatamente para os seringais.*” O apelo à caridade católica sensibilizou o padre:

Considero de vantagem prestar a colaboração pedida e isso, entre outras, pelas seguintes razões: a) convém que o padre esteja entre os que vão atender a miséria do povo; b)os flagelados correm para os vigários e estes para os bispos; um padre na comissão organizadora de Assistência aos flagelados facilitaria a posição dos ordinários e dos vigários em face dos famintos do Ceará

A Igreja Católica no Ceará esteve presente, constantemente, nos momentos de calamidades: irmandades e agremiações católicas, casas paróquias e templos religiosos eram pontos de aglutinação e pressão exercidos pelos retirantes, antes mesmo da presença do Estado, intervindo na seca. Portanto, o Padre via com naturalidade essa atuação no “socorro” à população. Antes de finalizar o relatório e solicitar orientações ao superior, outra solicitação apareceu, agora voltada à organização dos núcleos de famílias de trabalhadores que haviam embarcado para o Norte:

O SEMTA desejaria que eu acompanhasse de perto a organização dos elementos de família no Ceará. Os Exmos. Srs. Arcebispo de Fortaleza e bispo de sobral, Crato e Limoeiro gostariam que eu pudesse atender ao apelo do SEMTA pois um bom princípio valerá muito e um mau início deixará vícios, difíceis de sanar depois”

Diante da presença marcante da Igreja Católica no Nordeste e a influência exercida nas populações sertanejas, o engajamento dos sacerdotes era imprescindível:

o Serviço de Coordenação Econômica põe as suas melhores esperanças, pois reconhece impraticável no nordeste e no norte do país qualquer plano de grandes proporções sem o apoio e a colaboração da força católica<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Doc. 7.98

### 2.3- Recrutamento: “vadiagem” e inverno como obstáculos

O serviço de recrutamento foi executado por diversas autoridades e instituições: prefeituras, polícia, padres, estudantes e serviço “voluntário” de alguns setores da sociedade. O SEMTA contratou recrutadores com o objetivo de visitar obras públicas e cidades do interior, estruturando os pousos em tais localidades.

O escritório de Fortaleza recebeu, em 24 de fevereiro, um ofício do recrutador da região do Cariri, no Ceará<sup>18</sup>. Diante das dificuldades encontradas no recrutamento: “*escrevo-lhe às pressas, às dez horas da noite, no ligeiro de mil coisas a tratar.*” A recusa ao alistamento foi um problema inicial. Porém, superado esse impasse, outro problema não menos complexo precisava ser encarado: garantir a disciplina no pouso enquanto aguardavam o embarque de trem até Fortaleza.

Se no momento de aliciar os trabalhadores apelaram para o discurso patriótico e as vantagens econômicas da borracha, os futuros *Soldados da Borracha* não eram vistos como possuidores das virtudes desejadas pelos técnicos da migração. A representação feita dos trabalhadores pelo recrutador não traz nenhum elemento de patriotismo quando se refere ao “*insano trabalho de manter em ordem esse grupo de vadios que estou procurando fazer viajar amanhã.*”

Enquanto escrevia o ofício era comunicado que 59 homens acabavam de partir de Juazeiro, na companhia de dois funcionários do SEMTA, para aguardar o embarque para Fortaleza, e “*felizmente acabo de receber a notícia da RVC de haver sido autorizado o embarque de todo pessoal.*”

A partida dos trabalhadores alistados representava um alívio para o recrutador que poderia executar outras ações com a finalidade de convencer “vadios” da idéia de emigrar: estruturar o pouso com iluminação elétrica, pagamento de funcionários em trânsito, obras no armazém cedido por um coronel local para a ampliação do pouso, com a “*suposição de que se tratasse de coisa de pouca duração.*” Como a reforma do armazém poderia ultrapassar o orçamento disponível, uma alternativa seria sair “*a procura de outro e instalações em novo local, esse só poderia ser terreno baldio, que fosse cercado e coberto com palha*”. Em nenhum momento fez referência aos cuidados

---

<sup>18</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 8 Ofício. Crato (CE), 24 de fevereiro de 1943. Assinatura ilegível.

sanitários ou com as famílias dos recrutados. Diante da forma a que se refere aos trabalhadores, classificando-os de vadios, suas atividades só poderiam ser melhor desempenhadas caso pudesse “*obter do secretário de polícia que determine ao Delegado Militar daqui prestar-se a colaboração necessária*”. A continuidade do recrutamento aconteceu com a manutenção da disciplina por autoridades militares. Portanto, tratava-se como “caso de polícia”. Desta forma, as ações de mobilização nas cidades do interior cumpriam também um papel moralizador e de manutenção da ordem, de acordo com os princípios de “regeneração do homem brasileiro”, traçados pelo Estado Novo. Tal regeneração foi alcançada, no Ceará, pela imposição e repressão sempre que fosse necessário.

Em 18 de março de 1943, o médico José Lins de Sousa, chefe do Posto de Senador Pompeu (CE), relatou suas atividades após “*um mês de permanência no interior do Estado, como Chefe selecionador do SEMTA.*”<sup>19</sup> No período foram selecionados 260 homens, dos quais 217 embarcaram. O médico iniciou o relato justificando a aparente “*fraqueza na produção do selecionamento*” e, para evitar uma avaliação incorreta de sua conduta, propôs um julgamento “*menos apressado*”:

Iniciei minhas atividades ali em época em que o inverno se pronunciava, e, com essa ocorrência, o nativo procura logo as suas costumeiras atividades agrícolas, reagindo contra qualquer promessas de outro ‘habitat’ ou outra ocupação.

Para que seus esforços de mobilização produzissem resultados, foi preciso um minucioso estudo sobre as atividades da região. Se nas áreas em que “*as populações citadinas e rurais têm sua base de vida na agro-pecuária,*” havia recusa de tal população ao aliciamento, como ocorreu em Senador Pompeu, Maria Pereira, Pedra Branca e Tauá, a saída encontrada pelo selecionador foi investir seus esforços na região do Vale do Jaguaribe, uma vez que nestas localidades a estação de chuvas que se aproximava tinha um significado oposto, segundo o médico:

Em zonas industriais como o vale do Jaguaribe, já citado, ocorrem fenômenos bem diversos e perfeitamente favoráveis à missão mobilizadora de braços. Em épocas invernosas o serviço

---

<sup>19</sup> Arquivo Nacional: Fundo Paulo Assis Ribeiro. Doc. 8 *Ofício do chefe do posto em Senador Pompeu ao representante do SEMTA Hider Corrêa Lima*. Fortaleza, 18 de março de 1943.

industrial da carnaubeira, que ocupa numerosos operários, paralisa por completo, ficando milhares de homens desocupados, e, assim, o ‘campo’ perfeitamente favorável para a mobilização de trabalhadores braçais

Portanto, o Vale do Jaguaribe deveria ser a região privilegiada para iniciarem o alistamento, antes que se tornasse tarde demais e os ‘trabalhadores braçais’ começassem a migrar para as regiões nas quais a produção agrícola estava sendo retomada. Isto poderia evitar as dificuldades encontradas na região do Sertão Central (Senador Pompeu):

Desembarquei em Senador Pompeu na tarde do dia 16 de fevereiro p.p., debaixo de chuvas torrenciais, e, desde logo, comunicando o motivo da minha visita a todas as pessoas conhecidas que encontrava, ia sondando o ambiente e ouvindo expressões sintomáticas como esta: *‘Dr. Lins, antes destas chuvas, podia-se alistar-se muita gente, mas agora, com o inverno promissor, torna-se muito dificultoso contratar-se gente para o Amazonas’*

O terreno encontrado para o recrutamento não era tão fértil como esperavam as autoridades. A seca do ano anterior abria espaço para um inverno promissor já nos primeiros meses de 1943. Os recrutadores e técnicos do SEMTA teriam seu trabalho facilitado com a continuidade da seca. O inverno chegava como um inimigo para a mobilização.

Em Pedra Branca, as dificuldades não foram menores. O recrutador fez contato com diversas autoridades locais: gerente do Banco de Crédito Comercial, prefeito, delegado, encarregado do Serviço da Estrada Central do Ceará, vigário e locutor da irradiadora local, *“que passou a fazer pela mesma a propaganda necessária à catequese.”* A referência feita ao mecanismo de divulgação da *Batalha da Borracha* deixa em evidência resistências dos trabalhadores e o caráter do discurso, aliando elementos como patriotismo e religiosidade: a *“catequese”* planejada para a mobilização.

Para completar os contatos, *“telegrafei finalmente aos prefeitos das localidades vizinhas solicitando de todos o apôio para a patriótica campanha que estava iniciando”*. Logo após: *“adaptei para o Serviço Médico, um dos três armazens*

*alugados, no segundo expediente daquele dia, aguardei confiantemente que ocorresse para inscrição o número UM dos trabalhadores.”*

Expectativa logo frustrada. Para que todos esforços não fossem desperdiçados, alguma atitude urgente deveria ser tomada. No dia seguinte, Dr. Lins procurou novamente Josípio Gadelha, encarregado do Serviço da Estrada Central do Ceará, então sugeriu “*a idéia de que fossem os trabalhadores solteiros da rodagem substituídos por casados desempregados, a qual foi prontamente aceita pelo mesmo*”. Tal atitude começou a surtir efeitos dias depois, quando “*no dia 22 houve grande movimentação no pôsto de seleção, aonde ocorreu grande numero de rapazes já dispensados pelo IFOCS conforme já havia sido combinado.*”

Dr. Lins, em companhia do encarregado do IFOCS, percorreu “*quatro léguas da estrada em construção,*” visitando durante o percurso todas as turmas de trabalhadores encontradas pelo caminho com o objetivo de ouvir dos mesmos “*o motivo das suas reservas para com o serviço*”. E assim:

Diziam uns que se recusavam porque se tratava de um recrutamento para a guerra; outros, que já sabiam terem as primeiras turmas enviadas sido devoradas por índios (!); alguns, que todos os homens, seriam vendidos a peso de ouro;

O número de vozes presentes nesse trecho do relatório é imenso. A associação do recrutamento para extrair borracha na Amazônia para a guerra, funcionou também nesse caso de forma oposta ao esperado pelos técnicos da migração. A guerra era algo distante, que não representava para a população sertaneja ameaça direta e, quanto à idéia de patriotismo, experiências anteriores de recrutamento para conflitos armados<sup>20</sup> poderiam servir como empecilho para o envolvimento de tais populações.

Da mesma forma, a idéia de conflitos entre imigrantes e as populações originárias da Amazônia foram bastante difundidos no noticiário dos jornais ou pelos *Paroaras* que retornavam ao Ceará. Assim, as notícias divulgadas num passado, não muito distante da época, ainda poderiam exercer influência sobre estas populações. No

---

<sup>20</sup> Sobre o recrutamento militar no Ceará, na segunda metade do século XIX e a Guerra do Paraguai, ver: Ramos, Xislei Araújo. *'Por trás de toda fuga, nem sempre há um crime': o recrutamento 'a laço' e os limites da ordem no Ceará (1850-1875)*. Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal do Ceará, 2003

fim do século XIX, o jornal *Echo do Povo* narrou o ataque de índios a seringueiros vindos do Ceará:

Uma tribo de *Parintintins* no dia 19 do mez findo deu assalto a barraca de cearenses estabelecidos no rio Purus, resultado 15 mortos, 8 ferimentos e uma criança que foi conduzida para ser talvez devorada nos festejos antropófagos. Os infelizes são quase todos conhecidos n'esta capital onde residem suas famílias, e forram saccodidos pela desgraça para aquellas inhospidas paragens, em busca de subsistência.<sup>21</sup>

A ocupação da Amazônia na década de 1940, não era tão diferente daquela do final do século XIX. E tentar 'ocupar' um território que já possuía habitantes com regras próprias de convivência com o meio ambiente, era um perigo ainda eminente. Fatores ignorados pelo médico, que prefere justificar a postura dos trabalhadores desvalorizando e desmoralizando seus pontos de vista, considerando tais perspectivas como “boatos estúpidos”:

Os boatos eram, pois, os mais desconcertantes e estúpidos, mas que, arraigados na mentalidade do nosso sertanejo, assumiram forma de cousa verídica, tornando-se impossível u'a [sic] modificação de mentalidade. Apesar disso, consegui, após cinco horas de trabalho, inscrever os primeiros 15 homens

Na rede de boatos e rumores, na troca de informações via oralidade, estavam presentes os elementos conflitantes da memória sobre a migração para a Amazônia. Neste momento, o residual que vem à tona são os confrontos com índios e a exploração no seringal, quando os trabalhadores afirmavam que “*todos os homens seriam vendidos a peso de ouro.*” Em outros, foram as vantagens e aventuras contadas pelos antigos *Paroaras*, ou notícias recentes sobre as vantagens das hospedarias, núcleos de famílias e contrato de trabalho no seringal.

No período em que Dr. Lins iniciou suas atividades de recrutamento (fevereiro/1943), o SEMTA ainda não tinha estruturado uma de suas principais armas de propaganda: os núcleos de família que diziam garantir o contato entre familiares e trabalhadores recrutados e seu futuro envio à Amazônia. Desta forma, a separação de

---

<sup>21</sup> Jornal *Echo do Povo*. 18 de janeiro de 1880. *Cearenses no Amazonas*. Pg.2

famílias, aliada ao inverno que dava seus primeiros sinais de está chegando, formaram mais um obstáculo à atividade de aliciamento:

ainda apareceram as ‘mães amantíssimas’, que não desejavam separar-se dos seus filhos; destacando-se como principal motivo a alegação de que o inverno era chegando e não havia, assim, necessidade de deixar o Ceará.

O tempo que correu entre o alistamento e o embarque para Fortaleza, onde eram realizados os exames médicos, devia ser o mínimo possível. O que nem sempre aconteceu devido à falta, ou precariedade, das estradas e meios de transporte e à limitação de espaço no trem. Com o adiamento dos embarques “*muitos dos já inscritos se inclinavam à desistência, diante da acentuação cada vez mais forte do inverno.*”

Na próxima cidade a receber a visita do Dr. Lins, Tauá, os problemas de infraestrutura foram menores, pois “*instalei o Postos em um prédio, alias confortável, cedido pelo prefeito.*”. Mas a falta de adesões de trabalhadores mantinha-se.

O médico traçava em cada cidade novas estratégias esperando que um maior número possível de pessoas se alistasse: “*inclui no rol dos capazes alguns portadores de incapacidade temporária, isto para incentivar os demais.*”

Percorreu o serviço de rodagem Senador Pompeu-Tauá, entrando “*em entendimentos com o encarregado geral daquele serviço, onde esperava muitas adesões.*” Porém, desta vez não teve o mesmo sucesso da tentativa anterior, já que “*o referido encarregado, logo de inicio, dissuadiu-me do intento, confessando que já lhe faltavam trabalhadores.*”

Somando à falta de braços já encontrada nas obras públicas em Tauá, as instalações precárias do posto de selecionamento, recém inaugurado, provocaram novas desistências:

Os rapazes de Tauá, ou por esquecimento ou por errônea informação do Prefeito, não conduziam redes, acarretando com isso alguns dissabores e desconforto para os mesmos. Sugeriu, então, à chefia, diante do caso, a necessidade do posto possuir para atender a emergência igual cinquenta redes, providência que não foi tomada.

Restava ao recrutador enviar emissários aos povoados vizinhos com cartas de referência do próprio médico, do prefeito e do vigário, na tentativa de fazer o

aliciamento. Contudo, “considerando a falta de serviço em Tauá e também as respostas negativas dos emissários enviados as localidades do município, resolvi voltar a Senador Pompeu com os auxiliares e material do posto.”

Outras iniciativas de recrutamento foram tomadas por setores da sociedade civil. Como foi o caso dos estudantes da Faculdade de Direito em Fortaleza:

O Centro Acadêmico Clóvis Bevilacqua, da Faculdade de Direito do Ceará, enviará ao interior do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, uma comissão universitária para fazer propaganda do SEMTA.

ESCLARECIMENTO: A campanha orientada pelo moços do diretório acadêmico da faculdade de direito, visa esclarecer o trabalhador nordestino, prevenindo-o contra as insinuações dos quinta coluna e dos sabotadores.

O ITINERÁRIO: a embaixada do “centro Acadêmico” será constituída de oito membros, devendo visitar as cidades do alto Jaguaribe, Mossoró, Campina Grande e João Pessoa, e de regresso, escalar em Patos, Pombal e as cidades do ramal ferroviária da RVC.<sup>22</sup> [Rede Viária Cearense, que liga o Crato na região do Cariri, sul do Estado à Fortaleza]

Como vimos havia um núcleo de estudantes na Faculdade de Direito que encarava as atividades do esforço de guerra de forma positiva, uma vez que representava um espaço legal dentro da ditadura estadonovista para combater elementos simpatizantes ao Nazifascismo. Ideologias autoritárias, como o integralismo, tiveram bastante repercussão no Ceará durante a década de 1930. Sua expressão era representada no movimento operário, através da *Legião Cearense do Trabalho*<sup>23</sup>, organização liberada por integralistas e que atuavam no campo eleitoral em parceria com a LEC (Liga Eleitoral Católica) e os Círculos Operários Católicos.

Assim, o sucesso do aliciamento dependeu da ampla rede de recrutadores que ia além do corpo de funcionários contratados para este fim. Envolvia desde setores

<sup>22</sup> Jornal *O POVO*. 05/05/1943

<sup>23</sup> “Fundada em Fortaleza, em 1931, pelo tenente Severino Sombra, a *Legião Cearense do Trabalho* foi um movimento de natureza corporativista, integralista e católico de organização e mobilização dos trabalhadores. Antecessor da *Ação integralista Brasileira* criada por Plínio Salgado, manteve-se em atuação até 1937 quando Getúlio Vargas decretou o Estado Novo, dissolvendo as entidades de classe. (...) teve como seus co-fundadores o tenente Jeová Mota e o padre Helder Câmara [que durante os anos 30 foi supervisor de instrução pública no Ceará]”. Cordeiro Jr, Raimundo Barroso. “A *Legião Cearense do Trabalho*.” IN: Souza, Simone (Org.) *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 325

conservadores ligados à Igreja Católica até esferas da sociedade civil (estudantes, advogados e Jornalistas) contrários à ditadura e em alguns casos simpáticos ao comunismo. A entrada do Brasil na Guerra “em defesa da democracia e contra o totalitário Hitler” foi seguida pelo surgimento de movimentos de resistência à ditadura de Vargas. A Batalha da Borracha foi vista por alguns intelectuais e militantes comunistas como iniciativa dentro da estratégia da luta “antifascista,” orientada por Moscou desde 1934. Não sabemos se havia canais de articulação nacional deste movimento antes de 1944. Contudo, enquanto estudantes de direito e jornalistas em Fortaleza organizavam as campanhas contra o nazifascismo, o mesmo acontecia em outras capitais, como São Paulo<sup>24</sup>.

#### 2.4- Propaganda: rumo à Amazônia terra da fartura

Diante das dificuldades encontradas pelos primeiros recrutadores, o SEMTA traçou nova estratégia de recrutamento. No sertão, a chegada do inverno e a recusa de deixar suas famílias desamparadas foram apontados como motivos da negação dos trabalhadores no engajamento à mobilização.

O SEMTA, ao se estruturar com a inauguração de novas hospedarias, entre março e abril de 1943, manteve suas atividades de aliciamento no interior, sem descuidar de populações urbanas. Foi necessário trazer o discurso e os acontecimentos ligados à guerra para o cotidiano das cidades e, principalmente, vender a imagem da Amazônia como a terra da fartura de recursos naturais: abundância de terras e chuvas; e financeiros: contrato de trabalho que regularizaria as atividades no seringal, garantia da compra da borracha extraída com um preço valorizado, diante da retração da oferta no

---

<sup>24</sup> Paulo Emílio Salles Gomes, futuro fundador da Cinemateca Nacional, engajou-se na Batalha da Borracha em 1943, motivado pelo apelo ideológico. “*Em 1943, um então jovem militante comunista e crítico de cinema em São Paulo, ligado a um (...) grupo de intelectuais agrupados na revista clima*[editada por estudantes da Faculdade de Direito da USP], *que desde 1941 mantinha militância de esquerda contra o Estado Novo, lançou-se –segundo sua própria perspectiva – a uma distante aventura na Amazônia. (...) o alistamento na Batalha da Borracha em 1943. Ele foi chefe de grupo do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (Semta) em Altamira.*” A atitude de Paulo Emílio não representava o ponto de vista de outros intelectuais, pois ele “*não diferenciava a guerra na Europa do recrutamento, pelo Estado Novo, de flagelados e trabalhadores para a Amazônia.*” O Soldado da Borracha paulistano chegou a dirigir filmagens do “*recrutamento de cerca de trezentos trabalhadores no Rio de Janeiro, acompanhando-os na viagem pelo interior do país, até o Pará, onde ele dirigia o escritório do Semta. Esse filme, que não possui cópia conhecida e que talvez nunca tenha passado do estágio de copião, foi o único que ele jamais realizou.*” Cytrynowicz, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial; Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.224-227

mercado internacional. Patriotismo e vantagens econômicas foram a tônica do SEMTA em seu material de propaganda.

O artista franco-suíço, Jean-Pierre Chabloz, foi o responsável pela elaboração do material de propaganda. Antes de sua chegada à capital cearense, realizou excursões no Maranhão. Chabloz foi contratado pelo SEMTA em dezembro de 1942, no Rio de Janeiro, de onde partiu em direção a São Luis, no Maranhão. Com a centralização das ações de recrutamento e propaganda no Ceará, transferiu-se para Fortaleza. Realizou o trajeto São Luis-Fortaleza seguindo o mesmo percurso dos trabalhadores recrutados pelo serviço para o qual trabalhava, embora em sentido inverso. De São Luis a Teresina, pela estrada de ferro, e de Teresina a Fortaleza, de caminhão. O que possibilitou-lhe conhecer pelo menos de “passagem” o sertão cearense. No Ceará, após ser dispensado pelo SEMTA, em julho de 1943, permaneceu e se integrou como artista plástico de destaque na sociedade local.

Porém, o mais próximo da Amazônia que ele chegou foi São Luís. Não conheceu a realidade dos seringais situados no meio da floresta. Foi baseado em relatos sobre a Amazônia que elaborou o material de propaganda, essencialmente cartazes e brochuras.

O folheto “*Rumo à Amazônia terra da fartura*”<sup>25</sup> constituiu um dos materiais a trazer todos os elementos que lançavam mão para atrair os candidatos a seringueiro. Nele estão associadas imagens -reprodução reduzida dos cartazes, que eram afixados nos postos de recrutamento, pousos e hospedaria, estações ferroviárias, prefeituras, escolas e centros comerciais-, ressaltando as vantagens oferecidas pelo serviço e uma cópia de contrato de trabalho, que regulamentaria e daria garantia de tais vantagens. A expressiva utilização de imagens deve estar associada à oralidade. Assim como no folheto de cordel é comum a existência de xilogravuras, o recurso às imagens no folheto de mobilização do SEMTA, representa a possibilidade de compreensão das mensagens para trabalhadores que não dominam a leitura.

Na capa do folheto temos, entre o texto título, uma imagem em que três caminhões conduzem trabalhadores para a Amazônia. No primeiro dos caminhões, próximo do ponto de partida, um trabalhador faz uma saudação segurando o chapéu com a mão, passando idéia de que está satisfeito com a partida. Os caminhões, todos

---

<sup>25</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 5. Doc. 40. *Rumo à Amazônia terra da Fartura*. 12 páginas. (Anexo)

com sua carroceria repletas de trabalhadores, partem em comboio. O caminho percorrido deixa clara a representação que se procurava construir. No início da estrada temos cactos, árvores secas e vegetação rasteira, características do semi-árido nordestino; aos poucos aparecem carnaúbas e palmeiras até chegarem nas árvores exuberantes que representam a Amazônia. Embora a imagem do sertão criada no folheto não seja distante da conhecida, em relação à Amazônia não se pode dizer o mesmo. As árvores aparecem em campos abertos e desocupados, não se vê rios, nem populações nativas do Vale Amazônico. No trajeto há aparente harmonia: uma cabana ilustra um pouso no meio do percurso e outra no final, aguardando a chegada dos trabalhadores. Na contra capa lê-se em tom imperativo: *“Lê com atenção este folheto. Quando estiveres convencido da sua utilidade – oferece-o a um amigo”*

Em seguida, na primeira página, o texto inicia esclarecendo os compromissos assumidos pelo Brasil, fazendo referência aos recentes bombardeios de navios nacionais:

O Brasil – insultado na sua honra e compreendendo o dever de lutar pela liberdade do mundo, na guerra de vida ou de morte que ora se trava – assumiu compromissos internacionais que precisa cumprir, custe o que custar.

É a nossa dignidade que está em jogo.

A idéia de que “todos” estavam envolvidos com os mesmo compromissos internacionais permeia a cartilha. Porém, sabemos que o “*custe*”, estava sendo garantidos pelo governo americano e o “*que custar*”, no final da contas, ficou a cargo dos trabalhadores, quando ao término da guerra os governos romperam os compromissos assumidos com os recrutados: garantia de passagem de retorno após dois anos ou envio das famílias após seis meses de “colocação” no seringal. O discurso em torno dos apelos da pátria exigia o envolvimento de todos que deveriam dar sua contribuição:

#### O APELO DA PÁTRIA

E tão grande se apresenta a necessidade de respondermos ao chamado da Pátria, que todos nós, todos, sem exceção de um só, temos de oferecer a nossa quota de sacrifício, que é a glória, para a vitória final.

A cota de sacrifício, estipulada para o trabalhador nordestino, para a obtenção da vitória nos esforços de Guerra que o regime autoritário do Estado Novo havia assumido, seria defender a retaguarda da pátria, em direção à Amazônia, garantindo sua ocupação e exploração de recursos. Tornava-se assim, *Soldado da Borracha*:

**SOLDADO DA BORRACHA, HERÓI DA AMAZÔNIA: -**

Mas não só pelas armas podemos concorrer para o triunfo da liberdade humana.

Ao nordestino, ao nosso trabalhador do campo, cabe a tarefa tão importante como o manejo das metralhadoras nas frentes sangrentas de batalha:- impõe-se-lhe o dever de lutar pacificamente na retaguarda, dentro do seu próprio país nas terras abençoadas da Amazônia, extraíndo borracha, - produto indispensável para a vitória, como a bala e o fuzil.

E o Brasil, compromete-se a fornecer borracha, **MUITA BORRACHA, MAIS BORRACHA**, às nações aliadas.

Assim, tanto é soldado o que se alista no quartel, como o que se oferece para trabalhar nos seringais da Amazônia: - um é o soldado da caserna, o aviador, o marinheiro; o outro é o **SOLDADO DA BORRACHA**, herói da Amazônia, ambos estão em igualdade perante a pátria

A guerra tornou-se, aos poucos, presente no cotidiano das cidades do Nordeste. Sua posição seria estratégica caso os conflitos se estendessem para o Atlântico Sul: Bases Militares passaram a ser instaladas em cidades como Natal e Fortaleza. A presença de militares interferiu no modo de vida local. Black-Outs, exercícios de defesa anti-aérea, manchetes em todos jornais sobre o curso da Guerra na Europa, Ásia e África. Sem falar na própria estrutura do Estado Novo, que procurou submeter toda sociedade à sua lógica hierárquica e militarizante. Diante do risco de enfrentar as “*sangrentas frentes de batalha,*” a possibilidade de “*lutar pacificamente na retaguarda*” da Amazônia foi apresentada como a missão do trabalhador nordestino. Estaria dispensado do conflito armado, seguindo um caminho já conhecido. Na “reconquista” da Amazônia teria status de herói nacional. Assim, seu sacrifício de deixar a terra natal, separar-se temporariamente de familiares e relações sociais, seria mais compensador, patriótico e lucrativo.

A Opção pelo *Exército da Amazônia* foi apontada como tendo o mesmo peso da convocação militar:

(...) os que se arremetam no grande “Exército da Amazônia” ficam dispensados da convocação militar, enquanto permanecerem

nos seringais, onde o trabalho, dada a importância bélica da borracha será tão necessário para o triunfo, quanto o esforço dos soldados do campo de batalha. Cada um no seu lugar, para a vitória! (Fig. 1)

Na figura vemos um mapa do Brasil, com soldados segurando um fuzil no litoral e seringueiros extraindo borracha na Amazônia. Na parte superior do mapa está escrito: *cada um no seu lugar* e abaixo, uma mão fazendo um V com os dedos e escrito: *para a vitória*. O desejo de aplicar técnicas racionais na mobilização fica evidente, pois, além de selecionar e disciplinar trabalhadores buscava-se distribuí-los e determinar as funções para garantir a eficiência.

Se o esforço da guerra exigia o envolvimento de todos, o *Governo Nacional* não poderia ficar ausente. Sua ação foi a criação do SEMTA:

#### ACÇÃO DO GOVERNO NACIONAL –

Consciente, querendo amparar, em verdade, o soldado da borracha, resolveu o Governo nacional aparelhar um órgão que tem a finalidade alistar, amparar e encaminhar os trabalhadores para a Amazônia milagrosa. Este órgão é o

#### **S. E. M. T. A.**

SEMTA significa: SERVIÇO ESPECIAL DE MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES PARA A AMAZÔNIA.

Perfeitamente aparelhado, o SEMTA, alista, transporta, hospeda, veste, alimenta, ampara e defende, por todos os meios, o homem que se entrega aos seus cuidados, afim de prepara-lo para o trabalho, - sadio, forte, produtivo. Para conseguir tais objetivos, o SEMTA conta a eficiente colaboração do SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA, abreviadamente SESP, conjugada ao seu Departamento de Assistência Médica.

O *Soldado da Borracha*, amparado pelo SEMTA, “*desfruta de inúmeras vantagens. Ele e sua família.*” A primeira das supostas vantagens seria: “*A hospedagem do Trabalhador*” feita “*em ‘pousos confortáveis, higiênicos e amplos (Fig. II )’*”. Na página do lado está uma gravura da hospedaria com seis grandes pavilhões, três outros blocos ao lado dos pavilhões, um pouco mais afastado a enfermaria. A hospedaria está rodeada de coqueiros e algumas árvores e, ao fundo, há outro pavilhão, possivelmente referindo-se ao núcleo de famílias.

Ao alistar-se, o trabalhador também receberia “*um equipamento de viagem composta de roupa, alpercata, chapéu, mochila, rêde, prato fundo, caneco, garfo e*

*colher no valor aproximado de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros)*". Tais utensílios estão ilustrados na página posterior em destaque e representavam o movimento de transição em que foi necessário despir-se de vestes, costumes, enfim de modos de vida para tornar-se um "exército uniformizado e padronizado". A alimentação foi descrita como se fosse "nos 'pousos'" ou "na viagem, farta e sadia". Não lhe faltaria a assistência médica e espiritual:

(...) o exame médico, o tratamento conveniente, em caso de necessidade e a indispensável imunização contra certas doenças como tifo, paratifo, etc. sem que lhe seja cobrada qualquer importância. A própria assistência religiosa, realizada por sacerdotes, acompanha permanentemente o trabalhador, cultivando-lhes as forças espirituais.

Somando a lista de vantagens, o *Soldado da Borracha* "ganhará, depois de contratado Cr\$ 6,00 (seis cruzeiros) diários, se não prestar serviços e Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros por dia de trabalho)". As promessas continuavam. Ao chegar no seringal, "continuará sob a proteção do Governo e, com o seu salário, terá direito a receber as estradas de seringueiras em estado de imediata exploração". E, como adiantamento, receberia:

- 1) gêneros alimentícios, peças de roupas, medicamentos, até a importância de Cr\$ 150,00, por mês;
- 2) Utensílios e ferramentas necessários à exploração da borracha, assim como arma e munição de caça;

E continua:

- 1) ao valor correspondente a 60% no mínimo, sobre o preço da borracha que extrair, variando o mesmo de 13 e 20 cruzeiros por quilo;
- 2) à caça e à pesca que realizar, na sua TOTALIDADE;
- 3) a 50 % (metade) da castanha que apanhar;
- 4) a 50% da madeira derrubada;
- 5) 1 hectare (3 tarefas) de terra para cultivar, livre de qualquer despesa. (Fig. IV)

Promessas impraticáveis, primeiro porque a floresta de várzea, onde são encontradas as seringueiras, têm como característica os constantes períodos de cheias

que impedem o “livre” cultivo. Quando era possível, a agricultura não era bem vista pelo patrão seringalista, preferindo que os seringueiros continuassem adquirindo gêneros por seu intermédio<sup>26</sup>, o que permitia o superfaturamento dos preços e manutenção das dívidas, impedindo a partida do trabalhador do seringal. Se na intenção, existia um projeto de abastecimento de gêneros e equipamentos sob a responsabilidade do governo, que garantiria a chegada dos materiais no meio da floresta com um preço mais próximo do real, tal projeto não obteve sucesso devido à oposição das Casas Comerciais de Belém e Manaus<sup>27</sup>, que viam na retomada da atividade gomífera a possibilidade de recuperar sua lucratividade perdida com a decadência da extração da borracha na década de 1910.

Descritas as vantagens materiais, não haveria motivos para preocupar-se com a viagem do Nordeste até a Amazônia: segura e bem planejada:

#### A VIAGEM:

O transporte do trabalhador, desde a sua morada no nordeste, até o seringal, é feito sem atropelos, sem perigos ou preocupações. Tudo corre por conta do SEMTA. O caminhão, o trem, o vapor, o avião – todos os meios de transporte são utilizados para dar maior rapidês, conforto e segurança à viagem, durante a qual nada faltará ao soldado da Amazônia. (Fig. V)

Após expor todas as vantagens prometidas aos futuros seringueiros, restava ressaltar que sua família não seria esquecida. O SEMTA garantiria total amparo na ausência do trabalhador:

#### AMPARO Á FAMÍLIA:

<sup>26</sup> Sobre o desprezo dos seringalistas em relação à agricultura, Araújo Lima em *Amazônia a Terra e o homem*, publicado no Rio em 1945, diz que: “o seringueiro fatalmente despercebia-se da necessidade de cultivar a terra. Mas, se fazia qualquer tentativa nesse sentido, era dissuadido do seu intento pelo patrão. Pode-se mesmo dizer que havia interdição ao cultivo de produtos alimentícios. Plantar era um crime. De um prande [sic] proprietário de Aripuranã ouvi a confissão que, naqueles tempos ominosos, expulsava de seus seringais todo freguês que tentasse fazer pequena lavoura” Alcino Teixeira completa afirmando que: “em nossos dias quase nada se modificou.” Os nossos dias a que Teixeira se refere são os anos 40, período de estudo de sua obra. Conforme: Mello, Alcino Teixeira de. *Nordestinos na Amazônia*. Rio: Departamento de Imprensa Nacional. 1956. p. 24 (nota 19)

<sup>27</sup> Martinello fala da “violenta reação das classes conservadoras e produtoras da Amazônia ao novo sistema de financiamento e abastecimento do vale.” As Associações Comerciais do Amazonas e do Pará exigiam do governo brasileiro: 1) aumento do preço da Borracha; 2) recuperação da liberdade de comércio e 3) afastamento da Rubber Development Corporation (Companhia de desenvolvimento da borracha - empresa do governo norte-americano) da importação e distribuição de mercadorias. No embate de forças com o governo, saíram vitoriosas as associações comerciais, permitindo a manutenção do antigo sistema de aviamto. Ver: Martinello, *A ‘Batalha da Borracha’* ... op. Cit. (pgs. 267-284)

E a família desse homem – a sua esposa, os filhos? ...

Também não foram esquecidos. As pessoas de família, que dependem do trabalhador alistado no SEMTA, ficarão, como o seu chefe, a salvo das necessidades, amparadas financeiramente, com a quantia de Cr\$ 2,00 (dois cruzeiros) até Cr\$ 8,00 (oito cruzeiros), cada uma, ou cabendo-lhes alojamento, alimentação, - e, em todos os casos, assistência médica; prática da religião católica etc. À família do soldado da borracha não faltarão elementos para manter dignidade de vida.

Nada mais alentador para o homem que trabalha e produz, do que a garantia de estarem os elementos da sua família protegidos contra o desabrigo, a doença e a fome.

Com todas as promessas de reconhecimento e garantias financeiras, materiais e acesso a serviços desconhecidos, num ambiente em que a idéia de *direitos sociais* e *cidadania* inexistiam, teriam assistência à saúde, direito estendido a seus familiares, também amparados pelo SEMTA. Não deveriam ter receio de serem separados da família, pois seria assistida e eles teriam o retorno garantido. Nem mesmo a Amazônia seria um obstáculo para o cumprimento de sua missão, já que com a intervenção do Estado o antigo “*Inferno Verde*,” conhecido no passado, tornar-se-ia a “*Terra da Promissão*”:

DE “*INFERNO VERDE*” A “*TERRA DA PROMISSÃO*”:

Como é diferente, hoje, a faina do seringal!

Antigamente, sem amparo, doente, abandonado, explorado mesmo, o nordestino, pela sua resistência, venceu nos seringais. Acumularam fortunas, ainda conhecidas. Realizaram obras que admiramos.

Imagine-se o que fará pelo seu trabalho, assim amparado, alimentado, seguro de si mesmo, tendo ao seu lado, acompanhando os seus passos, estimulando o seu mourejar, o Governo Nacional – que lhe aponta o caminho da sua dignidade e da sua independência!

RUMO A AMAZÔNIA!

Amazônia, pedaço do Brasil, que não é mais o “*Inferno Verde*” de outrora, mas atualmente, a “*Terra da Promissão*”!

Supostamente superadas as adversidades que desestimulariam o engajamento no “*Exército da Amazônia*”, o folheto finaliza com um chamado e resumo das vantagens oferecidas:

*TRABALHADOR NORDESTINO:*  
*ALISTA-TE NO S.E.M.T.A HOJE MESMO*

*CUMPRE O TEU DEVER PARA COM A TUA PÁTRIA.  
NORDESTINO QUERES IR TRABALHAR NA AMAZÔNIA?  
ALISTA-TE NA S.E.M.T.A. QUE TE DARÁ:*

- ❖ *Passagem (com pouso e alimentação)*
- ❖ *Equipamento*
- ❖ *Contrato de trabalho*
- ❖ *Assistência Médica e Religiosa*
- ❖ *Amparo à tua família*

Este folheto do SEMTA funcionou como material básico de divulgação das atividades de recrutamento. Seus trechos foram reproduzidos, literalmente, nas páginas dos jornais cearenses, fosse nas matérias encaminhadas pelo DEIP, publicadas em destaque, ou nas matérias que comentavam as ações do serviço: inauguração de hospedarias, envio de trabalhadores, ampliação da assistência médica, religiosa e às famílias. Em conjunto com a transmissão via rádio, através do *PROGRAMA DA BORRACHA*, que no Ceará foi transmitido pela estação de ondas longas *Ceará Rádio Club*, os boatos sobre as vantagens oferecidas pelo SEMTA tomaram conta dos comentários nas praças da cidade e nos roçados do interior.

### **2.5- O cotidiano nas hospedarias e pousos: alimentação, higiene e disciplina**

As nutricionistas contratadas pelo SEMTA produziram relatórios sobre a alimentação fornecida aos trabalhadores e seus familiares nas hospedarias e pousos de Fortaleza e Teresina.

O Pouso do Prado, ao lado do antigo Pouso do Alagadiço, reformado em março de 1943, passando a chamar-se *Hospedaria Getúlio Vargas*, funcionavam em locais de antigos campos de concentração -pontos de disciplinamento, restrição ao livre trânsito nas cidades, e também de militarização para trabalhos compulsórios, como construção de estradas de ferro, açudes, estradas, calçamento de ruas, construção de prédios públicos e igrejas-, situados na região da periferia de Fortaleza. Cada pouso tinha capacidade para 1200 homens, lotação muitas vezes excedida diante da insuficiência dos meios de transporte terrestre, que dificultavam o embarque de trabalhadores. Devido seu posicionamento no principal centro urbano de mobilização de trabalhadores, receberam cuidados na infraestrutura e abastecimento, pois seu pleno funcionamento serviria de exemplo e propaganda para atrair de novos candidatos a seringueiro. Lá

estavam instaladas as enfermarias do SESP, onde foram realizados os exames médicos e os tratamentos para os trabalhadores impossibilitados, temporariamente, para o embarque. Esta estrutura exemplar alcançou poucos pousos do percurso. Depararam-se com a falta de estrutura nas hospedarias durante a viagem. Na de Teresina, por exemplo, os trabalhadores começavam a perceber que a “imagem” da ida à terra da promessa não passava de uma ilusão.

A nutricionista Maria Novais Filha, ao descrever sua impressão sobre o Pouso do Prado<sup>28</sup>, após sua primeira visita, comentou: *“Percorremos todas as dependências do pouso, ficando extremamente encantadas, com o asseio, disciplina e ordem lá reinantes; basta dizer que a higiene era tanta, que num lugar como a cosinha, onde podiam existir moscas, não foi vista mais que uma.”* Embora tenha feito elogios à estrutura da hospedaria, após ter *“verificado o numero de trabalhadores existentes nesses dias, foi tirada a média diária e calculada a quantidade que cabia a cada trabalhador,”* concluindo que:

Verifiquei então que esta média está muito aquém quantitativa e qualitativamente da ração indicada para um trabalhador em serviço leve, pois o trabalhador não atinge a 3.000 calorias que é o mínimo indicado para adultos em serviços leves, mormente para estes que se acham subalimentados e dispendendo energias durante uma viagem longa e sem conforto. Acresce [sic] a isso que o total calórico é peenchido na sua totalidade por hidratos de carbono, salientemente a farinha. É o antigo erro que persiste.

O cuidado especial tão necessário com os trabalhadores que seguiriam *“uma viagem longa e sem conforto”* já não é seguido desde o ponto de partida. A alimentação insuficiente *“quantitativa e qualitativamente”* aprofundava a situação de homens já debilitados, a *“ração”* fornecida era inferior à indicada, segundo a nutricionista, para uma criança de 10 anos:

Consta da ração alimentar diária, sistemática, o feijão, o arroz, a carne de xarque, muito pouca gordura, quase nenhum legume e verdura, a abundancia de farinha. Estes alimentos são preparados sempre do mesmo modo, sendo que o arroz é completamente isento de gordura, apenas cosido e despresada a água. Cada

---

<sup>28</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4, Doc. 26. *Relatório do serviço de alimentação do pouso do Prado*. Fortaleza 1 de junho de 1943. Nutricionista Maria Novais Filha.

trabalhador recebe a refeição num prato mau cheio, insuficiente para uma criança de mais de 10 anos.

Eram fornecidas três refeições diariamente: a primeira delas às 6 da manhã, “*constante de: uma caneca de café simples e um pedaço de pão de 60 a 70 gramas. (...) uma quantidade mínima de pão e não tomam leite.*” Esperam de 5 a 6 horas pelo almoço, servido entre “*11,30 e 12 horas. (...) um pequeno prato de comida que nem menos pode satisfazer ao seu apetite. Depois disso, só têm nova refeição (jantar) às 17,30 ou 18 horas da tarde, tão insuficiente quanto a segunda.*”

A insuficiência nutritiva da alimentação também era alvo da reprovação de Maria Novais:

A ausência completa de frutas; quantidade quase nula de legumes e verduras. Fica portanto a ração do trabalhador prejudicada no seu teor de sais minerais e vitaminas. O mesmo acontece com proteínas e gorduras que são recebidas em quantidades insuficientes. Para suprir esse grande ‘déficit’ entram em grande escala os hidratos de carbono tomando o lugar de alimentos mais nutritivos.

Os argumentos profissionais da nutricionista foram insuficientes para chamar a atenção dos dirigentes do órgão com a alimentação dos trabalhadores. Não obstante, Maria Novais reforçou seu posicionamento ao exercer o papel de ‘porta voz’ das queixas e reclamações ouvidas no cotidiano da hospedaria: “*queixava-se que estão emagrecendo, dia a dia, adoecendo e concluindo que se persistirem nesse regime acabam no cemitério (palavras de um grupo de trabalhadores).*” Os trabalhadores, sem perceberem, faziam um alerta de certa forma profético, uma vez que a doença e a morte ainda iriam cruzar seu caminho muitas vezes no deslocamento até o seringal e durante sua permanência no meio da floresta, onde as estradas da seringa foram o cemitério de muitos deles.

Após uma semana de observação, a equipe de nutricionistas chefiadas por Maria Novais propôs um novo cardápio, com a alteração do almoço para as 10 da manhã e inclusão de uma merenda às 14:00h. No café e na merenda deveria ser incluído o leite e a quantidade de pão passaria a ser de 120 g. No almoço e no jantar seriam incluídos miúdos, macarrão, verduras, legumes e frutas como a banana, “*de fácil aquisição no*

*mercado local.*” O preparo da alimentação deveria ser feito de “*diversas maneiras, afim de não se torne monótono e aborrecido.*”

Para surpresa da nutricionista, “*pois é sabida a idiosincrasia que esses têm pelo leite em pó*”, os trabalhadores aceitaram a inclusão do leite nas refeições:

Há questão de uns três dias, a pedido do médico chefe, procurei preparar uma merenda, constante de leite em pó, afim de nela serem colocadas vitaminas B e C. Como experiência, preparei à vista de dois ajudantes da cosinha, afim de que aprendessem , o leite para 20 pessoas na enfermaria, e em seguida para duas turmas de trabalhadores. Antes porém de lhes ser fornecida essa ração, falei ao microfone, explicando qual o alimento que iam tomar e porque e prometendo aos demais dar-lhes nos dias seguintes. Receberem muito bem, apenas meia caneca de leite, dizendo claramente terem vontade de tomar mais. Isso prova que sentindo necessidade de se alimentar, recebem com prazer, mesmo o alimento que não lhes é muito agradável.

Diante do estranhamento aos novos hábitos alimentares, o serviço de nutrição tinha a missão não apenas de elaborar a dieta a ser fornecida aos trabalhadores, cumpria também um papel pedagógico:

Diante da necessidade de educa-los ensinando-lhes comer o que devem e nunca em melhor ocasião que esta. Prontifiquei-me a conversar diariamente com eles, pelo microfone, afim de indicar-lhes os alimentos necessários, certificando-me depois dos resultados e ainda assistir o preparo e distribuição do leite”

Porém, se no contato com os trabalhadores as nutricionistas, obtinham sucesso, seus planos esbarraram em problemas da estrutura da hospedaria. Quando estavam “*todos ávidos a tomar leite*”, a distribuição geral não foi possível, “*por faltar na cosinha um ou dois camburões para o seu preparo.*” Encerrou com uma indagação: “*Há no pouso, fartura de gêneros, boa vontade geral, trabalhadores ansiosos por se alimentarem mais e melhor, porque não executar o programa?*”

No relatório seguinte, as modificações sugeridas na alimentação dos trabalhadores, a variação no preparo da comida e a inclusão de miúdos no cardápio foram apreciadas não apenas pelos trabalhadores, mas também pelos funcionários do

SEMTA: *quando se inaugurou a PANELADA, prato predileto do povo, mesmo sendo domingo, muitos funcionários apareceram para saboreá-la.*<sup>29</sup>

No mês seguinte, julho de 1943, a nutricionista Maria Novais Filha, acompanhada de um médico do SESP, foi à hospedaria de Teresina<sup>30</sup>. Após a partida em Fortaleza, Teresina era o pouso onde concentravam-se mais trabalhadores e maiores problemas de infra-estrutura. Chegando na capital do Piauí, em 16 de julho, a nutricionista dirigiu-se “ao *POUSO dos trabalhadores, onde foi constatado estarem estes em tranzito por ele, sem leite pela manhã há mais de seis (6) meses.*” A alimentação do trabalhador era composta basicamente de: arroz, feijão, carne de charque e farinha. Insuficiente, sem nutrientes e com gêneros de péssima qualidade, causando recusa e revolta entre os trabalhadores que aguardavam o embarque:

É de se notar que o feijão distribuído é de péssima qualidade, preto, torrado, de modo a não cosinhar de maneira alguma, sendo rejeitado diariamente pelo trabalhador que preferia jejuar a come-lo. A carne de charque também muito mal preparada, apenas escaldada era dada juntamente com arroz e igualmente rejeitada. Estavam os trabalhadores revoltados a ponto de fazerem uma greve no pouso.

Se ao concentrar esforços de mobilização no Ceará, as autoridades esperavam encontrar uma massa de flagelados implorando comida, os planos foram em vão. Quando houve chuvas, a capacidade de retomada das atividades produtivas eram enormes. Rodolfo Teófilo observou, em relação à seca de 1915, que: “*em meio do inverno de 1916 o gado que descia para o abastecimento da capital era superior ao consumo. O Ceará é uma terra incompreensível. É por isso que o povo diz: - ‘aqui é oito ou oitenta’*”<sup>31</sup>.

Assim, a chegada da estação de chuvas, nos primeiros meses de 1943, foi o primeiro obstáculo encontrado pelo SEMTA para ter sucesso em sua missão, pois, significavam a retomada das atividades agrícolas e pecuárias dos sertanejos. O segundo:

<sup>29</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. Doc. 31 *Relatório do Serviço de Alimentação do Pouso do Prado – junho/julho 1943*. Nutricionista Maria Novais Filha. Fortaleza 20 de agosto de 1943

<sup>30</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. Doc. 32 *Relatório do Serviço de Alimentação do Pouso de Teresina*. Teresina – Piauí, 02 de agosto de 1943 (transcrito conforme o documento original)

<sup>31</sup> Para Rodolfo Teófilo: “*O Ceará é como a fênix da Mitologia: vive a ressurgir das suas próprias cinzas; é a erva de Jerico dos sertões combustos da terra das secas.*” *A seca de 1915*. Fortaleza: Edições UFC, 1980. p.58

se na propaganda o trabalhador teria o mesmo status de um soldado, na prática, no cotidiano das hospedarias, médicos, policiais e autoridades tratavam os mesmos trabalhadores de forma diferente. Em alguns momentos foram vistos como miseráveis, flagelados, inferiores, passivos que deveriam aceitar o que a eles fosse oferecido; quando não, eram vadios necessitando serem disciplinados, e para isso, a polícia estava à disposição das autoridades. Não perceberam que a condição de retirante era temporária e só seria utilizada quando, diante da impossibilidade de resolver seus problemas de subsistência, criavam formas de forçar uma ação governamental à situação de emergência.

Esse foi o aprendizado político das populações sertanejas no convívio com várias secas. Superado o momento de crise, ou mesmo durante ela, não aceitaram todas as regras ou “concessões” feitas. Os trabalhadores que se alistaram no “Exército da Amazônia” esperavam que as vantagens oferecidas fossem cumpridas. Ao perceberem o não cumprimento, não assumiam a postura passiva que os “técnicos da migração” esperavam. A greve a que se refere a nutricionista, realizada no Pouso de Teresina, pode ser melhor compreendida neste campo de possibilidades.

Tanto os trabalhadores do campo já tinham uma tradição de ações, mesmo que não planejadas, para que sua visibilidade fosse percebida; como também a atuação de trabalhadores de centros urbanos pode ter influenciado na organização do movimento. Infelizmente, Maria Novais não apresentou mais detalhes sobre a manifestação: seria uma greve de fome? Impediam ou se recusavam a embarcar nos trens? Fugiram do pouso? Só sabemos, por relatos, que as reivindicações dos trabalhadores em Teresina foram duramente reprimidas. A intervenção do Estado Novo trouxe um novo conteúdo para essa questão. Ao propor um contrato de trabalho, criava a expectativa de que seriam reconhecidos direitos sociais agregados ao trabalho de coleta da borracha. Assim, a noção de cidadania prometida aos *Soldados da Borracha*, extrapolou a mera assistência social ou caridade a sertanejos famintos, esta é uma dívida que ainda não foi quitada pelo poder público.

Procurando diminuir a animosidade dos trabalhadores em relação à alimentação, algumas ações foram tomadas:

Foi necessário substituir imediatamente o feijão preto por outro novo e pôr mais ou menos em execução o cardápio de Fortaleza,

(...) a carne de xarque também requeria uma exposição ao sol, pois está quase toda mofada e isto foi feito. Ha entretanto uma grande parte dela que se acha condenada, quase apodrecida; vai ser feita uma experiência: a de coloca-la na água de sal novamente e em seguida no sol para seca. (...) no mercado local foi encontrada uma parte de legumes e frutas enquanto se entrava em entendimento com o Diretor de Fomento Agrícola para o fornecimento de frutas e verduras.

As investidas de solucionar os problemas da alimentação nem sempre foram implantadas. Abastecimento e transporte foram os maiores obstáculos:

O café tem que ser levado pelo único caminhão de serviço, conduzir os médicos e só depois ir ao mercado. Este mesmo caminhão muitas vezes falta por viver em conserto(...) Houve dias seguidos que a comida de 800 homens era feita com paus de cerca.(...) a lenha usada é verde e produz uma fumaça incessante, ficando os alimentos impregnados dela. Quanto á higiene da cozinha, no tocante ás moscas é péssima. Vive lá uma verdadeira nuvem delas. Dizem os encarregados do SESP que nada têm que ver com isso, e como o SEMTA não tem quem cuide, lá estão, prejudicando enormemente a higiene. O fogão acha-se em ruínas. (...) nem panelas existem. Os alimentos são cosidos em latas.

Em Teresinha, a situação dos trabalhadores doentes, que se encontravam nas instalações da enfermaria do SESP, era extremamente precária: *“estão sendo distribuídas as rações ainda em bacias, numa mistura como se tratasse de comida de porcos.”*

Antes de seu retorno à Fortaleza, Maria Novais selecionou uma auxiliar de alimentação, *“professora e pessoa bastante inteligente,”* que ficou encarregada de acompanhar a implantação dos novos cardápios, compra de gêneros e elaboração de relatórios mensais à chefia do SEMTA, visando a estabilização da reorganização do serviço na capital piauiense.

Os médicos James Lins de Alemida e Fausto Pereira Guimarães, funcionários do Departamento de mobilização do SEMTA, também deixaram suas impressões sobre os pousos e hospedarias do serviço, durante a viagem que realizaram entre Fortaleza e São Luís, de junho a julho de 1943.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. Doc. 29. *Relatório Geral da viagem Fortaleza-Sobral- Tianguá-Teresina-São Luis, efetuada no período de 24 de junho a 11 de julho de 1943,*

Após o atraso na partida, *“por haver ocorrido, na véspera um acidente de caminhão em que viajávamos para Teresina”*, os médicos saíram de Fortaleza dia 24 de junho, à noite já estavam em Sobral (CE). No dia seguinte realizaram uma visita ao *“pouso de concentração, obtendo informações sobre o andamento dos serviços, com responsáveis locais pelo S.E,M.T.A. e S.E.S.P.”* Partiram de Sobral dia 25, chegando em Teresina a 26 de junho, após *“termos visitado, de passagem, o pouso do Tianguá.”* Na capital do Piauí, a permanência *“prolongou-se até o dia 5 de julho, por necessidade de serviço. Seguimos de Teresina para S. Luiz por via Férrea, e aí chegamos nas 6 da manhã de 6 de julho.”* Permaneceram 5 dias na capital maranhense, de onde regressaram à Fortaleza de avião.

Os problemas na alimentação dos trabalhadores eram ocasionados pela falta de estrutura nas cozinhas das hospedarias e falta ou excesso de gêneros. Em Sobral, *“ao serem feitas as primeiras experiências, verificou-se que, com os fogões acessos, o calor era insuportável, razão pela qual os cosinheiros, atualmente, preparam as refeições ao ar livre”*. O mesmo problema era encontrado nas hospedarias de Teresina e São Luis. Os médicos também apontaram várias outras irregularidades: ausência ou insuficiência de banheiros; falta de bombas e recipientes para armazenamento e tratamento da água; necessidade de ampliação e reformas nas estruturas das hospedarias e enfermarias. A alimentação não era uniforme nos pousos:

foram introduzidas certas modificações,(...) a quantidade ou a substituição de um alimento por outro julgado equivalente, pensando-se a atender a preferencia da maioria dos trabalhadores, afim de evitar reclamações.(...) razões de ordem econômica – falta de verba suficiente – determinaram a não aquisição de certos alimentos, como, por exemplo, em Tiangua, onde não se fornecia carne verde aos trabalhadores, por esse motivo, e pela existência de um grande estoque de xarque, no almoxarifado. (...) tanto em Tianguá como em Teresina, encontramos (...) estoque de xarque (mais de 4.000 quilos em cada pouso) parte do qual estava em vias de se deteriorar.

A alimentação já foi abordada em detalhes, quando analisamos relatórios de nutricionistas. O dado novo, que o relatório dos médicos refere-se, é a pouca atenção dada à situação das enfermarias, propondo apenas algumas obras e reformas pontuais.

---

*pelos doutores Fausto Pereira Guimarães e James Lins de Almeida, do Departamento de mobilização. Fortaleza 27 de julho de 1943.*

Em contra partida, no que se refere à disciplina, a preocupação foi maior. Sobre o controle dos trabalhadores nos pousos visitados foi observada “*a falta de um critério uniforme para manutenção da disciplina.*”

Para manter a disciplina nos pousos, as autoridades dependeram da colaboração das polícias locais e das guardas internas, constituídas pelos próprios trabalhadores, que nem sempre corresponderam às necessidades. Cada comboio que partia de Fortaleza tinha cerca de 210 homens.<sup>33</sup> Ao chegar em Teresina, a viagem só poderia ter continuidade caso houvesse vagas no Trem que levaria os trabalhadores a São Luis. Teresina, a única capital do Nordeste que não se situa no litoral, dependia basicamente da linha férrea para garantir o abastecimento da cidade e das regiões próximas. A disponibilidade para passageiros era reduzida.

A presença de uma guarda interna acirrava a rivalidade entre trabalhadores de origens e experiências diferentes, dificultando a imposição de autoridade. Em Sobral, o envolvimento em distúrbios na cidade, situação bastante provável, seria motivo para suspender as saídas noturnas dos trabalhadores:

Os trabalhadores são obrigados a permanecerem no Pouso até a hora do jantar, tendo depois a permissão para virem à cidade, mas si aí se envolverem em distúrbios fica proibida a saída de todos, por vários dias. No pouso, os trabalhadores em transito não podem sair, assim como as turmas em preparo de embarque, que são obrigados a aí permanecerem nas 48 horas que precedem ao mesmo. Os recuperáveis nunca podem sair.

Em Tianguá, os trabalhadores permaneciam apenas poucas horas, no trajeto entre Sobral e Teresina. A cidade que fica na região da Serra da Ibiapaba é bastante fria em relação ao sertão, “*devido ao frio, eles preferem não abandonar o pouso*”. Mesmo assim, o representante local do SEMTA, Dr. Vicente Leite, juiz na localidade, ordenou “*aos comerciantes para não venderem bebidas alcoólicas, aos trabalhadores do SEMTA, sob pena de prisão.*”

Na capital do Piauí, “*a passagem das primeiras turmas por essa cidade, foi assinalada por arruaças e desordens que, além de determinarem enérgicas medidas*

<sup>33</sup> Arquivo Nacional. Fundo Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. Doc. 10. Instruções *Provisórias para a organização de turma e ordem da marcha.* “*Cada comboio compor-se-á de seis turmas, contendo 35 trabalhadores cada turma, obedecendo á seguinte constituição: a) 1 chefe de turma; b) 2 guardas sanitários; c) seis chefes de comboio; d) seis ajudantes de chefes de turma; e) 1 mecânico; f) 7 motoristas*”

*repressivas por parte das autoridades locais, acarretaram em ambiente (...) hostil ao SEMTA*". Na Hospedaria de Teresina, havia uma *"tensão reinante entre os trabalhadores e os elementos locais, que nunca cessou completamente de existir, havia também a influência do agitado ambiente interno do Pouso."* As ações da administração do pouso agravavam os conflitos e nem a mudança de administradores superava os problemas disciplinares:

Aí, os atos de indisciplina se sucederam com relativa freqüência e a maneira violenta pela qual a administração procurava solucioná-los, concorreram para agravar a situação. Mesmo, depois desse período de agitação inicial, quando houve mudança de administração, manteve-se, embora atenuado, um foco de descontentamento, sempre pronto a se exacerbar ao menor pretexto.

A presença de médicos do SEMTA expôs também desentendimentos entre *"certos elementos do SEMTA e do SESP"*, o que influenciou na continuação do impasse na solução dos problemas disciplinares. A causa de tanta indisciplina no pouso era a longa permanência das turmas à espera do embarque:

Não se pode deixar de mencionar, como fatores que também concorreram para relaxar a disciplina, a longa permanência das turmas nesse Pouso (mais de uma vez, às vezes) em quase completa ociosidade, e a grande disseminação da prostituição nas proximidades do campo

Segundo os médicos, a guarda interna, *"organizada com pessoal retirado das turmas sob chefia de um funcionário do SEMTA (...) gosava de uma certa autonomia"*. Assim, no pouso de Teresina o que prevalecia era a falta de coesão nas decisões de dirigentes aliada à violência e repressão contra trabalhadores descontentes com sua situação.

O incidente que ocorreu em Teresina, por ocasião de nossa estadia nessa cidade, e, do qual já fizemos um relato verbal a V.S., comprova que ficou dito acima, pois nele exercem influência capital o modo violento pelo qual a guarda interna do campo procura disciplinar um trabalhador e a desarmonia existente entre certos elementos do SEMTA e do SESP.

A situação na hospedaria de São Luís era diferente. Lá não houve guarda interna, “*tendo a Polícia Estadual fornecido um contingente de 6 soldados e um sargento, que apenas intervêm em casos extremos.*” Os fatores disciplinares foram resolvidos “*normalmente pelos administradores do pouso.*” Os conflitos não foram tão latentes como em Teresina, mas a presença constante de policiais militares deixa clara a evidência de que também houve descontentamentos.

O cotidiano das hospedarias de Fortaleza sempre foi referido como lugares em que reinam “*o asseio, a disciplina e a ordem.*” Aí concentraram-se os esforços de manter os trabalhadores em constante atividade física, com a realização de exercícios para ocuparem o tempo do trabalhador. Caso acontecesse em Fortaleza conflitos, como os que aconteciam em Sobral e Teresina, os esforços de mobilização seriam desmoralizados em seu principal ponto de atração de trabalhadores recrutados.

A revista *Cancha*, de circulação local em Fortaleza, publicou uma matéria de três páginas,<sup>34</sup> com o título “*No pouso do SEMTA a quadra mais original do Estado.*” Fortaleza foi apresentada como uma cidade em que as atividades físicas e esportivas já eram bastante comuns, nas quadras de esporte já existente “*a criança, o adolescente ou o cidadão de idade já madura – praticam o esporte de sua predileção, mantendo, assim, na devida forma a resistência física e muscular de seu corpo.*” Nos espaços públicos e clubes não era diferente: “*na cidade da criança ou no velho náutico (...) – o belo espetáculo de crianças, rapazes, moças e homens que aprimoram, ao ar livre, as virtudes da raça, os atributos físicos que herdamos dos nossos antepassados*”.

Na busca de novidades sobre o mundo esportivo cearense, os editores da revista descobriram, através de “*pilhéria dos quinta coluna*”, forma a que jornalistas da época se referiam a qualquer posição crítica ao Estado Novo, a quadra mais original do Ceará: “*uma quadra em que os times titulares, seja de basquete, de futebol ou de vôlei, raramente vivem mais que um semana, porque estão sempre se acabando e se*

---

<sup>34</sup> A matéria com três páginas em formato A4, traz na primeira delas uma foto de um jogo de vôlei na quadra do SEMTA “*QUADRA DE VÔLEI: A objetiva da Aba-film apontou o flagrante acima em que se vêem trabalhadores da Amazônia disputando uma animada partida de volei*”. Na página seguinte uma foto de Paulo Assis Ribeiro: “*Dr. Paulo Assis Ribeiro, chefe do SEMTA, que alia as qualidades de um grande engenheiro, administrador e técnico de educação, às de um ‘sportman’ na mais alta expressão da palavra. No tempo de acadêmico, foi campeão de várias competições esportivas inclusive corrida de 100 metros*”. Logo abaixo outra foto da Aba-Film, registra trabalhadores fazendo ginástica: “*GINÁSTICA SUECA: em amplo campo, centenas de trabalhadores fazem ginástica sueca, o que é uma grande excelente maneira de manter em forma a resistência física dos homens que vão desbravar a Amazônia*”. Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. doc. 23 Revista *Cancha*. Fortaleza, maio de 1943. p. 16-18

*renovando.*” Porém, os trabalhadores continuaram suas atividades esportivas em outras paragens: *“dois dias depois preliam em Teresina e mais alguns dias depois como bons turistas, divertem-se, com a pelota, numa cancha paraense”*

A matéria segue explicando a forma “curiosa” com que os editores tomaram conhecimento das atividades esportivas da hospedaria do SEMTA:

“Alguns trabalhadores, alistados para a Amazônia pelo SEMTA, desistiram, em Fortaleza, de continuar viagem para o Extremo Norte.

Esses sertanejos trataram de encontrar um pretexto qualquer para justificar tal desistência, que em nada recomenda a tradicional fanfarronice de todo cearense do interior. O pretexto talvez, inspirado por pessoas más e impatrióticas, não tardou à imagem viva do ‘desertor’. Assim por onde passavam diziam os ‘fujões’, que o *‘governo queria era pegar os sertanejos para mandar brigar com os alemães na África, pois os trabalhadores, envês de ir para a Amazônia, ficavam em Fortaleza, no Prado, fazendo ginástica militar, com sargento do exército... Praquê ‘trabaiador’ fazendo exercício?’*<sup>35</sup>

Tais afirmações só poderiam *“impressionar o espírito crédulo dos matutos. Rimos dessa perversa pilhéria da ‘quinta-coluna’ cearense mas não perdemos tempo em ir ver.”* Os redatores decidiram visitar as instalações do SEMTA:

Eram 8 horas da manhã. (...) uns 400 homens, de calção, faziam ginástica sueca, orientados pelo sargento Alfeu, do exército. Ficamos a admirar os corpos fortes, as musculaturas salientes daqueles homens, vindos do interior de todos os Estados do Nordeste e acostumados ao rigor do sol dos trópicos”

Os jornalistas abordaram o sargento perguntado sobre os exercícios, que se adiantou *“Ah! Eu soube da pilhéria dos ‘fujões’ corre por aí, ligada ao meu nome...”* E segue esclarecendo os objetivos da ginástica:

o que queremos com a ginástica e a prática dos desportos é divertir esses homens, que, nada tendo a fazer aqui, ficaram um dia inteiro a ‘mofar’ nas rédes! Os jogos divertem, são um passatempo, fazem bem á saúde.(...) conservar a saúde do trabalhador é um dos cuidados que mais chama a atenção dos SEMTA. (...)o

---

<sup>35</sup> Revista Cancha. p. 17

esporte é de real importância para manter o equilíbrio das forças orgânicas do indivíduos, sobretudo para pessoas como o soldado ou o trabalhador da Amazônia que terão, em muitas oportunidades de dominar a fadiga e o cansaço físico.<sup>36</sup>

A matéria segue especificando cada uma das atividades. A *Ginástica Diária* não era obrigatória, pois quando o Sargento Alfeu “*põe seus homens no campo, (...) ninguém quer ficar no interior do abrigo.*” Os esportes: Futebol, Basquete e Vôlei também eram dirigidos por um militar “*sr. José Raimundo Leitão, conhecido por cabo Santos, nome que trouxe da polícia de São Paulo, em que serviu.*” Apesar do Cabo Santos já ter disputados campeonatos amadores pelo “*São Paulo Futebol Clube, da paulicéia, e pelo Madureira do Rio,*” sendo um “*atleta de destaque,*” o mesmo não poderia ser dito em relação aos seus times que dirigia no Pouso do Prado: “*os seus times do Prado, sempre improvisados é que não têm sorte. O ‘six’ de vôlei, por exemplo, duas vezes que enfrentou um time de fora – o 29º B.C. e o ‘7 de setembro’ – foi fragorosamente derrotado.*” Outra diversão para ocupar o tempo dos trabalhadores eram os jogos de salão: Ping-Pong, dama, vísperas e outros, jogos que “*possuem entre os soldados da borracha, numerosos aficionados*”.

A visita dos repórteres ao Pouso causou “*uma excelente impressão da segura orientação que vem sendo dada á mobilização de trabalhadores.*” Causando “*alegria*”, pois, não faltavam exercícios adequados para “*esses heróis anônimos que partem para a Amazônia, onde está em plena execussão o maior serviço de saneamento até hoje imaginado.*” A Tônica da matéria deixa explícita sua intenção, desqualificando a postura dos “*desertores*”, que exerciam influência negativa para à mobilização devido ao “*espírito crédulo do sertanejo*”. As atividades físicas seriam mais uma das vantagens oferecidas pelo SEMTA.

A Educação Física e a prática esportiva estavam mais ligados à necessidade de disciplinar o tempo de permanência do trabalhador na hospedaria do que a imposição de uma disciplina militarizante. Afinal, o objetivo era ocupar o tempo ocioso, um perigo ao ambiente de ordem que governantes procuraram criar. Contudo, encontramos indícios de que tais atividades não foram suficientes para controlar, completamente, o cotidiano dos trabalhadores. As hospedarias de Fortaleza assemelhavam-se à verdadeira Torre de

---

<sup>36</sup> *Revista Cancha*, p.18

Babel, pois foram o ponto de encontro e concentração de trabalhadores rurais e urbanos do Nordeste, essencialmente de Ceará e Rio Grande do Norte, com trabalhadores recrutados na região Sudeste como paulistanos, mineiros e cariocas<sup>37</sup>.

Na permanência em hospedarias de Fortaleza, os *Soldados da Borracha* tinham a última oportunidade de desistência de partir para a Amazônia. Com a possibilidade de conseguirem transporte para o local de recrutamento ou permanecerem na capital cearense. Para tanto, o trabalhador deveria assinar um termo de desistência, abrindo mão de todas as “vantagens” oferecidas pelo serviço.<sup>38</sup>

## 2.6- SEMTA ou CAETA?: ajustes em tempos de incerteza

O plano inicial do SEMTA era recrutar 50 mil trabalhadores no Nordeste nos primeiros meses de 1943. Cifra não alcançada, segundo Geraldo Nobre, funcionário do Departamento de Mobilização, na época de seu afastamento do cargo no segundo semestre de 1943, os números ultrapassavam os 30.000.<sup>39</sup> Nos arquivos de Paulo Assis Ribeiro e em seu depoimento na Comissão Parlamentar de Inquérito<sup>40</sup>, instalada no Congresso Nacional em 1946, os números são de 14.868<sup>41</sup>. Os dados oficiais sobre a quantidade de trabalhadores recrutados não são exatos. O deputado pelo Ceará, Paulo Sarasate, se refere a 30 mil recrutados.

<sup>37</sup> Os trabalhadores recrutados no Rio eram considerados os mais indisciplinados. Em maio de 1943 foram devolvidos à capital federal 57 deles. Os motivos alegados eram: indisciplinada e inconveniência com o serviço. Arquivo Nacional. Fundo Paulo Assis Ribeiro. Caixa 4. Doc. 7.176. *Trabalhadores devolvidos ao Rio*. Aristóbulo de Castro – Chefe do Departamento de Assistência Social. Fortaleza 30 de maio de 1943.

<sup>38</sup> Jovelin Teixeira, trabalhador recrutado no Rio, ao ser reprovado no exame médico, pretende permanecer no Ceará. “*Para os devidos fins, declaro que havendo sido considerado incapaz fisicamente para o trabalho no Amazonas, de conformidade com o exame procedido pelo serviço médico do SEMTA, e sendo-me determinado regressar à capital da República, onde fui inscrito para o mencionado serviço, não me convindo, entretanto, retornar ao ponto de partida – por motivos exclusivamente pessoais – preferindo permanecer no Ceará, cabe-me isentar a administração do SEMTA de qualquer responsabilidade em face da minha deliberação, bem como de minha situação pessoal futura, o mesmo com relação a qualquer obrigação financeira do mesmo serviço, ao qual dou plena e total quitação, por haver sido embolsado meus salários.* Fortaleza 9/4/43 Jovelin Texeira Cunha. Testemunhas: Fco. Umbelino, Anto. Martins da Silveira.” (Doc. 7.139 – *Declaração desistente*. Fortaleza 9 de abril de 1943) Ernesto de Sousa Pereira e Décio Maciel afirmam que “*por livre e espontânea vontade*” desejam regressar ao local de residência. (Doc. 7.202 – Fortaleza 28 de junho de 1943).

<sup>39</sup> NUDOC- UFC. *Série de entrevistas – Estado Novo*. Entrevista com o professor Geraldo da Silva Nobre. Fortaleza 21 de junho de 1988.

<sup>40</sup> A CPI da Borracha foi concluída sem indiciar ninguém, alegando falta de indícios.

<sup>41</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 5. Doc. 62. *Depoimento de Paulo Assis Ribeiro ao Diário da Assembléia*. 24 de junho de 1946.

O segundo semestre do ano de 1943 marcou o fim das atividades SEMTA. O governo norte-americano desconfiava do gerenciamento dos recursos fornecidos ao governo brasileiro, os números planejados não haviam sido alcançados.

A descentralização no processo de emigração, com um órgão encarregado pelo recrutamento e transporte até Belém (SEMTA) e outro pela colocação do trabalhador no seringal partindo de Belém - SAVA (Serviço de Abastecimento do Vale Amazônico), foi motivo de desencontro de informações e troca de acusações entre os dois órgãos sobre a identificação e localização dos trabalhadores. O fim desse modelo estava próximo. Percebendo isso, os funcionários do SEMTA enviaram uma carta ao chefe do serviço demonstrando suas preocupações. Não apenas na manutenção de seus empregos, mas também porque sabiam que poderiam ser responsabilizados pelo desfecho dos acontecimentos:

(...)deverão ser detalhadas as iniciativas que decorrerem naturalmente do plano de trabalho.

I - Assistência às famílias:

\* início do transporte das famílias dos trabalhadores aos seringais;

\* fixação do prazo, manutenção de famílias;

\* novo acordo sobre fase após – colocação nos seringais. (...)

III- garantia de ligação entre trabalhadores e famílias.

IV – exclusividade do SEMTA de remessa de trabalhadores com contrato de trabalho

(...) a regularização de débitos deve ser imediatamente resolvida, de vez que o último pagamento RDC efetuou-se em 7 de julho. Uma vez vencidas essas etapas iniciais, impõe-se como imperativo incalculável um exame feito pelo SEMTA na região amazônica das condições de vida dos trabalhadores da borracha por ele recrutados, afim de permitir uma adequada solução aos problemas conhecidos através de informações e notícias de terceiros, que mister se torna elucidadas e definitivamente.<sup>42</sup>

Era tarde para superar os desentendimentos entre tantos órgãos. O Ministério da Coordenação Econômica decidiu pelo fechamento do SEMTA e da SAVA, que teriam suas funções centralizadas em um só órgão, a CAETA (Comissão Administrativa de

---

<sup>42</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 5 Doc. 35 – *Carta de funcionários do SEMTA a Paulo Assis Ribeiro – Fortaleza, 19 de setembro de 1943*. Assinado pelos funcionários: Dr. Manoel J. Ferreira (Departamento de mobilização); Dr. Jayme Lins de Almeida (Departamento de Assistência Social); Dimitre Pankov ( Dep. Engenharia); Ct. Hercdino Cascardo (Sup. Belém); Miguel Paes Loureiro (Sup. São Luis); Luiz Leite Costa (Sup. Fortaleza); Henrique de Almeida Fialho (Sup. Rio).

Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia). Por trás dessa medida, não haveria a intenção de se livrarem das responsabilidades assumidas anteriormente?

Assim, em 31 de novembro de 1943, quando iria completar um ano de atuação, o SEMTA foi extinto e substituído pela CAETA:

(...) a concentração de esforços que hoje se realizando a autoridade da CAETA é uma solução lógica, a única capaz de corrigir deficiências criadas pelos atritos dos diversos serviços que operam atualmente no problema da borracha. Os trabalhadores do SEMTA prosseguirão, reafirmando sua vitória, mas o órgão desaparecerá.

Eu sei o quanto lhe custou essa solução. Conhecendo seu entusiasmo, seu amor e sentimentalismo pelo SEMTA e a dedicação que seus companheiros de trabalho consagram ao órgão que hoje desaparece, posso bem avaliar a mágoa que vai em cada um de vocês pela solução do caso que, por ser sugerida e negociada por vocês mesmos, nem por isso minora o sentimento de afetividade que os ligava sob a mesma bandeira.

O mais recente serviço de migração retomou o projeto de migração familiar existente antes da fundação do SEMTA. Tudo indica que houve uma disputa burocrática entre cargos no alto escalão do Estado Novo. Na nova conjuntura, o Ministro da Mobilização Econômica, João Alberto, um dos mentores da criação do SEMTA, parecia perder espaço.

A CAETA tornou-se responsável pela parte administrativa e financeira, enquanto a organização da imigração (direção das hospedarias, transporte) voltou a ser responsabilidade do Departamento Nacional de Imigração, subordinado ao Ministério do Trabalho<sup>43</sup>.

As inúmeras dificuldades encontradas pelos órgãos de recrutamento foram propiciadas pela recusa de trabalhadores em migrar e por suas resistências no percurso da viagem e chegada a Amazônia. Além destes elementos, o papel que o SEMTA buscou cumprir e a lógica de “racionalização” de métodos de mobilização e seleção, inspiradas por técnicas do Fordismo e Teylorismo, que tentou implantar, estavam fadados ao fracasso. As técnicas científicas aplicadas de conhecer, classificar, “produzir em série” e distribuir trabalhadores, visavam o aumento da produtividade de borracha,

---

<sup>43</sup> Biblioteca Nacional. *Relatório da Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia – CAETA (Dezembro/1945)*. Apresentado ao Ex. Sr. Gal. Eurico Gaspar Dutra em 15 de março de 1946.

mas, desprezavam que a execução plena deste projeto só seria possível com a garantia de salubridade na floresta e condições de trabalho que superassem a semi-escravidão mantida nos seringais desde o século XIX.

Se no pólo de recrutamento a racionalização foi possível, o mesmo não ocorreu ao chegar na floresta, onde a racionalização foi derrotada. Pelo sistema de aviamento, as casas comerciais e patrões seringalistas que não aceitavam a intervenção do Estado em seus negócios; por trabalhadores que não adaptaram-se ao trato com a seringa e foram exercer outras profissões e por elementos da natureza (fauna, flora e hidrografia) que surpreenderam a urgente e repentina tentativa de extrair toneladas de borracha em um período curto de tempo. Uma vez que a exploração da seringueira era atividade complexa, dependendo do conhecimento adquirido pela experiência, adaptação ao cotidiano da mata e ao ritmo das águas dos rios que não permitiam atividades durante o ano inteiro.

### CAPITULO III: Notícias de quem vai e quem fica

**Mande notícias do mundo de lá, diz quem fica, me dê um abraço, venha me apertar estou chegando; coisa que gosto é poder partir sem ter planos, melhor ainda é poder voltar quando quero. Todos os dias é um vai e vem, a vida se repete na estação, tem gente que chega pra ficar, tem gente que vai pra nunca mais, tem gente que vem e quer voltar, tem gente que vai e quer ficar, tem gente que veio só olhar, tem gente a sorrir e a chorar e assim chegar e partir, são só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é mesmo trem da partida a hora do encontro é também despedida.”**

**(Milton Nascimento – Encontros e despedidas)**

Na letra de Milton Nascimento, “*o trem que chega é o mesmo trem da partida*”. Mas os passageiros transportados não continuariam os mesmos ao deixarem sua terra de origem rumo a novas paragens. O ultrapassar de “fronteiras” representa o momento da metamorfose de emigrante em imigrante, àquilo que o sociólogo argelino, Abdelmalek Sayad, refere-se como gênese da imigração ou momento em que nasce o imigrante:

De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante ‘nasce’ nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ele se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento.<sup>1</sup>

Portanto, o “nascer imigrante” pode significar, mesmo que não tenha sido planejado, deixar para trás um mundo de relações que antes era seu. A busca de construção de uma nova vida pode significar não apenas a negação das relações de exploração a que estava submetido. Também seria necessário “esquecer” ou, no mínimo, aprender a viver num mundo em que vai ter de elaborar novas formas de sociabilidade e novo modo de vida, que antes era-lhe estranho.

Ao falar sobre os paradoxos da imigração, Sayad aponta um momento central para a existência e manutenção dos movimentos populacionais: a ilusão criada na

---

<sup>1</sup> Sayad, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 16

sociedade de partida do emigrante de que sua ausência seria provisória, acompanhada pela ilusão de que sua presença, em uma terra “estrangeira”<sup>2</sup> também seria provisória.<sup>3</sup>

É possível perceber a forma com que esses migrantes interpretaram as escolhas que estavam fazendo? Principalmente, num momento em que estavam entrelaçadas experiências de décadas de migração da população entre os Estados do Norte e do Nordeste e os ambíguos projetos do Estado Novo. Em seus discursos, a política estadonovista planejava a colonização do Vale Amazônico e o incentivo à produção agrícola, mas tais realizações eram impossíveis de serem concretizadas devido aos entraves impostos pelo sistema extrativista.

Baseado em que Sayad chama de *cumplicidade objetiva*<sup>4</sup>, a migração só teria sua existência garantida se compartilhada coletivamente, por seus três parceiros: a sociedade de emigração, a sociedade de imigração e os próprios emigrantes/imigrantes. Embora essa cumplicidade apresente-se de forma desigual. No pólo constituinte da sociedade de emigração estavam os governos locais do Nordeste, e do Ceará em particular, com o interesse de se adequar à mobilização imposta pelo Estado Novo. Ao mesmo tempo em que, com tal recrutamento a sociedade de emigração livrava-se de parte dos problemas causados por retirantes que ocupavam os centros urbanos. No outro pólo, estavam os interesses de comerciantes e a elite amazônica, sonhando em reviver os tempos áureos da extração da borracha. Por fim os trabalhadores que, ao optarem pela busca de condições de vida e de trabalho em outra região, negavam a experiência de opressão vividas no lugar de partida. Contudo, sem terem dimensões da ilusão que acabaram incorporando a respeito da nova vida que os esperava na floresta.

Assim, esta pesquisa procura problematizar as expectativas em torno da decisão de migrar, visando interpretar experiências, memórias e outros vestígios produzidos por seus agentes, como artimanhas, usos e incorporações/negações de homens e mulheres

---

<sup>2</sup> Apesar de tratarmos de um movimento populacional dentro de um mesmo país. As diferenças culturais e no meio-ambiente, entre as regiões Norte e Nordeste são enormes: clima, alimentação, vegetação; além da necessidade de criar novos elos de sociabilidade, uma vez que as relações que conhecia não seriam mais possíveis (família, religião, amigos, vizinhos), constituindo uma experiência de choque e violência drástica nos padrões culturais. O que nos permite falar na existência de *Brasis*, dentro de um território que do ponto de vista político-administrativo se apresenta como uma unidade, vitória do projeto colonizador português e da política imperial que sufocou várias tentativas regionais de emancipação; considerando as diferenças geográficas, ecológicas e culturais essa pseudo-unidade se fragmenta. Criando assim, a partir do choque entre dois mundos tão peculiares, Selva/Sertão, uma experiência de estranhamento e a sensação de ser estrangeiro diante da ausência de elos de referência com seu modo de vida anterior.

<sup>3</sup> Sayad, Abdelmalek. *Op. Cit* p.18-19

<sup>4</sup> *Op. Cit.* p. 18

envolvidos neste falacioso discurso. Dimensão que só pode ser percebida com a superação de leituras historiográficas que mantêm “formas preconceituosas e etnocentristas” de estudos sobre a migração. Leituras,

na medida em que tratam e analisam os migrantes apenas pela ótica imigrantista, ignorando e desconhecendo as condições e pressões que impulsionaram indivíduos, famílias e grupos sociais a abandonarem, temporária ou definitivamente, seus países ou regiões, seus pertences, costumes, laços de parentesco.<sup>5</sup>

Outra dimensão de interpretação e leitura de movimentos migratórios torna-se possível indo além das fontes oficiais produzidas pelo Estado e os órgãos criados para dirigir e conduzir a migração. Recorrendo a documentos deixados pelos próprios migrantes - depoimentos, memórias, cartas, - podemos analisar em que condições ocorreram, histórica e culturalmente os processos de aliciamento, recrutamento, partida desses emigrantes; como perceberem o ultrapassar de fronteiras culturais e o fazer-se imigrante com formas próprias de sociabilidade. Assim:

O trazer à lembrança testemunhos de migrantes possibilita perceber correlações entre problemas sociais que comportaram, historicamente, processos inerentes às condições de suas partidas como emigrantes, com forças que os trouxeram para determinadas regiões, sem perder de vista sentidos e sensibilidades com que vivenciaram as relações de partida e as que foram estabelecendo nos locais de chegada, como imigrantes<sup>6</sup>

Captar estes vestígios da sensibilidade de emigrantes, como perceberam os “estranhamentos” durante o trajeto em que se fizeram migrantes, como relacionaram-se com o mundo deixado para trás e o novo que se erguia à sua volta, não é uma tarefa fácil. Boris Fausto, em suas pesquisas sobre imigrantes estrangeiros, indica caminhos de como isso seria possível:

---

<sup>5</sup> Antonacci, Maria Antonieta. “*Atravessando o Atlântico: Memórias de imigrantes espanholas no fazer-se de São Paulo.*” p.135 IN: Trajetos. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v.1, n. 2. Fortaleza: Departamento de História, 2002.

<sup>6</sup> *Op. Cit.* p. . 135

“algumas dessas dimensões ligadas à sensibilidade não são mensuráveis, podendo ser entretanto apreendidas através de fontes infelizmente escassas como a correspondência entre imigrantes e seus familiares no país de origem ou o depoimento de velhos”<sup>7</sup>

Fausto aponta a possibilidade de apreender dimensões da sensibilidade dos migrantes, ou seja, questões que estão ligadas à sua subjetividade, àquilo que esperavam, planejavam e sentiam quando do momento da partida e das relações afetivas ao manterem contato com familiares deixados na sociedade de emigração. Reconhece, porém, as dificuldades em encontrar documentações com traços de culturas abandonadas.

### 3.1 - Cartas à espera de resposta...

Na entrevista realizada com o *ex-Soldado da Borracha*, Sr. Hélio Viana, hoje com 78 anos, o depoente, ao mostrar os rascunhos dos contos por ele produzidos em sua trajetória de vida - que incluem a participação na *Batalha da Borracha*, uma viagem em pau-de-arara ao Rio de Janeiro durante a seca de 1958 e outras experiências quando trabalhava na perfuração de poços pelo interior do Nordeste – mostrou envelope de uma correspondência que enviara para a sua família, escrita no Seringal Primavera, no Acre. Infelizmente, da carta só sobrou o envelope, seu conteúdo ficou perdido entre suas anotações ou durante suas andanças.

As possibilidades de interpretar esse tipo de documentação, são de fato “imensuráveis” e o trabalho de coleta poderia ser comparado ao trabalho de um garimpeiro, que passa dias, meses, anos, senão uma vida inteira, a vasculhar, entre pedregulhos, uma pepita de ouro.

A limitação no tempo de elaboração da pesquisa, bem como o fato de não ter sido possível realizar investigações nos centros urbanos da Amazônia -Rio Branco, Manaus, Belém - onde localizam-se centros de memória criados por seringueiros e outros migrantes que ficaram pelas cidades - foram algumas das dificuldades encontradas.

---

<sup>7</sup> Fausto, Boris. Um balanço da imigração para o Estado de São Paulo. *Estudos Migratórios latinoamericanos*. Buenos Aires: n°25, 1993, p.421. Apud: Antonacci, *Op. Cit.* p. 135

Porém, ao pesquisar na cidade do Rio de Janeiro, entramos em contato com a senhora Regina Frota Chabloz<sup>8</sup>, diretora, entre fevereiro a julho de 1943, do Núcleo de Famílias de trabalhadores recrutados no Ceará, situado em Fortaleza, no lugar chamado Porangabussu, localidade que na década de 1940 compunha o subúrbio da cidade. Uma das atribuições dos serviços a cargo da direção do núcleo: “*O serviço social dos núcleos providenciará a permanente comunicação dos trabalhadores da Amazônia com suas famílias localizadas nos núcleos*”<sup>9</sup>

A senhora Regina foi professora no Rio de Janeiro, no início dos anos 1940, época em que conheceu e casou com o artista franco-suíço Jean Pierre Chabloz. Ambos, em viagem à Europa, conheceram um agente do Governo americano e tornaram-se amigos. Meses depois, ao voltarem ao Brasil, o encontraram novamente. Desta vez, Pierre Chabloz recebeu um convite para trabalhar num dos serviços ligados às atividades de guerra no Brasil. Ele seria o responsável para produzir o material de propaganda para um órgão criado recentemente com o objetivo de mobilizar trabalhadores do Nordeste para os seringais da Amazônia, o S.E.M.T.A. Aceitou, com a condição de que sua esposa o acompanhasse. Foi assim que, após uma breve passagem por São Luis no Maranhão, primeira sede do serviço, chegaram, no início de 1943, em Fortaleza.

Encontramos uma senhora bastante lúcida, com muitas lembranças a relatar. Durante seu depoimento, entre fotos e recortes de jornais, mostrou uma série de bilhetes e cartas que guardava, relacionados ao S.E.M.T.A.

Segundo seu relato, ela e o esposo foram desligados do serviço após receberem em sua casa, em Fortaleza, uma visita inesperada, onde foram “convidados” a se desligarem por suspeitas (de burocratas do governo brasileiro) de estarem ligados ao governo americano<sup>10</sup>. Fato estranho, leva-nos a supor que a saída de Regina Chebloz, da diretoria do núcleo, esteve ligada a mudanças de planos nos projetos traçados para a

---

<sup>8</sup> Entrevista cedida em 17/09/2003, na sua residência no bairro do Botafogo.

<sup>9</sup> Arquivo Nacional. Fundo Paulo Assis Ribeiro. Doc. 56 - *Esboço de Programa para assistência a Família dos trabalhadores mobilizados*. p. 3

<sup>10</sup> A Rubber Development Corporation - RDC (Companhia de desenvolvimento da borracha) mantinha um escritório em Fortaleza onde o SEMTA semanalmente deveria prestar contas dos investimentos recebidos e da quantidade de trabalhadores recrutados. O Governo Norte-Americano através da RDC exercia uma constante pressão sobre órgãos brasileiros, pela necessidade de acelerar a produção de borracha, como também porque não tinha plena confiança na capacidade de administração e das ameaças de desvio de recursos. Essa teria sido uma das questões que provocariam a extinção do SEMTA. A retirada do casal Chabloz do projeto de mobilização foi apenas um dos indícios do que estaria por vir.

mobilização de trabalhadores, em que a assistência às famílias estava sendo aos poucos descartada até sua completa extinção, em julho de 1944, como veremos a seguir.

Assim, em julho de 1943, Pierre Chabloz deixou as atividades de produção de material de propaganda e Regina saiu da direção do Núcleo do Porangabussu. Entre outras coisas, ela era a responsável por encaminhar as correspondências entre as mulheres nucleadas e os trabalhadores. O S.E.M.T.A possuía um serviço próprio de correspondência dentro de sua área de atuação, que ia de Fortaleza a Belém. Essa correspondência era realizada por via aérea: a diretora recolhia as correspondências no núcleo e enviava-as para o escritório de Belém, bem como recolhia a correspondência de Belém e repassava para as mulheres do núcleo. Quando de sua inesperada saída, parte dessas cartas acabaram ficando em suas mãos, significando que jamais chegaram a seus destinatários, podendo ser lidas e relidas como “ecos de vozes do passado.”

Como “relampejo” de experiências passadas no presente, tivemos acesso a quinze cartas ou bilhetes, datados entre os meses de março a julho de 1943. Algumas dessas correspondências foram-lhe encaminhadas pelos trabalhadores à procura de notícias de suas famílias, outras são cartas de mulheres remetidas aos seus maridos, havendo ainda uma carta de três trabalhadores dirigida ao Diretor Geral do S.E.M.T.A., o engenheiro Paulo Assis Ribeiro.

Essas correspondências são de valor inestimável, pois apresentam expectativas e sensibilidades de trabalhadores e seus familiares no momento do recrutamento e do percurso de viagem. Através delas podemos perceber representações que os trabalhadores fizeram de si mesmos, como se identificaram, o que esperaram, desejaram e sentiram.

Para análise das cartas, as separamos: inicialmente, as enviadas por trabalhadores a dirigentes do SEMTA e, em um segundo momento, cartas que se dirigiam diretamente aos familiares.

### **3.2 - Quem são e o que querem os trabalhadores recrutados...**

Como vimos anteriormente, as primeiras turmas embarcadas para a Amazônia pelo novo serviço de migração, em ação início de 1943, seguiram ainda em fevereiro deste ano. O ritmo de recrutamento era acelerado, num único dia, foram realizados mais de 900 exames médicos em Fortaleza, mostrando os resultados da “racionalização” dos

métodos de recrutamento, a seleção médica funcionou praticamente como uma linha de montagem fordista:

“900 TRABALHADORES EXAMINADOS NUM SÓ DIA PELO SERVIÇO MÉDICO DE EMIGRAÇÃO

(...) funciona há vários dias, com grande eficiência no embarque dos flagelados, situado no bairro do Alagadiço, o Serviço Social de Saúde Pública, para os trabalhadores que se destinam ao Amazonas. Esse serviço que obedece a direção do ilustre médico patricio Dr. Albino Figueiredo, conta com a colaboração de um eficiente corpo médico e de enfermeiros profissionais. VERDADEIRO RECORD: Disse-nos o Dr. Albino Figueiredo que somente ontem foram inspecionados 900 pessoas, constituindo esse número um verdadeiro “Record” e uma prova evidente da eficiência do SESP (...) poderão seguir a qualquer momento para a Amazônia, onde de acordo como o recente acordo brasileiro-americano, passarão a trabalhar no serviço de extração da borracha”<sup>11</sup>

A matéria acima divulgada, deixa ver formas como a imprensa cearense tratou o recrutamento dos trabalhadores. Parecia que tudo funcionava em plena harmonia. Não foi bem assim. O responsável pelo serviço médico ao ser representado como um “*patricio*,” perpassa a idéia de que o processo fora conduzido e dirigido por profissionais e burocratas nacionais. O que de fato não ocorreu, já que os cargos de direção, no caso do SESP, foram exercidos por médicos e técnicos americanos, enquanto que o SEMTA, mesmo dirigido por um engenheiro brasileiro, devia prestar contas, semanalmente, de suas atividades a Rubber Development Corporation, agência americana financiadora e fiscalizadora, no Brasil, das atividades em torno da extração da borracha<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Jornal *O Povo* 05/01/1943

<sup>12</sup> A própria extinção do SEMTA ocorreu graças aos conflitos internos entre os diversos órgãos criados para conduzir a migração especialmente entre o SEMTA, que era o responsável pelo envio dos trabalhadores até Belém, e a SAVA que os encaminharia de Belém para os seringais da floresta. A ausência de articulação entre esses dois órgãos dificultou mais ainda a localização de trabalhadores nos seringais. Bem como a insatisfação dos burocratas americanos que acompanhavam a execução da Batalha da Borracha. “A respeito das atividades do extinto SEMTA tornou-se popular, no Nordeste, para desdouro de nossos administradores de então, a frase atribuída aos norte-americanos: *preferimos perder a guerra a continuar financiando o SEMTA*. Querendo com isso significar serem fabulosas as quantias despendidas por essa repartição, como proveito mínimo para o pobre *soldado da borracha*” Conforme: Mello, Alcino Teixeira *Nordestinos na Amazônia. Op. Cit. p. 124 (nota164)*

Embora os serviços médicos se mostrassem eficientes na seleção dos trabalhadores, o mesmo não pode ser dito em relação a seu transporte. Chegaram a esperar dias, semanas e até meses, nas hospedarias, pelo embarque. Assim, em 2 de março de 1943, três “*pães de família*” enviaram uma carta ao engenheiro Paulo Assis Ribeiro, exigindo providência em relação à sua situação, já que estavam “*alistados nos americanos esperando as soluções deste embarque*”. A indefinição fez com que os ditos trabalhadores estivessem “*passando muita necessidade em toda família*”. Solicitaram providências para aquele que, “*como chefe geral nos pode gerar um auxílio*.” Exigiram uma medida urgente, “*hoje mesmo veja se nos pode dar um jeito*”, pois um deles tinha cinco pessoas na família para sustentar e os outros tinham quatro dependentes cada um. Alertaram que “*se o senhor não der um jeito mas ninguém pode dar*”, finalizando:

“Logo que nos consigas este embarque e continue a trabalhar o senhor pode tomar nota dos números de nossas fichas e deixe contar este auxílio que o senhor nos arrumar nos pedimos que o senhor não falte pelos olhos dos seus filhos”<sup>13</sup>

Mesmo afirmando estarem “*pedindo*,” percebemos um tom de exigência na fala destes trabalhadores que encerraram a sua missiva como quem joga uma praga ou faz uma ameaça ao chefe do SEMTA “*não falte pelos olhos de seus filhos*”.

Nas falas de trabalhadores, não encontramos os elementos tão explorados pelo Estado Novo naquele momento de patriotismo e engajamento na guerra. A identificação de terem sido “*alistados nos americanos*” aparece mais como um recurso para legitimar a atenção merecida, enquanto os “*americanos*” aparecem como os chefes ou patrões e não como exército aliado ou qualquer coisa do tipo.

As outras cartas, que não foram endereçadas diretamente às esposas ou familiares, dirigiram-se à própria Regina Chabloz, evidenciando que existia uma sensação de confiança em relação à diretora do núcleo. Reforçam a idéia de que a existência do Núcleo para Assistência às famílias<sup>14</sup> foi um dos componentes de

<sup>13</sup> Acervo particular Regina Chabloz: Cartas assinada pelos trabalhadores Antonio Moreira da Silva ficha 1567, Manoel Ferreira da Silva ficha 1567 e Antonio batista de Souza ficha 1701. Fortaleza, 02 de março de 1943 dirigida ao chefe geral do SEMTA Paulo Assis Ribeiro.

<sup>14</sup> A família representava uma dimensão importante nos modos de vida dos sertanejos, sua extensão geralmente ia além do padrão nuclear, estendendo-se às relações de compadrio e a agregados: todos seus elementos tinham importância para a estabilidade da agricultura de subsistência ou para economia

“incentivo” e “atração” aos emigrantes. Suas famílias teriam, em tais núcleos, o “amparo” e a “assistência” que o trabalhador não tinha condição de garantir diante das dificuldades enfrentadas naquele momento, pela desestruturação da agricultura, provocada pela seca do ano anterior, gerando um aumento do desemprego.

Nuca Cassundé<sup>15</sup>, na véspera de seu embarque em um caminhão com destino à Teresina, despede-se:

#### Adeus

Venho com esta ainda uma vez recomendar aminha filha *Maclete*, seio que ela estar bem colocada e tem todos os confortos necessários, mais a s<sup>ra</sup> bem sabe que também é mãe e espoza, que faltando o conforto de mãe e do espozo faltando, confio que a D. Regina há de substituir mãe e espozo para a minha filha. Sem esquecer-me de avizar para a s<sup>ra</sup> que acho que ela estar grávida, peço a s<sup>ra</sup> isso direitinho e mandar me dizer D. Regina chegando aqui e falando nos confortos do Núcleo e a vantagem que encontrei para as famílias um outro genro meu ficou com muita vontade de ir, portanto peço a s<sup>ra</sup> me informar se ele chegando ahi é fácil colocar e alistar-se logo para ir a Amazônia e puderar deixar ahi a família sendo a minha filha com duas filhas. Sem mais recomende-me a todos dahi do núcleo e agradeço.

A relação de confiança estabelecida com a diretora do núcleo fica evidente, na afirmação: “*confio que a D. Regina há de substituir mãe e espozo para a minha filha*”. E como substituta da mãe e do próprio pai em sua ausência, caberia à diretora do núcleo cuidar de sua filha caso estivesse grávida de fato<sup>16</sup>.

O trabalhador não menciona, diretamente, sua cidade de origem. Todavia, ao afirmar que ao chegar no pouso, em Senador Pompeu, encontrou um genro, nos dá a idéia de que seus parentes morariam na cidade ou nas proximidades. Era neste momento

---

doméstica. Como veremos a seguir, a decisão de migrar esteve ligada à tentativa de restabelecer laços de família rompidos em migrações anteriores. O Artigo de Maria Juraci Cavalcante levanta questões neste sentido, trata do surgimento da articulação de redes de parentes e amigos na consolidação de projetos migratórios de indivíduos e famílias rurais, ver: Cavalcante, Maria Juraci Maia. “A cristalização de uma *Cultura de Migração* no cotidiano de indivíduos, famílias e jovens interioranos do Ceara.” IN: *Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)*. T. CXI, Ano CXI, v. 111. Fortaleza, 1997. p. 109-137

<sup>15</sup> Acervo particular Regina Chabloz. Carta assinada pelo Nuca Cassundé, na cidade de Senador Pompeu, Rua 10 de novembro nº32 (sem data, mas provavelmente referente ao primeiro semestre do ano de 1943, período de sua atuação na direção do núcleo.

<sup>16</sup> Em uma das fotos guardados pela senhora Regina ela aparece ao lado de várias mulheres nucleadas com seus filhos de colo nos braços.

que o Núcleo de Famílias cumpria seu papel de mobilização de trabalhadores: “*falando nos confortos do Núcleo e a vantagem que encontrei para as famílias um outro genro meu ficou com muita vontade de ir.*”

Outra carta dirigida à senhora Regina Chabloz foi escrita pelo trabalhador Alfredo Mesquita de Oliveira<sup>17</sup>, que se identifica como “*operario*”. Esta é uma das cartas que apresenta uma caligrafia mais difícil de ser compreendida. A caligrafia, assim como os dizeres das cartas, são evidências do perfil destes trabalhadores, demonstrando que seu padrão de escrita estava fora dos cânones dominantes, portanto portadores de uma racionalidade própria do mundo sertanejo, onde as tradições oral e escrita não estavam completamente apartadas.

Após fazer saudações e desejar “*filicidades*” e “*saúde*,” refere-se a Deus e à linha de frente, um dos poucos momentos, nas cartas, de referência ao discurso de guerra: “*que elle aqui nos dar coragem para surgir [seguir] a esta linha de frente por que o homem que tem fer [fê] em Deus senpir[sempre] a estar lardo de v<sup>a</sup> s<sup>a</sup>.*” Ao analisar as possíveis formas com que podem ter sido escritas tais cartas, percebemos uma acentuada ligação entre a escrita e os sons da palavra, em carta de provável escrita pessoal, de familiares ou vizinhos.

Justifica sua afeição à diretora do núcleo pelo fato de ter, recentemente, chegado um “*conisido[conhecido] de lar do necelo[núcleo] i dircer que a Sr<sup>a</sup> fazirnhos ver-de mãi para nossas famílias*”, afirma ter ficado muito alegre com as novidades, pois ainda não tinha tido “*nutiça*” de lá.

Finaliza a carta, apelando:

D<sup>a</sup> Regina i Pesso encariçidomemte a V<sup>a</sup> s<sup>ra</sup> que mande nutiçio da minhos familios i pessoas a s<sup>ra</sup> que mandes mi dizer çì ella reçoerber uma carta do dia 11 de junhos com 2500 mil reis que eu mandei para Antonia Luciano de araujo que e aminha espôza. Nada mais lebranças para o Dr. Pinto i S<sup>ra</sup> D<sup>a</sup> Regina pesso desculpa do operario obrcerto[?] Alfredo Mesquita de oliveira

---

<sup>17</sup> Acervo particular Regina Chabloz: A carta não especifica data nem local, mas estava em papel timbrado “Via Aérea”, outras cartas com essa mesma característica forma escritas em Belém no Pará. O *operário* Alfredo Mesquita faz referência ao envio de 2500 reis na data de 11 de *junhos* o que nos leva a supor que deve ter sido escrito em Belém pois somente ao chegar lá eles recebiam o pagamento referente às diárias, lógico que depois de descontado os custos com alimentação durante a viagem.

Parece que o objetivo central da carta era saber notícias da família que tinha ficado alojada no núcleo e confirmar o recebimento de dinheiro por sua mulher. Mesmo fazendo referência à “linha de frente,” ao final da carta não se identifica como soldado, e sim operário.

Francisco Tomaz da Silva<sup>18</sup> também enviou uma carta para a Senhora Regina, solicitando informações sobre a sua esposa:

Belém – Para 13 de junho de 1943

S<sup>ra</sup> D<sup>a</sup> Regina Saudações

Dona Regina quero avisa a S<sup>ra</sup> que ora mi achado aqui no serviço do SEMTA quero que a S<sup>ra</sup> faz obisequio de manda me dizer si no núcleo do SEMTA, si acha a Dona Luiza Gonzaga da Silva, porque antes de embarcar fiz ficha de família, então pra minha mulher ir pro pouso, como então pesso a S<sup>n</sup><sup>ra</sup> que mande-me um aviso a este fim. Como tambem pesso que o S.E.M.T.A., não falte com o socorro social para ela. Mais em vista dela não ter indo para o núcleo ela fico fornecendo as segunda feira. Causo a S<sup>ra</sup> não der com ela ai falei com o S<sup>nr</sup> José gondim, e saber si ela ainda esta indo buscar as mercadoria e pesso que nao falte com este aviso. Causo a S<sup>ra</sup> fale com ela diga a ela si recebeu 2 cartas que mande, e ate agora não tiver uma resposta peça para ela escrever com urgência, sim quero dizer a S<sup>n</sup><sup>ra</sup> que aqui correi um bôato que o S.E.M.T.A., tinha deixado de fornecer as famílias dos trabalhador, afim destes bôatos é que escrevo pra S<sup>ra</sup> pra mi cientifica melhor.

Dos mais pesso desculpa do trabalhador, Francisco Tomaz da Silva, ficha n° 3574, e mat 4505

Endereço tal quel esta como esta citado em cima

Peço um aviso afim desta carta.

Percebemos que a mesma rede de contatos que funcionava para divulgar as “vantagens” oferecidas pelo SEMTA aos familiares dos trabalhadores, também funcionava no sentido oposto. Meses antes da extinção do órgão, corria “*bôato que o S.E.M.T.A., tinha deixado de fornecer as famílias dos trabalhador*”. Francisco Tomaz tinha outra preocupação, já que, apesar de ter preenchido “ficha de família”<sup>19</sup>, antes de

<sup>18</sup> Acervo particular Regina Chabloz. Carta do trabalhador Francisco Tomaz da Silva, ficha n° 3574 e matricula 4505 dirigida à senhora dona Regina. Belém do Pará, 13 de junho de 1943. Papel timbrado Via Aérea.

<sup>19</sup> No final do contrato de trabalho eram anexados os carimbos que se referiam às cláusulas do contrato que se dirigiam ao tratamento recebido pelos familiares. Os trabalhadores escolhiam entre uma das modalidades de assistência: 502- *Declaro que opto que meus dependentes diretos só recebam a assistência relativa a eles durante a vigência do contrato de encaminhamento, ficando sua assistência por minha conta quando estiver localizado nos seringais.*; 503- *Declaro que meus dependentes diretos devem ser nucleados de acordo com as condições fixadas para este caso nas cláusulas respectivas do*

embarcar, não tinha certeza sobre a localização de sua esposa. A carta faz referência à Dona Luiza Gonzaga, mulher do trabalhador, afirmando que “*fico fornecendo as segunda feira*”. Fornecendo o que? Mercadorias ou Recursos? São respostas que não encontramos, mas que podem evidenciar os fortes laços familiares e em nome de quais sentimentos enfrentam as ameaças do desconhecido. Podemos supor que ao conhecer o cotidiano do Núcleo, seu controle disciplinar rígido, seus problemas de estrutura, essa mulher tenha preferido manter outro tipo de relação, não de nucleada, mas de fornecedora, só não sabemos de que, assim como pode ter encontrado qualquer outra ocupação na cidade. Ou ao contrário, dirigia-se ao núcleo para obter a quantia destinada à manutenção de famílias que optaram por não ficar “confinadas” no núcleo. Pois, fornecimento era o lugar onde retirantes se dirigiam para terem acesso a roupas e alimentações quando trabalhavam em obras públicas. Jáder de Carvalho, define “fornecimento” da seguinte forma: “*Casa de Comércio para provisão de trabalhadores, na construção de açudes e rodovias do Nordeste. Primo legítimo do ‘barracão’ da Amazônia*”.<sup>20</sup>

A tentativa de Francisco Tomaz da Silva de localizar sua mulher parece não ter tido sucesso, apontando para perdas de laços familiares e sofrimentos experimentados, pois dias depois ele insiste com outra carta:

Belém- Pará  
E<sup>xma.</sup> S<sup>nr</sup> Dona Regina

18-junho 43

Sudações

O fim desta carta e para saber si a S<sup>nra</sup> a recebe um carta que foi a 13 deste, com o fim de saber si v.c. recebe, para mi comunica sobre a família que fico ai no pouso de hospedaria de mulher do SEMTA, a minha mulher com nome de Luiza Gonzaga da Silva, porque quando eu estava de viajar eu fiz ficha então ela ficou de ir então, eu já escrevi 2 cartas para ela aos cuidados do s<sup>nr</sup>. José Gondin, porque mesmo ela não estando no pouso, fico fornecendo as 2<sup>a</sup> feira, então pesso a vossa E<sup>cia</sup>. Foi possível manda um aviso a este fim com tamben pesso que diga a ela que escreva para mi logo cousa a S<sup>nra</sup> ver ela, ou não mi responda.

Do mais agradeço de seu criado  
Francisco Tomaz da Silva

---

*contrato de encaminhamento e subseqüentes..504- [meus familiares diretos] ficarão para efeitos de receberem a assistência dada pelo SEMTA, aceitando as condições fixadas nas cláusulas respectivas e subseqüentes, no tocante à assistência da família; 505- Declaro que meus dependentes diretos ficam sob minha exclusiva responsabilidade.* Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 7.159

<sup>20</sup>. Carvalho, Jáder. *Aldeota – Romance*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. p. 422

Turma F 162, 4505, mat. Ficha 3574, Tapaná-Pará,  
S.A.V.A.

Não sabemos se Francisco Tomaz conseguiu localizar sua mulher, mas nessa segunda carta já indica sua localização específica, a hospedaria de Tapanã, em Belém do Pará.

Algumas evidências apontam para o controle rígido nas hospedarias e Núcleos de Familiares. A senhora Regina afirmou, em seu depoimento, que às mulheres era vetado o direito de saírem do núcleo. Entretanto, parece que alguns dos envolvidos nesses deslocamentos compulsórios conseguiram burlar seus controles. Na correspondência do trabalhador José Rodrigues de Carvalho<sup>21</sup> encontramos referência de que obteve um contato com sua mulher, Francisca Mendes de Carvalho:

D<sup>a</sup> Regina felicida participo-lhe que voi viajar amanhã pesso v. m<sup>ce</sup> providencia a minha família ahi pouzo porangabussu, pois ella manda para eu hir endireitar uma barca [barraca?] para ella mais eu não posso pois viaja as 5 horas da manha espero ser atendido de vossa suiria agrarerei pelo favor a pois ella já foi trez la e não foi possível falar com a senhora, é Francisca Mendes de Carvalho pesso que V. S<sup>a</sup> procurar essa senhora afalar com ella no mais ficarei muito grato do seu cr<sup>o</sup>

Este contato foi interrompido com a partida de José Rodrigues. Após o recrutamento, o encontro entre o trabalhador e sua família já era difícil, e tornava-se praticamente impossível na véspera da viagem, quando a saída da hospedaria era estritamente proibida. Coube à diretora do núcleo informar para Francisca Mendes sobre a ida de seu marido e a impossibilidade da execução do que haviam combinado. Porém, veremos outros contextos em que as mulheres conseguiram burlar a disciplina do núcleo.

Parece que era comum, para os trabalhadores, apelar para a intermediação da diretora do núcleo, para informar às mulheres sobre o embarque de seus maridos. Manoel Viana, deseja antes do embarque receber notícias de sua mulher e filha. E deixa marcas de sua afetividade pela família em bilhete dirigido à Regina Chabloz::

---

<sup>21</sup> Acervo particular Regina Chabloz. Carta de José Rodrigues de Carvalho n° 2064 dirigida Illma Sra. Dr. Regina Diretora do *Poso* das família Porangabusso, aos cuidados do Sr. Gondim. Fortaleza. Pouzo do Prado, 13 de abril de 1943.

Dona Regina – peso que a sirva-me corresponda com urgência porque esta próximo o embarqi para nois si a resposta vier pusitivai agradável pra mim eu tambem quera sgir com frevidade dona Regina der notsia a minha snra var com saudi lenbrabsia para ela i ela abensai a minha filinha por min i beijinho nela, dispesomi felicidad. Manoel di Souza Viana.<sup>22</sup>

Além de notícias sobre a data da viagem, à “*meiga dócil e terna*” dona Regina, nas palavras de Sebastião Felix de Oliveira<sup>23</sup> - que embarcava para o “*hoeste com destino a manaos*”-, pediu a intermediação na entrega de uma “*pequena importância*” em dinheiro e deixa claro que a expectativa da manutenção de contato através de correspondências, era uma preocupação também dos trabalhadores que partiam, quando solicitava para que a mulher “*não esqueça de manter contato*” :

E<sup>x</sup>ma S<sup>ra</sup> D<sup>a</sup> Regina

Saudações

São tantos os favores que devo a V. S. e tão poças as ocasiões que se lhe ofereço de lhe esplessar minha gratidão que aproveitando sempre as que se me deparo muito menos podia, deixar passar este fasto dia sem dezejjá a .v s. toda sorte e vintura e de felicidade. Meiga dócil terna D<sup>a</sup> Regina. Vou em prossigmento para o hoeste com destino a manaos pesso-lhe a fineza de entregar esta pequena importância de Cr\$ 40,00 a Zefina Felix Pereira em comtatico altorisilhe que não esqueça de escrever para mim. Deiche de grosseria. Apezar de já termo aviso. No mais lembrança a todos. Concomcluo atensiozamente e subscrevome.  
*Sebatião Felix de oliveira*

Em 31-5-43

As recomendações deixadas para a diretora do núcleo não se dirigiram somente aos cuidados com as esposas e suas filhas mulheres, mas também a preocupações com os filhos homens, no que diz respeito à escolaridade, para que não se tornassem “*ignorante*”, na esperança de que o destino de seus filhos fosse diferente do seu:

Pouzo do Prado 6 de julho de 1943

M. Digna Senhora Da. Regina. Adeus. Sigo hoje nesta filis data;  
Para Belém do Pará.

<sup>22</sup> Acervo particular Regina Chabloz. Bilhete do trabalhador Manoel di Souza Viana. Sem data

<sup>23</sup> Acervo particular Regina Chabloz. Bilhete do trabalhador Sebastião Felix de Oliveira. 31 de maio de 1943

Exahi minha espoza que fica sob direção da nobre senhora juntamente a 2 filhos homens. Peço a senhora não privar a sahida delle afim de procurar ganhar o vintém para as necessidades delles. Meu grande enteresse é elles aprender a ler alguma couza para não serem ingnorante como eu sou. Da. Regina, a minha mulher vive doente e ´bastante acanhada.

A Deus Da. Regina. Siga filis em suas funções

Trabalhador M<sup>el</sup> F<sup>co</sup> da Silva 25246<sup>24</sup>

Leopoldino Casimiro Lucena mandou notícias de sua chegada à Belém, também demonstrando preocupações não só com a escolaridade do filho, como com sua formação profissional, ao solicitar que Antonio entrasse em uma oficina:

Belém Pará 24 de Abril de 1943

Saudações

Dona Regina desejo que esta cartinha va-lhe encontra com saúde ate eu fazer desta fico com saúde fiz boa viagem. Mando pedir que bote os menino na escola qundo chegar no agre.

Mandarei outra carta não esquece Da minha família de lenbranca o Dr. Pinto não esqueça de bota o Antonio na oficina.

Nada mais

Leopoldino Casimiro Lucena<sup>25</sup>

Os relatos colhidos nos pontos de chegada e em memórias registrados por *Soldados da Borracha* são completamente diferentes dos divulgados pela imprensa da época. Possível sinal da eficiência dos órgãos de controle do Estado Novo, fazendo supor que a “facilidade” do serviço de correspondência fornecida aos trabalhadores e seus familiares também deveria ser filtrada, para evitar que os conflitos ocorridos no percurso até Belém viessem à tona, bem como a real situação dos familiares nucleados.

Nesse íterim, o jornal *O Povo*, comentou que “*nas cartas enviadas do meio da viagem*” ou nas “*cartas enviadas já da Amazônia, externam os trabalhadores nordestinos a mesma confiança no destino feliz da extração da borracha*”, ao publicar uma carta enviada de São Luis pelo emigrante José Paiva de Araújo, residente em Fortaleza. Segundo o mesmo jornal, o migrante apresentou uma “*linguagem simples e sincera*”, afirmando que “*vamos todos com saúde e satisfeitos*”:

<sup>24</sup> Acervo Particular Regina Chabloz. Carta do trabalhador Manoel Francisco da Silva dirigida à diretora do núcleo. Fortaleza. Pouzo do Prado, 6 de julho de 1943

<sup>25</sup> Acervo Particular Regina Chabloz.. Carta de Leopoldino Casimiro Lucena à diretora do Nucleo. Belém, em 24 de abril de 1943

“Maria José, que a paz de Deus e de Jesus se faça em teu coração. Chegamos aqui, ontem, e na mesa hora recebi a tua carta.... não sabes tu, quanto tenho lutado longe de ti. A viagem de caminhão e de trem, como é natural tem sido monótona. Felizmente já estamos na capital deste prospero Estado que viu nascer o destemido Gonçalves Dias. Entretanto, eu e os meus companheiros não nos esmorecemos. Vamos todos com saúde e satisfeitos, marchando incolunes pra os estepes do Vale amazônico. Pois o nosso sacrifício de poucos dias CONSTRUIRÁ A GARANTIA DA VITÓRIA FINAL. Das nações unidas e, por isso mesmo, da liberdade das gerações vindouras e provindouras que hão de abençoar o heroísmo destes bravos trabalhadores... neste dois dias seguiremos para Belém.”<sup>26</sup>

O conteúdo desta carta é tão diferente das outras que faz pensar na construção dos meios oficiais de propaganda destas partidas sem retorno. Ao invés de buscar informações sobre os familiares nucleados ou de outras notícias, narra a viagem utilizando-se do léxico oficial: “*nosso sacrifício construirá a vitória das nações unidas*”. A rapidez com que esse trabalhador recebeu a carta de sua mulher: “*chegando aqui, ontem, e na mesma hora recebi tua carta,*” estranha, uma agilidade incomum.

É extremamente relevante observar o significado que essas cartas publicadas nos jornais representavam, funcionando como “*estratégia de propaganda*”. Vale lembrar que ao analisar cartas publicadas em jornais na Alemanha, no século XIX, supostamente escritas por imigrantes alemães residentes em fazendas de café no Rio de Janeiro, Débora Bendocchi Alves, considera que:

As cartas publicadas eram lidas, passavam de mão e mão, e numa época em que havia um número grande de analfabetos e de pessoas que não tinham acesso a jornais, contadas e recontadas. O seu conteúdo passava de boca em boca, cumprindo-se assim a função de divulgar informações e formar a imagem do “outro”<sup>27</sup>

No que se refere ao padrão de escolarização, a Fortaleza da década de 1940 não era diferente da situação apresentada acima. O espaço da oralidade, das informações passadas de boca em boca e dos boatos foram sempre marcantes na capital cearense, como também nas cidades do interior. Traços evidentes em análises recentes sobre o

<sup>26</sup> Jornal *O Povo* 05 de maio de 1943

<sup>27</sup> Alves, Débora Bendocchi. “Cartas de imigrante como fonte para o historiador: Rio de Janeiro – Turíngia (1852-11853). IN: Revista Brasileira de História. Vol. 23, n°45. São Paulo: ANPUH/Humanitas publicações, 2003. p.161

papel da imprensa e de setores populares em eventos políticos como a queda da Oligarquia Accioly (1912) ou na Sedição de Juazeiro (1914)<sup>28</sup>.

### 3.3 -O núcleo visto por suas “moradoras”

Não nos referimos às cartas das mulheres aos trabalhadores migrantes, seria, mais uma vez, fazer com que suas mensagens, angústias e desejos não chegassem ao destino planejado. Assim, ao trabalharmos com esta correspondência, se de alguma forma estamos violando sentimentos vividos no passado, procuramos captar percepções vividas nos seus cotidianos e como seus relatos vieram à tona, possibilitando mais que outras memórias e muitas histórias, surpreender sentimentos, sensibilidades e afetos representantes de ‘relampejos’ da sobrevivência de culturas ameaçadas.

Uma assunto presente em todas as cartas é a expectativa por notícias de localização dos maridos, para que as famílias pudessem ser refeitas na Amazônia. Na carta de Áurea Lacerda Feitoza, juntamente com o desejo de reencontrar o companheiro está presente a insatisfação com a disciplina do núcleo e os maus tratos sofridos por seus filhos, fazendo-a preferir ir para “o meio da rua” a permanecer no alojamento:

João José mande noz buscar para nós ir se você não mandar José ver eu sahir da que nem que seja para o meio da rua porque eu nunca levei discomposta de ninguem para hoje eu levar meus filhos a ti a panhâdo já fourãm eu não posso mais agüentar vivo com a minha cabeça doida de imaginar o que me faz com migo eu so posso ter disgosto na vida ate historia elles contan a D<sup>r</sup> Regina quando ella chega couzas que nunca foi passado.

*Áurea Lacerda Feitoza*<sup>29</sup>

As cartas a seguir possuíam a mesma caligrafia, não sendo possível saber qual das mulheres escrevia as cartas: se foi Elcídia Galvão ou Joana Abreu, ou se ditavam seus sentimentos e angústias a terceiros que escreviam, ampliando nossa percepção a respeito das redes de sociabilidades inventadas nos momentos de desamparo. Mesmo que não tenha sido nenhuma delas, seu conteúdo não perde a validade. Era comum, em

<sup>28</sup> Ver: Silva, Antonio Zilmar. *A Oralidade Deitada Sobre o Papel: Homens, letras e vozes em trincheiras.(movimento armado em Fortaleza – 1911/1912)*. São Paulo: Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História – PUC, 2004.

<sup>29</sup> Acervo Particular Regina Chabloz. Carta de Áurea Lacerda Feitoza a seu marido João José. Sem data

universo de baixa escolarização, que as pessoas recorressem a outras para escreverem suas correspondências. Ao analisar cartas entre imigrantes argelinos na França, Sayad observou uma diferença entre o estilo de cartas escritas por homens e as “cartas femininas”:

Todas as mães colocam nas cartas que ‘escrevem’ a seus filhos (...) incentivos, recomendações de todo tipo (notadamente quanto ao estado de saúde do ausente e dos cuidados a ser tomados), bênçãos e desejos – coisa que nunca fazem, ou nunca de forma tão explícita e insistente, quando os pais ‘escrevem’ a seu filho. (...) as cartas ‘femininas’ dão notícias de todas as pessoas que moram na casa juntando todos à sua voz (‘cada um com seu nome, adultos crianças’, segundo a expressão sagrada), até a esposa quando a mãe que escreve e inversamente, até a mãe quando é a esposa quem ‘escreve’ para seu marido.<sup>30</sup>

A forma como foram escritas, com referências ao estado sentimental e às duras críticas aos funcionários do núcleo, deixaram marcas desse “*estilo feminino*” a que Sayad se refere e que “*aparece mais ainda quando as mulheres que as mandam escrever podem contar com ‘cumplicidades’ que lhes permitem maior liberdade,*”<sup>31</sup> como parece ser o caso das cartas que seguem abaixo:

Meu querido Cursino

Felicidades

Hoje as saudades crusifica-me mais de que nunca, faço-te estas linhas para vê se obtenho o meno em sonho uma noticia tua. Ja estou quase sem esperança de tu me dar as noticias porque seio que as dificuldades são muitas com esta já são duas cartas que ati escrevo, , para vê se tenho alivio mas “nada” porque? Já estou por ti esquecida? O nosso Samuel diz mamãe papai parece já ter esquecido de nos, porque todo o mundo escreve para sua família e papai não, todas as noites elle pede para eu ensinar o “padre nosso” para oferecer ao Divino Espirito Santo para tu ser feliz e mandar noticias sempre quase todos os dias elle amanhece contando um sonho que teve contigo, elle já perdeu dois quilos e meio esta com uns tomares na perna.

Cursino aqui já botaram enquisição por causa do fumo, ja disse a senhora do Dr. e ao Dr. que prefiro ser enxotada do núcleo mas de fumar não deixava, pois é o meu único conforto aqui é fumar vivo aqui neste núcleo de tristeza sem você mae sem (adonte?) sem ter a quem da as minhas queixas e meu consolo é fumar e chora, a maior parte das mulheres que tem

<sup>30</sup> Sayad, *Op. Cit.* p.155 (nota 9)

<sup>31</sup> *Op. Cit.* p.155

aqui são os cão de carne vivem de foxicos e briga e de prometeres quebra cara umas das outras são um pessoal que ninguem pode ter amizade de cento se tira uma basta que eu lhe diga isto. E mesmo so tu poderá dá alivio as minhas saudades tu deve compreender que sentido eu digo” mas acho tão custoso esses 6 meses mas como Deus ti levou pode traser ou mesmo me levar por tanto vou-me conformar, não é?

Quantas noites quantos dias o meu coração invadido de uma infindas saudades e muitas veses deraman-se dos meus olhos lagrimas por esta tua ausência por tão longos tempos, sempre vejo-te em sonho, mais tão diferente comigo, sonho realizando o que mais desejo, compreende? “é.....”

Cursino peço-te que quando tiveres dinheiro não esqueça de mim e dê sempre noticias, que servira de conforto para mim conta-me tudo como é e como passas. Eu fui assistir a tua sahida com o Samuel e não mais encontrei foi para mim um dia de juiso.

Cursino posso ficar tranquila? Como tu me escreve sempre e manda me buscar com 6 meses? Tua mãe manda abraços e te abençoa, ella reclama porque tu é muito groceiro em não da noticia.

Samoel o Agenice envia-te abraços

Abençoa o Samoel.

Elcidia Galvão

Adeus tua saudosa esposa

Fortaleza 20-6-943

Responda<sup>32</sup>

A ausência de notícias do marido agravou a situação enfrentada pela nucleada. Pior ainda, as imposições dos médicos do núcleo que proibiam as mulheres de fumar, único consolo para passar o tempo e “aliviarem” suas dores, trazem à tona diferentes disciplinas a que tinham de submeterem-se. A proibição do cigarro deveria estar ligada à não-autorização para sair do núcleo, para comprar ou tentar formas de conseguirem dinheiro a compra. No caso dos homens, que aguardavam o embarque nas hospedarias ou pousos, o próprio SEMTA fornecia cigarros, demonstrando que a preocupação dos médicos não estava ligada aos males que o fumo poderia causar à saúde das mulheres. Pelo contrário, a situação alimentar no núcleo era bastante precária, principalmente para as crianças que não se adaptavam ao tipo de leite fornecido, o leite em pó Molico. O costume no sertão e até mesmo na cidade, era a utilização do leite retirado diretamente de vaca ou de cabra. A nova dieta alimentar, planejada pelas nutricionistas contratadas pelo SEMTA, pode ter sido a responsável pela perda de peso do filho de Elcidia e Cursino:

<sup>32</sup> Acervo Particular Regina Chabloz. Carta de Elcidia Galvão a seu marido Cursino. Fortaleza. Núcleo do Porangabussu, 20 de junho de 1943.

(...) a escassez de açúcar desde o principio do mês deu lugar à resolução de se adoçar o café e o molico com rapadura. Houve relutância da parte de alguns nucleados em aceitar o alimento. (...) Interessantes é observar que os nucleados atribuíam suas moléstias todas ao uso de molico. (...) é preciso que se ponhe em evidencia a má qualidade do arroz. (...) tendo havido uma epidemia de Sarampo que afetou principalmente as crianças em idade pré-escolar, não houve nestas aproveitamento satisfatório.<sup>33</sup>

Outro importante elemento presente: embora não tenha conseguido, Elcidia chegou a sair do núcleo para assistir a partida de seu marido. Depois de relatar suas dificuldades no pouso, finalizou perguntando se, após os seis meses, período planejado para “colocação” dos trabalhadores no seringal, seu marido a mandaria buscar. Nesta carta, a idéia de provisoriedade está no tempo de permanência da família no núcleo e na esperança de, após receber notícias da localização do trabalhador na Amazônia, essa situação ficasse resolvida.

Em segunda carta, Elcidia continua a relatar a vida no núcleo e, cansada da ausência de notícias do marido, decidiu tomar uma decisão:

Presado esposo Cursinho  
Felicidades

Apesar das contrariedades que o gênio e a vida tem me oferecido pelo teu silencio o nosso filho viver doente faço-te estas linhas, comunicando meu estágio aqui, pois passo pessimamente só ati posso a me quixar “you a ti contrariar” porque me acho contrariada” apesar da esquisição dos cacimbos tem outra ati passa honteonte pela a hora do almoço fui corrida do núcleo e já levei nome de emmunda e depois de disordeira eu aqui não tenho a quem me queixar so não sahi porque fiquei a esperá ordem d. D. Regina fui em casa dela e não encontrei para então contar o caso acontecido, pois tenho certesa d’que ella não d’a por bem feito. O caso foi o seguinte o Samoel estando doente fui tira o almoço d'elle pode porque a D. Ivete senhora do Dr. Pinto, o tal que me correu e me chamos os ditos nomes citados não consintiu (f?) volta para abaraca muito contrariada passo momentos volto, então o Dr. Pinto estando a botar todo o pessoal para dentro do circo emventada por elle pergunta-me se eu quero almoçar eu digo que não então começou a discursão

<sup>33</sup> Arquivo Nacional – Rio de Janeiro. Fundo Privado: Paulo Assis Ribeiro. Caixa 5 Documento 27 - Relatório do pouso provisório do Porangabussu.Fortaleza, 17 de junho de 1943. Daura de Almeida r. do Val e Maria Novais Filha (nutricionistas do SEMTA).

comigo elle disse eu respondi porque tinha certesa se me calasse era talvez açoitada se você não tomar as providencia ai com o chefe eu aqui tomo, retirando-me nem que seja para a Remigração gertúlio Vargas , e quando menos você espera eu chego como aflagelada ai no Pará, no dia tal dissordia fui ao palacio e ti telegrafei junta aquatro cologas que sentiro comigo. Melhor não ti digo porque não tenho o teu endereço e não seio se esta vai as tuas mãos.

Escreve-me o mais possível, para ti passar virgula por virgula.

Despensa a minha fraqueza.

Tua triste e sem sorte esposa

Elcidia Galvão

Bençôa teu filho a tua mãe bote-a bençam

A mesma

Porangabussú 27 de junho de 1943<sup>34</sup>

Os detalhes “*passar virgula por vírgula*” dos conflitos com os médicos, só seriam dados caso o marido respondesse, pois já desconfiava de que a carta não chegaria às mãos de seu esposo. Contrariada e ofendida pelo médico, não aceitou calada as ofensas. Conseguiu sair mais uma vez do núcleo e, junto com outras amigas, decidiu tentar outro contato com seu marido, desta vez através de um telegrama. Se essa nova tentativa não vingasse, estava decidida a deixar o núcleo, “*nem que seja para a Remigração gertúlio Vargas , e quando menos você espera eu chego como aflagelada ai no Pará*”. Seria uma forma de pressionar para receber notícias do marido? Interessante é observar que a permanência no núcleo era vista como um direito adquirido, na condição de mulher de um *Soldado da Borracha*, visto por Elcidia como status social diferente de “*aflagelada*”. Porém demonstra a racionalidade de suas ações, ao cogitar abrir mão da situação de nucleada e se caracterizar como flagelada, se esta fosse necessária para alcançar seus objetivos.

Não poderíamos deixar de ressaltar a referência a recém inaugurada Hospedaria Getulio Vargas, na localidade chamada Alagadiço, também no subúrbio de Fortaleza, no mesmo local onde funcionara uma das antigas hospedarias do DNI, órgão responsável pela migração de retirantes no período anterior à criação do SEMTA e que,

---

<sup>34</sup> Acervo Particular Regina Chabloz. Carta de Elcidia Galvão a seu marido Cursino. Fortaleza. Núcleo do Porangabussu. 27 de junho de 1943.

nas secas de 1915 e 1932, funcionou um dos *campos de concentração* para retirantes<sup>35</sup>. Ao ser reformada e ampliada, com modernas instalações divulgadas pela imprensa local, foi inaugurada com o denominação Getúlio Vargas. O ditador teve seu nome diretamente associado à migração, tornando-se quase um sinônimo de partida para aqueles à procura de seus familiares na Amazônia, ou para os pretendentes a embarcar neste projeto. A Hospedaria Getúlio Vargas tornou-se um dos maiores pontos de concentração e conflitos entre retirantes e o poder público nas secas da década de 1950.<sup>36</sup>

O fato é que dias depois, Elcídia enviou um bilhete para a diretora do núcleo, assumindo a responsabilidade pelo confronto com o médico do núcleo:

Exma Snra e M. D. Dirigente do Núcleo

Respeitando-vos

Aborrecendo-vos com este escrito fito unicamente solicitar-vos perdoess-me das palavras groceiras que em vossa presença preferi e confesso-me culpada de todo ocorrido pelo que mais uma vez rogo-vos perdão.

Cônscia, de que tudo sera posto nas trevas do esquecimento permitais subicrever-me.

Da C<sup>ri</sup> 4 A<sup>ta</sup>

Elcídia Galvão

Núcleo Porongabussu 1 julho de 1943<sup>37</sup>

Talvez quisesse, com o pedido formal de desculpas, ganhar mais algum tempo até tomar a decisão de também partir para o Pará. De uma coisa temos certeza, Elcídia não dimensionava o peso de suas palavras quando desejou: “*tudo sera posto nas trevas do esquecimento*”. Lugar reservado, na Historia Oficial da *Batalha da Borracha*, para ela e seu marido, assim como para outros tantos homens e mulheres

<sup>35</sup> Conforme:Neves, Frederico de Castro. “Curral dos Bárbaros: os Campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). IN: *Revista Brasileira de História*. Vol. 15, nº 29. São Paulo: ANPUH/Contexto, 1995. p.93-122

<sup>36</sup> A Hospedaria Getúlio Vargas no decorrer das secas na década de 1950 foi palco de várias “passeatas da fome” realizadas pelos retirantes que exigiam melhorias nas condições de permanência, na alimentação e a suspensão da repressão policial. A hospedaria que foi projetada para 1.200 pessoas chegou a comportar, em abril de 1958, 3500 retirantes e 2500 acampados nas imediações. Neves, Frederico de Castro. *A Multidão e a História ... Op. Cit.* p. 208-220

<sup>37</sup> Acervo Particular Regina Chabloz. Carta de Elcídia Galvão à diretora do Núcleo. Fortaleza 1 de julho de 1943.

Outra nucleada, que saiu do seu local para tentar contatar seu marido, através de telegrama, foi Joana Abreu, que dias depois enviou uma carta a Glilhermino:

Presado esposo Guilhermino,

Saudações

É com os olhos erguidos para o céu que oro a Deus para estas linhas mensageiras das minhas saudades a ti encontra gosando Peres de saúde e felicidades. Quanto a mim vou passando horrivelmente devido a umas tantas coisas que aqui tem aparecido, A mulher do Dr. Pinto tem implicado com o fumo pois tu sabes que eu não passo sem fumo, quero que tu mandes dinheiro pra mim compra, hontem ela não teve mais o que fazer cerquou o nosso barracão com cordas para consegui nossa comida como animal, e para melhor eu lhe diser o cativeiro aqui estar de não suportar vamos para o outro núcleo com mais sugeição d'que os presos é para todo mundo trabalhar as mães só vê os filhos as 6 da manha e 6 da tarde quando se voltar do trabalho e estas são as mais leve, já me vi tão aperiada com 4 colegas que fomos a cidade passar um telegrama você e os maridos das outras pedindo socorro com certesa devem todos terem recebido. Guilhermino peço-te por tudo quando for sagrado que mandes me buscar logo que complete os 6 meses , sim tem mais esta é para se trabalhar sem se pagar um tostão. Olha já com esta são cinco cartas e 2 telegrama que escrevo e não tenho resposta, com certesa tu não recebeste a Luzete teve muito doente passou 14 dias na enfermaria tive muito medo que ela não morrese ella não esquece de ti, diz para mim mamãe papai foi para amasonia ganhar dinheiro para Luzete. Bote abenção de nossa filha.

Adeus aceite um forte abraço

De tua esposa saudosa

*Joana Abreu*

Fortalesa 26-6-43<sup>38</sup>

A descrição que Joana Abreu fez do cotidiano das mulheres no núcleo foi completamente diferente daquilo planejado e propagado, em relação a vantagens e garantidas aos familiares dos trabalhadores recrutados: *“Em cada núcleo será organizado o trabalho para todas os considerados válidos pelo serviço médico do núcleo na idade de trabalhar, de acordo com a legislação trabalhista”*<sup>39</sup>

A legislação trabalhista, na prática cotidiana, não foi uma referência para regular o trabalho das mulheres no núcleo. A jornada de trabalho de 12 horas - 6 da

<sup>38</sup> Acervo Particular Regina Chabloz. Carta enviada pela nucleada Joana Abreu a seu esposo Guilhermino. Fortaleza. 26 de junho de 1943

<sup>39</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Paulo Assis Ribeiro. Doc. 56 - *Esboço de Programa para assistência a família de trabalhadores mobilizados*. p.3.

manhã às 6 da tarde- não era remunerada. O tratamento dispensado àqueles que estavam no núcleo não se diferenciou da antiga prática de utilização da força de trabalho dos retirantes, pois o pagamento vinha na forma de alimentação e vestimentas. Tudo isso aliado à proibição das nucleadas de circular pela cidade, embora encontrassem mecanismos de burlar esse controle. Concretamente, quais as diferenças entre esses núcleos e os campos de concentração? Não seria a mesma fábrica de extermínio de modos de vida e imposição de disciplina?

Cinco cartas, dois telegramas e nenhuma resposta. Dias após a escrita desta carta, o Núcleo do Porangabussu foi desativado, as mulheres e seus filhos foram transferidos para um novo pouso, mais distante do centro da cidade, mais “moderno”, mais “higiênico,” onde o controle sob suas atividades e o trabalho compulsório foi mais eficaz, sob direção de outra pessoa no Núcleo. Com a repentina saída de Regina Chabloz do cargo, quem assumiu a direção? A tão temida mulher do doutor Pinto, dona Ivete, a mesma que perseguia as fumantes e que sempre teve idéias mais eficientes para controlar mulheres desesperadas à procura de notícias de seus maridos. Na prática foi outra iniciativa que destruiu laços de referência e solidariedade que estavam sendo construídos pelos familiares após a partida dos *Soldados da Borracha*.

### 3.4 – Memórias de um *Soldado da Borracha*

No recrutamento dos *Soldados da Borracha* foram mobilizados dois tipos de pessoas: no primeiro, trabalhadores de diversas origens, profissões e com idade de até 45 anos<sup>40</sup>:

Entre os trabalhadores do SEMTA encontra-se de tudo: pintores, fotógrafos, serralheiros, ferreiros, mecânicos, carpinteiros, marceneiros, profissionais de qualquer arte ou ofício que imaginar até sacristãos<sup>41</sup>

Porém, como muitos dos trabalhadores foram alistados em cidades do interior, podemos supor que a maioria constituiu-se de trabalhadores rurais, já que indústria ou

<sup>40</sup> Segundo dados fornecidos pelo Professor Geral do Nobre.

<sup>41</sup> Jornal *O Povo* 11/06/1943

outros ramos de atividade eram raros no período. E no meio rural, era comum, mesmo para aqueles que adquiriam através da experiência algum conhecimento “profissional”, dedicar parte do tempo para a agricultura. Além disso, o mundo rural e o urbano confundiam-se, não estando totalmente apartados nas proximidades da capital cearense.

O segundo perfil de emigrantes era composto por jovens entre 17 e 20 anos, que estavam na idade de prestar serviço militar. Nessa condição, o ingresso no *Exército da Borracha* equivalia ao alistamento na FEB (Força Expedicionária Brasileira). E num período de guerra, mesmo a maioria dos combates acontecendo na Europa ou em outras partes do mundo, como África e Ásia, as atenções estavam voltadas para o conflito. Todos os jornais, inclusive os de influência da Igreja Católica, como *O Nordeste*, ocupavam grande parte da primeira página, senão toda, para informar sobre as novidades da guerra, as atrocidades, recuos e avanços dos “aliados” e “inimigos nazistas”. A população tinha seu cotidiano influenciado pelo contexto da guerra devido ao racionamento de alimentos, combustíveis, transporte ou energia elétrica, o que acentuou o problema do abastecimento e o aumento dos preços, aprofundando as consequências da seca de 1942. Assim, as investidas de militarização do cotidiano funcionavam tanto para disciplinar e controlar o espaço urbano, como vimos no caso das Campanhas de Combate à pobreza, como também para que a população ficasse ocupada com a ameaça “exterior” representada pela guerra e não com os problemas internos: fome, pobreza, desemprego, carestia.

De uma forma ou de outra, a guerra aos poucos foi-se fazendo presente na vida das pessoas e, diante da ameaça de ser enviado para o *front* na Europa, a opção de alistamento para participar na *Batalha da Borracha* significou, para alguns deles, o ingresso ou participação no *front* de retaguarda, um distanciamento não menos violento.

Analisamos a entrevista realizada com o senhor Hélio Vieira, que se encontrava no segundo grupo descrito acima. Apesar de seu depoimento ser incisivo em um dos pontos sempre ressaltados: ter sido alistado no *Exército da Borracha* como uma escolha que representava o seu patriotismo. Qual o significado e como poderíamos compreender o modo como narra suas experiências?

A História Oral é utilizada como recurso para preencher lacunas deixadas por fontes escritas ou no sentido de ilustrar evidências presentes nestas fontes. Foi um exercício do qual procuramos nos afastar.

Qual o tratamento específico que esse tipo de fonte deve receber? E que uso dela podemos fazer? Antes de tudo, devemos realizar um esforço de compreender como articulam-se o conjunto de eventos e a rede de significados que giram em torno deles, na produção da fonte oral que, por essência, possui o caráter subjetivo do depoente. Embora essa subjetividade seja limitada e mesmo complexificada pela ação do historiador que, com suas perguntas, também interfere na produção, uma vez que “*no lugar de descobrir fontes, partidários da História Oral de certo modo as criam.*”<sup>42</sup> A fonte oral é um documento peculiar, o depoente seleciona em sua memória fatos históricos partindo de sua leitura singular do mundo<sup>43</sup>. Cabe ao historiador dialogar com a(s) narrativa(s) na busca de interpretar seus significados e realizar um cruzamento de fontes para aperfeiçoar “ferramentas” que permitam “criar” a fonte oral, no sentido proposto por Portelli. Não se trata de chegar a ‘veracidade’ do fato narrado, mas compreender o significado que a narrativa tem para o depoente, o que podem dizer silêncios e diferenciadas versões. Os fatos contados compõem portanto um texto a ser interpretado<sup>44</sup>:

A fonte oral parte de sua especificidade, pois foge aos pretensos critérios de objetividade. Sabemos da cadeia de intencionalidades inerente à produção de documentações escritas. Parte-se, do princípio da subjetividade do depoente construída em uma rede de significados.<sup>45</sup> Questões como: Quem fala? De onde? Para quem? O que queremos com esse tipo de fonte? Como vamos nos relacionar com elas? São ângulos fundamentais, embora dimensões de significado possam surgir na conversa informal ou quando o gravador está desligado<sup>46</sup>.

---

<sup>42</sup> Portelli, Alessandro. “O que faz a História Oral diferente.” *Projeto História. No. 14 – Cultura e Representação*. São Paulo: EDUC - Editora da PUC/SP. 1997. p. 37.

<sup>43</sup> “*Fontes orais conta-nos não apenas o que o povo fez, mas o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. O que os informantes acreditam é na verdade em um fato histórico (isto é, o fato no qual eles crêem), tanto naquilo que realmente aconteceu.*” Portelli, *Op. Cit.* p. 31

<sup>44</sup> “*não temos, pois, a certeza dos fatos, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não ter haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos, mas dispomos de textos; e estes, a seu modo são também fatos, ou o que é o mesmo: dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados com técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis*” Portelli, Alessandro. “A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. IN: *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*. Rio de Janeiro, 1996. p. 64

<sup>45</sup> Portelli, Alessandro. “O que faz a História Oral diferente” *Op. Cit.* p. 33.

<sup>46</sup> Foi assim, que numa conversa com o Professor Geraldo Nobre, surge um carioca, chamado Índio, que foi recrutado no escritório do SEMTA do Rio de Janeiro, e, durante sua estadia na hospedaria em Fortaleza, foi preso três vezes por não respeitar as normas do regulamento da hospedaria. Segundo Geraldo Nobre, geralmente os soldados da borracha passavam poucos dias na hospedaria, o tempo suficiente para realização de exames médicos e aguardar o embarque. E, para evitar que os recrutados

Helio Vieira, hoje com 78 anos e funcionário público aposentado, foi um dos poucos que tiveram a possibilidade de voltar ao Ceará. Embarcou para o Amazonas em agosto de 1943, recrutado pelo SEMTA, quando tinha 17 anos e era filho de um pequeno comerciante em Canindé que, na época, era prefeito da cidade.

Sr. Hélio foi um soldado da borracha incomum. Primeiro, conseguiu sobreviver às doenças do *Inferno Verde*. Segundo, conseguiu guardar dinheiro suficiente para, com o fim da guerra, poder voltar, o que também não foi possível para a maioria dos *Soldados da Borracha*, pais de família, e devido ao sistema de exploração do seringal, similar ao modelo implantado no tempo áureo da borracha<sup>47</sup>. Ocasão em que os seringalistas, fornecedores de mercadorias para os seringueiros, superfaturavam os preços. Para terem acesso a tais mercadorias, os trabalhadores suportavam jornadas de trabalho superiores às doze horas diárias, dificilmente conseguiam pagar seus débitos, tendo que manter seu vínculo com o patrão seringalista, na permanência de formas de escravidão em período histórico que o discurso oficial prometia “proteção” e “garantias trabalhistas.” O fato de Hélio Vieira não ser arrimo de família e ter o domínio sobre a leitura pode ter contribuído para resultado de seu trabalho não fosse o *débito*, como o de outros, mas um *saldo* necessário para garantir, no mínimo, sua volta ao Ceará.

Depois de retornar da Amazônia, o senhor Hélio passou a trabalhar num órgão público no Recife, onde fez levantamentos geográficos para construção de açudes no Nordeste. É um contador de histórias, produziu cordéis, artigos e relatos de suas andanças. O mais interessante deles foi durante a seca de 1958, quando, por “curiosidade” e de “férias do trabalho”, segundo suas palavras, resolveu pegar um pau-de-arara e viajar com retirantes até o Rio de Janeiro, para saber como era a experiência de um retirante nordestino no Sul.

Durante a entrevista fez questão de frisar que se alistou como expedicionário, pois estava em idade de prestar serviço militar. Enfatiza sempre seu ideal de patriotismo e seu desejo de servir à pátria como *Soldado da Borracha*. Quando perguntado sobre o cotidiano na hospedaria ou seu relacionamento com outros *Soldados da Borracha* pouca

---

ficassem ‘fazendo besteira’ ou roubando, eram inventados exercícios físicos para ocupar o tempo. O Professor Geral Nobre, foi funcionário do Departamento de mobilização do SEMTA, professor e atualmente é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Sobre sua atuação no SEMTA. VER: *O Estado Novo no Ceará*. Entrevista cedida ao Núcleo de Documentação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. agosto de 1988

<sup>47</sup> Mello, Alcino Teixeira de. *Nordestinos na Amazônia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Imigração e colonização Departamento de Estudos e Planejamento, 1956.

coisa lembra. Mas sempre enfatizou a “grandiosa” contribuição da borracha brasileira no esforço de guerra<sup>48</sup>.

Sobre a seletividade da memória, dos conflitos em sua dupla face de lembrança/esquecimento, em relação à guerra, Alistair Thomson traz indicações reveladoras:

:“Os veteranos de guerra renegociavam suas memórias de guerra e suas identidades como soldados e veteranos durante suas vidas (...) a recordação é uma parte importante do processo de afirmação pessoal e pública do valor de uma vida. Ao lembrarmos e sermos lembrados podemos afirmar que nossas vidas valem a pena, que somos avaliados por nossas realizações e que somos ouvidos e respeitados como narradores das histórias da família e da comunidade”<sup>49</sup>

Ainda sobre o esquecimento, Luiza Passerini, nos estudos sobre a classe operária italiana durante o Fascismo, considera que muitos trabalhadores sofreram uma espécie de choque, percebidos nos relatos, naquilo que ela chamou de “*lacuna cronológica*”<sup>50</sup>. Essa lacuna cronológica refere-se aos anos de 1925 até o início da Segunda Guerra, período de ascensão do fascismo na Itália, devendo-se, provavelmente, ao fato destes trabalhadores identificarem esse período como um tempo de “*satisfação de certas necessidades básicas elementares (...) melhores condições materiais, assistência social, atividade cultural e esportiva*”<sup>51</sup>

Ao não lembrar dos dias passados na hospedaria, da convivência com os outros trabalhadores, estaríamos diante de um recurso da dinâmica da memória acionada por

<sup>48</sup> Visão oposta aos registros da Historiografia sobre a Segunda Guerra Mundial e a participação do Brasil, em que geralmente se referem somente à participação da Força Expedicionária Brasileira e da Força Aérea Brasileira em combates na Itália. A importância do esforço de guerra no *front* interno que possibilitou a garantia de material bélico não recebeu a mesma atenção. Eric Hobsbawm afirma que a Segunda Guerra foi um evento global, não obstante: “*praticamente todos Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem de forma nominal.*” Poderíamos dizer que a mobilização em torno da borracha, realizada pelo Governo Brasileiro, que custou a vida de 20 a 30 mil homens, número muito superior aos mortos em combate na Itália, foi meramente *nominal*? Hobsbawm, Eric. J. *Era dos Extremos: O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. p. 31

<sup>49</sup> Thomson, Alistair. Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do Exército Nacional. Projeto de História. n°16 – Cultura e Trabalho. São Paulo: EDUC - Editora da PUC/SP, 1998. p. 287-289.

<sup>50</sup> Passerini, Luisa. “Ideologia e consenso do Trabalho sob o fascismo italiano” p. 6 (mimeo). Tradução: Helen Hughes e Yara Khoury. Publicado em: Robert & Thomson (rds.) *The Oral History Reader, USA and Canadá: Routledge, 1998. pp.53-62.*

<sup>51</sup> Passerini, Luisa. *Op. Cit. p.4*

Hélio Vieira, representando mais que uma lacuna cronológica ou temporal? Não falar sobre essas questões pode significar, acima de tudo, uma tentativa de não ser identificado como um “flagelado” ou “aventureiro”, adjetivos comumente atribuídos aos *Soldados da Borracha*. Através de sua fala, tenta construir e perpetuar uma representação em que espera ser reconhecido, pela sociedade, como um “expedicionário.”

Quando perguntamos sobre as vantagens oferecidas no processo de recrutamento, o Sr. Hélio diz ter desconhecimento de qualquer contrato de trabalho ou vantagens prometidas, pelo menos na turma na qual foi recrutado<sup>52</sup>, destacando, mais uma vez, que se alistou por patriotismo.

Não tinha contrato de trabalho não, você se alistava como *Soldado da Borracha*, como voluntário para servir seu país durante a Segunda Guerra, se você tava na idade de servir o Exército você aí é dispensado do recrutamento porque já estava servindo.

Entretanto, ao falar sobre a propaganda elaborada por Chabloz para a mobilização, o discurso muda um pouco de tom:

“muita era demagogia dele, ele divulgou o outro lado da medalha, ele não divulgou a realidade, porque se ele tivesse divulgado, não tinha um que tivesse se alistado para enfrentar o inferno verde. Não, a praga, a doença, tudo é diferente... Aquela ilusão baseada nas propagandas daqueles cartazes, quando chegou lá agente viu o outro lado da medalha, a realidade o sofrimento.”<sup>53</sup>

Interessante observar que, para este ex-*Soldado da Borracha*, os responsáveis pelo descaso com os *Soldados da Borracha* foram o governo norte-americano, que no fim da guerra abandonou todos os investimentos no Vale Amazônico, e Chabloz, devido a demagogia das propagandas em torno do *Eldorado*. Sobre Vargas, as lembranças são outras:

---

<sup>52</sup> As primeiras turmas recrutadas pelo SEMTA, começaram a ser enviadas para a Amazônia em fevereiro de 1943. Segundo dados levantados nos jornais, cada turma era composta geralmente de 210 homens. O embarque dependia essencialmente da disponibilidade dos transportes (trens, caminhões e navios).

<sup>53</sup> Sr. Hélio Vieira Pinto. Depoimento cedido em 02/09/2002.

“grande Getúlio Vargas, que nos legou o Ministério do Trabalho, estabilidade no emprego, carteira assinada, tudo que nós temos ligados aos Ministério do Trabalho e o trabalhador devemos a ele. Não devemos esquecer a memória de Getúlio, porque foi quem realmente, fez alguma coisa pelo nosso país.”

A memória é revisitada e vem à tona através dos interesses do presente e da história de vida de seu narrador. Possivelmente, se sua trajetória tivesse sido diferente: não tivesse conseguido a possibilidade de voltar para sua terra, não houvesse sido empregado num órgão público e garantindo a relativa estabilidade de uma aposentadoria, o Vargas presente em sua fala poderia ser outro.

Quando decidi ingressar no *Exército da Borracha* morava em Canindé, com seu pai que foi contrário à sua decisão: “*eu tava no interior, mas tava na época de servir o exército, querendo ser voluntário, meu pai disse não faça uma loucura dessa não*”. Contrariando a opinião do pai, decidi partir: “*cheguei aqui [Fortaleza] e me alistei como Soldado da Borracha.*” Perguntado como ficou sabendo do alistamento, comentou que:

Morava em Canindé... toda cidade tinha alistamento de pessoal pra encaminhar pra cá [Fortaleza] e aqui eles eram encaminhados para a Hospedaria Getúlio Vargas. (...) Tinha funcionários nas prefeitura, escolhia lá um funcionário pra alistar o pessoal pra encaminhar pra cá, agora o prefeito encaminhava pra cá não alistava não ele era alistado aqui, o prefeito dava o transporte, ajeitava

Não só o “patriotismo”, outros motivos atraíram a ida para a Amazônia, terra de “*tanta beleza, que tem o Amazonas, cheio de mistérios*”:

Muitos foram como eu por questão de patriotismo, que queria conhecer o Amazonas que faz parte do território brasileiro, nós tínhamos o maior prazer de conhecer *in loco*, foi o meu caso além de dar minha contribuição para meu país durante a segunda grande guerra, conhecer *in loco* o el dorado brasileiro, já tinha lido muita coisa sobre o Amazonas. Então, eu queria ver *in loco* como é conhecer os seringais, as estradas de seringa, conhecer os barracões, conhecer os igarapés, conviver com, como nós convivemos, oportunidade de conviver com a tribo de apurinãs, índios mansos. Então, conviver com tanta beleza que tem o rio Amazonas, cheio de mistérios ... coisa formidável, apesar de todo sofrimento vale a pena porque é o el dorado brasileiro, é uma

coisa fantástica, a grandiosidade do Amazonas, é pena que está abandonado hoje, cheio de estrangeiros por lá.

A fascinação pela “*grandiosidade do amazonas*” e a possibilidade de conhecer “*in loco o Eldorado brasileiro*” contribuíram para que aquele jovem de 17 anos partisse por outras razões e emoções para conhecer o *Inferno Verde*.

A narração parece acontecer de uma forma mais tranqüila e descontraída quando se refere ao mundo Amazônico, talvez pelo distanciamento, hoje temporal e espacial. A parte menos tensa de nossa conversa aconteceu quando se referiu aos momentos de sociabilidade no seringal, não durante o corte da seringa ou da travessia dos rios, mas no momento do não-trabalho:

A Amizade que tem é entre os homens do seringal e os nordestinos, porque faz aquele elo de amizade. Aquela confraternização porque é tudo brasileiro, não tem essa besteira não você vive em plena harmonia. A distração que tem é ir dançar, uma serafina tocando, você ir dançar em cima do paxanbu com um apurinã. As índias mansa aparecia lá pra dança. Chama serafina, uma rabeca veia chama serafina, fica aquele negócio e agente dança a serafina

Contudo, nas lembranças a respeito do cotidiano na Amazônia a referência à doenças recorrentes, com seus mosquitos transmissores, “*o outro lado da medalha*”, bem diferente daquilo que tinha sido divulgado na propaganda de recrutamento:

Maleita, Beri-beri, barriga d'água, todo tipo de doença regional que ataca naquele interior. (...) é porque tem muita carapanã, carapanã é que aqui se chama de muruçoca, tem o merui também outro bezouro que ataca nos olhos da gente, tem pinhu que ferroa e você fica todo encalombado, tem muita praga naquele interior, o sofrimento é grande

O estranhamento com o “*trabalho itinerante*”, a não adaptação ao modo de vida nos rios que não pareciam ter fim, na terra sempre encharcada pela água, as doenças, a exploração no seringal: elementos que fizeram vários *Soldados da Borracha*, desertarem de sua missão:

Muitos desistiram da profissão, no interior você tomava outro rumo, ninguém lhe fiscalizava não, porque a Amazônia é muito grande. Você ia pra Cruzeiro do Sul, a outra cidade me esqueci, não lembro mais não, é muito distante, muito seringal, tem a navegação no Rio Juruá,

sai de Manaus, corta a bacia do Rio Negro, depois vem o encontro das águas, entra no Solimões, quando chega na ilha que dizem ‘quem tem consciência a deixe e quem tem paciência a leve’, aí você pegava o Rio Juruá, só aí uns 25 dias para chegar no Cruzeiro do Sul, vida dura. Desistia depois que chegava lá, ele ficava na cidade de Eirunepé, ou Purus e aí fugia pra Cruzeiro do Sul e arrumava outro meio de vida, não ia pra ficar dentro do mato não

Alguns termos parecem ser contraditórios na fala do depoente, ao mesmo tempo em que, “ninguém lhe fiscalizava não porque a Amazônia é muito grande”, tinham aqueles que “fugiam” ao chegar na cidade de maior porte, Cruzeiro do Sul. Mas, fugir de quem, se não havia quem fiscalizasse? Poderíamos supor que, mais uma vez, essa pseudo-liberdade, possível graças à grandiosidade da Amazônia, poderia ser mais um recurso do depoente, na busca de valorizar sua experiência de vida.

### 3.5 - Estranhamento, adaptação e tentativa de retorno

Nos pontos de chegada agora imigrante, como os trabalhadores avaliavam sua trajetória e planejavam os próximos passos? Que lembranças e expectativas possuíam em relação à terra que deixaram? Que motivos alegavam para tais escolhas?

Nas comemorações dos cem anos da migração de nordestinos para a Amazônia, em 1977, na cidade de Manaus, Saumel Benchimol, um dos pioneiros no trabalho com depoimentos orais no país, publicou o *Romanceiro da Batalha da Borracha*<sup>54</sup>. Elaborado a partir de entrevistas colhidas entre os anos de 1942 e 1944, quando trabalhava no porto de Manaus, o que permitiu:

O contato íntimo que mantivemos durante quase dois anos com o “cearense” imigrante ao chegar em Manaus, no período de 1942 a 1944, permitiu-nos coletar centenas de entrevistas, realizadas a bordo de gaiolas, chiatas, vaticanos, vapores, no armazém do Porto de Manaus, no alojamento do trapiche Teixeira, na hospedaria de Flores e no Leprosário do Aleixo, documentando, assim, em primeira mão, as estórias de suas vidas, dos seus flagelos e de seus destinos, no momento exato de suas cheganças”<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Benchimol, Samuel. “Romanceiro da batalha da borracha” IN: *AMAZÔNIA – Um pouco-antes e além-depois*. Manaus: Editora Umberto Calderano, 1977. p.201-387

<sup>55</sup> *Op. Cit.* P. 257

Percebemos que o termo *cearense* aparece entre aspas: o autor explica que quando fala em “*cearense*” quer com isso “*incluir os nordestinos de forma geral*”. Por tanto, é um termo que ultrapassou a função de identificar o lugar de natalidade e origem do imigrante, que já é generalizante. Passando a representar uma homogeneização para todos imigrantes. Entretanto, essa generalização não era muito bem vista por migrantes de outros Estados: “*não gostam quando se chama uma paraibano de cearense.*”<sup>56</sup> Isso pode significar também, não apenas que do Ceará vieram a maior parte dos imigrantes, mas a manutenção de uma contínua tradição de migração, existente no Ceará para a Amazônia. Assim, *cearense* e depois *arigó* passariam a ter o mesmo sentido que migrante.

Entre os entrevistados por Benchimol foi comum encontrar imigrantes que chegavam na Amazônia, mais de uma vez, como foi o caso de João Pinto de Sousa, que lá esteve por três vezes. Talvez, para o autor não houvesse problemas em atribuir o termo cearenses aos migrantes, diante da imagem do cearense como nômade já estar arraigada ou se consolidando na historiografia do período. Benchimol foi leitor de Rodolfo Teófilo, Tomaz Pompeu Sobrinho e da Revista do Instituto do Ceará. Essa visão generalizante do “*cearense*” não devia ser complicada, pois as idéias de nomadismo e argumentos que justificavam a mobilidade da população devido à presença de ciganos no Ceará, eram conceitos elaborados pela própria historiografia cearense, desde o final do século XIX.<sup>57</sup>

No capítulo V: “*Crônicas I e II. Estórias e folclore de 57 vidas humanas*”, Benchimol traz o trajeto de 57 trabalhadores, reproduzindo trechos das entrevistas realizadas. Assim definindo sua obra:

“esse extenso documentário serviu de base para a preparação da tese *O Cearense na Amazônia* cujos principais tipos e caracteres, de modo fragmentário, nele foram estudados, através

---

<sup>56</sup> *Op. Cit.* P.216

<sup>57</sup> Moraes, Viviane de Lima. *Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX*. São Paulo:PUC, 2003 (dissertação de mestrado em História Social). Ver a discussão a respeito da idéia de nomadismo e as representações elaboradas sobre o trabalhador cearense, em específico o Capítulo I: Representações Cunhadas no século XIX sobre o trabalhador cearense Livre, no qual a autora vai abordar essa temática, baseada na leitura de obras de Bezerra de Menezes, Raimundo Girão e Gustavo Barroso.

da força de sua expressão e de seu rico linguajar sertanejo, que constitui matéria para uma verdadeira ‘literatura de cordel’<sup>58</sup>

Benchimol utilizava um gravador para realizar suas entrevistas. Porém, quando o entrevistado se sentia acuado com a presença do gravador, ele passava a anotar as respostas, às vezes após a realização da entrevista. As perguntas que compunham seu “*inquérito antro-po-geográfico sobre um tipo de migrante,*” eram:

1)nome e lugar onde morava; 2) profissão. Qual era o seu trabalho; 3) É solteiro? Se casado, trouxe família? Veio sozinho? Por que veio? Viria sem a seca?; 5) O que é melhor inverno ou borracha?; 6) Quais os boatos que corriam sobre a Amazônia?; 7) Algum parente seu já esteve no Amazonas? 8)Algum dia pensou em vir para cá?; 9)Gosta mais da cidade ou do mato? 10)Qual seu destino?; 11)Vai trabalhar na seringa?; 12)Quando pretende voltar?<sup>59</sup>

Analizamos abaixo, algumas dessas entrevistas realizadas por Benchimol. Como não seria conveniente trabalhar com todas, utilizamos apenas as que foram aplicadas a “cearenses”, naturais do Ceará, que mantinham alguma relação de parentesco no Ceará ou de lá estavam chegando. Como as entrevistas começaram ainda em 1942, em algumas delas não aparecem referência alguma à guerra, ao SEMTA, nem referências diretas à *Batalha da Borracha*. Estando, porém, presente a idéia de revalorização do preço da borracha (o que não deixa de ter ligação com a *Batalha da Borracha*) e a seca de 1942.

O conteúdo das entrevistas é muito valioso. A temática da seca está sempre presente. Contudo, chamam atenção motivos ou usos outros, que homens e mulheres fizeram da migração, em que souberam, em alguns casos, utilizar-se daquilo que foi pensado como estratégia de controle social, em seu proveito próprio. Tal procedimento permite traçar outro perfil desses indivíduos, não negando a manipulação e as violências sofridas por parte do Estado. Mas que, no mínimo, permitem que os vejamos como agentes ativos na reelaboração de seus projetos de vida, o que é diferente de identificá-los como uma população totalmente resignada diante daquilo que lhes era imposto.

---

<sup>58</sup> *Op. Cit.* p. 257 O Cearense na Amazônia, foi uma monografia apresentada por Samuel Benchimol no Congresso de Geografia em 1945.

<sup>59</sup> *Op. Cit.* p.257-258

Francisco de Assis Barboza, 41 anos, migrou com a mulher e dois filhos. Sobre sua naturalidade afirmou:

Sou cearense de Jaguaribe Mirim, mas nasci em Nova Empresa, no Acre. Meu pai era seringueiro até bem pouco tempo, quando em 1937 voltou para o Ceará pra ver a família. Não pretendo voltar tão cedo, pois vim com a família e dois filhos. Já não tenho nada o que ver na minha terra<sup>60</sup>

Costuma-se supor que após a perda do monopólio sobre a borracha natural, que o Brasil manteve até a década de 1910, acompanhada por sua desvalorização financeira, os seringais esvaziaram-se completamente. Embora os dados demográficos apontem para a estagnação ou decréscimo da população da Amazônia, entre as décadas de 1920 e 1940,<sup>61</sup> é possível que as conseqüências diretas dessa “decadência” tenham afetado mais drasticamente centros urbanos como Manaus e Belém, que dependiam da arrecadação de impostos e desenvolvimento comercial ligados diretamente à economia da borracha. Na mata, nos seringais, a desestruturação parcial do sistema de aviamento e o abandono de propriedades, pelos seringalistas, possibilitaram um relativo aumento de autonomia para as comunidades ribeirinhas, que puderam dedicar-se à agricultura, à coleta de outros produtos extrativistas, como a castanha ou mesmo o corte da madeira. A chamada “crise” da produção da borracha permitiu que novas relações se estabelecessem no mundo da floresta e do seringal. A historiadora Cristina Wolff argumenta que “*com a crise as mulheres ganhavam um espaço de legitimidade*”, ao terem sua “*importância reconhecida para o sustento do grupo.*” Essa importância expressou-se em diversas atividades, inclusive na agricultura:

Os homens eram engajados no “fabrico” da borracha. Era comum haver dois ou três homens na colocação. A crise configurou um novo tipo de seringal. Embora a extração da borracha ainda ocupasse posição de destaque, outras atividades tornaram-se essenciais, e as mulheres passaram a ter papel importante nessa nova economia. Conforme nos conta D. Ací, durante toda sua vida com o atual marido, era ela quem cuidava dos roçados: “*plantava roça, plantava milho. Meu marido ia só mesmo pra brocar e derrubar, eu que cuidava*”<sup>62</sup>

<sup>60</sup> Benchimol, *O romancista...* p.258

<sup>61</sup> Mello, Alcino Teixeira de. *Nordestinos na Amazônia...* Op. Cit.

<sup>62</sup> Wolff, Cristina Sheibe. “A construção da sustentabilidade nos seringais em crise: uma questão de gênero. Alto Juruá, Acre/Brasil: 1912 a 1943. IN: *Projeto História*. n° 23. Natureza e Poder. São Paulo:

José da Cruz, nasceu em Baturité, no Ceará. Já havia passado 15 anos trabalhando em um seringal no Juruá, de onde saiu em 1925, para exercer outras atividades. Voltou para o Ceará em 1938 e retornou para a Amazônia (as entrevistas não indicam a data exata; sabemos apenas que foram realizadas entre os anos de 1942 e 1944, período do retorno do entrevistado à floresta, quando “*agora trouxe a mulher e filhos que são brabos*”. Seus planos são “*ajeitar*” a família que ainda é braba para o trabalho no seringal. Sua recente saída do Ceará foi motivada pela seca:

Ninguém é besta de ficar no sertão sem o verde. Eu, por mim, não volto mais ao Ceará. A terra lá parece que tem raiva da chuva. Agente está sempre no começo. Nunca vi se terminar uma coisa. A seca vem um belo dia e mata tudo. Só vive na derrota, por isso se vem para cá<sup>63</sup>

Chico Monte de Almeida é um dos sujeitos a quem Benchimol referiu-se como “*velho paroara*” ou “*velho cearense*.” Natural de Sobral, no Ceará, na época das entrevistas com 65 anos, dois casamentos e 7 filhos, esteve pela primeira vez na Amazônia em 1899. Durante 20 anos trabalhou em um seringal: “*consegui alguma prosperidade em 1910, mas depois perdi tudo que tinha. O jeito que tive foi voltar*”. O autor espantou-se de encontrar um senhor com essa idade na *concentração* do trapiche Texeira, “*um galpão sórdido e infecto onde estavam jogados*.” O velho afirmou que “*hoje, apesar de velho, não temo o Amazonas, nem a morte*” e que sua expectativa em voltar para o Amazonas era: “*passar uns 4 anos, se ainda viver até lá, pretendo voltar [ao Ceará] agora vim para ensinar meus filhos a trabalhar*.”<sup>64</sup>

José Lino de Araújo, natural de Campos Sales, no Ceará, tinha na experiência do pai, a referência de expectativa sobre a Amazônia: “*meu velho veio 8 vezes ao Amazonas. Quando em casa faltava dinheiro, ele dizia que ia arrumar dinheiro e batia para cá. Dois, três anos depois voltava com recursos para a gente sobreviver*.” Sua decisão de seguir os passos do pai se deu quando “*Há dois anos de seca, eu estava em*

---

educ, 2001. A depoente a que o trecho se refere, D. Aci, estava no segundo casamento. O primeiro marido, ex-seringueiro, ao “*trabalhar muito duro e conseguir algum saldo, mais ou menos na época da Segunda Guerra Mundial decidiu voltar com seus ganhos para o Nordeste. Ela porém decidiu ficar no Acre*.” *Op. Cit.* p. 250-251.

<sup>63</sup> Benchimol, *Op. Cit.* p. 258

<sup>64</sup> *Op. Cit.* p. 259

Fortaleza. Quando o pessoal soube que aqui há fartura e dão passagem de graça todo mundo quer se mudar de lá. Não fica um.”<sup>65</sup>

Já para Alfredo Constantino, “nascido e criado no Crato, nunca me tinha passado pela cabeça vir para o Amazonas”:

Vim por influência. Eu era agricultor e trabalhava no sítio com a minha família. Parece que o diabo me tentou. Começou correr os boatos que os jornais espalhavam que o Amazonas precisava-se de agricultores, que todos nós iríamos ter terras e auxílio do governo para plantar. (...) Falaram muito em uma tal de colônia que eu não sei onde fica. Para os que iam para o seringal a conversa era a mesma. (...) No Crato, mais de mil queriam vir. A gente estava passando necessidade lá, a seca estava braba. Mas esmola grande o pobre desconfia. Estou aqui há mais de um mês e ainda não vi nada, não. Nada de me levar para a minha terra para que eu plante. Eu pensei que fosse diferente. Eu só vejo essa terra feia e encharcada. Não sei como se trabalha assim. Eu sou agricultor e não quero saber desse negócio de borracha, por isso estou aqui bestando sem fazer nada.”<sup>66</sup>

Epidemias e insalubridade poderiam não significar uma ameaça exclusiva da floresta. Walter Perdigão identifica Russas no Ceará, sua cidade natal, como “a terra da malária”. Era funcionário da farmácia, “mas fazia todo outro trabalho que aparecesse”, solteiro, foi para Manaus sozinho, “por necessidade” e, seduzido pelo “burburinho” que “enche a cabeça da gente de tanta coisa que a gente, mesmo que não queira, acaba vindo mesmo”. Mais uma vez, encontramos elementos que apontam a eficiência da estratégia de propaganda, garantida por atividades de promoção sistemáticas que, utilizando vários veículos, alguns já conhecidos, como cartazes e jornais, mas também pela novidade do rádio e até mesmo do cinema, através dos cinejornais apresentados antes dos filmes comerciais. Chegavam no mais eficiente dos meios de comunicação: o *burburinho*, o *boato*, a *influência* nas praças, ruas e becos da cidade ou nas obras públicas, roçados, praças e igrejas no interior. A publicidade à *revitalização do vale amazônico*, foi uma mentira, tantas vezes contada, que, para muitos, parecia verdade. Embora não houvesse um controle absoluto de corações e mentes: “falavam muita bondade disso aqui, mas havia quem não falasse bem”<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> *Op. Cit.* p.267

<sup>66</sup> *Op. Cit.* p. 268

<sup>67</sup> *Op. Cit.* p. 271

E continua identificando a ausência do inverno como um dos motivos de incentivo para a partida, já que afetava não somente a agricultura, pois, *“tendo inverno, não só é bom pra quem trabalha na agricultura como pra quem trabalha na cidade. Há trabalhos para todos”*.

João Pinto de Souza, nascido em Canindé, agricultor, casado, diz que partiu à procura de um filho que ficou no Amazonas, no lago Anumã, numa das outras duas vezes em que esteve na Amazonas: *“Com esta é a terceira vez que venho ao norte. A primeira em 1898, a segunda em 1932 e agora esta vez, mas só chegava até o baixo Amazonas. Agora, depois de ver meu filho, vou pro Juruá”*. Não pretende voltar mais ao Ceará: *“não quero pegar seca de novo. Vim pra ficar de uma vez.”*

Sentia-se adaptado à vida na floresta, afirmando que *“gosto é de mata”*. Considerou que a imagem da Amazônia no passado era fruto do *“atraso do sertão,”* lembrando que *“ nos tempos antigos, o flagelado se confessava antes de vir para o Amazonas, e muitos até recebiam o sacramento da hora morte.”* Porém: *“isso era nos tempos antigos, quando se pensava que o Amazonas era o inferno, a ruindade. Hoje o sertão não está tão atrasado assim.”*<sup>68</sup>

José Gomes da Silva, agricultor, natural de Baturité, chegou à Manaus com toda a família, mulher e quatro filhos:

Vim obrigado. O ceará não quer mais a gente. Não se tinha mais recurso mode a gente viver. Quando tudo se acabou, peguei minha mulher, meus filhos e trouxe para ver se melhoramos de sorte aqui. Mas, tendo inverno, o Ceará é a melhor terra que há. Contavam muita coisa boa e também muita maldade do Amazonas.<sup>69</sup>

O agricultor Joaquim Laurentino, de Cachoeira, na época com 58 anos, *“trouxe meus 13 filhos, 8 homens e cinco meninas, mais a mulher”*. Classificado por Benchimol como *“tipo clássico de patriarca sertanejo”*, jamais tinha saído de sua cidade, enfrentando diversas secas:

A seca de 15 eu passei ruim, mas me agüentei. A de 19 estive braba, mas não perdi a esperança. Na de 32 tive que andar de um lado para o outro para arranjar algum mode dar de comer a meus

---

<sup>68</sup> *Op. Cit. p. 271*

<sup>69</sup> *Op. Cit. p. 272*

filhos, mas ninguém debandou. Agora fui obrigado a vir. Não houve outro jeito. Os legumes, a criação, tudo se acabou. Vi a hora de perder todo mundo. Viemos à procura de recursos com vontade de trabalhar de verdade, somos homens de trabalho”

A experiência de mobilidade da população cearense tinha outros destinos, além da Amazônia<sup>70</sup>. Assim, Pedro Alves da Silva, cearense de Baturité, agricultor, viúvo, três filhos, não queria ir para a Amazônia: “*Eu queria ir pra São Paulo*”, onde já estivera como “*imigrante, também, trabalhando numa fazenda de café*”. Esteve em uma fazenda que “*tinha muito mineiro, baiano e cearense, é o que tem por lá*”. Gostava do clima e das condições de moradia, apesar de viver “*um pouco de sujeição, na colônia*”. Um certo dia decidiu voltar ao Ceará “*não sei porque me deu uma vontade medonha, uma coisa medonha pro modo eu voltar, que tive que arribar mesmo.*” Contudo, ao voltar ao Ceará:

Por arte do diabo que, mal cheguei, fui logo pegando a seca de 1932. depois eu queria voltar para lá, mas o governo não dá passagem e eu tive que vir mesmo pro Amazonas. Fui para São Paulo com mulher e filhos e estou aqui com os meus três filhos. Minha mulher morreu<sup>71</sup>

Para Benchimol, Milton Dias de Souza, natural de Juazeiro, foi do “*tipo imigrante aventureiro.*” Fugido da casa do pai, desde os 10 anos de idade: “*andei virando os sertões, bolando aqueles mundos da Paraíba até Pernambuco.*” Quando decidiu voltar para casa “*o velho quase me deu uma surra, (...) tinha vontade de me mexer de um canto para o outro.*” O pai fora para o Amazonas na seca de 1932, “*eu não quis acompanhar*”, dele nunca mais teve notícia. Agora queria conhecer o Amazonas:

Eu sempre tive vontade de conhecer isso aqui, para poder contar como era, pois cada um contava do seu jeito os que tinham vindo aqui. Eu queria me certificar. Já conheço um bocado do mundo. Do Norte só me faltava o Amazonas e o Acre. Agora vou dar um pulo até lá. Eu não sei estar parado em canto nenhum. Sou um espírito esbagado...<sup>72</sup>

<sup>70</sup> Sobre outros destinos da migração cearense, especialmente para São Paulo. ver: Morais, Viviane Lima de. *Razões e destinos da migração...* Op. Cit

<sup>71</sup> Op. Cit. p. 273

<sup>72</sup> Op. Cit. p. 274

José Ferreira, natural de Lavras , agricultor, solteiro, chegou a Manaus sozinho. Decidiu partir para o Amazonas após ouvir os conselhos do pai, que agora estava velho e não podia mais à floresta, como já tinha feito outras duas vezes: “*o meu pai me aconselhou que eu viesse pro Amazonas, que a borracha tava dando dinheiro.*” Seu próximo destino foi o Acre:

Quando eu saí de lá meu pai aconselhou a ir pro Acre. Quando mais pra cima, melhor, foi o que ele disse. Vou seguindo o conselho do meu pai., vou mesmo para o Acre. Não tenho tempo marcado para voltar. Só Deus é quem sabe.<sup>73</sup>

Já o artista e sapateiro José Holanda Cavalcante, nascido em Quixadá, morava em Fortaleza. Sentiu vontade de “*mudar de vida*”, porque na cidade “*tudo o que eu ganhava gastava.*” Não queria mais saber da cidade: “*vou para o Juruá. Quero trabalhar na seringa. Vou ver se faço as minhas economias para ver se volto com algum recurso. Não posso dizer quando, mas não fico velho aqui, fico não ...*”<sup>74</sup>

Francisco de Almeida, de Fortaleza, agricultor e solteiro, “*não queria mais viver sempre começando, pois é só o que se faz no Ceará. De que serve o inverno se a seca vem como agora e leva tudo que a gente possuía?*” Ao sair do Ceará, tinha como destino o Acre. Contratado por um patrão que tinha umas fazendas de gado em Sobral e era dono de um seringal: “*sempre ouvia dizer que a borracha estava dando muito dinheiro, (...) o rádio e os jornais, todo mundo falava em 20 e 22\$00 o quilo*” [da borracha]. O patrão disse que era 12\$000. Ao ser “*informado com uma porção de mansos que já conhecem o Amazonas*”, desiste de ir para o seringal, pois:

Não gosto de opressão. Esse negócio de amarrar o freguês no tronco não é comigo. Me disseram quem manda é patrão, o preço do produto é imposto por ele, a mercadoria ele vende pelo preço que quiser. Quem manda é o rifle, por lá, e eu não gosto disso. (...) agora vou tirar balata pois um manso me falou que é uma benção. Não pretendo voltar tão cedo. **A ferida sara mas a dor fica...**<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> *Op. Cit.* p. 275-276

<sup>74</sup> *Op. Cit.* p. 276

<sup>75</sup> *Op. Cit.* p. 278 grifos do autor

João Batista, de Pereiro, no Ceará, já havia estado no Acre em 1915, quando “*a seca nesse ano estava ruim mesmo. Fui logo direitinho para o Acre,*” trabalhar com o irmão que lá estava. Voltou ao Ceará em 1924, na época “*arranjei uns 6 contos e debandei. Cheguei lá paroara mesmo*” e sempre com a intenção de voltar à Amazônia.

Após casar-se no Ceará e ter 6 filhos, seus planos eram voltar “*pro Acre novamente, a convite do antigo patrão*”. Voltar ao Ceará, só se “*chegar a ter dinheiro, mas para passear.*” Quando deixou Pereiro, os amigos ficaram caçoando: “*o paroara vai embora, vai pro Amazonas de novo.*”<sup>76</sup>

Antônio Ribeiro Mota, de Jaguaribe-Mirim, criador e comerciante de gado, sempre foi “*um homem independente. Sempre vivi as minhas custas*”. A seca fez com que se desfizesse de seu patrimônio:

O meu gado estava todo se acabando. É um sacrifício a gente sustentar eles na seca. Acaba vendendo por uma miséria se não quiser ver morrer os bichinhos. Eu vendi tudo. Rês que me custou 500\$ vendi por 100\$. O resto a seca matou. Os meus inimigos perseguiam muito também. Eu não vivia em paz. Me roubaram uma rês de vez em quando. Estavam sempre me ameaçando, me dando prejuízo. Por isso resolvi vir

Preferiu sair do Ceará a ficar pedindo esmola: “***Eu não queria pedir esmola para quem já tinha dado.***”<sup>77</sup>

Antônio Batista de Oliveira, agricultor de Aracoiaba (Serra de Baturité), casado, uma filha, conta que veio a contra gosto da esposa, que o acompanhou, e da mãe que ficou no Ceará, junto com outro irmão:

O outro está morrendo de fome, mas me disse que não abandona a sua terra. A minha mãe também fez tudo pra eu não vir. A mulher também não queria vir. Quando chegamos em Fortaleza, ela não quis ir pro campo de concentração e nós acabamos voltando para Aracoiaba de novo. Mas eu já estava decidido a vir mesmo. Ela pensava que eu não vinha mais. Quando um belo dia, acordei cedinho, levantei a mulher e disse que ela arrumasse as coisas que desta vez eu vinha mesmo. Passei 5 dias na concentração, passando fome que nem “*cachorro amarrado*”. Mas não houve nada. Eu estou aqui. Vim escapando da fome. O sertão estava descascado.

---

<sup>76</sup> *Op. Cit.* p. 283

<sup>77</sup> *Op. Cit.* p. 284

Antônio Camilo Sobrinho, natural de Uruburetama, morando há uns 10 anos na capital: “*sou um artista, trabalho na arte de pedreiro e carpinteiro*”. um dos problemas de seu ofício era que “*nem todo dia tinha trabalho. Passavam-se dois, três dias sem ter o que ganhar.*” Ganhando pouco, já tendo vontade de conhecer a Amazônia desde a seca de 1915, quando ouviu falar que “*aqui a vida era muito boa, é o que diziam por lá. Tive sempre simpatia pelo Amazonas. Em 1915, quando a seca estava braba, queria vir, mas meu pai não deixou.*” Na Amazônia, foi à procura de emprego na cidade, pois “*gosto da cidade porque sou artista. Dou valor à minha arte. Desde que começo a trabalhar vou logo ganhando.*” Não queria ir para o seringal “*no momento em que colocasse a tijelinha já estava com um contão no espinhaço.*” Assim, “*vim mesmo para ficar em Manaus. O Ceará agora está derrotado. Tão cedo não se levante. Não penso em voltar tão cedo.*” De lá decidiu sair porque “*havendo seca mesmo a gente que está na cidade sente e só tem o jeito de vir mesmo.*”<sup>78</sup>

Segundo Benchimol, o espaço das hospedarias e postos de recrutamento eram pontos centrais na construção do discurso migratório:

Se não fossem obrigados a vir para as “concentrações” da capital, onde se contagiavam com os boatos, escapando assim do flagelo, não teríamos uma tamanha influência de gente com vontade de vir. São essas concentrações que incutem a idéia de partir, na cabeça do imigrante, com o seu ambiente propício ao movimento imigratório.

Porém, logo durante a viagem, que poderia durar até três meses, surgiam os conflitos. Motins por falta de comida nas hospedarias que ficavam no caminho, doenças, enjôos, inadaptação à alimentação, sem falar no medo das embarcações. Como vimos, alguns estabeleceram contato com “mansos” ainda em Manaus e, por lá, decidiram ficar ou voltar. Para aqueles que chegavam aos seringais, os conflitos de adaptação com o novo modo de vida eram de diferentes procedências:

Hidrofobia (...) raiva da chuva que não pára. Da vida mergulhada no rio. (...) Moacir Paixão, contratou uma leva de 25 cearenses para trabalhar num pontal dos Solimões. Como se sabe não há vida mais penosa que a lavagem e o preparo da juta. O homem é

---

<sup>78</sup> *Op. Cit.* p. 276

obrigado a ficar com a água na cintura o dia inteiro. Só o caboclo dá-se bem com ela. Pois bem. A lancha quando passou os deixou num dia. Quando desceu trouxe 24 dos que tinham ido –‘não somos lontras’... foi o que responderam”<sup>79</sup>

Alguns *Soldados da Borracha* buscaram subir em direção às terras altas do Acre, onde poderia ser encontrada terra firme, enxuta, enfim, um modo de vida que se assemelhasse um pouco mais com sua antiga vida no sertão. Outros percebiam a quebra das promessas ainda durante a viagem, desertando do *Exército da Borracha*, buscando ocupação ou formas de sobrevivência nas cidades em que passavam. A maior concentração destes ocorreu nas cidades de Manaus e Belém. Formaram, desta maneira, as periferias destas cidades e o pânico, que outrora atacava as cidades do sertão, agora chegava aos centros urbanos da selva. Lá, os migrantes construíam seus “ninhos”... “*barracão de madeira onde os Arigós desertores se refugiavam para ganhar a vida fora do ‘pouso’ do governo.*”<sup>80</sup>

*Aventureiro, flagelado, arigó, paroara velho*, foram alguns dos perfis que Benchimol traçou de migrantes que entrevistou. As publicações de *O Cearense na Amazônia* na década de 1960 e do *Romanceiro da Batalha da Borracha*, em 1977, merecem atenção especial. O autor foi um dos pioneiros nos estudos de depoimentos orais, em plena década de 1940, quando a repercussão de inovações teóricas e metodológicas na Europa e nos Estados Unidos davam seus passos iniciais, sua “sensibilidade antropológica” permitiu que trabalhasse com os depoentes mantendo com estes uma relação de alteridade. O *Romanceiro* tem também uma forte carga simbólica de resguardar a memória da ocupação do Vale Amazônico, uma vez que foi lançado durante as comemorações de cem anos de migrações entre o Nordeste e a Amazônia e do nascimento de associações e lutas dos povos da floresta.

Outro estudo realizado durante a década de 1940, que pode dar uma dimensão da situação dos imigrantes que retornavam do seringal devido, principalmente, às doenças e ao desejo de retornar à sua terra, foi realizado por Alcino Teixeira de Mello, em 1945, quando era diretor da hospedaria *Eduardo Ribeiro*, em Manaus, onde “*cerca de dois mil ‘soldados da borracha’ mantiveram conosco contato,*”<sup>81</sup> pôde acompanhar

<sup>79</sup> Benchimol, Samuel. *O Cearense na Amazônia: inquérito antropogeográfico sobre um tipo de imigrante*. Rio de Janeiro: Seleção de documentos e relações públicas, 1965. p. 50-71.

<sup>80</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Op. Cit.* p. 71.

<sup>81</sup> Mello, Alcino Texeira de. *Op. Cit.* p. 9

o drama dos “*retornados*.”. Avaliando o processo de migração para a Amazônia e o destino dos imigrantes, considera que:

Lançamo-lo à luta titânica do esforço de guerra para produzir toneladas de borracha, e ele marchou resoluto para cumprir seu dever. O seringueiro, entretanto, ficou sozinho, entregue à própria sorte, desamparado, com assistência deficiente, tombado em meio à viagem – o balde cheio de látex, as têmeoras latejando de febre e o corpo a tiritar de frio. Se debaixo de cada dormente da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré há, como se afirma um trabalhador enterrado, sem grande exagero, poder-se-ia dizer que em cada quilômetro de estrada de seringueiras da Amazônia há uma cruz de nordestino.<sup>82</sup>

Em Belém do Pará, no ano de 1946 passaram cerca de 3.000 nordestinos de volta.<sup>83</sup> A fuga do seringal não era nada fácil. Para se verem livres dos seringais enfrentaram todo tipo de “*sorte de perigos. Tripulando frágeis canoas, conduzem mulher e filhos através de igapós, igarapés, rios tributários do Amazonas, até chegar a primeira cidade ou porto de lenha*”<sup>84</sup>. Ao chegar nos portos:

Desesperados, imploram aos comandantes de vapores a troca de passagem, pelos serviços que prestaram a bordo – na lavagem de pratos, na limpeza das sentinas, no descarregamento de fardos. (...) ao chegarem em Manaus, (...) já deixaram atrás, enterrados à beira dos barrancos do grande rio, maior parte de seus parentes, revoltados, inutilizados quase sempre, (...) só tem um único objetivo: regressar ao seu rincão de origem e morrer ao pé da cabana em que viram a luz pela primeira vez.<sup>85</sup>

São muitos os casos denunciados por Mello, de trabalhadores que, em choque, voltaram com problemas psiquiátricos: “*quantos deles não passaram a freqüentar os albergues, os hospitais, as prisões e os manicômios?*”

Demétrio Feitosa embarcou no Ceará em 1943, chegou a Manaus e embarcou dia 6 de outubro de 1943, para o Seringal São Jorge. Mas já ia com o “*coração sangrando*”: seus filhos Antônio e José faleceram na hospedaria ‘Getúlio Vargas’ em

<sup>82</sup> Mello, *Op. Cit.* p. 94

<sup>83</sup> Mello, *Op. Cit.* p. 94 o autor utiliza como referencia uma entrevista com Sr. Humberto Pereira Viana, administrador da hospedaria de migrantes “Tapanã”. (Nota 132)

<sup>84</sup> Mello, *Op. Cit.* p. 96

<sup>85</sup> Mello, *Op. Cit.* p. 96-97

1943, ainda em Fortaleza. Outros dois filhos seus, Manuel e Raimundo, morreram no Purus, outro nascido no seringal também faleceu em 1945. “*Com eles enterrou seus sonhos.*” Ao chegar em Manaus, submetido a exames “*estava atacado por polineurose e, por essa razão, foi recambiado para o Nordeste*”<sup>86</sup>. Além dos atordoantes problemas físicos, é imensurável as “*marcas deixadas no espírito,*” que causaram distúrbios mentais diante de inúmeras e incontornáveis perdas sofridas por trabalhadores que ficaram escondidos sob a denominação *Soldado da Borracha*.

As irregularidades na *Batalha da Borracha* parecem ter sido a regra, não exceção. A *Atebrina*, remédio para a malária, que havia sido fornecida gratuitamente pelos norte-americanos, era vendida pelos patrões seringalistas, “*pelo preço exorbitante de Cr\$ 3,00 cada comprimido.*”

Ademais : “*aos retornados são, (...) que abandonaram o vale(...) porque o custo de vida não lhes permitia continuar a extrair borracha, o govêrno não autorizava o fornecimento de passagens de regresso à sua terra.*” Se de Manaus a Belém não era possível fazer o trajeto à pé, fazendo que os imigrantes recorressem a conseguir a passagem em troca de trabalho, de Belém ao Ceará, “*muitos dêsses retornados, descoroçados de obter passagens de regresso ao Nordeste, resolviam, passando as maiores privações, empreender a pé, a imensa caminhada de Belém até o Ceará.*”<sup>87</sup>

Outra opção, não menos drástica, poderia ser tomada. Ao serem avaliados nas hospedarias de Belém e Manaus e receberem exame médico que não detectasse nenhuma doença, sentiam como uma má notícia. Só receberiam passagens gratuitas aqueles considerados inválidos (Tuberculosos, com impaludismo – malária, ou outras doenças). Adquirir uma doença poderia ser significar o retorno da vida, a garantia da volta para casa.

Mello relata um fato ocorrido no Hospital Pensador, anexo à hospedaria *Eduardo Ribeiro*, em Manaus: “*Um ex-seringueiro, cuja doença não era de molde a garantir-lhe o recâmbio oficial para o Nordeste, foi encaminhado ao referido nosocômio para o devido tratamento.*” Devido a sua debilidade física o médico solicitou exames que constataram “*a inexistência de germes álccol-ácido-resistentes*

---

<sup>86</sup> Mello, *Op. Cit.* p. 100. O autor afirma que sua tentativa de fazer um levantamento sobre a mortalidade de imigrantes e de seus familiares, não foi possível, pois, “*tais óbitos não são levados ao conhecimento das autoridades policiais, pois aos seringalistas não interessa tornar publicas as péssimas condições sanitárias de seus latifúndios*”. p. 101 (nota 140)

<sup>87</sup> Mello, *Op. Cit.* p. 98

(*tuberculose*)”. Em um segundo exame foi detectado “*em seu escarro a presença de bacilos Koch.*” O “*laboratorista,*” inconformado com os resultados divergentes dos exames, inquiriu o paciente que confessou: “*um tuberculoso inapto para o serviço, que por essa razão iria regressar para Fortaleza, cederá ao referido ex-seringueiro um pouco de seu escarro.*”<sup>88</sup>

Com o fechamento do Núcleo de Famílias, a extinção do SEMTA e a suspensão do auxílio financeiro às mulheres dos trabalhadores migrados, em julho de 1944, pela CAETA, muitas famílias que ficaram no Ceará, ou nos outros estados do Nordeste, perderam não só o único suporte financeiro que restava. Pais e filhos, maridos e mulheres foram separados, em alguns casos para sempre, pela morte causada pela doença, a solidão na floresta ou nas cidades encravadas no meio da mata, fazendo que os trabalhadores constituíssem uma nova família por lá. Mas também pela incompetência dos órgãos envolvidos, sua desarticulação, o amontoado de siglas: DNI, SEMTA, SAVA, CAETA, que não foram capazes de identificar se quer a localização dos trabalhadores, caso seus familiares desejassem ir à sua procura.

Assim, em julho de 1944, mulheres de Crato, no Ceará, enviam ao ditador Getúlio Vargas, uma carta (telegrama),<sup>89</sup> solicitando a solução de sua situação:

Nós, abaixo assinadas, mulheres dos soldados da borracha, domiciliados Crato(Ce), vimos perante v. Ex. pedir providencias sobre suspensão nosso pagamento diário, de ordem Dr. Falcão, alegando dará passes. Não temos notícias nossos marido, cujo paradeiro ignoramos. Impossível aceitar passem porque ignoramos destino.

Confiamos v. Ex. dará solução satisfatória, mantendo nosso pagamento, conforme foi combinado, resposta para Padre Lauro Pita, Crato-ce. Saudações respeitosas

Irinéa Leando, Ana Mara Espirito Santo, Isabel berlissa, Ana Maria conceição, Argentina Costa, Mária Luiza, Maria do Carmo.<sup>90</sup>

<sup>88</sup> Mello, *Op. Cit.* p. 103

<sup>89</sup> O historiador Jorge Ferreira realizou uma pesquisa sobre a correspondência recebida por Getúlio Vargas que fazem parte do fundo *Gabinete Civil da Presidência*. A possibilidade de um canal de diálogo direto com o presidente, compunha uma estratégia que buscava garantir a legitimidade do regime: “*Para os trabalhadores, em particular, o Estado nos anos 30 e 40 tornou-se produtor de bens materiais e simbólicos, a fim de obter deles a aceitação e o consentimento ao regime político.*” Contudo, os trabalhadores na escrita das cartas, incorporavam conceitos e perspectivas divulgadas pelo próprio Estado para justificar suas reivindicações, havendo portanto uma possibilidade de ‘circulação’ de valores, embora desigual. Ferreira, Jorge. “A Cultura Política dos trabalhadores no Primeiro Governo Vargas”. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1990. p. 180. ver também do mesmo autor: *Trabalhadores do Brasil. O imaginário popular*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Após o recebimento de outro telegrama similar, de mulheres do Rio Grande Norte<sup>91</sup>, o gabinete do presidente solicitou uma consulta a advogados da CAETA, em Fortaleza, que concluem:

I -Embora seja de lamentar, não nos cabe, neste parecer, entrar em detalhes sobre a situação de penúria em que se encontram as signatárias da carta que originou o presente processo, não só, porque, essa situação, conforme se depreende o texto daquele documento, se concretizam muito antes do engajamento dos seus maridos, Paes, filhos irmãos e noivos, no serviço da borracha (... forçados pela situação de miséria que encontravam-se na sua terra natal, viajaram para a Amazônia, etc... [ sublinhado e vermelho] ) , como também, porque, o que interessa, para decisão final da pretensão das signatárias, é o motivo da suspensão da assistência que vinha sendo paga pela CAETA, até 30 de junho do corrente ano (...).

Conforme já tivemos oportunidade de demonstrar, numa reclamação feita pelas famílias do Crato est. Ceará ao Sr. Min. Do trabalho, sobre a suspensão de assistência, esta, de modo algum, podia continuar, sob a responsabilidade da CAETA, em face do estabelecido no contrato de encaminhamento firmado com o trabalhador (decreto federal 5813 – 14.9.43)

A CAETA (...) não pode, e nem podia exercer a função de um órgão de previdência social, como pretendiam as famílias dos trabalhadores incorporados no serviço da borracha [Clas. 2 cont. CAETA]

Ora a CAETA foi muito além do estabelecido neste dispositivo contratual dotado de um elevado espírito de humanidade, porque, pagou milhares de cruzeiros às famílias dos trabalhadores que já estavam nos seringais, SEM NENHUM REEMBOLSO, e sem qualquer pronunciamento do trabalhador beneficiado, como exigia a parte final da clausula citada.

Além disso, cumpre ressaltar, muitos trabalhadores que seguiram para a Amzônia, por intermédio da CAETA, lá

---

<sup>90</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Gabinete Civil da Presidência. Caixa 3878. PR 22333. Telegrama recebido no palácio do catete 30/06/44

<sup>91</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Gabinete Civil da Presidência. Caixa 3878. PR 22592 Telegrama enviado por mulheres de Areia Branca-RN em junho de 1944. Areia Branca- RN

*“Ao Presidente Vargas (Palacio do Catete)*

*Abaixo assinados representamos 191 miserias familias as quais organização CAETA acaba largar negra miséria cortando abruptamente assistência família nossos esposos, soldados da borracha estão enviados sêlvas Amazônia sem possibilidade comunicação conosco. Muitos tem regeitado outros serviços muito maior salário afim assegurarem essa assistência. Referida organização oferece transporte nossas pessoas sósinhas acompanhadas filhos pequenos. Parece-nos impraticável. Apelamos coração magnífico. Confiemos providencias vossência Saudações respeitosas, Rita Almeida Silva, Rda. Gomes Souza, Ma. Luiz Conceição, Elvira Ponciano, Ma. Barbosa Silva.”*

chegando desviaram a sua atividade para outro setor, estranho ao serviço da borracha, e, mesmo assim a CAETA pagou, indevidamente, podemos dizer, até 30/06/44, a quota de assistência sem que houvesse qualquer desembolso; ora as vantagens concedidas pelo SEMTA ou pela CAETA (...) entre tais vantagens, avultava a assistência á família do trabalhador, como meio de prendel-o ao serviço. Claro, pois, que se ele desempenha a sua atividade em função completamente estanha ao serviço da borracha, não devia, de modo algum, prevalecer a obrigação de assistir, financeiramente, á sua família. Pois bem, milhares de cruzeiros foram pagos ás famílias de trabalhadores que desertaram dos seringais, e foram desempenhar suas atividades em funções inteiramente alheias a exploração da borracha. [ desde 1º de fev de 44 o acordo vem sendo feito s/ assistência familiar] (...) na residência de Mossoró (est. RN), donde se origina a relcamação, objeto deste processo, a administração da CAETA não tem poupado esforços no sentido de encaminhas todos os dependentes dos trabalhadores que já encontram, (...) não nos cabe a responsabilidade, pela recusa da família do trabalhador, a unir-se ao seu esposo, sob fúteis e cavilosos pretextos!

II – Idenização de mil cruzeiros a titulo de gratificação – queiram dez)

Não pode, porém, a conta pagar, como acidente de trabalho, a MORTE NATURAL do trabalhador que, tanto teria se verificado no Amazonas ou no ponto de origem do seu domicilio. Para esses caos o CAETA, espontaneamente, fez distribuir a quantia de mil cruzeiros, não a título de indenização, porque não era cabível, mas como simples abono para amenizar a situação angustiosa e aflitiva da viúva e dependentes. Dizemos ESPONTANEAMENTE, porque em se tratando de morte natural, por moléstia não adquirida no trabalho (qualquer doença profissional) não estava a CAETA obrigada a pagar qualquer indenização (...) a concessão desse abono (...) um gesto de humanidade dos altos poderes da administração da CAETA.

III – No que tange á localização e domicilio dos trabalhadores encaminhados à Amazônia, á CAETA falece qualquer obrigação nesse particular, de vez que, a outro órgão o SAVA com sede em Belém /Pa ou seus representantes, compete atender ás solicitações dos interessados que pretendem conhecer o domicilio dos trabalhadores encaminhados a Amazônia, e, não á Caeta que, por força de acordo (...)

Jose Maciel LUZ (Auditor Jurídico)  
Fortaleza 30/11/44<sup>92</sup>

---

<sup>92</sup> Arquivo Nacional. Fundo Gabinete Civil da Presidência. Caixa: 3910 – PR: 31896

Utilizando de mecanismos “legais” e apoiando-se em acordos e contratos atualizados, ou que substituíam anteriores<sup>93</sup>, os trabalhadores migrantes muitas vezes não tinham noção da existência do contrato de trabalho, ou não compreendiam seu conteúdo repleto de termos técnicos e jurídicos. Burocratas do Estado Novo não assumiram responsabilidade alguma do projeto criado e gerido em seus gabinetes. O tom do parecer aproxima-se do ridículo, ao considerar “*MORTE NATURAL*” aquilo que “*tanto teria se verificado no Amazonas ou no ponto de origem do seu domicílio*”, já que, na verdade, era do conhecimento de todos a insalubridade nos seringais e as conseqüências da ausência de assistência médica na floresta.

Trabalhadores e seus familiares acabaram sendo responsabilizados pelo rompimento/restauração dos laços de parentesco. Como vimos, essa experiência não era nova e seus agentes sabiam criar mecanismos, aproveitando, inclusive, os momentos de seca. Todavia, afirmar que a CAETA ou os órgãos a que era subordinada não tinham responsabilidade alguma não é admissível.

Foram esses órgãos que divulgaram as vantagens nos diversos meios, como jornais, rádio, cinejornais<sup>94</sup>... e depois, em tom de piada, jogaram a responsabilidade para outro órgão, com sede em Belém. A SAVA, que tem sua parcela de descaso e incompetência, na não localização dos trabalhadores, não foi a única agência a se descompromissar. Todos organismos envolvidos, o governo brasileiro, sem deixar de falar no norte-americano, que fizeram os usos que quiseram dos trabalhadores e dos recursos ambientais, e quando não foi mais de seu interesse abandonaram “*seu quintal*.” Como parasitas sugaram o que e quanto puderam e ficou por isso mesmo.

Os esforços de contar e recontar essas histórias significam uma tentativa de evitar que conforme seus protagonistas, “*tudo sera posto nas trevas do esquecimento*.”

Buscamos no decorrer desta seção rastrear indícios que permitam pensar como a experiência de migração se constituiu. Para realizar tal percurso, foi necessário desmistificar a imagem do migrante-flagelado, passivo, inerte. Apesar de todas as violências enfrentadas no recrutamento e chegada à Amazônia, os migrantes tentaram reinventar suas trajetórias, elaborando ações, utilizando o feixe de possibilidades que estavam à sua volta. Por mais dramático que tenha sido: aquisição de doença para ter

---

<sup>93</sup> A despeito dos trabalhadores interessados.

<sup>94</sup> Os Cinejornais que se referem à *Batalha da Borracha* estão disponíveis na Cinemateca Brasileira em São Paulo. Por tratar-se de uma linguagem específica, o cinema, e a necessidade de delimitação de fontes para a conclusão da redação da pesquisa, preferimos não utilizá-los neste momento.

acesso à passagem de retorno, fuga do seringal ou na constituição dos ‘ninhos’ na periferia de Manaus, Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Belém para “*ganhar a vida fora do ‘pouso’ do governo,*” a questão colocada por eles foi a retomada do controle de seus destinos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Minha vida é andar por este país, pra ver se um dia descanso feliz, guardando a recordações das terras onde passei andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei. Chuva e sol, poeira e carvão, longe de casa, segura o roteiro mais uma estação, e a alegria no coração, eh, saudade!!!**

*A vida do viajante (Luiz Gonzaga/Hervê Cordovil)*

Momento de uma pausa, em que vou tentar considerar, um trabalho iniciado há quatro anos, durante o curso de Graduação na Universidade Federal do Ceará. Neste intervalo, peço licença aos leitores para abandonar o discurso impessoal na terceira pessoa que caracteriza o trabalho com padrões acadêmicos, e justificar minhas escolhas e angústias.

A cada leitura das linhas produzidas no decorrer do texto surgia outra possibilidade de abordagem: acréscimo de referências teóricas e bibliográficas e maior exploração das fontes. Thompson, ao discutir sobre a validade do conhecimento histórico, já apontava que este era provisório e incompleto, seletivo (porém não inverídico) e limitado pelas “*perguntas feitas à evidência (e os conceitos que informam essas perguntas), e, portanto, só ‘verdadeiro’ dentro de um campo assim definido.*”<sup>1</sup> Partindo destas condições, apresento argumentações a respeito de interpretações realizadas sobre a temática em estudo. É difícil, mas necessário finalizar este estágio do meu “fazer-se historiador”.

\*\*\*

A lógica de ocupação do território cearense e formação de sua população, situa-se na expansão do capitalismo contemporâneo. Fechamento de terras, fornecimento de matérias-primas para países em industrialização. Transformando populações “nativas” desta e de outras terras, em despossuídos. Eram migrantes, vindos de regiões da Bahia e Pernambuco, populações indígenas que chegaram ao Cariri ou na Serra da Ibiapaba,

---

<sup>1</sup> Thompson, E.P. *A Miséria da Teoria – ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 49.

fugindo de armas e doenças trazidas pelo colonizador português para a região açucareira. Itinerante também era o trabalho do vaqueiro, que percorre os sertões tangendo gado. No decorrer do século XIX, o processo de expropriação de terras consolidou-se com a imposição da Lei de Terras (1850), quando aqueles que tinham armas para garantir a posse e dinheiro para pagar impostos usurparam terras remanescentes dos aldeamentos indígenas, e, com a substituição da agricultura de subsistência por plantações de algodão para a indústria inglesa. As características ambientais e as relações sociais estabelecidas na região contribuíram para que esses despossuídos continuassem na busca por terras onde pudessem um dia ter um “*descanso feliz.*”

As terras da Amazônia, na segunda metade do século XIX, foram o primeiro destino percorrido: escravos que fugiam do tráfico interprovincial, camponeses com modos de vida desarticulados e com expectativa de fazer riqueza no tempo em que o preço da borracha valia ouro. No decorrer do século XX, continuaram sua busca pela terra prometida, em direção ao Sudeste, onde foram fundamentais para garantir o processo de industrialização desta região ou na construção de uma nova capital no Planalto Central do Brasil.

A escolha de estudar a migração para a Amazônia surgiu nos primeiros contatos com documentos referentes ao início das partidas para a Amazônia, mas também pela fascinação em relação a essa região, seja nas primeiras leituras dos romances e pesquisas de Rodolfo Teófilo, durante a graduação, ou na ampliação de leituras nos anos que se seguiram.

Uma das críticas recebidas por Rodolfo Teófilo, foi que ele não teria elementos suficientes para criticar a migração para a Amazônia, pois jamais foi lá. Questão que, de uma certa forma, me confortou e angustiou. O conforto veio pela ampliação do conhecimento da história dos lugares e dos homens que os construíram, em razão da expansão da produção acadêmica e dos meios de comunicação - rádio, televisão e internet que podem relatar, imagens em dimensões impossíveis na virada de séculos em que Teófilo produziu seus registros de combate à migração para a Amazônia. A angústia, porque, assim como Hélio Vieira, sempre tive vontade de conhecer *in loco* as terras para onde foram os sujeitos a que me refiro na pesquisa. Nas definições elaboradas por Benchimol, acho que seria o migrante do tipo aventureiro. Minha leitura possivelmente seria outra se já tivesse atravessado *o grande rio.*

Porém, as possibilidades da pesquisa não me levaram ao Norte, mas ao Sudeste, onde encontrei espaço de pesquisa que me possibilitou avançar na elaboração de minhas argumentações.

A pesquisa percorreu caminhos inesperados, como o levantamento e diálogo com novas fontes fugindo da leitura predominante sobre a migração de cearenses nos anos do Estado Novo. O desafio não foi simples, mesmo diante da impossibilidade de “dar voz” aos sujeitos a que me refiro, busquei constituir argumentos em que suas expectativas e necessidades como migrantes não ficassem ocultas no texto, sem deixar os projetos estatais e interesses econômicos de lado, mas privilegiando experiências vividas no decorrer da elaboração de conhecimento histórico.

Consegui visualizar agentes que não foram meros fantoches na mão de um Estado distante, pois apesar de todas adversidades sempre buscaram, dentro de seu campo de possibilidades, criar mecanismos para burlar o controle imposto: realizando protestos e motins nas hospedarias no percurso da viagem; fugindo dos pousos do governo e ficando nas cidades do Norte. Antigos *Paroaras* ou seus filhos utilizaram chances para conseguir passagens gratuitas para um retorno à Amazônia, indícios que permitiram perceber duas questões. Durante os anos de crise e declínio da exploração da borracha (décadas de 1920 e 1930) redes de parentesco ou agregados mantiveram um fluxo constante de migrantes entre o Ceará e a Amazônia, independente de qualquer investida estatal. Na seca de 1932, por exemplo, os projetos do Estado estavam voltados para o combate ao deslocamento da população, através dos campos de concentração ou na mobilização de voluntários para combater a revolução constitucionalista em São Paulo. O declínio da exploração das seringueiras afetou mais seringalistas e casas comerciais, que viram seus lucros desintegrarem-se, provocando desdobramentos, como patrões abandonarem suas propriedades, contribuindo para relativo ganho de autonomia para seringueiros que puderam dedicar-se a outras atividades extrativistas ou à agricultura de subsistência. Neste sentido, a retomada da produção, e o período efêmero em que o interesse norte-americano recuperou o preço da borracha no mercado internacional, representou uma rearticulação de patrões e comerciantes nos moldes estabelecidos no fim do XIX, assim definido por Chico Mendes: “*Aquele esquema de escravo do Nordeste durou até 1955*”, substituído por empresas que “*pegam os bóias-frias do sul e os levam como escravos para trabalhar nas*

*fazendas.*”<sup>2</sup> O segundo foi que, diferente das representações dominantes, onde o Estado utilizou de uma forma unilateral das expectativas de sertanejos, fica evidente que esta idéia, de “utilização” ou apropriação de expectativas, não ocorreu em mão única, uma vez que encontramos nos relatos coletados por Benchimol, vários casos em que sertanejos ou trabalhadores urbanos estavam somente a espera de uma nova oportunidade de adquirir passagem para a Amazônia, na busca de encontrar um parente, refazer os passos dos pais ou procurar emprego nas cidades do norte, que não necessariamente estavam ligados ao trato com a seringa.

\* \* \*

A ingerência internacional na Amazônia brasileira estava, pelo menos oficialmente, afastada, desde os combates entre seringueiros nordestinos e sindicatos patronais norte-americanos (*Bolivian Syndicate*), que resultaram na anexação do Acre pelo governo brasileiro<sup>3</sup> no início do século XX. O Envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial trouxe de volta a cobiça internacional aos produtos extraídos da floresta e a seringueira em especial.

A guerra e a intervenção norte-americana significaram a inauguração de um novo modelo de migração para a o Vale Amazônico. Um dos lemas do SEMTA “*cada um no seu lugar*”, representou a dimensão em que a guerra mundial foi se delineando, diante da necessidade de recrutar, classificar, padronizar e disciplinar o trabalho, elementos baseados nos padrões de racionalização do trabalho implementados pelo fordismo e sua linha de produção em séria, que funcionaram como referência para a industrialização brasileira. A implantação de Serviços de Assistência Médica e Social fazem parte deste contexto, e, não por acaso, foram implantados por engenheiros, médicos, assistentes sociais, militares e sociólogos norte-americanos.

Através desta intervenção também foi inaugurado o choque de perspectivas e racionalidades. De um lado padrões científicos da razão, que elaboravam técnicas de

---

<sup>2</sup> Entrevista de Chico Mendes, realizada em 09/09/1988, durante o 3º Congresso da Central Única dos Trabalhadores – CUT. Disponível em [www.chicomendes.com.br](http://www.chicomendes.com.br) (acessado em 19 de março de 2005.)

<sup>3</sup> Ver, Costa, Craveiro. *A conquista do deserto ocidental*. Subsídios para a história do Acre. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INI, 1973.

seleção e “produção” de migrantes em série, visando o lucro e a produtividade a qualquer custo (de vidas pelo menos). Do outro, a racionalidade popular, baseada em uma perspectiva milenarista, na experiência do sertanejo, no saber popular e suas tradições. Nesta cosmogonia a Amazônia representa um lugar específico. A literatura de folhetos explicita os riscos a serem enfrentados por aqueles que forem buscar a terra prometida: feras, índios selvagens, monstros e demônios, mas, passando por todas as provações teriam acesso a terra *sem males*, situada do outro lado do *grande rio*, na profecia atribuída a Padre Cícero. Do choque entre racionalidades antagônicas, burocratas do Estado Novo conseguiram a vantagem de incorporar o universo de representações a respeito da Amazônia em suas propagandas, acrescentando que a garantia do acesso à Terra da Promissão deixaria de ser uma profecia bíblica e seria validada pelo governo forte e racional de Getúlio Vargas. Caso não existisse esta outra racionalidade em relação a floresta e vínculos de gerações entre migrantes, a *Batalha da Borracha* não teria alcançado o relativo sucesso, em curto período de sua atuação ativa, através do SEMTA.

Contudo, ironicamente, os padrões de eficiência na seleção de trabalhadores permitiram o acesso, momentâneo, à saúde gratuita a vários sertanejos que se alistaram ao SEMTA, quando, reprovados em exames médicos, recebiam tratamento, pois na visão dos médicos seriam um vetor a menos para transmitir doenças a outros candidatos a seringueiros.

\*\*\*

A prometida isonomia entre *Soldados da Borracha* e Soldados de Caserna nunca existiu. Os combatentes das *Forças Expedicionárias*, ao voltarem da Itália foram recebidos com condecorações de heróis e tem hoje um monumento em sua homenagem às margens da Bahia da Guanabara, no Rio de Janeiro, ou em nome de bairros de Fortaleza como *Montecastelo e Montese*, em referência às batalhas travadas na Europa.

Em contra partida, muitos seringueiros-soldados nem sequer conseguiram voltar à terra de origem. Não há praças, monumentos em sua homenagem, nem receberam condecorações. A “recompensa” pela contribuição no esforço de guerra só veio com a Constituição de 1988, que garantia uma pensão de dois salários mínimos para aqueles que

comprovassem ter participado da *Batalha da Borracha*. Os trabalhadores que não morreram na época ou nas décadas seguintes, já não tinham o mesmo vigor para exigir reconhecimento e dificilmente teriam conquistado a pensão não fosse o surgimento dos *Empates* na década de 1970 e lutas dos povos da floresta, que alcançaram destaque mundial nos anos 1980, com Chico Mendes. Contudo, os que ficaram na Amazônia contribuíram para o surgimento destes movimentos de resistência contra as explorações existentes na floresta e pela preservação da natureza, lutas que permanecem atuais nos embates das populações ribeirinhas pela demarcação de Reservas Extrativistas contra grandes empresas nacionais e internacionais, praticantes da derrubada indiscriminada de madeira e tráfico de animais silvestres e produtos tropicais.

As ambigüidades marcaram não apenas o regime político. Os trabalhadores recrutados também não apresentavam um perfil homogêneo – rurais, urbanos, jovens sem profissão definida; casados, solteiros ou viúvos. Assim, se parte deles encararam a *Batalha da Borracha* como possibilidade de restabelecer contatos e laços de família entre parentes separados em migrações anteriores, outra grande parte teve suas famílias desagregadas e, mesmo que tentassem, como vimos nas cartas de mulheres a Getúlio Vargas, não tiveram êxito, quando o sistema racional de migração não se mostrou eficiente no momento de identificar a localização dos trabalhadores. A Igreja, por sua vez, não se apresentou como um bloco; apesar de sua rigorosa hierarquia, padres contribuíram para a articulação de reivindicações de mulheres e intermediaram o contato com Getúlio Vargas, através de correspondências<sup>4</sup>. Mesmo Dom Hélder Câmara havia explicitado a resistência de alguns sacerdotes de contribuírem com o envio de trabalhadores separados de seus familiares. Por sua vez, nas décadas seguintes, o surgimento de setores da igreja voltados para causas sociais, ligados à *Teologia da Libertação*, compuseram o leque de alianças de camponeses, seringueiros e ribeirinhos através das pastorais da terra.

Atualmente, cerca de 12 mil trabalhadores<sup>5</sup> da borracha e seus familiares exigem do Governo Federal uma indenização de equiparação de direitos com os pracinhas, que recebem dez salários mínimos por mês mais 13°. O mínimo que poderia ser feito para

---

<sup>4</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Gabinete Civil da Presidência. Caixa: 3878 – Processo: 22333. Crato (Ce) 30/06/1944

<sup>5</sup> Segundo dados de matéria: “Vida brasileira – Exército da borracha”, publicada na Revista *Época*, em 29/03/2004

minimizar tantas violências que estes homens e mulheres sofreram em décadas de descaso e esquecimento.

Apesar de atuais integrantes do governo brasileiro conhecerem de perto os embates enfrentados pelos povos da floresta, algumas medidas de caráter autoritário, como a ocupação do Haiti, através da coordenação de uma missão de “paz” da ONU<sup>6</sup> vem sendo apontada pela promoção da violência contra setores pobres da sociedade. Mesmo a recente aprovação da lei de “biosegurança”, que autoriza a plantação e comercialização de alimentos transgênicos, medida que favorece empresas exportadoras em detrimento de pequenos proprietários e ainda colocam em o equilíbrio ambiental. São indicações de medidas militaristas e conservadores que não dão garantias a execução de projetos da ex-seringueira Marina Silva, atual Ministra do Meio Ambiente, contexto que debilita as reivindicações de ex-trabalhadores da borracha e suas famílias, espalhadas pelo chamado Norte e Nordeste do Brasil.

\*\*\*

Quando as primeiras linhas desta pesquisa foram escritas, em um relatório de pesquisa na graduação, pensei em realizar uma discussão centrada no debate a respeito das relações entre Estado e Trabalhadores do campo no nordeste, onde as políticas frente à migração receberiam maior atenção. Iniciei o levantamento de possíveis fontes, enquanto buscava consolidar o arcabouço teórico que conduziria o diálogo, privilegiando referências na História Social.

Senti a necessidade de restringir e ao mesmo tempo ampliar as intenções do estudo. Restringir, porque o debate centrado, especificamente, na dicotomia Estado *versus* Classe trabalhadora, apesar da importância da produção de historiadores e sociólogos nos anos 1970 e 1980, está desgastada, pois focaliza o ângulo da análise na interpretação de “estruturas sociais”, dedicando menos espaço para os agentes em conflito no cotidiano das práticas e vivências sociais. A atenção a ações políticas não desapareceram, mas foi preciso se afastar de generalizações vazias e pensar nas formas que trabalhadores do campo, sertanejos e artistas compreendiam a experiência de migração. Aí estava a ampliação de perspectiva.

---

<sup>6</sup> “Desprezo Azul”. Revista *Isto é*. 23/03/2005

O problema era onde “encontrar” fontes que dessem dimensões da experiência de homens e mulheres comuns na constituição da migração entre o nordeste e a Amazônia. Hobsbawm aponta questões que acompanharam o trajeto de minha pesquisa, quando afirma:

Em muitos casos, o historiador dos movimentos populares descobre apenas o que está procurando, não o que já está esperando por ele. Muitas fontes para a história dos movimentos populares apenas foram reconhecidas como tais porque alguém fez uma pergunta e depois sondou desesperadamente em busca de alguma maneira – qualquer maneira de respondê-la.<sup>7</sup>

As fontes estavam em todos os lugares e ao mesmo tempo em nenhum. Comecei a garimpar possibilidades. Neste percurso, levantei documentos importantes que não foram utilizados aqui. De início, pensei em escrever sobre memórias da migração desde o fim do século XIX, uma idéia tentadora. Desde 1877, correspondências entre chefes de polícia das Províncias do Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas se referem a escravos fugidos, criminosos e menores como sujeitos que burlavam o asseio de autoridades políticas e proprietários de controlá-los. Nas colônias agrícolas no Pará e Amazonas, encontramos indícios de laços de solidariedade/confronto entre migrantes e populações locais.

A intenção de trabalhar com o período entre 1877 a 1945, acabou sendo uma das possibilidades deixadas de lado, devido multiplicidade de sujeitos e experiências. Afinal, teria dois anos para elaborar a dissertação, e o “tempo longo” de memórias da migração foi deixado para desafios futuros.

Concentrei a abordagem nos primeiros anos da década de 1940. Decisão influenciada pelo contato com evidências inéditas e outras a serem revisitadas. Ainda assim, algumas questões não foram tratadas com afincão que mereciam, como um debate sobre o discurso médico e a atuação do SESP ou as cartas de migrantes.

\*\*\*

---

<sup>7</sup> HOBSBAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 220.

Mas, é isso, apesar de provisória, incompleta, seletiva e limitada por perguntas, espero que a leitura apresentada, possa contribuir para o debate historiográfico acerca de deslocamentos. Vimos que as rotas migratórias não são mantidas e impostas somente pelo poder público, assim como, as vivências de migrações em camadas populares envolvem múltiplas racionalidades, que podem ser incorporadas e/ou corrompidas por projetos estatais

Ao escrever as últimas linhas reflito a respeito da família de migrantes. Os estudos recentes sobre campos de concentração e abarracamentos para retirantes no Ceará, estiveram atentos a constituição destas práticas como medidas de controle social, dimensão importante para discutir os deslocamentos compulsórios, quando aponta atos de resistência e sinais do aprendizado político, que se forma a cada ação da multidão. Contudo, as perspectivas de compreender estas questões, possibilitando visibilidade aos migrantes, podem ser ampliadas no estudo de laços de parentesco, solidariedade e sensibilidade entre os sujeitos, elementos constituintes de seus modos de vida, e presentes na narrativa ora finalizada.

## FONTES

### 1. JORNAIS (1942 – 1943)

*O POVO*

*NORDESTE*

*UNITÁRIO*

*CORREIO DO CEARÁ*

*ECHO DO POVO (1880)*

*(Consultados na Hemeroteca e microfilmagem da Biblioteca Pública do Ceará - Menezes Pimentel e na hemeroteca do Instituto do Ceará)*

### 2. Relatórios de Governadores e interventores (Hemeroteca da Biblioteca Pública do Ceará - Menezes Pimentel)

Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 1º de julho de 1936 pelo governador do Estado Dr. Francisco Menezes Pimentel. Imprensa Oficial, Fortaleza, 1936.

Relatório de 1943 apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas Presidente da República pelo Dr. Francisco Menezes Pimentel, Interventor Federal no Estado do Ceará. Imprensa Oficial. Fortaleza, 1945.

### 3. Depoimentos Oraís

*Regina Frota Chabloz.* (ex-funcionária do Departamento de Assistência Social do SEMTA). Rio de Janeiro. Depoimento cedido em 17 de setembro de 2003.

*Hélio Pinto Vieira.* (ex-Soldado da Borracha). Fortaleza. Depoimento cedido em 02 de setembro de 2002.

*Geraldo Nobre* (ex funcionário do Departamento de mobilização do SEMTA) *Série - O Estado Novo no Ceará.* Entrevista cedida ao Núcleo de Documentação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. agosto de 1988

#### 4. Acervo Particular Regina Chabloz

Cartas e Bilhetes escritos por trabalhadores recrutados e suas esposas

- 1) *Nuca Cassundé (trabalhador). Senador Pompeu/Ce. Carta dirigida à Regina Chabloz.*
- 2) *Oberto Alfredo Mesquita (trabalhador) à Regina Chabloz.*
- 3) *Francisco Tomaz (trabalhador). Belém/Pa. 20/06/1943 à Regina Chabloz*
- 4) *Elcidia Galvão (nucleada). Fortaleza. 20/06/1943 à Cursino (trabalhador)*
- 5) *Francisco Mendes (trabalhador). Pouso do Prado – Fortaleza/ce. 13/04/1943 à Regina Chabloz.*
- 6) *Ana Lacerda (nucleada) a João José*
- 7) *Manoel de Sousa Viana (Trabalhador) À Regina Chabloz*
- 8) *Francisco Tomaz da Silva (trabalhador)18/06/1943 à Regina Chabloz*
- 9) *Sebastião Felipe de Oliveira(trabalhador). 31/05/1943 à Regina Chabloz*
- 10) *Elcidia Galvão(nucleada), Fortaleza, 01/07/1943 à Regina Chabloz*
- 11) *Manoel Francisco da Silva (trabalhador), Fortaleza, 01/07/1943 à Regina Chabloz*
- 12) *Leopoldino Cassimiro Lucena (trabalhador). Belém/Pa. 24/04/1943 à Regina Chabloz*
- 13) *3 trabalhadores. Fortaleza, 02/03/1943 a Paulo Assis Ribeiro*
- 14) *Joana Abreu (nucleada), Fortaleza, 26/06/1943 a Guilhermino (trabalhador)*
- 15) *Elcidia Galvão (nucleada), Fortaleza, 27/06/1943 a Cursino (trabalhador)*

#### 5. BIBLIOTECA NACIONAL – Rio de Janeiro.

*Relatório da Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia – CAETA (Dezembro/1945). Apresentado ao Ex. Sr. Gal. Eurico Gaspar Dutra em 15 de março de 1946.*

## 6. ARQUIVO NACIONAL – Rio de Janeiro

### Fundo Particular Paulo Assis Ribeiro (Caixas 4 e 5)

Doc. 2 -Anotação datilografada de trechos do Relatório do Astrônomo belga naturalizado brasileiro Luis (Louis Ferdinand) Cruls, chefe da comissão de limites Brasil-Bolívia – Manaus 29 de abril de 1901.

Doc. 7.159. *Opções de Assistência familiar*

7.167 -*Queixa apresentada por Antônio Mateus e Sebastião de Almeida Freire em 19/05/1943.*

Doc. 7.176. *Trabalhadores devolvidos ao Rio. Aristóbulo de Castro – Chefe do Departamento de Assistência Social. Fortaleza 30 de maio de 1943.*

Doc. 7.79- *Ofício do Dr. Hyder ao chefe de distrito do IFOCs (Dr. Pereira de Miranda) Fortaleza 11 de dezembro de 1942*

Doc. 7.80 - *Ofício do Dr. Hyder ao inspetor geral de transito (Joaquim Silva). Fortaleza 11 de dezembro de 1942*

Doc. 7. 81- *Ofício do Hyder para o inspetor regional do trabalho. 12 de dezembro de 1942.*

Doc. 7.83 – *Ofício do dr. Hyder ao diretor do departamento de engenharia agrícola*

Doc. 7.84- *Ofício do Dr. Hyder ao Departamento de Estatística. 08 de janeiro de 1943*

Doc. 7.98 *Relatório apresentado por Padre Helder Câmara ao Exm° e Revm° Sr. D. Aloísio Masella D. D. Núncio Apostólico. Rio de Janeiro 28 de janeiro de 1943*

Doc. 8 Ofício. Crato (CE) 24 de fevereiro de 1943. assinatura ilegível. *Ofício do chefe do posto em Senador Pompeu ao representante do SEMTA Hider Corrêa Lima.*

Fortaleza 18 de março de 1943.

Doc. 10. Instruções *Provisórias para a organização de turma e ordem da marcha.*

Doc. 17 (600 – Relatórios)

Doc. 23 *Revista Cancha.* Fortaleza, maio de 1943.

Doc. 26. *Relatório do serviço de alimentação do pouso do Prado.* Fortaleza 1 de junho de 1943. Nutricionista Maria Novais Filha.

Doc. 27 - *Relatório do pouso provisório do Porangabussu.* Fortaleza, 17 de junho de 1943 Daura de Almeida r. do Val e Maria Novais Filha (nutricionistas do SEMTA).

Doc. 29. *Relatório Geral da viagem Fortaleza-Sobral- Tianguá-Teresina-São Luis, efetuada no período de 24 de junho a 11 de julho de 1943, pelos doutores Fausto Pereira Guimarães e James Lins de Almeida, do Departamento de mobilização.* Fortaleza 27 de julho de 1943.

Doc. 31 *Relatório do Serviço de Alimentação do Pouso do Prado – junho/julho 1943.* Nutricionista Maria Novais Filha. Fortaleza 20 de agosto de 1943

Doc. 32 *Relatório do Serviço de Alimentação do Pouso de Teresina.* Teresina – Piauí, 02 de agosto de 1943 (transcrito conforme o documento original)

Doc. 35 – *Carta de funcionários do SEMTA a Paulo Assis Ribeiro – Fortaleza, 19 de setembro de 1943.*

Doc. 40. *Rumo à Amazônia terra da Fartura. 12 páginas.*

Doc. 56 – *Esboço de Programa para Assistência à família dos trabalhadores mobilizados.*

Doc. 62. *Depoimento de Paulo Assis Ribeiro ao Diário da Assembléia*. 24 de junho de 1946.

**Fundo: Gabinete Civil da Presidência**

Caixa 3878. PR 22333. *Telegrama – Crato (Ce) recebido no palácio do catete 30/06/44*

Caixa 3878. PR 22592 *Telegrama enviado por mulheres de Areia Branca-RN em junho de 1944.*

Caixa: 3910 – PR: 31896 *Parecer Jurídico. CAETA. Fortaleza 30/11/1944*

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Livros, dissertações, teses e romances

- Antonacci, Maria Antonieta M.** *A vitória da razão (?) O IDORT e a sociedade paulista*. São Paulo: Marco Zero/CNPQ, 1993
- Barbosa, Ivone Cordeiro.** *Sertão, um Lugar incomum: o Sertão do Ceará na literatura do século XIX*. RJ: Relume Dumará. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- Bastos, Nilo Chaves de Brito.** *SESP/FSESP: 1942 – evolução histórica – 1991*. Brasília: Fundação Nacional de saúde, 1996
- Bernal, Elaine Marina Bueno.** *Experiências de crianças e adolescentes e internados em instituições do serviço social de menores em São Paulo 1938-1960*. (Dissertação de mestrado em História). São Paulo: PUC/SP, 2002.
- Benchimol, Samuel.** *O Cearense na Amazônia: inquérito antropogeográfico sobre um tipo de imigrante*. Rio de Janeiro: Seleção de documentos e relações públicas, 1965
- Carvalho, Jäder de.** *Aldeota*. (Coleção Clássicos Cearenses). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- Chabloz, Jean-Pierre.** *Revelações do Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 1993.
- Costa, José Raimundo.** *Memória de um jornal*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1988.
- Cunha, Euclides.** *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Cunha, Maria Clementina Pereira Cunha.** *O Espelho do Mundo: Juquery, a História de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- Dean, Warren.** *A Luta pela Borracha no Brasil. Um estudo de História ecológica*. São Paulo: Nobel, 1989.
- De Decca, Edgar Salvadori.** *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- Fausto, Boris.** *A Revolução de 1930 – historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

- Ferreira, Jorge.** *Trabalhadores do Brasil. O imaginário popular.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- Foucault, Michel de.** *Os anormais.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Galvão, Roberto.** *Uma visão da arte no Ceará.* Fortaleza: Grafisa, 1987.
- Ginzburg, Carlo.** *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.* São Paulo: companhia das Letras, 1998. p. 27.
- Gomes, Ângela de Castro.** *A invenção do trabalhismo.* Rio de Janeiro: IUPERJ – São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- Graham, Douglas H. e Holanda Filho, Sérgio Buarque de.** *Migrações Internas no Brasil: 1872-1970.* São Paulo: Instituto Nacional de Pesquisas Econômicas (IPE/SP) – CNPQ, 1984.
- Guillen Isabel Cristina Martins.** *Errantes da Selva. Histórias da migração nordestina para a Amazônia.* (Tese de doutorado). Campinas: Unicamp, 1999
- Hobsbawm, Eric J.** *Era dos Extremos: O breve século XX. 1914-1991.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Höffler, Angélica.** *A Floresta e a Salvação: Encantamento, aventura e profecia na “literatura oral” nordestina.* São Paulo: Programa Pós-graduação em Comunicação e Semiótica – PUC/SP, 1999. (Dissertação de Mestrado).
- Leal, Ângela Barros.** *Jader de Carvalho.* Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000
- Lenharo, Alcir.** *Sacralização da Política.* Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Papyrus, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste.* Campinas: Editora da Unicamp, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Nazismo. “O triunfo da Vontade”.* São Paulo: Editora Ática, 1998.
- Lopes, Marciano.** *Royal Briar.* Fortaleza: Editora ABC, 1996.
- Weinstein, Bárbara.** *A borracha na Amazônia: expansão e decadência. (1850-1920).* Coleção Estudos Históricos. São Paulo: Hucitec, 1993.
- Mello, Alcino Texeira de.** *Nordestinos na Amazônia.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Imigração e Colonização, 1956.
- Martinello, Pedro.** *A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas conseqüências para o Vale Amazônico.* Rio Branco: UFAC., 1988.
- Montysuma, Marcos Fábio Freire.** *Senhores das matas – experiências extrativistas na RESEX Chico Mendes – Xapuri (1983/2002).* São Paulo: Tese de doutorado em História Social – PUC/SP, 2003.

- Morales, Lucia Arrais.** *Vem e Vai, Vira e Volta: As rotas dos soldados da borracha.* São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.
- Morais, Viviane Lima de.** *Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX.* São Paulo:PUC, 2003 (dissertação de mestrado em História Social).
- Moura, Gerson.** *Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana.* São Paulo: Brasiliense, 1993
- Neves, Frederico de Castro.** *A Multidão e a História – Saques e outras ações de massas no Ceará.* RJ: Relume Dumará. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- Ponte, Sebastião Rogério.** *Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social.* Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- Queiroz, Raquel.** *O Quinze.* Rio de Janeiro, 1986
- Ramos, Xislei Araújo.** *Por trás de toda fuga, nem sempre há um crime': o recrutamento 'a laço' e os limites da ordem no Ceará (1850-1875).* Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal do Ceará, 2003
- Rios, Kênia Sousa.** *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932.* Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e desporto do Ceará, 2001.
- Rocha, Airton Chaves da.** *Trabalho e dominação no Acre –* São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social- Programa estudos pós-graduados/PUC, 1998.
- Santos, Márcia Juliana.** *It's All True e a construção de imagens do Brasil (1942-1993).* São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social- Programa estudos pós-graduados/PUC, 2004.
- Sayad, Abdelmalek.** *A imigração ou os paradoxos da alteridade.* São Paulo:Edusp, 1998
- Schwartzman, Simon. et. Alli.** *Tempos de Capanema.* São Paulo: Paz e Terra – Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- Silva, Antonio Zilmar.** *A Oralidade Deitada Sobre o Papel: Homens, letras e vozes em trincheiras.(movimento armado em Fortaleza – 1911/1912).* São Paulo: Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História – PUC, 2004.
- Silva, Jane D. Semeão e.** *Mulheres de Fortaleza nos anos de 1940: Uma vivencia da Segunda Guerra Mundial.* Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social- IFCS/UFRJ, 2000. (Dissertação de Mestrado)

- Sobrinho, Tomaz Pompeu.** *História das Secas (SEC. XX)*. Coleção do Instituto do Ceará. Fortaleza: Editora Batista Fontenele, 1953.
- Sousa, José Josberto Montenegro.** *Cultura e saberes popular em comunidades rurais do Vale do Rio Jaguaribe*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social – Programa de estudos Pós-Graduados/PUC, 2004.
- Souza, Carlos Alberto de.** “*Varadouros da Liberdade*”: *Empates no modo de vida dos seringueiros de Brasília –Acre*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados/PUC, 1996.
- Teófilo, Rodolfo.** *História da Secca do Ceará (1878-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.
- \_\_\_\_\_. *A Fome. Violação*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de letras, 1979 (1ª edição 1890)
- \_\_\_\_\_. *A seca de 1915*. Fortaleza: Edições UFC, 1980
- \_\_\_\_\_. *Libertação do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, desporto e promoção social do Ceará, 1974. (1ª edição 1899)
- Thompson, E.P.** *A Miséria da Teoria – ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981
- \_\_\_\_\_. *Costumes em comum - Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998
- Tota, Antonio Pedro.** *O imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Uchôa, Waldery.** *Fortaleza: na sua expressão, histórica, geográfica e estatística*. Fortaleza: DEIP, 1946.
- Vesentini, Carlos Alberto.** *Teia do Fato: Uma proposta de estudo sobre a memória histórica*. São Paulo: Tese de doutorado FFLCH-USP, 1982.
- Vieira, Maria do Socorro Gomes.** *O “Soldado da Borracha” – discurso da emigração numa economia de guerra*. (monografia de bacharelado). Fortaleza: UFC, 1993 (mimeo)

## 2. Artigos

- Antonacci, Maria Antonieta.** “Atravessando o Atlântico: Memórias de imigrantes espanholas no fazer-se de São Paulo.” IN: *Trajetos*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v.1, n. 2. Fortaleza: Departamento de História,2002. p. 131-164
- 
- \_\_\_\_\_ . “Tradições de oralidade, escrita e iconografia na literatura de folhetos: Nordeste do Brasil, 1890-1940” IN: *Projeto História. n° 22.História e oralidade*. São Paulo: Educ, 2001. p.105-138
- Alves, Débora Bendocchi.** “Cartas de imigrante como fonte para o historiador: Rio de Janeiro – Turíngia (1852-11853). IN: *Revista Brasileira de História*. Vol. 23, n°45. São Paulo: ANPUH/Humanitas publicações, 2003. p. 155-184
- Benchimol, Samuel.** “Romanceiro da batalha da borracha” IN: *AMAZÔNIA – Um pouco-antes e além-depois*. Manaus: Editora Umberto Calderano, 1977. p .201-387
- Benjamim, Walter.** “Sobre o conceito da história”IN: *Obras Escolhidas*, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 7ª edição,1994. p. 222-232
- Borges, Vavy Pacheco.** “Anos trinta e política: História e Historiografia.” IN: In: Freitas, Marcos Cezar de.(org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 159-182
- Cândido, Tyrone Apollo.** “Os Trilhos do Progresso: episódios das lutas operárias na construção da Estrada de Ferro de Baturité.” IN: *Trajetos*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v.1, n. 2. Fortaleza: Departamento de História,2002. p. 83-101
- Capelato, Maria Helena Rolim.** “Estado Novo: Novas Histórias”. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- Cavalcante, Maria Juraci Maia.** “A cristalização de uma *Cultura de Migração* no cotidiano de indivíduos, famílias e jovens interioranos do Ceara.” IN: *Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)*. T. CXI, Ano CXI, v. 111. Fortaleza, 1997. p. 109-137
- Cordeiro Jr. Raimundo Barroso.** “A Legião Cearense do Trabalho.” IN: Souza, Simone (Org.) *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 317-344

- Ferreira, Jorge.** “A Cultura Política dos trabalhadores no Primeiro Governo Vargas”. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. p. 180-195
- Guillen, Isabel C.M.** “Cidadania e exclusão social: A História do Soldado da Borracha em questão”. *Trajeto*: Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: V.1, nº 2, 2002. p. 69-82
- Lacerda, Aline Lopes de.** “A ‘Obra Getuliana’ ou como as imagens comemoram um regime.” IN: *Estudos Históricos*. Vol. 7, nº 14. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994. p.241-263
- Wolff, Cristina Sheibe.** “A construção da sustentabilidade nos seringais em crise: uma questão de gênero. Alto Juruá, Acre/Brasil: 1912 a 1943. IN: *Projeto História*. nº 23. *Natureza e Poder*. São Paulo: Educ, 2001. p. 243-261.
- Neves, Frederico de Castro.** “Curral dos Bárbaros: os Campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). IN: *Revista Brasileira de História*. Vol. 15, nº 29. São Paulo: ANPUH/Contexto, 1995. p.93-122
- \_\_\_\_\_. “Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas.” IN: *Revista Brasileira de História*. Vol. 21, nº40. São Paulo: ANPUH/Humanitas publicações, 2001. p. 107-131
- Passerini, Luisa.** “Ideologia e consenso do Trabalho sob o fascismo italiano” (mimeo). Tradução: Helen Hughes e Yara Khoury. Publicado em: Robert & Thomson (rds.) *The Oral History Reader, USA and Canadá: Routledge, 1998. pp.53-62*
- Portelli, Alessandro.** “O que faz a História Oral diferente.” *Projeto História*. No. 14 – *Cultura e Representação*. São Paulo: EDUC - Editora da PUC/SP. 1997
- \_\_\_\_\_. “A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. IN: *Tempo. Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense*. V. 1, nº2. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 59-72.
- Ramos, Regis Lopes.** “Juazeiro e o Caldeirão: espaços do sagrado e do profano”. IN: Souza, Simone (Org.) *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p.345-380
- Rodrigues, Eliézer.** “Quebra-quebra contra Hitler no centro da cidade.” IN: *Singular-uma revista plural*. Ano 1, nº 1. Fortaleza: Expressão Gráfica, setembro-1999. p. 16-19.

- Souza, Simone de.** “Da Revolução de 30 ao Estado Novo”. IN: Souza, Simone (Org.) *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.p. 287-316.
- \_\_\_\_\_. “O município e a centralização política (1930-1945).” IN: Souza, Simone de. Et. alli. *Fortaleza: a gestão da cidade (uma visão histórica político-administrativa)*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza – NUDOC/UFC, 1994. p. 52-65.
- Thompson, E. P.** “Folclore, Antropologia e História Social.” IN: *Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas; Editora da Unicamp, 2001.
- Thomson, Alistair.** “Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do exército nacional”. *Projeto de História. n°16 – Cultura e Trabalho*. São Paulo: EDUC - Editora da PUC/SP, 1998. p. 287-289.
- Vieira, Hélio Pinto.** “A Batalha da produção da borracha.” IN: *Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História*. Fortaleza, 1998. p. 111-126